UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ADRIANA MARIA SIMIÃO DA SILVA

HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES ROMEIRAS: EXPERIÊNCIAS SOCIORRELIGIOSAS E OS PROCESSOS FORMATIVOS NA TERRA DA MÃE DAS DORES E DO PADRE CÍCERO

FORTALEZA/CE

2017

ADRIANA MARIA SIMIÃO DA SILVA

HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES ROMEIRAS: EXPERIÊNCIAS SOCIORRELIGIOSAS E OS PROCESSOS FORMATIVOS NA TERRA DA MÃE DAS DORES E DO PADRE CÍCERO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Doutorado da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof.ª Dra. Ercília Maria Braga de Olinda

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S578h Silva, Adriana Maria Smião da.
Histórias de vida de mulheres romeiras : experiências sociorreligiosas e os processos formativos na terra da Mãe das Dores e do Padre Cícero / Adriana Maria Smião da Silva. – 2017.
336 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda .

1. História de Vida. 2. Mulheres Romeiras. 3. Experiência Sociorreligiosa. 4. Empoderamento. 5. Processos de Formação. I. Título.

CDD 370

ADRIANA MARIA SIMIÃO DA SILVA

HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES ROMEIRAS: EXPERIÊNCIAS SOCIORRELIGIOSAS E OS PROCESSOS FORMATIVOS NA TERRA DA MÃE DAS DORES E DO PADRE CÍCERO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Doutorado da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

_____

Prof.ª Dra. Maria da Conceição Passeggi
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

_____

Prof.ª Dra. Maria Paula Jacinto Cordeiro
Universidade Regional do Cariri (URCA)

_____

Prof.ª Dra. Andrea Abreu Astigarraga
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

_____

Prof.ª Dra. Luciane Germano Goldberg
Universidade Federal do Ceará (UFC)

_____

Prof.ª Dra. Annette Dumoulin
Religiosa da Congregação de Nossa Senhora (CSA)
Coordenadora do Centro de Psicologia da Religião (CPR – Juazeiro do Norte)

A Grande Mãe!

Às mulheres romeiras.

À memória de minhas ancestrais: minha bisavó, Maria; minha avó materna, Lilia; minha avó paterna, Maria (in memoriam).

Às mulheres de minha linhagem, contemporâneas no meu caminhar, minha mãe Fransquinha; minha irmã Márcia; minhas filhas, Amanda e Nayana; e minha sobrinha Ana Lívia.

AGRADECIMENTOS

A Nossa Senhora das Dores e ao Padre Cícero, pela “luminura” no caminho, pela sustentação na fé e pelas emanações que recebi nessa caminhada iniciática, quando a espiritualidade e a ciência pulsaram no meu ser, mostrando-me a “boniteza da vida”.

Às mulheres romeiras de Alagoas, Lúcia Cabral, Perolina Lins, Quiterinha Tota, Renilda e Quiterinha Meyer, as narradoras e protagonistas das histórias de vida e romaria contadas na tese. Minha gratidão e admiração, pela forma que expressam sua fé e devoção, e como vivenciam o engajamento no movimento romeiro. Obrigada pela confiança.

À minha orientadora-romeira e amiga, Ercília Braga de Olinda, por todos os encaminhamentos da pesquisa, orientação e processos de escrita. Obrigada pelos afetos e implicações, confiança e amizade. Obrigada também, por ter sido uma companheira de romaria incansável e disponível. Gratidão, por fazer essa travessia comigo.

À minhas filhas Amanda e Nayana, essências da minha vida, pedaços de mim, com quem tenho vivido experiências profundas e significativas que nos têm levado a ser quem somos hoje, nessa relação de amor e confiança que partilhamos.

À minha família, em especial aos meus pais, José Alves e Fransquinha, que sempre incentivaram minha formação, me apoiando em todos os momentos e por terem me proporcionado apreender do lugar de filha, gratidão por terem me trazido para a vida. Aos meus irmãos Márcia e Marcelo, pelos laços fraternos, de amizade, solidariedade, carinho, acolhimento e disponibilidade que temos partilhado como irmãos. A Alessandra, minha cunhada, e Ana Lívia, minha sobrinha, pelos sorrisos e sua energia de criança.

Ao meu marido Francisco Wesley, companheiro de alma e coração, com quem tenho vivido um amor construído. Gratidão, pela parceria, na vida, no amor, no caminho espiritual e na trajetória da pesquisa. Obrigada, pelos diálogos madrugada adentro, sempre instigadores e reveladores; pelo cuidado com os registros audiovisuais e a edição do documentário: a Reunião das Três Horas. E também pelo auxílio na organização final do texto.

À minha amiga-romeira, Anair Holanda, por ter compartilhado os momentos de devoção e fé, nas romarias de que participamos, tanto durante a sua pesquisa de doutorado, quanto no meu próprio percurso de investigação. Obrigada, por estar presente na minha vida,

pela escuta atenta e sensível, pelos mergulhos profundos que temos dado, nessa longa estrada da vida, em busca de recordarmos “quem somos em Deus”.

A Paula Cordeiro, amiga afetuosa, cujos saberes da experiência em pesquisa com romarias, possibilitou alargar minha compreensão sobre esse universo complexo e plural. Gratidão, pelos ensinamentos, conversas e sua leitura atenta, cuidadosa do texto de qualificação, minha admiração e carinho.

A Irmã Annette, figura humana que traz, em sua experiência de vida, a boniteza de uma atuação empoderada e engajada na esfera sociorreligiosa das romarias a Juazeiro. Obrigada, pelo acolhimento na Reunião das Três Horas, pelo apoio e incentivo da pesquisa com as romeiras, minha reverência e meu agradecimento sincero.

À equipe da Pastoral da Romaria, em especial: Padre Cícero José, Frei Barbosa, Irmã Macilene, Irmã Francisquinha, Rogéria e a José Carlos, amigo de quem me aproximei nessa caminhada romeira, obrigada, pela entrevista concedida e por nossas conversas sobre o movimento romeiro; com certeza, essas partilhas me ajudaram a compreender melhor esse cenário sociorreligioso de Juazeiro.

A Elizabete Santos, pelo cuidado, paciência e empenho nas transcrições e por sua participação na Vivência Biográfica Integrativa, juntamente com Laryssa Tayná. Obrigada, pela disponibilidade e auxílio.

A Conceição Passeggi, pela leitura do texto do exame de qualificação, obrigada, pelas inferências e contribuições que me ajudaram a pensar o protagonismo das mulheres romeiras.

A Kelma Matos e João Figueiredo, professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC, pela leitura atenta e sensível do texto de qualificação e pelos momentos compartilhados, durante as disciplinas.

Ao grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA): Luciane, Alessandra, Catarina, Aline, Gercilene, Ana Maria, Neurilane, Paula, Larissa, Elaine, Tiago, Rogério, Roberto e Jahannes, pelos diálogos e estudo que partilhamos.

À Universidade Regional do Cariri, em especial aos colegas do Departamento de Ciências Sociais, por me apoiarem e incentivarem à realização do Doutorado: Paula, Renata,

Sávio, Tolovi, Otília, Claudia Pierre, Núbia, Rocildo, Roberto Marques, José Carlos, Antônio, Roberto Siebra, André.

À minha amiga Telvira, pelas conversas compartilhadas, pelo apoio, durante todo o processo do Doutorado e por nossa amizade.

Às amigas que sempre torceram por mim: Sandra Nancy, Cláudia, Anna Cristina, Gislene, Núbia, Renata, Inambê, Raquel Azevedo, Dolores Mota, Jaciara, Berna e Márcia.

Aos amigos e amigas de caminhada espiritual, da Fraternidade Espiritualista Estrela do Oriente e da Tsara Gitana Luz do Oriente, em especial Sandra Albano e Adelmar Filho, por terem me acolhido amorosamente, quando cheguei a Crato, e por terem me possibilitado participar dessa família espiritual: Socorro, Valma, Carol, Lisiene, Elaine, Tânia, Luciana, Joana, Elizangela, Francinete, Nina, Maria Augusta, Walter, Alisson, Ernandes, Ricardo, Juninho, Cidinha, Aristida, Érika, Rosane, Viviane, Mary, Ingrid, Kadidja, Geni, Alana e Lia.

Aos amigos e amigas do caminho de autotransformação do Pathwork, pelo incentivo e apoio, durante o Doutorado: Anair, Karla, Suyanne, Bela, Rose, Rosangela, Mônica Campos, Beth, Cacá, Walda, Deolinda, Flavio, Cesar, Ricardo, Susana, Mônica Almeida, Guilherme, Biagio, Conceição Pio, Alderi, Roberta, Geisa, Aldênia, Luciana, Claudia, Fátima Diniz e especialmente aos nossos *Helpers*, Fernanda Nascimento, Fátima Macedo e Rino Marconi e Maria Isabel.

Aos membros da banca, professoras Dras. Conceição Passeggi, Andrea Astigarraga, Paula Cordeiro, Luciane Goldberg e Annette Dumoulin, por terem aceitado o convite para participar dessa banca, formada só por mulheres, empoderadas e sensíveis. Obrigada pela interlocução e avaliação da pesquisa.

À FUNCAP, pelo incentivo financeiro, muito importante no desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

No começo de tudo, agora e sempre, a Deus, nosso criador maior, pelo dom da vida, por sentir sua presença em cada segundo da minha existência, por guiar meus caminhos e minha vida no caminho do bem e do amor.

Caminho com a beleza diante de mim
Caminho com a beleza atrás de mim
Caminho com a beleza ao meu lado
Caminho com a beleza acima de mim
Caminho com a beleza abaixo de mim
Caminho com a beleza dentro de mim
Belas hão de ser minhas palavras

(Uma oração dos índios navajos)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as histórias de vida de mulheres romeiras, participantes da Reunião das Três Horas, em Juazeiro do Norte, buscando compreender, pela via biográfica, como as experiências sociorreligiosas, vivenciadas por mulheres romeiras, repercutem na constituição de processos formativos de suas identidades e subjetividades. O processo investigativo conjugou fundamentos e procedimentos da pesquisa (auto)biográfica e da etnografia. Teve como cenário principal a Reunião das Três Horas, um evento organizado pela Pastoral da Romaria, realizado, sempre às quinze horas, nos períodos das principais romarias. Utilizou como fontes: a) as narrativas biográficas produzidas pelas mulheres romeiras, expressas nas entrevistas narrativas e, posteriormente, transformadas em histórias de vida; b) os fragmentos biográficos (testemunhos e benditos), apresentados nessa reunião e na atividade integradora; c) observações etnográficas, registros audiovisuais, entrevistas focalizadas e o diário de itinerância. O material produzido e coletado, ao longo da pesquisa, foi analisado com base no método de análise textual discursiva. A análise das histórias de vida possibilitou compreender que, as experiências sociorreligiosas, marcadas pela condição de tornar-se romeira, ser romeira devota e fazer-se romeira devota e engajada; correlacionadas às circunstâncias de ser, estar e permanecer em romaria, geram mudanças importantes que, levam a um despertar da consciência de si e da condição romeira. Estas constituem as experiências fundadoras e formadoras, de suas trajetórias e criam sentidos existenciais. A percepção desses sentidos propicia transformações de atitudes e comportamentos, capazes de contribuir para um empoderamento pessoal e coletivo. No conjunto, as aprendizagens experienciais e os saberes existenciais, apreendidos nesses percursos, colaboram para a formação das identidades de romeiras, devotas e engajadas, e contribuem para a consolidação, continuidade e transmissão de sentidos estruturais da romaria e de processos coletivos de empoderamento.

Palavras-chaves: Histórias de Vida. Mulheres Romeiras. Experiência Sociorreligiosa. Empoderamento. Processos de Formação.

ABSTRACT

This research aims to investigate the life stories of religious pilgrim women, known as *romeiras*, participants of "Meeting at three o'clock", in the city of Juazeiro do Norte. This meeting has as objective the comprehension, biographically, of how the socioreligious experiences experienced by *romeiras women* repercuted in the constitution of formative processes of their identities and subjectivities. Our investigative process combined grounds and procedures of ethnography and (auto) biographical research. Our principal point was the "Meeting at three o'clock", an event organized by the Pastoral of Pilgrimage, that always happens at three o'clock, in the most principal periods of catholic pilgrimage. We use "Meeting at three o'clock" as our research place, and as source: a) biographical narrative produced by catholic religious pilgrim women expressed in spoken interviews, and later transformed into life stories; b) biographical fragments presented in the meeting (life reports, testimonies, prayers popular sacred music, known as "*benditos*, etc) and integrative activity (autobiographical albums and mandalas); c) ethnographic observations, audiovisual records, focused interviews and roaming journal. The material produced and collected throughout this research was analyzed based in the method of textual discursive analysis. The analysis of life stories has made it possible for us to comprehend that the socioreligious experiences, marked by the condition of being a *romeira*, devout and engaged, correlated to the circumstances of being, staying and remaining at catholic pilgrimage, known as *romaria*, generate important changes that lead to a self-awareness awakening and condition of religious pilgrim, which creates existential senses. These theses constitute founders and trainers experiences of their trajectories and create existential senses. The perception of these senses leads us to the transformation of attitudes and behaviors capable of contributing to a personal and collective empowerment. On the whole, the experiential learning and knowledge, learned in this process, contribute to the formation of the identities of *romeiras*, devoted and engaged, and to the consolidation, continuity and transmission of structural meanings of collective processes of empowerment.

Keywords: Life stories. Engaged catholic pilgrim women. Socioreligious experience. Empowerment.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo investigar la historia de vida de mujeres romeras, participantes de la Reunión de las Tres Horas en Juazeiro do Norte, buscando comprender, por la vía biográfica, como las experiencias socio religiosas, vividas por mujeres romeras, repercuten en la constitución del proceso formativo de sus identidades y subjetividades. El proceso investigativo conjugó fundamentos y procedimientos de la investigación (auto)biográfica y de la etnografía. Tuvo como escenario principal la Reunión de las Tres Horas, un evento organizado por la Pastoral de Romería, realizado siempre a las quince horas, en los períodos de las principales romerías. Utilizó como fuentes: a) las narrativas biográficas producidas por las mujeres romeras, expresas en las entrevistas narrativas y, posteriormente, transformadas en historia de vida; b) los fragmentos biográficos (testigos y benditos), presentados en esta reunión y en la actividad integradora; c) observaciones etnográficas, registros audiovisuales, entrevistas focalizadas y el diario de itinerancia. El material producido y recolectado a lo largo de la investigación fue analizado con base en el método de análisis textual discursiva. El análisis de las historias de vida posibilitó comprender que, las experiencias socio religiosas marcadas por las condiciones: volverse romera, ser romera devota y hacerse romera devota e involucrada; correlacionadas a las circunstancias de ser, estar y permanecer en romería generan cambios importantes que, llevan a un despertar de conciencia de sí y de la condición romera. Estas constituyen las experiencias fundadoras y formadoras, de sus trayectorias y crean sentidos existenciales. La percepción de esos sentidos propicia transformaciones de actitudes y comportamientos, capaces de contribuir para un empoderamiento personal y colectivo. En el conjunto, los aprendizajes experienciales y los saberes existenciales, aprehendidos en esos trayectos, colaboran para la formación de las identidades romeras, devotas e involucradas, y contribuyen en la consolidación, continuidades y transmisión de sentidos estructurales de la romería y de procesos colectivos de empoderamiento.

Palabras-clave: Historias de Vida. Mujeres Romeras. Experiencias Socio Religiosas. Empoderamiento. Procesos de Formación.

LISTA DE FIGURAS

Figura capa 1– Fotografia de uma romeira em frente a Basílica de Nossa Senhora das Dores

Figura 2 – Capítulo 1 - Imagem das romarias de Juazeiro do Norte do *site* da Basílica de Nossa Senhora das Dores

Figura 3 – Capítulo 2 – Fotografia da Reunião das Três Horas

Figura 4 – Fotografias da Casa Museu de Padre Cícero, Ladeira do Horto, Estátua do Padre Cícero e Caminho do Santo Sepulcro. 60

Figura 5 – Fotografias da Procissão de caminhões e ônibus, da Procissão das carroças. 62

Figura 6 – Fotografia da Despedida do Romeiro, Bênção dos objetos sagrados. 63

Figura 7 – Fotografias de Irmã Annette e Irmã Ana Teresa 64

Figura 8 – Fotografias de Irmã Annette Dumoulin. 64

Figura 9 – Fotografia Padre Murilo, Irmã Annette e Irmã Ana Teresa. 67

Figura 10 – Fotografia de Irmã Annette coordenando a Reunião das Três Horas. 67

Figura 11 – Fotografias do Livrinho do Romeiro – Canto do Povo de Deus. 70

Figura 12 – Fotografia dos membros da Pastoral da Romaria e da Logomarca. 71

Figura 13 – Fotografias da Sala de Informação aos Romeiros. 72

Figura 14 – Fotografias do Instituto Monsenhor Murilo e da Casa Mãe das Dores. 73

Figura 15 – Capítulo 3 – Fotografia de uma romeira peregrina caminhando no Horto

Figura 16 – Capítulo 4 – Fotografias das mulheres romeiras pesquisadas

Figura 17 – Etapas e procedimentos da pesquisa 120

Figuras 18 a 22 – Perfil Biográfico das Romeiras de Alagoas 134

Figura 23 - Fases do trabalho de campo 139

Figura 24 – Imagens dos *kits* de desenho para a criação dos álbuns autobiográficos 145

Figura 25 – Mandala dos Saberes Romeiros. 148

Figura 26 – Subdivisão da Mandala dos Saberes Romeiros 149

Figura 27 – Primeiro nível da Mandala Síntese, – Centro/Altar Coletivo 150

Figura 28 – Fotografias da Vivência Biográfica Integrativa. 150

Figura 29 – Segundo nível – Mandala de Apresentação – Quem eu sou? 151

Figura 30 – O terceiro, quarto e quinto nível da Mandala Síntese: como me tornei romeira, o que aprendi em romaria e porque permaneço em romaria. 152

Figura 31 – Mandala Coração de Maria – As 7 dores e As 7 alegrias. 153

Figura 32 – Fases de análise das entrevistas narrativas 158

Figura 33 – Quadro-síntese do processo de unitarização 158

Figura 34 – Quadro síntese do processo de categorização 159

Figura 35 – Fontes utilizadas para a construção das histórias de vida das mulheres romeiras de Alagoas 160

Figura 36 – Categorias de análise da experiência romeira 161
Figura 37 – Entrecruzamento das fontes e categorias usadas para a produção das histórias de vidas . 161
Figura 38 – Capítulo 5 – Fotografias das mulheres romeiras pesquisadas
Figura 39 – Fotografias de momentos marcantes da história de vida de Lúcia Cabral 176
Figura 40 – Caminhão pau-de-arara em que Lúcia fez a primeira viagem a Juazeiro. 178
Figura 41 – Francisco, marido de Lúcia, na primeira viagem a Juazeiro do Norte 179
Figura 42 – Lúcia com o primeiro marido, na Matriz de Nossa Senhora das Dores. 180
Figura 43 – Lúcia, o marido e os sobrinhos no Santo Sepulcro no Horto, em Juazeiro. 181
Figura 44 – Lúcia no ônibus que aluga para transportar os romeiros. 182
Figura 45 –Casamento de Lúcia com Matias. 186
Figura 46 – Carta de irmã Annette para Lúcia, em 30 de janeiro de 2008. 188
Figura 47 – Trecho do bendito "O pé de Juá". 190
Figura 48 – Lúcia com pessoas da comunidade, embaixo do pé de Juá e a capa do CD Cantinho dos Romeiros com o bendito do Pé de Juá. 191
Figura 49 – Lúcia se apresentando na Reunião das Três Horas, 2003. 191
Figura 50 – Lúcia participando da Reunião das Três Horas. 192
Figura 51 – Mandala das Sete Dores de Lúcia Cabral. 193
Figura 52 – Mandala das Sete Alegrias de Lúcia 194
Figura 53 – Última página do álbum autobiográfico de Lúcia. 195
Figura 54 – Fotografias marcantes da história de vida de Perolina 199
Figura 55 – Primeira página do álbum autobiográfico de Perolina. 199
Figura 56 – Desenho feito por Perolina para representar o percurso que fazia de sua casa até a escola. 200
Figura 57 – Fotografia do casamento de Perolina 203
Figura 58 – Desenho feito por Perolina para representar o caminhão pau-de-arara, em que viajou, pela primeira vez, para Juazeiro do Norte 204
Figura 59 – Perolina com familiares no Horto, em Juazeiro do Norte. 205
Figura 60 – Bendito do Frei Damião. 207
Figura 61 – Bendito do Sonho. 208
Figura 62 – Bendito O Barco da Vida. 208
Figura 63 – Bendito da Bebida. 210
Figura 64 – Bendito da Morte. 211
Figura 65 – Bendito Folha Seca. 211
Figura 66 – Capa do CD Cantando em Romaria, gravado por Perolina. 212
Figura 67 – Bendito do Pastor. 213
Figura 68 – Bendito do Padre Murilo 214
Figura 69 – Bendito Pastoral Romaria. 216
Figura 70 – Perolina cantando seus benditos na Reunião das Três Horas. 216

Figura 71 – Mandala das Sete Dores de Perolina:.....217
Figura 72 – Mandala das Sete Alegrias de Perolina:.....218
Figura 73 – Fotografias de Perolina com a família. 218
Figura 74 – Bendito Romeiras mulheres de fé. 220
Figura 75 – Fotografias de momentos marcantes da história de vida de Quiterinha Tota
Figura 76 – Dona Quiterinha e seu marido. 225
Figura 77 – Dona Quiterinha com seu filho Aloísio. 228
Figura 78 – Dona Quiterinha com o grupo da Mãe Rainha. 230
Figura 79 – Dona Quiterinha Tota com o grupo de romeiros de Maceió, na viagem que fizeram para participar do III Encontro de Romeiros, em Juazeiro do Norte, em 2016.....231
Figura 80 – Dona Quiterinha entrando com a Bíblia, na primeira missa do dia 20 em Homenagem ao Padre Cícero, em Maceió 232
Figura 81 – Grupo que canta nas missas do dia 20 de cada mês, em Maceió, em homenagem ao Padre Cícero e os participantes. 233
Figura 82 – Dona Quiterinha participando da Reunião das Três Horas.....234
Figura 83 – Mandala das Sete Dores de Quiterinha Tota.....235
Figura 84 – Mandala das Sete Alegrias de Quiterinha Tota.....236
Figura 85 – Poema, a Mãe das Dores e meu Padrinho Cícero. 236
Figura 86 – Fotografias de momentos marcantes da história de vida de Renilda 240
Figura 87 – Renilda e a família partindo a Juazeiro no caminhão pau de arara.....240
Figura 88 – Renilda na estrada e chegando a Juazeiro do Norte.....242
Figura 89 – Renilda com a família no Horto e no caminho do Santo Sepulcro.....245
Figura 90 – Bendito Toca em mim Senhor. 246
Figura 91 – Bendito Cuidado Romeiro. 247
Figura 92 – Bendito O Protetor do Romeiro. 248
Figura 93 – Fotos dos cd's de Renilda. 248
Figura 94 – Renilda participando de eventos religiosos.....250
Figura 95 – Renilda participando da Reunião das Três Horas. 251
Figura 96 – Fotos do casamento de Renilda com Walter. 252
Figura 97 – Foto dos filhos de Renilda quando eram crianças, no Horto, em Juazeiro. 253
Figura 98 – Mandala das Sete Dores de Renilda.....255
Figura 99 – Mandala das Sete Alegrias Renilda 255
Figura 100 – Fotografias de momentos marcantes da história de vida de Quiterinha Meyer 259
Figura 101 – Quiterinha em Juazeiro, nos períodos de romaria. 260
Figura 102 – Quiterinha nas celebrações da Basílica de Nossa Senhora das Dores 263
Figura 103 – Fotografias de Quiterinha e a família.....267
Figura 104 – Quiterinha com a equipe da Basílica, conversando com romeiros, após a Reunião das Três Horas 269

Figura 105 – Quiterinha com o grupo da Pastoral da Pessoa Idosa 270
Figura 106 – Quiterinha no programa “A hora e a vez dos romeiros” na Rádio Difusora de Alagoas/Maceió.....271
Figura 107 – Quiterinha participando do Encontro dos Romeiros de Maceió.....272
Figura 108 – Quiterinha participando da Reunião das Três Horas 273
Figura 109 – Poema, Juazeiro e Maceió e a Espada que transpassou o coração de Maria. 276
Figura 110 – Mandala das Sete Dores de Quiterinha Meyer.....277
Figura 111 – Mandala das Sete Alegrias de Quiterinha Meyer.....277
Figura 112 – Capítulo 6 – Fotografia da Vivência Biográfica Integrativa realizada com as romeiras
Figura 113 – As categorias da experiência romeira. 292
Figura 114 – Divisores de água, na trajetória das romeiras, identificados a partir das experiências fundadoras. 294
Figura 115 – Característica da atuação, na perspectiva de romeiras devotas e engajadas. 296
Figura 116 – Aprendizados construídos na trajetória romeira 302
Figura 117 – Síntese dos aprendizados e saberes que constituem a identidade e a subjetividade das mulheres romeiras interlocutoras da pesquisa. 303
Figura 118 – Capítulo 7 – Xilogravura da Beata Maria de Araújo feita por José Lourenço 314

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANNHIVIF	Associação Norte-Nordeste das Histórias de Vida em Formação
ASIHVIF	Association Internationale des Histoires de Vie en Formation
BIOGRAFH	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica
CAE	Casa da Arte de Educar
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CIPA	III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CNPQ	Conselho Nacional de Pesquisas
CPAR	Centro Paroquial de Assistência ao Romeiro
CPR	Centro de Psicologia da Religião
CRB	Círculo Reflexivo Biográfico
DIAFHNA	Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IMM	Instituto Monsenhor Murilo
RTH	Reunião das Três Horas
NEGIF	Núcleo de Estudo de Gênero, Idade e Família
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará
URCA	Universidade Regional do Cariri
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 O CHAMADO PARA PESQUISAr "EM PROCISSÃO, EM ROMARIA..." 22
1.1 Os passos iniciais do caminho 33
1.2 Entre romeiras e romarias 37
2 A REUNIÃO DAS TRÊS HORAS: RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO 53
2.1 As romarias e tradição religiosa em Juazeiro do Norte: antecedentes históricos 54
2.2 O movimento de acolhida à nação romeira.....61
2.3 Participação, apoio social e empoderamento no contexto da Reunião das Três Horas 73
3 PERCURSOS AUTOBIOGRÁFICOS NO CAMINHO ROMEIRO.....85
3.1 A pesquisadora-romeira, caminhante-aprendente.....89
3.2 Construindo sentidos existenciais 100
4 PESQUISANDO MULHERES ROMEIRAS 107
4.1 A pesquisa (auto)biográfica no universo da investigação qualitativa.....110
4.2 O caminho metodológico da pesquisa.....116
4.3 O caminhar e o cenário da pesquisa: etapas e procedimentos 119
4.4 A etapa exploratória da pesquisa.....121
4.4.1 A observação participante: implicações e afetos 122
4.4.2 As entrevistas focalizadas e a seleção das interlocutoras da pesquisa.....128
4.4.3 O perfil biográfico inicial das mulheres romeiras de Alagoas 133
4.4.4 O diário de itinerância 137
4.5 A etapa da pesquisa de campo e os processos de biografização 138
4.5.1 A realização das entrevistas narrativas.....139
4.5.2 O registro dos fragmentos biográficos.....144
4.5.3 A construção dos álbuns autobiográficos.....144
4.5.4 A Vivência Biográfica Integrativa 146
4.6 O processo de análise interpretativa da pesquisa.....157
4.6.1 Plano de análise textual qualitativa 157
5 HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES EM ROMARIA À TERRA DA MÃE DAS DORES 163
5.1 As histórias de vida: antecedentes histórico e epistemológico.....164
5.2 O que significa fazer uma história de vida?.....171
5.3 As histórias de vida das mulheres romeiras de Alagoas 174
5.3.1 Lúcia Cabral: a andadeira 175
5.3.1.1 A infância, o primeiro casamento e o trabalho..... 176
5.3.1.2 O tornar-se romeira: "era um sonho conhecer Juazeiro"..... 177
5.3.1.3 O ser romeira devota: a romaria como trabalho e missão..... 180

5.3.1.4 Um momento de dor e sofrimento *184*
5.3.1.5 O fazer-se romeira devota e engajada: liderança e participação *187*
5.3.1.6 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria *193*
5.3.1.7 Os aprendizados da trajetória romeira *194*
5.3.1.8 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais *196*
5.3.2 Perolina: a que cria na dor **198**
5.3.2.1 A infância numa família romeira *199*
5.3.2.2 O tornar-se romeira de "pé no chão, de verdade" *204*
5.3.2.3 O ser romeira devota: a romaria como expressão artística *205*
5.3.2.4 Os benditos: inspiração divina, nos momentos de sofrimento *206*
5.3.2.6 As dores e as alegrias, na trajetória de vida e romaria *217*
5.3.2.7 Os aprendizados da trajetória romeira *219*
5.3.2.8 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais *220*
5.3.3 Dona Quitéria Tota: a mãe do padre romeiro **222**
5.3.3.1 O tornar-se romeira: "eu sempre fui romeira" *223*
5.3.3.2 O casamento, os filhos e o trabalho *224*
5.3.3.3 Ser romeira devota: a romaria como tradição familiar *226*
5.3.3.4 O fazer-se romeira devota e engajada: liderança e mobilização *229*
5.3.3.5 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria *234*
5.3.3.6 Os aprendizados da trajetória romeira *237*
5.3.3.7 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais *237*
5.3.4 Renilda: a que canta para evangelizar **239**
5.3.4.1 O tornar-se romeira: "minha vida de romeira começou assim pequena" *240*
5.3.4.2 Ser romeira devota: a romaria como sofrimento e aprendizado *244*
5.3.4.3 Os benditos e os louvores: "o senhor me tocou" *245*
5.3.4.4 O fazer-se romeira devota e engajada: liderança e evangelização *250*
5.3.4.5 O casamento, os filhos e parceria no caminho romeiro *251*
5.3.4.6 As promessas: "eu fiz o pedido e alcancei, e eu dou esse testemunho" *253*
5.3.4.7 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria *255*
5.3.4.8 Os aprendizados da trajetória romeira *256*
5.3.4.9 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais *257*
5.3.5 Quiterinha Meyer: a radialista **258**
5.3.5.1 A família romeira: "somos todos católicos" *259*
5.3.5.2 O tornar-se romeira: "a primeira vez que eu vim ao santo Juazeiro" *260*
5.3.5.3 Ser romeira devota: a romaria como chamado *262*
5.3.5.4 As promessas: "tudo que você pedir pra seu irmão, você recebe em dobro!" *263*

5.3.5.5 O casamento, os filhos e o amor de mãe *266*
5.3.5.6 Fazer-se romeira devota e engajada: liderança e informação *268*
5.3.5.7 Uma forma de resistência: "eu tenho que defender minha Mãe" *274*
5.3.5.8 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria *277*
5.3.5.9 Os aprendizados da trajetória romeira *278*
5.3.5.10 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais *278*
6 NARRATIVAS ROMEIRAS: EXPERIÊNCIA SOCIORRELIGIOSA E OS PROCESSOS FORMATIVOS **281**
6.1 Experiências fundadoras e formadoras da trajetória romeira **283**
6.2 As temporalidades do vivido e as experiências sociorreligiosas da trajetória romeira **288**
6.3 Processos formadores da trajetória romeira **300**
6.4 Partilha da experiência sociorreligiosa: a figuração pública de si e os processos formativos **305**
7 OS SABERES DAS MULHERES ROMEIRAS: EM BUSCA DE UMA SÍNTESE INTEGRATIVA **313**
REFERÊNCIAS **324**
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **335**
APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO **336**

1 O CHAMADO PARA PESQUISAR “EM PROCISSÃO, EM ROMARIA...”

Nossa Senhora me chama, eu quero lhe responder! Mostrai minha Mãe das Dores o que eu devo fazer!

(Bendito popular)

Muitas são as formas de ser chamado numa existência, de ser chamado para a vida e para o que ela nos oferece. Somos chamados a realizar coisas, a crescer, a nos pôr em caminhada diante da vida, dos nossos aprendizados e das nossas experiências. Nos caminhos de Juazeiro do Norte, o chamado se faz por Nossa Senhora das Dores e pelo Padre Cícero. As romeiras e os romeiros se sentem chamados em sonhos, em visões, em orações. Muitas são as formas com que esses chamados se apresentam: às vezes, para cumprir uma promessa; outras, para agradecer, ou como forma de materializar o sonho de conhecer Juazeiro, ou mesmo para dar continuidade a uma tradição religiosa familiar. De modo simbólico, parece ser esse chamado que toca o coração e a alma dos devotos e das devotas que buscam o "santo Juazeiro", imprimindo sentidos às romarias feitas anualmente; marcando motivações e, muitas vezes, o início de uma trajetória romeira. "Assim, o chamado não é apenas a concretização de um desejo e fruto da própria iniciativa, mas muito mais um acontecimento capaz de alterar o curso de toda uma vida e modificar as relações na família e no grupo" (BARBOSA, 2007, p.62).

As romeiras e os romeiros devotos de Padre Cícero trazem a marca e a resistência da religiosidade popular, alimentada por manifestações de fé e devoção que têm transcendido disputas e conflitos sociorreligiosos. Há mais de um século, eles se fazem presentes nas principais romarias da localidade, terra sagrada, que representa esperança para os que ali aportam. Muitos chegam carregando dores e sofrimentos, buscando alívio e esperança. Outros chegam vibrantes de alegria, por uma graça recebida, por uma bênção, por um acalento da alma e da emoção, ou simplesmente por poder estar na cidade, reencontrar amigos, familiares e religiosos.

As devotas e os devotos costumam afirmar que chegaram a Juazeiro, porque foram "chamados pela Mãe das Dores e pelo Padrinho Cícero". Sem este chamado, a romaria não acontece, não tem sentido, não tem força, como expressa o bendito destacado na epígrafe: "Nossa Senhora me chama, eu quero lhe responder. Mostrai, minha Mãe das Dores, o que eu devo fazer". O chamado de Nossa Senhora das Dores e do Padre Cícero é um chamado para se pôr em "procissão, em romaria". É um chamado para expressar a devoção, a fé, para reviver e reinventar ritos[1] sagrados que estão para além do que prescreve a igreja oficial. Ritos que

[1] Para Segalen (2002, p.31), "o rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos, cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo." Nessa perspectiva, os ritos expressam condutas individuais e coletivas, externadas por meio verbal, gestual e de postura, apresentando um caráter repetitivo, com forte significação simbólica para seus participantes e testemunhos. Em relação ao campo religioso, Terrin (2004, p 34) ressalta que "o rito é, principalmente e de maneira prioritária, um ato de devoção, um momento de expressão

remontam à ancestralidade, que remontam a um aprendizado geracional da prática romeira. É, também, um chamamento para cumprir o calendário anual dos deslocamentos e toda a ritualística de devoção, festa e celebração que este acontecimento encerra. É uma convocação para um novo estilo de vida, uma forma diferenciada de professar a fé e celebrar a existência, de forma simples e humilde. Enfim, para se tornar uma romeira ou um romeiro "de verdade", como costumam falar, ou seja, "firme na tradição e iniciada(o) nesses mistérios" (BARBOSA, 2007, p. 52).

Para além da condição de devoção, novas formas de ser romeira e romeiro foram sendo construídas, ao longo da estruturação do fenômeno das romarias a Juazeiro do Norte. Devido ao seu caráter dinâmico e plural, foi influenciando na configuração de experiências religiosas e sociais, tanto individuais quanto coletivas, vivenciadas no itinerário romeiro tradicional.

Nesse cenário, rico de possibilidades de investigação, percebi a intensa participação das mulheres, personagens relevantes desse contexto sociorreligioso, pois estão presentes, desde o início da estruturação do fenômeno das romarias a Juazeiro, como beatas[2], romeiras e religiosas. Essa participação, porém quase não teve visibilidade, perante os estudiosos que investigam os aspectos da religiosidade no Cariri. A maioria dos estudos é voltada para discutir a atuação e a importância de Padre Cícero na formação do fenômeno das romarias, assim como os embates entre a hierarquia eclesiástica e a força das manifestações populares.

A participação feminina nesse contexto foi marcada, historicamente, pelo protagonismo das beatas[3], nos eventos que se constituíram como geradores do fenômeno religioso manifesto na localidade, caracterizada por tensões, conflitos e exclusões que influenciaram a participação das mulheres no movimento das romarias, abrindo espaço para a participação leiga e das lideranças religiosas femininas. Embora, em muitos momentos, a participação feminina tenha uma posição de bastidores, a latência de seu papel na construção

---

de um 'Todo' no nível comunitário, um ato de culto que tem a sua *direção intencional metaempirica* (grifo do autor) e, como tal, é capaz de unificar, de maneira profunda, a experiência do real".

[2] A primeira romaria a Juazeiro do Norte ocorreu em 1889. A motivação para o evento foi o episódio do milagre da hóstia, ocorrido em 01 de março de 1889, quando a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, ao receber a hóstia, na comunhão, das mãos do Padre Cícero, manifestou o milagre: a hóstia que recebeu se transformou em sangue (FORTI, 1999, p.26).

[3] Sobre a participação das beatas nesse contexto confira os trabalhos de Paz (1998), Forti (1999, 2012), e Nobre (2011).

da experiência romeira sempre foi muito forte, razão por que considero como fundamental a participação das mulheres, no acontecer das romarias a Juazeiro.

Ciente dessa realidade e de sua importância, para evidenciar aspectos pouco tratados nos estudos sobre o fenômeno das romarias juazeirenses, mas, sobretudo, para compreender os sentidos atribuídos à experiência romeira, optei por pesquisar as histórias de vida das mulheres romeiras, devotas e engajadas no movimento romeiro de Juazeiro do Norte, mulheres que possuem uma intensa participação nesse espaço, que representam suas comunidades, participam de mobilizações em prol da questão romeira, organizam e coordenam viagens, sendo, portanto, um referencial de liderança para suas comunidades.

Tomo aqui, a dimensão de engajamento que caracteriza as práticas sociorreligiosas dessas participantes. Não perco de vista que, entre os personagens das romarias, de uma forma geral e mais especificamente dos que participam da Reunião das Três Horas, existem aqueles motivados por expectativas de vivências que se distinguem do conteúdo religioso, como é o caso das pessoas participantes que poderiam ser classificadas como turistas ou aquelas que manifestam curiosidade a respeito do evento sem que se identifiquem com as experiências religiosas. Para essa definição, utilizo a tipificação apresentada por Cordeiro (2011, p. 114-121), a qual, por meio das noções de peregrinação e romaria em correlação com as concepções de festa e turismo, conseguiu reunir em um quadro tipológico a caracterização dos romeiros, de acordo com suas motivações específicas para participar das romarias.

Segundo Cordeiro (2011, p. 114 a 121), essa caracterização foi dividida em duas subcategorias, definidas a partir da identificação dos participantes das romarias a Juazeiro do Norte, que se denominam romeiras e romeiros, e os que não se identificam com essa nomeação. Entre os que se identificam com essa denominação encontram-se: moradores, turistas, acompanhantes e devotos. Já entre os que rejeitam essa definição como autoclassificação encontram-se: curiosos, passeantes e festeiros, como pontuado pela referida autora.

Acrescento a essa tipologia a categoria de engajamento, que define as pessoas que se reconhecem como romeiras engajadas no movimento sociorreligioso juazeirense[4]. Identifiquei esse aspecto, durante a pesquisa exploratória, quando selecionava as interlocutoras da minha pesquisa. Inicialmente, intencionava abordar as histórias de mulheres romeiras

[4] Discuto mais detalhadamente essa questão no capítulo 2 – *A Reunião das Três Horas: resistência e acolhimento*, onde discuto o movimento romeiro, a partir da atuação da Pastoral da Romaria e importância da Reunião das Três Hora como impulsionadora desse movimento.

devotas que participam da Reunião das Três Horas, porém, com o aprofundamento da pesquisa e uma maior interação com o campo, pude perceber que entre as romeiras devotas encontram-se as engajadas.

O chamado como pesquisadora foi para investigar as histórias de vida das mulheres romeiras, participantes da Reunião das Três Horas, buscando compreender, pela via biográfica, como as experiências sociorreligiosas, vivenciadas ao longo de suas vidas, e particularmente no itinerário romeiro, repercutem na constituição de experiências fundadoras e formadoras de suas identidades e subjetividades, e como estas são potencializadoras de empoderamento individual e coletivo.

Para tanto, intencionei identificar os fatos biográficos que marcaram suas trajetórias de vida, enquanto romeiras, ou seja, as suas representações sobre o que ocorreu no espaço-tempo de suas existências que configuram sua experiência romeira (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 34)[5]. Conforme Pineau e Le Grand (2012, p.33), "trata-se de compreender o sentido que os atores sociais dão a seus atos, aos conhecimentos que lhes dizem respeito", num esforço de elucidação do vivido.

Desse modo, busquei compreender como essas experiências são vividas por elas. Como o chamado para ser romeira ressoa em suas vidas e como continua sendo ouvido e ressignificado, diante de experiências que evocam o sentido singular-plural do ser romeira e estar em romaria, em consonância com os diversos aspectos de implicação pessoal, social, cultural e religiosa que essa condição alcança. Experiências fundadoras e formadoras (JOSSO, 2010, p. 211 a 216) de identidades que se constituem e são constituídas por práticas sociorreligiosas, que traduzem as manifestações de fé, devoção e engajamento social nas romarias, nessa localidade.

Conforme as elaborações de Marie-Christine Josso (2010), que tomo como um dos principais referenciais epistêmico-metodológico de minha pesquisa, as *experiências fundadoras* são aquelas que, pela força da significação que tiveram num percurso de vida, tornam-se marcos existenciais, fundando e/ou desenvolvendo os rumos de uma trajetória vivida. Quando essas experiências geram aprendizados e transformações, que contribuem para um

[5] Mais especificamente podemos entender fato biográfico como "[...] viés da figuração narrativa que acompanha o percebido de nossa vida, esse espaço-tempo interior, segundo o qual representamos o seu desdobramento, sobre o qual nos situamos, sem conhecer exatamente o momento e o lugar que ocupamos na figura de conjunto que lhe atribuímos. E, em cada ponto dele, projetamos, como nas narrativas [...] uma instância pessoal à qual conferimos a identidade de um si mesmo" (DELORY-MOMBERGER, 2014, P. 35).

processo autoformativo da pessoa, são consideradas *experiências formadoras*, pois "afetam nossas identidades e subjetividades" (JOSSO, 2010, p 38)[6].

Portanto, foi a partir da percepção das possibilidades dos *aprendizados sociorreligiosos*[7], gerados no espaço das romarias, que decidi investigar as histórias de vida das mulheres romeiras atuantes nesse cenário. Não quaisquer mulheres, mas, sim, aquelas que, em algum momento de suas vidas, se sentiram chamadas a percorrer os caminhos de Juazeiro, para professar sua fé e devoção e, assim, construir uma trajetória de vivências que lhes asseguraram a denominação de romeira. Além da experiência religiosa, essas mulheres vivenciam um intenso engajamento no movimento romeiro, configurando uma participação sociorreligiosa que extrapola as práticas devocionais.

Estou me referindo às mulheres romeiras que chegam a Juazeiro e, além da visitação aos lugares sagrados e dos ritos de penitência e atos devocionais que praticam, se encontram com outros personagens que compõem esse cenário: mulheres, homens, padres, feiras, artistas, pesquisadores, dentre outros, para compartilhar experiências e testemunhar graças obtidas. Essas mulheres falam de si, de suas experiências, de sua devoção e de sua fé, em forma de relatos, cânticos e orações, em um espaço pensado e organizado para o acolhimento da nação romeira: a Reunião das Três Horas.

Essa reunião é um evento paralitúrgico, organizado pela Pastoral da Romaria de Juazeiro do Norte, realizado sempre, às três horas da tarde, nos períodos das principais romarias[8], caracterizado principalmente pelas ações de acolhida, escuta, assistência e aconselhamento dos romeiros e romeiras que participam da programação institucional da romaria. Resgatando sua história, pude observar que sua estruturação teve início, quando Padre Francisco Murilo de Sá Barreto[9] assumiu a Paróquia de Nossa Senhora das Dores[10], passando

[6] Aprofundo a discussão teórica sobre experiências fundadoras e formadoras, conforme a conceitualização de Josso, no capítulo 6, quando apresento as experiências sociorreligiosas, na trajetória das mulheres romeiras, cujas histórias de vida são narradas neste trabalho.
[7] Também desenvolvo esse aspecto no capítulo 6, pois está diretamente ligado à discussão das experiências formadoras da trajetória romeira.
[8] Romaria de Nossa Senhora das Candeias (2/fevereiro); Romaria de Nossa Senhora das Dores (15/setembro) e Romaria de Finados (2/novembro)
[9] Posteriormente, ele recebeu o título de Monsenhor, no dia 06 de dezembro de 2002.
[10] A Igreja Matriz tornou-se Basílica Menor do Santuário Diocesano de Nossa Senhora das Dores, no dia 15 de setembro de 2008.

a acolher o povo romeiro[11], de forma diferenciada[12]. É a partir desse olhar de sensibilização que vai sendo gestado o que, hoje, chamo de Movimento Romeiro de Juazeiro do Norte que tem, nesse evento, uma significativa expressão sociorreligiosa de mobilização e organização da "nação romeira[13]", que se constituiu numa rede de ações e apoio social formadores desse novo fenômeno social.

Para essa análise, parto do pressuposto de que o movimento romeiro de Juazeiro se configura como um novo movimento social (SANTOS, 2010)[14], entendido, aqui, como "ações

[11] A expressão "povo romeiro" é usada neste estudo para designar as pessoas (mulheres e homens) que fazem romaria a Juazeiro do Norte, motivados por diversos interesses. Entretanto, em algumas discussões e análises utilizo, também, essa terminologia, no sentido de fazer referência ao caráter de exclusão e preconceito sofrido pelos romeiros e romeiras, que visitam a cidade, desde a época de Padre Cícero. Nesse sentido, corroboro o pensamento de Boff acerca do conceito de "povo", exposto no texto *Povo: em busca de um conceito,* publicado na revista online Carta Maior, em 28/01/2015. Ele destaca que no Brasil esse termo é utilizado, com conotação positiva, por aqueles que "se interessam pela sorte das classes subalternas: o 'povo'", ou seja, aqueles que foram ou se sentiram excluídos das diversas instâncias sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. Em outra publicação, Boff (2008, p. 123-125) aponta que essa palavra pode ter vários sentidos, passando por conceituações da sociologia, antropologia, política e filosofia, inclusive teológica, como no caso do texto do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando se refere à expressão "povo de Deus". Embora nesse caso se observem "dois paradigmas eclesiológicos" que procuram definir esse termo: "o da Igreja-sociedade e o da Igreja-comunidade" que, conforme o autor, esse "confronto representa duas tradições históricas que vêm do passado e que dividiram os padres conciliares e continuam a dividir mentes e corações da Igreja, até os dias de hoje, sem uma perspectiva fecunda de síntese". Voltarei a essa discussão, no segundo capítulo, no item 2.3, onde abordo a participação, o apoio social e o empoderamento, no contexto da Reunião das Três Horas.

[12] Durante o tempo em que esteve à frente da Matriz de Nossa Senhora das Dores, Monsenhor Murilo desenvolveu intensa atividade, junto aos romeiros e romeiras que ali chegavam, realizando profícua atividade pastoral: celebrações e missas que atendessem ao público romeiro, em horários variados, assim como a organização de confissões comunitárias, visando atender à grande demanda de fiéis que procuravam rotineiramente esse serviço religioso. Além disso, procurava ouvir, acolher e encaminhar as diversas reclamações que este público levava a ele. Suas ações se estenderam pelas cidades nordestinas, com as visitas que fazia ao povo romeiro, em suas localidades de origem; dessa forma, ficou conhecido como o Padre-Romeiro. Nesse sentido, sua atuação foi direcionada para a valorização da cultura romeira, suas expressões de fé e devoção. Com isso, procurou desconstruir a ideia de fanatismo exacerbado atribuído à "nação romeira", a qual ajudou a se estabelecer.

[13] Expressão usada para designar as pessoas (mulheres e homens) que fazem romaria a Juazeiro do Norte, motivadas por diversos interesses. Esse termo começou a ser utilizado no movimento romeiro de Juazeiro do Norte por Irmã Annette e Padre Murilo como uma expressão para designar o conjunto de romeiros e romeiras que desde a época do Padre Cícero fazem romarias a cidade, que mesmo diante dos impedimentos e preconceitos sofridos pela hierarquia eclesiástica a partir da questão religiosa que se iniciou com o episódio do milagre da hóstia, ocorrido em 1889, quando a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, ao receber a hóstia, na comunhão, das mãos do Padre Cícero, manifestou o milagre: a hóstia que recebeu se transformou em sangue. Nesse sentido, o termo nação romeira expressa o agrupamento de pessoas que se caracterizam por compartilharem crenças e devoções, assim como pela força de enfrentamento e protagonismo diante das adversidades religiosas e sociais que tiveram que passar para continuarem mantendo sua tradição religiosa de fazer romarias a Juazeiro do Norte.

[14] Neste livro, o autor, procura elaborar uma reflexão sobre a transição entre paradigmas *societais*, ou seja, produzir uma reflexão sobre os diferentes modos básicos de viver a vida em sociedade. No capítulo 9, mais especificamente, desse livro, o autor discute a configuração dos novos movimentos sociais. Para tanto, ele aborda a questão do excesso de regulamentação e o consequente déficit de emancipação, e a relação entre subjetividade e cidadania. Segundo ele, "a identificação da intersecção dos novos movimentos sociais nesta dupla relação é tarefa difícil, quanto mais não seja porque é grande a diversidade destes movimentos e é debatível se essa diversidade pode ser reconduzível a um conceito ou a uma teoria sociológica únicos. [...] Se nos países centrais a enumeração dos novos movimentos sociais inclui tipicamente os movimentos ecológicos, feministas, pacifistas, antiraciais, de consumidores e de auto-ajuda, a enumeração na América latina – onde também é corrente a designação de movimentos populares ou novos movimentos populares para diferenciar a sua base social da que é característica dos movimentos nos países centrais". Santos considera a partir do pensamento de Scherer-Warren e Krischke, que

sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas" (GOHN, 2011, p. 335). Estas mobilizações caracterizam-se por atuarem em espaços diferenciados da esfera social e política, não se restringindo, aos locais institucionalmente estabelecidos como espaços por excelência do "fazer política", de empreender reivindicações e práticas sociais. Como pontuado por Santos (2004), estes espaços são produtores de novos conhecimentos e saberes.

Um exemplo desse processo, são os movimentos sociais e religiosos que, ganharam espaço no cenário nacional a partir da década de 1970. Entre esses destaco, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)[15], as Pastorais Operárias, e organizações que misturavam a fé com a luta contra a opressão e a esperança numa vida melhor (BOFF, 1982 e 2008). Em Juazeiro do Norte esse processo ganhou expressão por meio do movimento de acolhida ao povo romeiro, e se expandiu como as ações implementadas na reunião com as romeiras e os romeiros, gerando e articulando experiências sociorreligiosas que deram novos contornos a prática romeira na localidade.

A Reunião das Três Horas foi iniciada, em 1976, pelas irmãs cônegas de Santo Agostino Annette Dumoulin e Teresa Guimarães, em parceria com Padre Murilo, com o intuito de melhor acolher o povo romeiro, inspiradas na metodologia sociorreligiosa das CEBs, as quais tiveram oportunidade de pesquisar e atuar, antes de chegarem a Juazeiro do Norte. Começaram a estruturar ações, com a pretensão de auxiliar o trabalho pastoral desenvolvido pelo Padre Murilo que, nesse período, realizava a maior parte das confissões, de forma comunitária, devido ao grande número de pessoas para atender.

Nesse contexto de intenso trabalho de recepção aos que chegavam, as irmãs passaram a preparar as pessoas para a confissão comunitária e para isso usavam cânticos, orações e reflexões. Dessa experiência, nasceu a ideia de organizar uma reunião, onde o ponto central era a partilha de depoimentos de seus participantes e a apresentação da figura humana de Padre Cícero. Com isso, buscavam desenvolver uma programação que partisse de suas manifestações espontâneas, garantindo, principalmente, o "*dar voz*" às romeiras e romeiros, a

no Brasil essa enumeração englobaria, as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), o novo sindicalismo urbano e rural, o movimento feminista, o movimento ecológico, o movimento pacifista, setores do movimento de jovens e outros" (SANTOS, 2010, p. 257).

[15] "As comunidades eclesiais de base são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural) por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960. De natureza religiosa e caráter pastoral, podem ter dez, vinte ou cinquenta membros" (FREI BETTO, 1981, p. 07). Foram incentivadas principalmente pela Teologia da Libertação após o Concílio Vaticano II (1962-1965) se espalharam principalmente nos anos 1970 e 80 no Brasil e na América Latina

partir do testemunho de suas experiências de vida. Conforme Guimarães (2011), essas ações visavam a estimular as romeiras e os romeiros a continuarem como protagonistas de sua romaria, dando prosseguimento a sua tradição religiosa popular. Iniciavam, com isso, um trabalho de pastoral voltado para a valorização da experiência romeira e os tornava capazes de se apropriar do vivido como algo próprio.

O acolhimento é o principal objetivo da reunião, que pedagogicamente é organizada para ser um espaço de encontro, com o intuito de valorização das experiências dos participantes. A metodologia utilizada é diversificada, por meio de conversas, reflexões, orações e canções, tanto canções da Igreja Católica, como dos Benditos, expressões marcantes da cultura romeira. Com a mediação da Irmã Annette e seus auxiliares, é promovida uma aproximação, que se faz de forma calorosa e festiva, favorecendo, assim, um clima de convivência e partilha.

Dessa forma, o movimento de acolhida à nação romeira passou a ocupar um lugar central nas ações pastorais, diocesanas, direcionadas para as romarias. Isso fortalecendo a "legitimidade" destas práticas, enquanto espaço de manifestação da religiosidade popular. Esse movimento é contínuo, dinâmico e complexo, pois ganha contornos diferenciados, à medida que o contexto sociorreligioso muda, além, é claro, da própria dinâmica presente nas manifestações romeiras.

Constando na programação institucional da romaria, a Reunião das Três Horas como é conhecida, acontece sempre às 15 horas, nos três ou quatro dias que antecedem o encerramento das romarias oficiais, em Juazeiro do Norte. A reunião começa com uma música alegre e festiva que expresse acolhida, como o bendito "Nossa Senhora me chama", ou com o conto "Seja bem vindo ô lê lê, seja bem vindo ô lá lá", que diz assim: "Paz e bem pra você que veio participar (bis). Romeiro vem cá/ Vem saudar Jesus Cristo que está no altar. Já vou, Já vou/ Atender o chamado de Nosso Senhor...".

Após esse início, Irmã Annette ou outro membro da equipe da Pastoral da Romaria, quando ela não pode estar presente, desenvolve uma pequena palestra, normalmente abordando o tema da romaria e/ou trazendo algum fato envolvendo a romaria ou o povo romeiro, como a questão dos transportes pau-de-arara, a hospedagem nos ranchos ou, ainda, sobre os eventos e homenagens dedicados ao Padre Cícero. Nesses momentos, ela, também, costuma contar histórias de personagens bíblicos ou de personagens criados por ela, como alegoria para falar de partilha, união, paz, respeito, fraternidade, amor entre outros motes, como a "história de Dona Lia". Segundo Irmã Annette, essa história é contada para motivar uma reflexão sobre a

importância da união na família, pois narra a história de uma mãe que tinha muitos filhos, mas, no dia das mães, ficou sozinha. Todos os filhos lhe enviaram presentes, porém arranjavam uma desculpa para não ir a sua casa e partilhar com os irmãos o almoço do dia das mães. Irmã Annette termina a história perguntando: "que presente Dona Lia gostaria de ganhar?" A partir disso, um diálogo se desenvolve com os participantes, eles parecem se identificar com o conteúdo narrado, refletem sobre o que foi relatado, contam, também, histórias envolvendo a questão abordada. O que posso dizer é que, nas oportunidades em que pude acompanhar esses momentos, eles sempre foram muito ricos e participativos. Essa história pode ser considerada como um símbolo da Reunião das Três Horas, pois é contada e recontada não só nesse espaço, mas também nas localidades de origem dos que se fazem presentes nesse encontro.

O evento segue com o momento de partilha das narrativas de vida e romaria dos participantes, que é sempre muito disputado. Para que isso ocorra sem confusão, os romeiros e romeiras, assim que chegam ao Círculo Operário, local onde ocorre a reunião, colocam os seus nomes na lista dos que vão participar, seja cantando benditos ou louvores, seja dando seus testemunhos, encaminhando reivindicações ou compartilhando notícias de suas comunidades, paróquias e grupos ou eventos romeiros. Essa etapa é bastante intensa, com diversas intervenções, aplausos e demonstrações emotivas. Quando uma música cantada é mais festiva, a maioria levanta e começa a dançar, num clima de integração e celebração. O encerramento acontece, por volta das 17 horas, geralmente com o canto da "Ave Maria Sertaneja", seguido da oração do Pai Nosso que, às vezes, também, é cantado. Além disso, não faltam as saudações: "Viva Nosso Senhor Jesus Cristo!", "Viva Nossa Senhora das Dores!" e "Viva Nosso Padrinho Cícero!". Entre abraços, sorrisos e alegria se encerra o encontro romeiro.

Diante dessa multiplicidade de atividades sociais e religiosas, considero que esse espaço, além do acolhimento, promove ações socioeducativas e evangelizadoras, no sentido de abordar e problematizar a condição romeira na atualidade, também favorece ações de mobilização sociorreligiosa. Enquanto espaço de mobilização, fomenta e encaminha muitas solicitações de interesse da nação romeira, que encontra nesse âmbito uma oportunidade de discutir as questões concernentes à "luta romeira", como é o caso da reivindicação do direito de os romeiros e romeiras virem para a romaria nos transportes conhecidos como "paus-de-arara"[16].

[16] O pau-de-arara é um meio de transporte irregular, ainda muito usado no Nordeste pelos romeiros. "Surgiu por causa da falta de outros veículos que suportassem muitas pessoas. Esse caminhão tem sua carroceria adaptada com tábuas que servem de banco e uma lona que protege da chuva; é, para muitas pessoas, parte da sua jornada de

Não perco de vista esses elementos ao analisar as especificidades desse encontro, ponderando que este pode ser considerado como uma via de empoderamento de seus participantes, pois evoca sentidos de pertença, partilha e engajamento, além de promover ações de apoio e suporte social. Como suporte teórico para essa discussão, problematizo o conceito de empoderamento tomando o pensamento *freireano* como referencial. Destaco, ainda, a importância da participação, do engajamento e apoio social como fatores propiciadores de empoderamento.

Este conceito foi abordado pela primeira vez por Paulo Freire no livro *Medo e ousadia*, escrito em parceria com Ira Shör, passando a compor seu referencial teórico e prático. É importante destacar que a palavra *empowerment* já existia na língua Inglesa significando "dar poder" a outra pessoa, entretanto, o conceito de empoderamento em Paulo Freire segue outra lógica, pois para ele a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que conquista, por si mesma, as transformações necessárias ao seu fortalecimento. Assim sendo, optei por utilizar a palavra "empoderamento" no sentido de autossuperação e fortalecimento, tanto individual, quanto coletivo.

Nesse sentido, compreendo a dimensão do empoderamento, como sendo ações individuais e coletivas de afirmação, autonomia e participação, que visam à promoção de emancipação dos sujeitos envolvidos nesse movimento. Tomo como referência as considerações de Baquero (2012, p.173), pois este destaca duas perspectivas que julgo imprescindíveis nessa análise: "a educativa e a política, uma vez que visões de mundo e de propósitos sociais diferenciados orientam as distintas concepções e ações de empoderamento", podendo ocorrer em três níveis: individual, organizacional e comunitário. No âmbito individual, reporta-se à capacidade de pessoas adquirirem "conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas".

Na abordagem de Paulo Freire (2008), esse nível de empoderamento é visto como uma autoemancipação, desde que seja acompanhado de reflexão crítica sobre a realidade social, o que só se estabelece em relação com o outro, em nível comunitário.

---

trabalho diária. Foi utilizado também para a migração dos nordestinos para o Sul do País". Sendo usado, também, para transportar alunos nas cidades do interior do País. Disponível em: https://brasilbrasileiro1001.wordpress.com/2012/10/18/pau-de-arara/. Acessado em 07/11/2016. Em relação às reivindicações do movimento romeiro, essa luta diz respeito ao direito de se deslocar nesses transportes pleiteados pelo povo romeiro, que se sente identificado com essa forma de fazer uma viagem de romaria.

> Nessa perspectiva, o empoderamento, como processo e resultado, pode ser concebido como emergente de um processo de ação social, no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas, pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação de relações sociais de poder (BAQUERO, 2012, p.173)[17].

Pensar sobre a plasticidade da Reunião das Três Horas possibilitou-me entender o alcance de suas ações que, sem dúvida, extrapolam as fronteiras da evangelização e acolhimento propostos inicialmente. Por meio da luta romeira, essas ações adentram a dimensão social, viabilizando várias formas de construção e investimentos que tornam esse evento único, como por exemplo: o incentivo ao protagonismo romeiro, a mobilização de diferentes agentes interessados no fenômeno das romarias e na valorização da experiência romeira, tal como o encaminhamento de solicitações e reivindicações do público romeiro. No conjunto, sua configuração histórica, social, religiosa e cultural expressa as mudanças que podemos perceber no cenário contemporâneo das romarias a Juazeiro do Norte.

1.1 Os passos iniciais do caminho

Inserida na pesquisa (auto)biográfica, esta investigação construiu e interpretou as histórias de vida de mulheres romeiras participantes da Reunião das Três Horas, em Juazeiro do Norte, com foco nas experiências fundadoras e formadoras de sua expressão sociorreligiosa e no fato de como essas contribuem para um empoderamento individual e coletivo. As histórias de vida podem ser compreendidas como "busca e construção de sentido, a partir de fatos temporais pessoais e envolvem um processo de expressão da experiência" (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.15), elaboradas a partir de um trabalho de construção biográfica, efetuada por intermédio de narrativas orais ou escritas.

Delory-Momberger (2014, p. 316) chama a atenção para o fato de que "a vida narrada, não é a vida" e que as histórias de vida não preexistem às narrativas, pois há necessidade de um trabalho de elaboração e de interpretação, feito por um pesquisador em

[17] A fundamentação dessa discussão será desenvolvida, no decorrer da análise teórica e empírica, principalmente nos capítulos 2 e 6.

colaboração com o narrador. Nessa relação de interação e coprodução, a história de vida instala um movimento dinâmico "*entre-dois*" (grifo da autora) numa "dupla relação de completude". A autora avança dizendo:

> [...] a história de vida ocupa, alimenta, satura o espaço da relação ou então vem preencher-lhe o abismo, ela é o que eu tenho em comum com o outro e o que ele tem em comum comigo, ela estabelece de maneira real ou representada a possibilidade de um futuro da relação; de outro, ela me resume, ela se dá para minha totalidade, ela é o ato de uma completude de mim mesmo no momento da relação (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 338).

A diferenciação entre narrativa de vida e história de vida é fundamental para a compreensão de um processo de pesquisa, que se propõe a trabalhar com histórias de vida. Alex Lainé (1998), citado por Delory-Momberger (2014, p. 317), propõe uma definição que esclarece essa diferenciação; em suas palavras:

> [...] a narrativa de vida é um momento no processo de produção de uma história de vida. É o da enunciação oral e/ou escrita de sua vida passada pelo narrador. A história de vida começa plenamente com o trabalho desse material, a identificação das estruturas, segundo as quais a vida e a narrativa podem ser organizadas, a divulgação do sentido de que são portadoras a vida e a narrativa.

Por conseguinte, o processo de investigação proposto focalizou as narrativas biográficas das mulheres romeiras intentando, a partir desse procedimento, construir as suas histórias de vida. Desse modo, os elementos centrais da pesquisa giraram em torno dos saberes da experiência, da relação entre o vivido e os processos de autoformação que constituem a identidade e a subjetividade dessas mulheres.

Segundo Delory-Momberger (2008, p. 37), a narrativa de si proporciona um recapitular-se que cria enredos para o vivido, pois "os seres humanos não têm uma relação direta, transparente com o vivido e com o desenrolar de suas vidas; essa relação é mediatizada pela linguagem e por suas formas simbólicas", ou seja, é através da narrativa dos fatos vividos, ou como colocado pela autora, "fato biográfico primordial", que produzimos nossa história de vida.

Conforme essa autora, "é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida

porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.37).

Dessa forma, ao narrar-se, a pessoa fala de suas experiências e vivências, pois, "é a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; [...] que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão", ou seja, é a narrativa que "faz de nós o próprio personagem de nossa vida" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p.35-36). Esse processo coloca em movimento o questionamento do que se é, do que se vive, do que se projeta, enquanto intenções futuras, de forma consciente ou inconsciente.

A partir desse entendimento, compreendo que a identidade de uma pessoa não fica pronta e acabada, em nenhuma etapa da vida, pois está em movimento contínuo, devido à influência que recebe dos fatos e tempos vividos; também não é algo que se aprende ou descobre, mas algo que é construído, social e culturalmente, por meio dos diversos acontecimentos vivenciados e das interações que estabelece consigo mesmo, com os ambientes e as coisas; é através das narrativas que nos acessam, sejam elas elaboradas, contadas e ouvidas, como pontuado por Larrosa (1996 *apud* SAMPAIO; WORTMANN, 2014, p. 230). Portanto, constrói-se narrativamente uma identidade ou, melhor, identidades, pois, assim como se vivenciam muitos papéis em uma existência, também é passível experienciar múltiplas identidades, que são construídas e reconstruídas, ao longo da vida.

Seguindo essa abordagem e corroborando o pensamento de Silva, Hall e Woodward, em *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, ao aproximar o conceito de identidade e diferença, em articulação com o entendimento de representação, estes autores afirmam que as identidades são construídas simbólica e socialmente. Nas palavras de Woodward (2012, p.17):

> A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos, por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares, a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Tomaz Tadeu, nessa mesma obra, defende que identidade e diferença são criações da linguagem, ou seja, são representações. Os signos da linguagem têm significação apenas quando em relação a um conjunto de outros signos que lhe são opostos. Ele avança antevendo que é no universo social que a identidade e a diferença são reconhecidas e que sua definição discursiva e linguística "*está sujeita a vetores de força e relações de poder*" (SILVA, T., 2012, p. 81).

Stuart Hall, por sua fez, destaca, através da pergunta "Quem precisa da identidade", que as identidades, estabelecidas pelas diferenças, constituem posições que os indivíduos precisam assumir; "como todas as práticas de significação, elas estão sujeitas ao 'jogo' da *différance"* (grifos do autor). Ele também afirma que a identidade é construída por meio da diferença e não fora dela. "Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui" (HALL, 2012, p.106).

Dessa forma, a pesquisa que desenvolvi abordou as narrativas de vida das romeiras, como representações dos fatos biográficos vividos, das mudanças e permanências operadas pelas experiências sociorreligiosas vivenciadas, como também das diferenças e semelhanças que marcam as identidades de cada uma, enquanto romeiras devotas e engajadas.

Nesse sentido, considerei as dimensões internas e externas que configuram suas subjetividades, pois os materiais biográficos possibilitam trabalhar com essa dimensão do indivíduo, a partir de sua própria representação do vivido, da "temporalidade da experiência e da existência". Por meio da narrativa do que é contado sobre si mesmo, sobre a relação com os outros e mundo vivido, o indivíduo adentra o tempo biográfico pessoal (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.524). Trabalhar com esses instrumentais permitiu-me captar os sentidos dados às experiências romeiras vividas pelas interlocutoras da pesquisa.

Entendo a subjetividade neste estudo, como os aspectos correlatos a sentimentos, emoções, pensamentos, valores, crenças e representações definidores da individualidade do ser, ou seja, como o espaço íntimo do individuo (mundo interno) que, por sua vez, é influenciado pelo espaço social (mundo externo). Essa articulação entre interno e externo, mediada pelas narrativas, constitui as identidades e subjetividades. De acordo com Delory-Momberger (2014, p. 74):

> Esse modo de conduta, pelo qual os atores 'experimentam' o social, engaja sua subjetividade e sua reflexividade. Em sua capacidade de gerir lógicas de

> ação heterogêneas e aplicar-lhes procedimentos de seleção, combinação e negação, os atores se constroem como *sujeitos sociais* (grifos da autora). Essa dimensão da subjetividade [...] é socialmente construída e remete à autonomia relativa de um ator social, a quem cabe experimentar os dispositivos de sua ação.

Considerei essas dimensões no processo de análise das experiências sociorreligiosas, quando busquei evidenciar o que foi formador de suas identidades e subjetividades.

1.2 Entre romeiras e romarias

Considero que o delineamento desse objeto de estudo teve início, a partir das primeiras experiências de acompanhamento das romarias de Nossa Senhora das Candeias e de Nossa Senhora das Dores, em 2005, escolhidas, graças à minha crença e devoção a Nossa Senhora e ao fato de representar um foco de interesse de pesquisas, que venho realizando sobre o sagrado feminino[18]. Desde então, tenho procurado aguçar o "olhar de estranhamento" e aproximação dessa realidade.

A aproximação empírica aos espaços das romarias a Juazeiro do Norte, como campo de pesquisa, fez-se incialmente pelas observações em alguns espaços específicos, tais como: Basílica de Nossa Senhora das Dores, Capela de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, Estátua de Padre Cicero e caminho do Santo Sepulcro, na Serra do Horto. Além desses espaços, conheci a "acolhida do romeiro", através da Reunião das Três Horas, realizada pela Pastoral da Romaria, no Círculo Operário São José, durante os períodos de romaria, como apontei anteriormente, o qual passou a ser o cenário de minha investigação.

As observações iniciais possibilitaram-me perceber que a romaria é um caleidoscópio de possibilidades. Nas idas e vindas pelas ruas de Juazeiro, deparei-me com fatos inusitados: pessoas pagando promessas, vestidas com indumentárias representando as vestes de Padre Cícero, Nossa Senhora das Dores, de São Francisco ou de outros santos, até mesmo mulheres vestidas de noiva. Encontrei, ainda, índios fazendo rituais para pedir chuva, ciganos

[18] Sobre essa temática publiquei o texto *O retorno do sagrado feminino*, no Caderno de Ciências Sociais da URCA.

com suas roupas coloridas, pedintes de vários lugares, turistas, devotos, comerciantes, artistas, entre outros.

Entretanto, o que me chamou a atenção inicialmente foram as imagens expressivas das mulheres romeiras, evidenciadas nas maneiras de vestir, nos gestos, nos comportamentos e nas atitudes, diante do sagrado. Um cenário fluido e complexo que pode confundir o olhar de investigação. Confesso que, por algum tempo, foi exatamente isso que me aconteceu. Quando parava, para pensar nas diversas possiblidades de pesquisa que esse campo oferecia, sentia-me perdida; porém, a cada mergulho exploratório, fui juntando elementos para pensar meu objeto de estudo. Fui "aprendendo a olhar para a romaria, na sua complexidade de fenômeno religioso pulsante, com constantes rupturas, transformações e continuidades" (OLINDA; OLIVEIRA, 2016, p.20).

Esse olhar inicial foi direcionado para as expressões devocionais do feminino nas romarias. De acordo com Ferrarotti (2014, p. 5):

> É no olhar que acontece o primeiro encontro, a participação do humano ao humano. [...] É no olhar do outro que nasce a consciência de si mesmo. O olhar é, então, a presença e o sentido dessa presença. [...] O olhar é o primeiro passo, um passo essencial para a construção da comunidade humana.

Olhar essa realidade permitiu perceber os aspectos singulares que, a princípio, não foram tão perceptíveis. Isso exigiu mergulhar no campo, estar lá presente, sentindo e testemunhando a presença dessas mulheres, com suas expressões marcantes, por vezes dramáticas e inusitadas. Estas despertaram em mim emoções difíceis de serem traduzidas em palavras, pois foram, aos poucos, fazendo emergir memórias da infância, quando vivenciei, com minha avó materna, a experiência de fazer uma romaria. Portanto, foi nesse encontro de olhares cruzados e partilhados que fui percebendo essas mulheres, seus traços comuns e suas singularidades.

O exercício de olhar, enquanto prática da pesquisa etnográfica, possibilitou "enxergar" as romeiras devotas engajadas, aspecto até então inusitado para mim e para os estudos que abordam o fenômeno das romarias. Isso trouxe um salto de percepção para o delineamento do objeto de estudo, pois, para além da ação de devoção, dei-me conta da condição de engajamento sociorreligioso dessas mulheres e seu papel na produção de experiências de formação. Nesse sentido, corroboro o pensamento de Laplantine sobre a

importância do olhar etnográfico, pois para ele esse olhar "não é da ordem do imediatamente visto, mas da visão mediada, distanciada, diferenciada, reavaliada, instrumentalizada" (LAPLANTINE, 2004, p. 18).

A percepção de engajamento das romeiras só foi possível devido ao acompanhamento sistemático da Reunião das Três Horas, pois fui me dando conta de que, além das características de devoção, as participantes desse evento demonstravam um grande envolvimento com as questões sociorreligiosas, discutidas e encaminhadas pelas ações de mobilização empreendidas nas reuniões. Diante disso, fui constatando que, na medida em que as principais atividades do encontro são direcionadas para a escuta e o apoio social, põem em evidência as experiências religiosas de suas participantes. Comecei, assim, a refletir sobre os aprendizados mobilizados na trajetória romeira e mais especificamente nos conhecimentos produzidos com a participação nessa reunião, questionando-me se a participação nesse evento constitui a construção de saberes e experiências, potencializadoras de empoderamento e engajamento social.

Em 2011, esbocei a primeira versão do meu projeto de pesquisa, focando as leituras preliminares sobre romarias, como objeto de estudo, e a história religiosa de Juazeiro, finalizando, em 2012, com leituras iniciais da abordagem história de vida em formação. Em 2013, fui aprovada na seleção do Doutorado, o que me possibilitou aprofundar o estudo sobre a abordagem biográfica, de forma mais ampla e conceitual. Ao mesmo tempo, comecei a entrevistar mulheres romeiras, no espaço do encontro romeiro. Essas entrevistas exploratórias me ajudaram a delinear o objeto de estudo, que ficou direcionado para as construções biográficas[19] das mulheres romeiras devotas e engajadas na Reunião das Três Horas. A partir da definição do objeto de estudo, propus os seguintes questionamentos:

- ✓ Como a romaria repercute na constituição de experiências fundadoras e formadoras da identidade e subjetividade das mulheres romeiras, participantes da Reunião das Três Horas, e como estas se tornam aprendizados vitais, contribuindo para a formação sociorreligiosa dessas mulheres?

[19] As construções biográficas são entendidas aqui na perspectiva de Delory-Momberger (2014, p. 64 a 67), explicado anteriormente, como representações que expressam a forma como os indivíduos contam suas histórias para si mesmo e para os outros, fazendo, com isso, uma figuração narrativa de sua historicidade, quando articulam passado, presente e futuro, numa tentativa de projeção de suas intencionalidades existenciais, denominada pela autora como projeto de si.

- ✓ Em que medida o processo de biografização, consubstanciado pelas entrevistas narrativas e pelos fragmentos biográficos, apresentados na Reunião das Três Horas, contribuim para um processo de figuração pública de si[20], potencializador de empoderamento individual e coletivo?

Diante desses questionamentos, procurei identificar os principais acontecimentos da trajetória romeira, a partir de três condições que constituem suas experiências sociorreligiosas: a escolha pelas romarias (como me tornei romeira?); o início da prática romeira (que me fez ser romeira?); a permanência nas romarias (o que me mantém em romaria?). Esses momentos são marcos importantes na vida das mulheres romeiras, como pude comprovar nas suas narrativas biográficas. Podemos compreender esses momentos como as experiências que reconhecemos como "*momentos* constitutivos de sua existência" (grifo da autora), conforme esclarece Delory-Momberger (2014, p. 336).

Estes divisores foram sendo revelados, à medida que eu avançava na construção das histórias de vida delas. Diante da recorrência às narrativas, considerei as condições de *ser, estar* e *permanecer* em romaria, como categorias essenciais de análise e interpretação da pesquisa. Aprofundando o processo de interpretação, deparei-me com três perspectivas que emergiram do material biográfico analisado: *o tornar-se romeira, o ser romeira devota* e o *fazer-se romeira devota e engajada*. Isso me levou a perceber que essas categorias são complementares e estão diretamente correlacionadas, como pude comprovar, com a análise das narrativas da experiência religiosa e social.

Para tanto, tomei como referência as três modalidades de elaboração da experiência apontadas por Josso (2010, p. 51): "o ter experiência, o fazer experiência e o pensar sobre a experiência" estes modos de elaboração geram um movimento autoformativo e ajudam a entender "o que são as experiências formadoras numa vida" (JOSSO, 2010, p. 50).

Na pesquisa com as mulheres romeiras, o ter e o fazer experiência foram evidenciados em suas narrativas de vida, quando relataram as experiências sociorreligiosas que constituíram suas trajetórias romeiras. Já "o pensar sobre a experiência" apareceu em suas narrativas, principalmente, em trechos onde se percebe uma reflexão sobre os fatos vividos, sobretudo quando buscavam dar sentido às experiências vivenciadas. Isso foi possibilitado pelo

[20] Termo utilizado por Passeggi (2008, p.27), na discussão dos memoriais autobiográficos, "como uma arte profissional de tecer uma figura pública de si, ao escrever sobre recortes da vida: o processo de formação intelectual e o de inserção profissional no magistério".

conjunto de atividades biográficas, realizadas no decorrer da pesquisa, que, geralmente, provocavam nelas um movimento de autorreflexão favorecido, pelo tempo que elas tinham entre uma atividade e outra: consequentemente, podiam refletir sobre o que tinham narrado sobre suas vidas, fato que pude constatar, pelas interações que mantínhamos via redes sociais e, algumas vezes, por telefone. Nessas conversas elas expunham algumas considerações sobre o que haviam relatado, nos momentos de entrevistas, ou expressavam o desejo de inserir mais informações. Além disso, no processo de finalização da pesquisa, criei uma atividade que denominei de Vivência Biográfica Integrativa, que teve como objetivo integrar e partilhar as experiências narradas, a qual se constituiu num momento de reflexão sobre a trajetória romeira e os aprendizados construídos nesse percurso.

Josso (2010, p. 36) destaca que a experiência formadora é uma aprendizagem que pode ser enriquecida, por meio de práticas biográficas, como a que realizei com as interlocutoras do estudo. Para a autora, essa aprendizagem experiencial articula "o saber-fazer e os conhecimentos, funcionalidade e significações, técnicas e valores, num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros". Assim, fui juntando elementos para compreender os sentidos atribuídos às experiências sociorreligiosas, vivenciadas pelas mulheres romeiras.

Ao interpretar as histórias de vida das mulheres romeiras, procurei compreender como os aprendizados sociorreligiosos, expressos nas suas construções biográficas sobre o caminhar, o cantar, o rezar e o narrar, tornam-se uma experiência formadora de suas identidades e subjetividades. Como afirmam Olinda e Oliveira (2016, p. 21), "a experiência religiosa é particular, mas se efetua no mundo da cultura, portanto, das relações, dos símbolos, dos ritos e da vivência coletiva". Para perceber essa dinâmica, é necessário olhar "compreensivamente as romarias", educando "todos os sentidos para apreender o hibridismo da prática, para entender o dito e o que ficou em formas cifradas" (OLINDA; OLIVEIRA, 2016, p. 22).

Por conseguinte, a experiência religiosa, vivenciada no contexto das romarias, pode ser tida como um fenômeno social total, pois encerra práticas totalizantes da experiência religiosa. Hervieu-léger e Willaime (2009), ao apresentarem o pensamento de Georg Simmel sobre o campo religioso, destacam que o religioso é concebido por Simmel[21] como categoria

[21] Georg Simmel (1858-1918) é um autor clássico da sociologia; dentre as várias temáticas estudadas por ele destaca-se sua contribuição para o campo religioso. A sociologia de Simmel realiza um esforço notável para ligar o plano macrossociológico ao micro, a problemática da diferenciação social e religiosa à perspectiva da experiência religiosa do indivíduo, colhido no concreto da vida cotidiana e das relações sociais. A principal obra de Simmel

fundamental, que tem necessidade de conteúdo e manifesta uma flexibilidade de seus caracteres formais, pela extensão do conteúdo material que ele pode indefinidamente suportar. Nesse sentido, a religiosidade é uma disposição irredutível e fundamental dos seres humanos, uma "determinada disposição de ânimo interior" que, "*a priori*", constitui os seres humanos, encerra significações próprias e está relacionada com a cultura e o tempo, nos quais se expressa. Embora constantes na existência humana, suas expressões são variáveis no tempo e no espaço, apresentando-se, muitas vezes, flutuantes. Para os referidos autores, a religiosidade pode impregnar diferentes domínios da existência, sem se estabilizar em conteúdo, permanecendo fluida, como uma disposição para o religioso que pode se tornar estável, por meio da adesão a uma religião (HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 139).

Seguindo essa linha de pensamento, considero a experiência religiosa, gestada e empreendida, no contexto das romarias, como uma forma de expressão da religiosidade das romeiras e romeiros que, por meio dessa prática, constroem sentidos para a religião à qual pertencem, no caso a Religião Católica. A religiosidade, contudo, não pode ser entendida como sendo o mesmo que religião, pois esta é um produto histórico-social decorrente da religiosidade. Dessa forma, as experiências sociorreligiosas romeiras são frutos de construções sociais elaboradas por seus participantes, a partir de sua visão de mundo e realidade, assim como de suas vivências cotidianas e das experiências religiosas vividas por elas, ao longo da história das romarias a Juazeiro do Norte.

Para compreender como essas mulheres percebem as experiências sociorreligiosas vivenciadas por elas, ao longo de suas trajetórias romeiras, enquanto forma de construção da realidade vivida, parti do pressuposto conceitual de Berger e Luckmann (2012), que consideram a realidade da qual temos consciência e o conhecimento que temos dela, como um produto da sociedade, que é construída por homens e mulheres. Assim, ao mesmo tempo em que o ser humano constrói e molda a sociedade, é por ela influenciado e moldado. Conforme os autores, essa realidade é entendida, no âmbito sociológico, como o conjunto de fatos que acontecem no mundo, independentemente da vontade do indivíduo, mas que, ao ser vista e percebida em

---

sobre a religião delineia a sua perspectiva epistemológica "relacionista", é a obra *Die Religion* (1906) que se constitui um importante banco de prova das potencialidades heurísticas dessa perspectiva; nela, Simmel sustenta que o conteúdo das nossas representações é um só, e é tirado do mundo da experiência cotidiana, mediante a sensibilidade, como também é um só o fluxo das experiências (*Erleben*). Contudo, são diferentes as formas dentro das quais o único conteúdo é representado e pensado. As várias formas culturais — da religião à arte, da filosofia à ciência — constituem, para Simmel, outros tantos mundos entre si irredutíveis, que permanecem em nós e diante de nós, como virtualidades ideais (MARTELLI, 1995, p 217-259).

perspectivas diferentes, forma o conhecimento.

Não é pretensão minha colocar no espaço deste trabalho a discussão das nuances epistemológicas que envolvem a compreensão do que seja "experiência". O que me parece imprescindível é focar na conceituação de experiência, concebida por Josso em *Experiência de Vida e Formação*, que retomo aqui como referencial teórico e metodológico, para abordar as narrativas da experiência sociorreligiosa das mulheres romeiras. Ressalto saber que esse conceito tem fundamentos pontuados nas ciências humanas, porém me detenho no que Josso (2010), Larrosa (2002) e Passeggi (2011) trazem para o entendimento desse conceito, dentro da abordagem das histórias de vida, a partir do paradigma biográfico, que coloca o sujeito aprendente[22] no centro dos processos vivenciados, considerando esse sujeito como singular-plural[23], em constante vir-a-ser no mundo.

Ao receber o chamado para pesquisar em romarias, propus-me não só a compreender as tessituras do mundo de vida dessas mulheres, mas também compreender a mim como pesquisadora-romeira. Fui entendendo essa condição, à medida que vivia a experiência de desvelar o que é meu e o que é do outro (as romeiras), num percurso sociorreligioso e existencial, a partir da compreensão das aprendizagens que dão forma à experiência do ser romeira, no contexto contemporâneo de Juazeiro.

Estas reflexões me ajudaram a pontuar os aspectos mais importantes que constituíram o caminho percorrido, na elaboração da tese, construída a partir da minha compreensão e interpretação da situação estudada, entendida aqui como um "olhar pra fora" (CORDEIRO, 2011, p. 12), ou seja, para as experiências sociorreligiosas das mulheres romeiras. E um olhar para dentro, referente às minhas percepções sobre as implicações desse estudo, na minha trajetória como mulher, educadora e pesquisadora-romeira. Foi nesse duplo movimento de < olhar para fora e para dentro >, como proposto por Laplantine em *Aprender Antropologia* e em *A Descrição Etnográfica*, que teci as considerações acerca da reflexividade epistêmico-metodológica, empreendidas nesse "artesanato intelectual" (WRIGHT MILLS, 2009)[24].

---

[22] "O termo aprendente quer enfatizar o ponto de vista daquele que aprende e o seu processo de aprendizagem" (JOSSO, 2010, p. 27)

[23] Conceito utilizado por Josso, para designar a globalidade da pessoa, o qual mostra a "necessidade e evidência de considerar o ser humano como um sujeito-ator singular-plural de sua vida, capaz de ser um interlocutor ativo, inclusive ator num processo de pesquisa" (JOSSO, 2010, p. 60)

[24] Wright Mills, em seu livro *A Imaginação Sociológica*, chama a atenção para a indissociabilidade entre a produção intelectual de um pesquisador e sua vida pessoal e profissional. Nesse texto, ele denominou de artesanato

A condição de pesquisadora-romeira foi o mote impulsionador desse processo, pois ao escolher investigar as histórias de vida das mulheres romeiras, a partir da pesquisa (auto)biográfica deparei-me com cenários, dentro e fora, que, além de me afetarem, trouxeram-me recordações-referências[25]. Ancorada nessa abordagem, que traz em seu bojo o caráter científico da "subjetividade explosiva" e da "historicidade absoluta"[26] (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 21), pude interpretar o que sou hoje e o que eu fiz com o que a vida me trouxe (JOSSO, 2010). Com isso, fui construindo sentidos para esse processo autoformativo e existencial.

> Auto-bio-grafar é aparar a si mesmo com suas próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar; aperfeiçoar; resistir ao sofrimento, cortar o que é excessivo e, particularmente, como se diz, no Nordeste do Brasil, aparar é ajudar a nascer. Esse verbo rico de significado permite operar a síntese de sentido de bio-grafar-se, aqui entendido, ao mesmo tempo, como ação de cuidar de si e de renascer, de outra maneira, pela mediação da escrita (PASSEGGI, 2008, p.27).

Nesse sentido, possibilitou-me refletir sobre meu percurso sociorreligioso, ao tempo em que eu buscava conhecer o percurso de vida das romeiras e suas experiências religiosas. Esse movimento fez-me compreender a *práxis* da pesquisa (auto)biográfica e da pesquisa etnográfica[27], que conclamam um saber compartilhado e construído num esforço conjunto entre pesquisador e pesquisado. Nesse desafio, senti-me convidada a ser, também, sujeito na minha própria pesquisa, ao tempo em que propus, em sintonia com os princípios da abordagem (auto)biográfica, que minhas interlocutoras fossem elas próprias sujeito de suas construções biográficas.

Essas compreensões possibilitaram, também, justificar a escrita da história desta

---

intelectual a forma como essa relação acontece, no trabalho de campo. "Nesse sentido, ver o trabalho de pesquisa como um ofício ressalta a importância da dimensão existencial, na formação do pesquisador".

[25] Termo usado por Josso (2010, p. 37) para designar "elementos (simbólicos) constitutivos da formação... dimensão concreta ou visível que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores." Estas podem ser consideradas como "experiências que podemos utilizar, como ilustração numa história, para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo..."

[26] Para Ferrarotti (2010, p.42), essas expressões marcam as especificidades do método biográfico, pois expressam a possibilidade, conforme Delory-Momberger citando Ferrarotti, de "conhecer o social, a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual, [...] de ler uma sociedade, por meio de uma biografia" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p 21).

[27] Escolhi a pesquisa (auto)biográfica e a etnografia como abordagens teórico-metodológicas de construção de dados, entretanto o biográfico é o referencial principal de produção de conhecimento na tese, tanto em relação aos achados empíricos quanto as ponderações epistemológicas.

tese, a escolha pelo objeto desta pesquisa e, como as minhas andanças conduziram-me aos caminhos teórico-metodológicos da abordagem (auto)biográfica, como vertente principal desse estudo, na produção e interpretação da situação investigada. Desse modo, senti-me no lugar de sujeito desta história, desta investigação, pois, como pontua Ferrarotti (2010, p. 19), o pesquisador é parte integrante da pesquisa, é "ele próprio um 'pesquisado' [...] o observador está completamente implicado no campo do seu objeto que é, ele próprio, modificado em virtude de sua posição nesse campo".

Diante dessas tessituras, senti-me autorizada a narrar, também, minhas experiências sociorreligiosas, por ter percebido que as histórias das mulheres romeiras são também minha história, pois me vi na história delas, assim como as vi em minha história, guardando as singularidades e especificidades de nossos "lugares", num encontro marcado por identificação e estranhamentos. Estes foram compreendidos e interpretados, ao longo do texto, quando empreendi o movimento de passagem do "olhar" e do "ouvir" para o "escrever" (OLIVEIRA, R., 2000, p. 17), enquanto condições essenciais do trabalho de pesquisa. Para tanto, não perdi de vista que "cada grupo humano, como também cada indivíduo, fornece a si próprio e aos outros racionalizações de suas condutas, que consistem em modelos conscientes" (LAPLANTINE, 2005, p. 184) que o pesquisador adota para analisar os materiais produzidos.

Posso dizer que essas escolhas não foram neutras e nem destituídas de sentidos, elas remeteram à própria ressignificação de minha identidade e subjetividade, enquanto mulher, educadora e pesquisadora-romeira. Essas condições, tidas aqui como referência da pessoa que hoje sou, foram retomadas e refletidas, a partir de uma (auto)interpretação de meus percursos formativos e existenciais, descritos na minha autobiografia sociorreligiosa[28].

Embalada por benditos, fui ouvindo melodias do vivido, em forma de memórias (cantadas, faladas e sentidas), tempos e espaços que foram compondo o cenário de um todo: nossas vidas, minha e das cinco romeiras escolhidas para participar da pesquisa. Como afirma Josso (2004, p.48) "[...] vivências atingem o status de experiências, a partir do momento em que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido". Foi esse movimento que me propus fazer, ao aceitar o desafio de biografar-me, ao tempo em que buscava o contar-se das mulheres romeiras. Um chamado para ir além do visível,

[28] Apresento minha autobiografia no capítulo 2, onde exponho reflexões sobre o meu caminho de autotransformação e (auto)formação, evidenciando minhas construções biográficas sobre os sentidos existenciais e profissionais, atribuídos a minha condição de pesquisadora-romeira.

do conhecido e familiar. Um chamado para percorrer as trilhas da existência, com a força da invenção sempre criativa da subjetividade, da emoção e do inusitado.

O processo investigativo teve como cenário as romarias a Juazeiro do Norte e, mais especificamente, a Reunião das Três Horas, descrita anteriormente, e teve como referenciais empíricos três fontes: a) as narrativas biográficas, produzidas por mulheres romeiras, expressas nas entrevistas narrativas e, posteriormente, transformadas em histórias de vida; b) os fragmentos biográficos (testemunhos e benditos), expostos nessas reuniões e na atividade integradora que realizei com elas, a partir da apresentação de álbuns autobiográficos e de mandalas de saberes romeiros construídos por elas; c) observações participantes, registros audiovisuais, entrevistas focalizadas e o diário de itinerância (BARBIER, 2002). Foi realizado em três etapas: (1) exploratória, (2) trabalho de campo e (3) análise e interpretação do material construído e coleta, no decorrer da pesquisa.

Na **etapa exploratória,** realizei observação participante na Reunião das Três Horas, com o intuito de conhecer o cenário da pesquisa e me aproximar de seus participantes. Durante essas observações, fiz registros audiovisuais da dinâmica do evento, o que me possibilitou organizar um breve documentário sobre a Reunião das Três Horas[29]. Fiz, ainda, entrevistas focalizadas com as romeiras e com membros da equipe da Pastoral da Romaria, que me ajudaram a definir o objeto de estudo, caracterizar o cenário da pesquisa e selecionar as interlocutoras do estudo.

No final desta etapa, selecionei cinco mulheres romeiras participantes da Reunião das Três Horas. Estas foram escolhidas, a partir do critério de adesão à pesquisa, em todas as atividades do trabalho de campo. As romeiras escolhidas residem na cidade de Maceió, no Estado de Alagoas, participam das romarias, desde a juventude, quando iniciaram as suas trajetórias como romeiras. Todas exercem funções de liderança, perante os outros romeiros e romeiras de sua localidade. Com idade entre 50 e 70 anos, são participantes ativas das pastorais e grupos da Igreja Católica, além de demonstrarem o engajamento no movimento romeiro de Juazeiro e em suas comunidades.

[29] Esse processo inicial de observação, foi realizado em parceria com minha orientadora que, na época, estava realizando uma pesquisa sobre juventude e romarias. Apresentamos o resultado dessa parte inicial da pesquisa, na forma de texto e vídeo no V CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, que teve como tema central *Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar*. O evento ocorreu, no período 16 a 19 de novembro de 2014, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde foi apresentada a comunicação – *Entre benditos e testemunhos: A escrita de si na experiência romeira.*

A **pesquisa de campo** compreendeu observação participante, realização de entrevistas narrativas, construção de álbum autobiográfico e de mandalas de saberes. Dando continuidade às observações, fiz registros audiovisuais dos fragmentos biográficos, apresentados pelas romeiras que participaram do evento, na ocasião das gravações. Logo após, realizei entrevistas narrativas, inspiradas nos procedimentos descritos por Jovchelovitch e Bauer (2002). A pesquisa contemplou, também, a construção dos álbuns autobiográficos, onde cada romeira retratou sua imagem de si. Estes foram apresentados por elas, num encontro que marcou a finalização da pesquisa. Nessa ocasião, elas participaram da Vivência Biográfica Integradora, criada por mim, com a intenção de favorecer um momento de reflexão e partilha das narrativas biográficas, a partir da metodologia das mandalas de saberes.

De acordo com Lima (2014, p. 181 a 191), as Mandalas de Saberes são uma metodologia desenvolvida pela Casa da Arte de Educar, a partir de suas experiências em educação e formulação de metodologias educacionais. Esse instrumental tem sido utilizado, em diversos contextos de educação integral, contribuindo, assim, para a "articulação de saberes e linguagens diferenciados e tem como objetivo contribuir para a conquista de uma educação mais dialógica através da instauração de um campo de conhecimento intersetorial". Estes aspectos são detalhados no terceiro capítulo, onde descrevo a abordagem epistêmico-metodológica do estudo.

Registrei as observações empreendidas no cenário da pesquisa, no diário de itinerância, conforme especificações sugeridas por René Barbier (2002). Esse instrumental serviu como caderno de campo e como diário das minhas vivências, empreendidas no decorrer da pesquisa: nele registrei minhas afetações e implicações. Nesse sentido, o diário englobou minhas reflexões e ponderações dos processos (des)construídos e ressignificados pela minha condição de pesquisadora e romeira, como apresento na minha autobiografia, no final desta introdução.

O material produzido e coletado, ao longo da pesquisa, foi analisado com base no método de análise textual discursiva, proposto por Moraes (2003). Organizei essa etapa em três momentos: 1) análise das observações etnográficas, realizadas na Reunião das Três Horas; 2) análise dos fragmentos biográficos, coletados nesse evento; 3) análise das entrevistas narrativas, construídas com as romeiras.

Esses resultados foram articulados às "reflexões de si", construídas no momento de partilha e integração das narrativas biográficas, com a finalidade de cruzar as informações

obtidas e, com isso, interpretar como elas perceberam a experiência de poderem contar suas vidas. Busquei, assim, verificar se esse acontecimento provocou alguma mudança na forma como essas mulheres compreendem a si próprias, os outros e a experiência romeira. Pineau (2012) argumenta que a abordagem biográfica permite investigar como a objetividade e subjetividade são formadas. Por isso, permite focalizar o concreto, o singular, o situacional e o histórico na nossa vida. Nesse sentido, é libertadora e emancipadora por contribuir para a transformação do próprio eu.

Escolhi a abordagem biográfica, para compreender e interpretar as histórias de vida das mulheres romeiras, porque entendi, a partir das considerações teóricas de Josso sobre o caráter formador das experiências de vida, que as narrativas de vida e da experiência sociorreligiosa poderiam revelar os aspectos formadores de suas identidades e subjetividades, pois evidenciam o individual e o coletivo manifestados em suas expressões, enquanto "sujeito-ator-singular-plural de sua vida" (JOSSO, 2010, p.60), ao tempo em que revela as transformações e os sentidos múltiplos de sua existencialidade.

Seguindo essa perspectiva, pude, a partir da análise e interpretação do material biográfico, produzido na pesquisa de campo, compreender as representações elaboradas por elas sobre as motivações para *ser*, *estar* e *permanecer* em romaria, em correlação com *tornar-se romeira*, o *ser romeira devota* e o *fazer-se romeira devota e engajada*, reveladas nas narrativas biográficas. Estas categorias possibilitaram-me identificar as experiências que foram fundadoras e formadoras de suas trajetórias.

Comprovei, ainda, com a análise desse material, que essas experiências influenciam um processo de figuração de si, fruto das vivências religiosas e sociais empreendidas, na itinerância romeira e, mais especificamente, na participação e no engajamento na Reunião das Três Horas. Essa foi a via interpretativa que me possibilitou identificar e compreender as construções biográficas que implicaram processos de empoderamento nas suas trajetórias.

Essas categorias não fecharam um "tipo ideal" da condição romeira e nem reduziram as experiências vividas das romeiras a um único modo de expressão, muito pelo contrário, abriram possibilidades para eu perceber nas singularidades os aspectos plurais dessas trajetórias. Isso foi revelador da perspectiva singular-plural que essas narrativas evidenciam, pois desvelam, por meio de suas subjetividades, o caráter histórico e, ao mesmo tempo, único de cada narrativa de vida (FERRAROTTI, 2010, p 45). No conjunto, essas experiências constituem as identidades e subjetividades das mulheres romeiras participantes desse estudo.

Penso que as histórias de vida das mulheres romeiras contribuem com os estudos sobre o fenômeno das romarias, em Juazeiro do Norte, pois apresenta as formas de consolidação do movimento, de enfrentamento e resistência, da nação romeira. Diante desses fatos, procurei compreender essa mobilização, como uma construção histórica e social, em pleno desenvolvimento; portanto, muito ainda precisa ser investigado em torno dessa questão. Percebo, assim, que é necessário expandir os estudos para além dos processos históricos do fenômeno das romarias na localidade, principalmente após a reconciliação da Igreja Católica com o Padre Cícero e o povo romeiro.

Para contribuir com esse processo, mergulhei na dimensão microssocial dessa realidade, foquei nas singularidades das histórias de vida das mulheres romeiras, protagonistas importantes desse cenário, desde sua fundação, porém esquecidas e ocultadas nos relatos sociais, históricos e religiosos desse fenômeno social, se não apontadas em segundo plano, com exceção dos estudos sobre a Beata Maria de Araújo, que tem ganhado expressividade com os estudos de Renata Marinho Paz (1998), Maria do Carmo Pagan Forti (1999) e Edianne dos Santos Nobre (2014) entre outros. Almejei, com isso, alcançar, através dos processos de biografização dessas mulheres, adentrar a dimensão social e religiosa como potencializadoras de empoderamento individual e coletivo, na dinâmica formadora da experiência religiosa favorecida pelo movimento romeiro.

Para compreender as formas de participação e engajamento das mulheres romeiras nesse cenário sociorreligioso, considero ser imprescindível entender as influências dos campos teológico-religioso e sociocultural referentes à projeção das imagens da mulher no Cristianismo, ao longo de sua história. Imagens essas que, com o passar do tempo e a institucionalização da Religião Católica, passam a figurar como modelos ideais do feminino, frente à sociedade. O Cristianismo disponibiliza às mulheres os seus modelos de representação, e estas, secularmente, tendem a aceitá-los como naturais e não como histórica e socialmente construídos. Assim, a Igreja encara a mulher fixando imagens, continuamente sujeitas a processos de sedimentação do que a mulher é e do que deveria ser.

Destaco que esse é um ideal de mulher reforçado pelo Cristianismo e aceito e perpassado às sociedades que adotam essa religião. Evoca-se a imagem da mulher como: mãe, cuidadora, nutridora e guardiã das tradições. Qualificações e atribuições vistas, na perspectiva

dos estudos de gênero[30], mais especificamente nos estudos de Gebara (2009), Faur (2003), Car (1994) e Soihet (1997), como condições sociais e culturalmente construídas. Esse modelo de mulher no Cristianismo tem Maria de Nazaré, Mãe de Jesus, como principal representante e exemplo a ser seguido. A principal característica dessa condição é o sacrifício pelo outro, o desapego, o despojamento do prazer, o acolhimento e aceitação dos "desígnios de Deus", frente às adversidades da vida.

Segundo Gebara (2009, p.12), esses atributos tipo-ideal se apoiam na concepção da tradição cristã, que "afirma Maria como mulher, virgem e mãe", uma tríplice identidade que é almejada por todos e todas que buscam sua intercessão; portanto, "é a partir dessa condição biológica e cultural que os fiéis acorrem a ela, dobram seus joelhos, cantam, pedem, choram, fazem promessas e peregrinações".

Conforme a autora, essa condição está ligada ao fato de Maria ser considerada a Mãe do Filho de Deus; entretanto, destaca que pistas foram deixadas, ao longo da história da humanidade, que nos levam a entender que a constituição dessa devoção à Virgem Maria guarda raízes nos primórdios da humanidade, "toca uma relação primária de todos os seres a uma matriz originária feminina, que se manifesta de diferentes maneiras, nas diferentes culturas" (GEBARA, 2009, p. 10).

Trata-se de uma questão complexa que tem sido retomada pelas teólogas feministas, na busca, entre outras coisas, de desconstruir os estereótipos tradicionais ligados a "um modelo de mãe idealista e hierárquico, para além das mães reais", projetando referenciais maternos idealizados, a partir da imagem de Maria. Tal aspecto é importante para a fundamentação teórica da pesquisa, tendo-se em vista que esse modelo é absorvido e perpassado pelas devoções populares, como bem destaca Gebara (2009), portanto, fundamental para pensar a devoção, a participação e o engajamento das mulheres romeiras.

[30] São considerados estudos de gênero um campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender o caráter relacional do feminino e do masculino e suas múltiplas possibilidades de expressões e condições, na cultura e sociedade humanas. Gênero é um conceito útil para explicar muitos dos comportamentos de mulheres e homens em nossa sociedade, possibilitando-nos entender as dificuldades e as exclusões que as mulheres enfrentam, nos espaços públicos e privados, no âmbito familiar, social, cultural, político e religioso. Conforme Rachel Soihet (1997, p. 101), "gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas, com vistas a acentuar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico, implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual", eliminando, assim, as explicações naturalizadoras, ao tempo em que incorpora a dimensão de poder, a partir da ideia de assimetria e de hierarquia entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres e entre homens e homens. Além disso, essa perspectiva articula gênero, classe e raça/etnia. Trata-se, portanto, de um "meio de compreender as relações complexas entre diversas formas de interações humanas".

Além disso, trago à tona essa reflexão, para mostrar que a invisibilidade da contribuição social, cultural, artística e religiosa das mulheres é um fato histórico, permeado de relações de poder e exclusão que, desde o século XIX, tem sido tensionado pelo movimento feminista, com o intuito de resgatar a história da participação feminina nos diversos âmbitos da sociedade. Através dos estudos de gênero, essa discussão tem contribuído para as pesquisas, no campo das religiões. Entretanto, ressalto que a pesquisa que apresento aqui não se caracteriza como um estudo de gênero ou da discussão da condição das mulheres, no campo religioso, pois não foquei nas tessituras teóricas dessa abordagem, embora reconheça que esse enfoque seja fundamental para o avanço da discussão sobre a participação das mulheres no contexto sociorreligioso de Juazeiro do Norte.

Esses são os aspectos fundantes da história da tese que está dividida em cinco capítulos, além desta introdução intitulada **Pesquisando "em procissão, em romaria..."** que se apresenta como o capítulo 1. No capítulo 2, **A Reunião das Três Horas: resistência e acolhimento,** onde descrevo os antecedentes históricos da acolhida as romeiras e aos romeiros, em Juazeiro do Norte, situo a perspectiva pedagógica e sociorreligiosa da Reunião das Três Horas, e teço ponderações sobre a discussão do empoderamento individual e coletivo, possibilitado pela participação e engajamento de seus participantes.

No capítulo 3, **Percursos autobiográficos no caminho romeiro**, apresento minha autobiografia, focalizando os processos de autotransformação e autoformação, vivenciados na minha trajetória de vida e formação, com o intuito de construir sentidos figurativos de minhas experiências sociorreligioso-existenciais.

No capítulo 4, **Pesquisando mulheres romeiras**, descrevo, detalhadamente, a metodologia e a construção da pesquisa. Começo essa parte discutindo a epistemologia da pesquisa (auto)biográfica, no contexto da investigação qualitativa, depois descrevo as etapas, os procedimentos e o processo de análise e interpretação do material biográfico, coletado e construído ao longo da pesquisa. Além disso, situo os critérios de escolha das interlocutoras do estudo, apresentando o perfil biográfico das cinco mulheres romeiras selecionadas.

No capítulo 5, **Histórias de vida das mulheres em romaria à terra na Mãe das Dores**, desenvolvo uma discussão teórico-epistemológica da abordagem das histórias de vida em formação, situando a importância das narrativas biográficas como um instrumental heurístico e autopoiético, produtor de sentidos existenciais. Junto a isso, discorro sobre o que significa fazer uma história de vida. Depois, apresento as histórias de vida das cinco mulheres

romeiras que participaram da pesquisa.

No capitulo 6, **Narrativas romeiras: experiências sociorreligiosas e os processos formativos**, apresento as categorias: tornar-se romeira, ser romeira devota e o fazer-se romeira devota e engajada em correlação ao ser, estar e permanecer em romaria. Discuto o processo de construção da experiência sociorreligiosa, a partir das experiências fundadoras e formadoras da identidade e subjetividade das mulheres romeiras. Desse modo, apresento como elas constroem uma figura pública de si e como isso contribui para um processo de empoderamento.

Ao final, apresento as conclusões desta pesquisa, destacando **os saberes das mulheres romeiras,** numa perspectiva de síntese integrativa.

2 A REUNIÃO DAS TRÊS HORAS: RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO

[...] Foi o primeiro encontro da Pastoral da Romaria, deixando todos contentes e com muita alegria.

Agora missão aumenta cada vez mais, para vivermos unidos e todos viver em paz.

(Bendito Pastoral da Romaria de Perolina)

Neste capítulo, apresento a Reunião das Três Horas, a partir do resgate histórico da tradição religiosa de Juazeiro do Norte e da discussão sobre resistência e empoderamento, enquanto categorias que ajudam a pensar processos socioeducativos em contextos não formais, no caso aqui exposto o contexto sociorreligioso das romarias.

A experiência religiosa em Juazeiro tem especificidades que demarcam sua força e complexidade. Desde os tempos de Padre Cícero, milhares de romeiros buscam Juazeiro do Norte, considerada a "Jerusalém sertaneja", por ter se tornado o destino para muitos que viam a "terra da Mãe de Deus", como lugar de salvação, refúgio para o povo pobre do Nordeste, que buscava na fé e devoção à Mãe das Dores e ao Padre Cícero o alívio para suas dores do corpo e da alma.

Essas circunstâncias foram gestando a "nação romeira" que, entre impedimentos e controvérsias impostas pela Igreja Católica, construiu um movimento de resistência, que superou a rejeição e negação de sua participação, ao longo da história das romarias a Juazeiro, contribuindo, assim, para o empoderamento da tradição religiosa popular dos romeiros que continuam a buscar o "Juazeiro sagrado".

Parto dessas evidências históricas e sociais, para analisar como o processo de resistência empreendida pelo povo romeiro foi traçando rumos diferenciados para o fenômeno das romarias na localidade e como o movimento de acolhida aos romeiros tornou-se um divisor de águas, num contexto marcado pela hostilidade e preconceito, configurando-se em uma via de empoderamento da tradição religiosa popular das romeiras e dos romeiros que continuam buscar o "Juazeiro celeste".

2.1 As romarias e tradição religiosa em Juazeiro do Norte: antecedentes históricos

Historicamente, as romarias a Juazeiro do Norte tiveram início, em fins do século XIX, a partir do "milagre da hóstia", em 1889, "o evento mais paradigmático da vida de Padre Cícero e da história do Juazeiro" (BRAGA, 2008, p. 21), pois foi considerado por muitos um milagre e por outros um embuste[31], envolvendo no seu cerne o Padre Cícero, a Beata Maria de

[31] É vasta a literatura que trata da questão religiosa de Juazeiro, gerada após o milagre de 1889. Para as tessituras históricas apresentadas aqui, de forma breve, utilizei os de: Dela Cava, (1976); Braga (2008); Guimarães (2011); Cordeiro (2011) e Paz (2011).

Araújo[32], a hierarquia da Igreja Católica, as romeiras e os romeiros e a população da Região do Cariri.

Essa história começa a ser traçada, quando o Padre Cícero, jovem sacerdote nascido na cidade de Crato, no dia 24 de março de 1844, e ordenado sacerdote em 30 de novembro de 1870, foi exercer sua função sacerdotal no referido povoado, ao assumir suas atividades na pequena Capela de Nossa Senhora das Dores, no povoado de Joaseiro[33], sendo nomeado como capelão, oficialmente no dia 26 de setembro de 1872. Padre Cícero deu início a sua função sacerdotal, inspirado por um sonho no qual ele viu Jesus Cristo e seus apóstolos[34]. Neste sonho[35], o Sagrado Coração de Jesus lhe ordenou tomar conta de uma multidão de famintos, idênticos aos retirantes das secas nordestinas. E foi exatamente isso que procurou fazer, enquanto Capelão: cuidar e orientar as pessoas que residiam no lugarejo. Tonou-se um Padre amado e respeitado, conquistou a admiração do povo e a satisfação da Diocese do Ceará (DUMOULIN, 2012, p. 29-35).

Sua fama de bom pastor cresceu no Estado, o que era reforçado por mais e mais pessoas que chegavam à localidade, em busca de seus conselhos e de melhores condições de vida. É importante destacar que o Ceará, no século XIX, foi marcado por grandes secas, o que mudou a paisagem do sertão e impactou sua população, inclusive o Cariri. Com o ciclo de

[32] "Ela nasceu em Juazeiro, no dia 26/05/1863 (antes da chegada do Padre Cícero a este povoado) e faleceu, no dia 17/01/1914. [...] Vinha de uma família pobre, humilde, e seu ofício era o de costureira. Com 22 anos, tornou-se Beata, sendo Padre Cícero seu confessor e diretor espiritual. Como criança, já tinha visões, êxtases e, desde 1886, apresentava no corpo estigmas, quando meditava a Paixão de Cristo" (DUMOULIN, 2012, p.36).

[33] Até 1914, essa era a grafia de Juazeiro, a partir dessa data passou a ser denominado de Juazeiro do Norte.

[34] Segundo a versão descrita por Amália Xavier Oliveira, no livro *O Padre Cícero que eu conheci*, publicado em 1968, citado por Braga (2008, p. 81) o sonho ocorreu em 1872, enquanto padre Cícero dormia onde se hospedava em Joaseiro, quando ia realizar suas funções sacerdotais como recém-ordenado, conforme a descrição da autora: 'Sonhou que estava sentado à cabeceira da grande mesa na Escola, quando viu entrarem na sala os doze Apóstolos, tendo à frente o Coração de Jesus. Os Apóstolos colocaram-se em pé, ao lado da mesa, enquanto o Coração colocou-se atrás da cabeceira, onde ele, Padre Cícero, estava sentado. Ouviu perfeitamente a voz do Coração de Jesus dizendo, com voz forte e temível, as seguintes palavras: "Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me têm feito e me fazem, todos os dias. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir, acabarei com o mundo. E quanto a ti (disse, dirigindo-se ao Padre), toma conta deles". E, ao mesmo tempo, disse o Padre, vi que começaram a entrar na dita sala, diversos indivíduos, particularmente sertanejos, mal vestidos e quase todos descalços. Acordou sob essa impressão tão viva, que mais lhe pareceu uma realidade (OLIVEIRA, 2001, p. 57)'.

[35] Segundo a análise de Braga (2008, p. 86), é muito revelador o fato de Jesus Cristo ter aparecido no sonho de Padre Cícero, sob a "forma de devoção própria do século 19, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Isto aproxima Padre Cícero da figura típica de um sacerdote daquele século, num aspecto importante de sua práxis, onde uma devoção como esta era parte relevante da sua condição de homem religioso, de sacerdote. [...] Recordamos que o universo religioso da sua infância estava mais próximo de um catolicismo piedoso, centrado na devoção e no culto aos santos que de um catolicismo centrado nos sacramentos, estimulado pelo clero e episcopado romanizado. [...] De outra parte, devemos ponderar que o catolicismo em que Cícero foi formado como sacerdote, já era muito mais um catolicismo romanizado, com ênfase nos sacramentos, na devoção sacramental e numa adoração mais cristocêntrica, menos hagiocêntrica".

estiagem que se iniciou em 1877, agravava-se a situação "socioeconômica e política da Província do Ceará", provocando miséria, fome e sofrimento para o povo pobre, além das migrações. Isso marcou, consideravelmente, a "cultura local, porque tiveram impactos concretos sobre a vida das pessoas" (BRAGA, 2008, p. 149).

Nesse contexto, a dedicação do Padre Cícero ao povoado foi providencial. Suas ações se estenderam à organização espacial do lugarejo, à sua administração financeira e ao encaminhamento dos que chegavam à busca de trabalho e de um lugar para ficar. Ele, além de acolher, de forma religiosa, os que chegavam, procurou lhes assegurar melhores condições de vida, intercedendo, junto aos poderes públicos da época, por melhorias diversas, como recursos financeiros para a construção de estradas, açudes e poços necessários para o enfrentamento das secas que, a partir de então, se tornaram frequentes no sertão nordestino.

A atuação de Padre Cícero revelou um traço de liderança que vai além do aspecto religioso. Com ideias funcionais e adiantadas para a época, ele promoveu saídas alternativas para um contexto social, adverso e sofrido. Incansável em sua determinação de transformar o povoado em lugar próspero, não só apelava por ajuda aos poderes estabelecidos, como pessoalmente foi desenvolvendo estratégias para mudar o comportamento e atitudes dos que ali residiam. Através de ensinamentos ambientais e morais, foi construindo o cotidiano e a identidade local. Em seus planos e atitudes estavam embutidos os propósitos de tornar Juazeiro um lugar de trabalho e de fé[36].

Esse conjunto de ações sociorreligiosas executadas por Padre Cícero, aliado a sua emblemática liderança carismática, levou Juazeiro a se tornar o destino para muitos que viam na região não só um lugar melhor para residir, como também uma terra de salvação e redenção dos pecados, um espaço onde se vislumbrava "um princípio ordenador do mundo", pois nesse período "havia uma expectativa de 'fim dos tempos', concretizada no cotidiano, por meio do flagelo de secas devastadoras" (CORDEIRO, 2011, p. 131).

Braga (2008, p. 151) chama a atenção para o fato de que, associado ao aspecto social e econômico gerado pela seca, é relevante, também, perceber que para "Padre Cícero e

[36] Para Maria de Lourdes de Araújo, no livro *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*, Padre Cícero contribuiu para a formação e o desenvolvimento de Juazeiro, a partir da visão pautada no trabalho e na fé. Esse imaginário, que se tornou a base da pastoral do Padre Cícero, foi influenciado pela atuação de Padre Ibiapina "consolidada sob os preceitos da teologia mística, difundindo valores cristãos em suas peregrinações pelo sertão nordestino. [...] o trabalho do missionário Ibiapina mobilizou diferentes segmentos da sociedade em práticas religiosas e econômicas". Nesse sentido, para a autora, Padre Cícero recebeu de Padre Ibiapina a herança das missões, tendo com isso moldado sua ação pastoral, desde sua ida para o povoado de Joaseiro.

aqueles muitos que compartilhavam uma visão religiosa da realidade – como as beatas e membros de irmandades, dentre outros", a seca era vista como um castigo[37]. Na perspectiva do autor, essa convergência de fatos e compreensões "tiveram um papel importante, dentro da ambiência mística que deu origem ao milagre e o sustentou, assim como sua crença e seus desdobramentos".

Essa fase, que durou 18 anos, começou a mudar, quando a questão religiosa foi deflagrada pelo "milagre da hóstia", como ficou conhecido. Na madrugada de 1º de março de 1889, durante uma celebração do ritual em honra ao Sagrado Coração de Jesus, que era realizado, toda sexta-feira do mês, a hóstia foi transformada em sangue, ao ser recebida em comunhão pela Beata Maria de Araújo das mãos de Padre Cícero. O episódio repetiu-se por diversas vezes até 1891, não só quando a comunhão era administrada pelo Padre Cícero. Iniciou-se a partir desse ano, um conflito político-eclesiástico que ficou conhecido como "os fatos de Juazeiro" (DUMOULIN, 2012, p.36-41).

Segundo Della Cava (1976, p.45), esses episódios extraordinários que se sucederam, durante 47 dias, diariamente, levaram o reitor do Seminário de Crato, Monsenhor Monteiro, a organizar a primeira romaria a Joaseiro, "em 7 de julho de 1889, dia da festa litúrgica do Precioso Sangue". Participaram dessa romaria mais de 3 mil pessoas. O autor segue descrevendo o evento e destaca:

> Monsenhor Monteiro subiu ao púlpito e fez um sermão sobre o mistério da Paixão e Morte de Cristo que, segundo relatos, levou lágrimas aos olhos de seus ouvintes; então, agitou no ar um punhado de panos do altar que estavam visivelmente manchados de sangue; tal sangue, declarou, saíra da hóstia que fora recebida por Maria de Araújo e era, segundo o reitor, o próprio sangue de Jesus Cristo (DELLA CAVA, 1976, p.46).

Ainda, conforme esse autor, apesar da "publicidade precoce, embora pequena", dada ao milagre de 1889, a notícia não repercutiu muito no Nordeste; entretanto, quando o fato voltou acontecer, na Semana Santa de 1891, houve uma cobertura maior da imprensa do Ceará, acelerando "um conflito eclesiástico que agitou, profundamente, a hierarquia católica do

[37] Uma visão comum "dentro do contexto católico daquele século, quando vigorava um catolicismo profundamente arraigado no sentimento de culpa, decorrente de uma hiperpercepção do homem como um pecador" (BRAGA, 2008, p. 151)

Brasil", pois, somente "oito meses após a primeira ocorrência do milagre, a notícia chegou a Dom Joaquim, no palácio da diocese de Fortaleza" (DELLA CAVA, 1976, p.55).

Dessa forma, teve início a "questão religiosa" de Juazeiro, que se prolongou num "lento e tumultuado processo, através do qual a relação de Padre Cícero com o poder eclesiástico local – notadamente com Dom Joaquim, o segundo bispo do Ceará – foi sofrendo um processo de desgaste e subsequente animosidade" (BRAGA, 2008, p. 161). O conflito que se sucedeu colocou o Padre Cícero em oposição a Dom Joaquim, pois, enquanto Padre Cícero se firmava e mostrava convicção em relação à veracidade do milagre, o bispo considerava esses acontecimentos "falsos". Esse embate resultou na suspensão das ordens de Padre Cícero.

Desde então, os romeiros e as romeiras não pararam de chegar à "terra santa", ao "sagrado Juazeiro", o que ocasionou insatisfação das autoridades eclesiásticas. Estas, segundo Dumoulin (2012, p.38-39), queriam que o Padre Cícero "saísse definitivamente de Juazeiro, a fim de que se acabassem a fama do padre e as visitas à 'terra da Mãe das Dores'". Decorreu desses fatos um período de perseguição e controvérsias que alimentaram a intenção de afastar Padre Cícero e acabar com o que eles chamavam de "fanatismo". A questão não se resumia ao aspecto religioso; tinha alcance político, social e econômico, pois se refletiu nessas esferas.

Annette Dumoulin (2012, p. 30-43) demarcou a vida de Padre Cícero em quatro períodos: o primeiro, que vai do nascimento à ordenação sacerdotal; o segundo, da ordenação até o "milagre da hóstia"; o terceiro, referente à "questão religiosa" propriamente dita, até a independência de Juazeiro; e o quarto período, o que se põe entre a independência da cidade e a morte de Padre Cícero, em 20 de julho de 1934. Ao relatar cada período, a autora destaca aspectos importantes, para compreendermos como se deu o contexto social, político e religioso dos acontecimentos que marcaram a história de Juazeiro do Norte.

Já faz mais de um século que transcorreram esses fatos religiosos, entretanto, até hoje, repercutem suas implicações na tradição religiosa popular, que configura o cenário das peregrinações anuais à localidade. Dentre as especificidades, que demarcam a força e a complexidade dessa tradição, destaco o protagonismo do povo romeiro que, desde os tempos de Padre Cícero, busca Juazeiro como lugar de salvação (GUIMARÃES, 2012), onde o encontro com o divino faz-se por meio de rituais de devoção e sacrifício que traduzem suas experiências religiosas, marcadas pela tradição da religiosidade popular do Nordeste, as quais em Juazeiro, ganham particularidades, devido às sanções e proibições estabelecidas pelos poderes eclesiais diante da amplitude desse fenômeno.

É importante notar que a história vai mostrando, através de fatos e circunstâncias, como foram sendo construídas as formas de resistência que o povo romeiro foi estabelecendo, diante dos impedimentos sofridos, ao persistirem em sua fé e fidelidade ao "Padim Ciço", sem desistir de se pôr em caminhada e oração, mesmo sabendo que seria rejeitado, ao chegar à "terra da Mãe das Dores". Mesmo sem a acolhida religiosa, social ou política, eles resistiram, através de suas expressões de devoção, renovadas ou reinventadas por uma criatividade viva e ativa, possível pela condição criadora de sua realidade, assumida pelos romeiros de Padre Cícero. Ao se afirmarem como sujeitos de sua peregrinação por meio da resistência, não sucumbiram diante das imposições da igreja oficial, como destaca Guimarães (2012).

E por que os romeiros e romeiras são sujeitos ativos de sua peregrinação? Vamos encontrar essa resposta, ao nos darmos conta de que não existe romaria sem romeiros, o que nos leva a entender que é na forma como eles concebem essa ação, nos valores e atitudes que projetam na romaria, que vão criando o espaço – tempo de sua peregrinação, seus rituais e especificidades devocionais, elementos-chaves que os tornaram protagonistas das romarias. Nas palavras de Teresinha Stella Guimarães:

> No caso da Romaria a Juazeiro do Norte, o protagonismo do romeiro é ainda mais visível do que em outros centros de peregrinação [...] o Romeiro do Padre Cícero se desenvolveu como sujeito e criador de sua peregrinação. Enquanto a igreja o condenava, ele se afirmava na sua originalidade. [...] o romeiro desenvolveu, sobretudo, durante os anos de perseguição, uma 'arte de viver', de 'inventar e reinventar' as expressões de sua fé, fortificando então sua capacidade extraordinária de resistência e fidelidade. (GUIMARÂES, 2012, p. 52 a 53).

Quando olhamos os fatos históricos, percebemos que foram inúmeras as formas de resistência, tanto do Padre Cícero como dos romeiros, já que eles sofreram direta e indiretamente sansões, resultantes da suspensão das funções sacerdotais de Padre Cícero. Um exemplo disso se deu, quando a Capela da Mãe das Dores foi fechada, no período da questão religiosa, por ocasião do julgamento dos "fatos de Juazeiro", impedindo não somente o Padre de realizar suas funções, mas também negando aos romeiros o acesso a um lugar tido por eles como sagrado e indispensável, no seu roteiro de peregrinação. Os romeiros, porém, não tardaram em reinventar as formas de processar sua fé, encontrando outros lugares para a expressão de sua religiosidade, como o Horto, o caminho do Santo Sepulcro e a casa de Padre Cícero, lugares que até hoje são tidos como sagrados, atestando, assim, sua autonomia e

criatividade em suas manifestações religiosas, acrescentando novos elementos à tradição, criada e reinventada por eles.

Figura 4 – Fotografias da Casa Museu de Padre Cícero, Ladeira do Horto, Estátua do Padre Cícero e Caminho do Santo Sepulcro.

Fonte: Arquivos da pesquisa

De acordo com Guimarães (2012, p. 50 a 73), isso foi possível, devido ao sentido atribuído pelos devotos à romaria. Esses sentidos se referem a associar a romaria a uma espacialidade mística religiosa; aos valores projetados em Juazeiro como "centro do mundo", lugar de salvação econômica e religiosa; à importância dada à figura de Padre Cícero, como santo, padrinho, conselheiro e patriarca; e à romaria, como ritual de passagem e iniciação. Esses elementos demarcam atitudes, situações e apropriações que foram, progressivamente, potencializando a força da tradição religiosa popular. Esta foi se mantendo nas romarias a Juazeiro do Norte, graças à multiplicidade de fatores que foram sendo revistos e atualizados, em cada período da história religiosa e política local.

Consequentemente, as práticas e as expressões romeiras, individuais e coletivas, tornaram-se formas de resistência, de reconstituição e de sentidos, na medida em que romeiras e romeiros foram resistindo a determinações da hierarquia oficial da Igreja Católica, que procurou estabelecer modelos de condutas para os fiéis não condizentes com suas práticas

devocionais. Tais proibições não impediram que eles continuassem a fazer suas peregrinações, suas promessas, seus ritos de sacrifício e devoção. Isso atesta o poder de enfrentamento, superação e resistência da tradição religiosa popular, vivenciada na localidade.

Nessa perspectiva, considero que essas práticas são formas de resistência da tradição religiosa popular de Juazeiro, pois evidencia como o povo romeiro foi se apropriando desses espaços, mesmo sofrendo preconceito e sanções, burlando ou se desprendendo das normas estabelecidas pelos poderes eclesiais da época. Portanto, a resistência romeira foi se construindo, à proporção que foram sendo requisitadas novas formas de enfrentamento, perante os impedimentos, ou mesmo diante da negação de suas presenças em Juazeiro.

2.2 O movimento de acolhida à nação romeira

As romeiras e os romeiros foram criando e recriando condições materiais e simbólicas de autonomia para suas expressões religiosas. Isso implicou modificações nas formas de relacionamento estabelecidas entre a Igreja Católica e o povo romeiro, principalmente a partir das iniciativas de Padre Murilo, que, além de olhar de forma sensibilizada para as condições precárias de acolhimento praticadas até então, desenvolveu estratégias de celebração eucarística, confissões e festividades que foram transformando os sentidos atribuídos à própria romaria, como expõe José Carlos dos Santos, em entrevista concedida, em outubro de 2015, enquanto ocupava a função de coordenador da Pastoral de Romaria.

> Quem, na verdade, estruturou toda essa movimentação das romarias foi padre Murilo, porque ele foi tomando iniciativas para poder dar um sentido e significação da própria romaria, porque, antes do padre Murilo, os romeiros vinham para Juazeiro, só que, como a igreja não dava muita assistência, então o romeiro fazia sua romaria da forma que era possível; às vezes, tinha a missa, mas, depois, a igreja fechava a porta e pronto. Não tinha acolhimento, não tinha padres confessando, as missas não tinham uma celebração com os cânticos dos romeiros. A partir da chegada do padre Murilo e desse olhar pastoral dele pras romarias dentro do sentido próprio, hermenêutico [...] Então ele adotou uma prática de acolhimento, teve a iniciativa de colocar na festa da padroeira os noitários e dentro de alguns noitários a participação específica de alguns grupos religiosos e civis, alguns movimentos de Juazeiro como, por exemplo, a noite dos chamados carregadores, chapeados e carroceiros. Daí foi

> criada a procissão das carroças; aquela noite tem quarenta e três anos de existência, e essa procissão era exatamente nesse sentido de congregar o que em Juazeiro tinha muito naquela época, os chapeados, os carregadores de feiras e os carroceiros.

Padre Murilo, além de abrir as portas da igreja matriz não só durante as missas e confissões, criou celebrações específicas para o público romeiro, valorizando seus cânticos e expressões devocionais, como foi o caso das procissões que se tornaram tradição, dentro da programação da Romaria de Nossa Senhora das Dores. Foi iniciativa, também, de Padre Murilo a Procissão dos Caminhões e ônibus que homenageiam Nossa Senhora das Dores, no dia 14 de setembro, num cortejo que atravessa a cidade, de forma alegre e festiva. Nessa procissão, iniciou-se a tradição de os romeiros e romeiras, que estão dentro dos carros, jogarem bombons para os moradores da cidade; em troca, os moradores oferecem água aos participantes da procissão. Essa é uma das procissões mais movimentadas das romarias juazeirense.

Figura 5 – Fotografias da Procissão de caminhões e ônibus, da Procissão das carroças.

Fonte: Arquivos da pesquisa

Padre Murilo criou, também, a Despedida do Romeiro e a Bênção do Chapéu que, desde sua época, é um momento de bênçãos dos objetos considerados sagrados, adquiridos na romaria, como os terços e as imagens de santos. São abençoados, ainda, os carros, pois os romeiros e romeiras acreditam que, recebendo essa bênção, terão um retorno para suas casas em segurança; essa tradição persiste até os dias atuais. Essa celebração acontece, ao meio dia,

na Basílica de Nossa Senhora das Dores, e é marcada por um clima de emoção, saudade e agradecimento, como pude observar, durante a pesquisa de campo.

Figura 6 – Fotografia da Despedida do Romeiro, Bênção dos objetos sagrados.

Fonte: Arquivos da pesquisa

Portanto, foi através das iniciativas de Padre Murilo que novos sentidos foram sendo agregados ao fazer das romarias e, consequentemente, foram ampliando o movimento de recepção ao povo romeiro. Foi acontecendo uma estruturação e ressignificação dos momentos de celebração e práticas romeiras dentro da própria organização das romarias, assim como na forma de perceber e envolver o povo romeiro na programação oficial. Conforme José Carlos, com essa atitude, padre Murilo valorizava as práticas e iniciativas romeiras e com isso fortalecia sua autonomia e presença:

> Ele deixava porque as pessoas quando chegava a Juazeiro, trazia muito os seus rituais próprios como entrar na igreja de joelhos e cantando, de trazer o andor dos santos da sua comunidade. O local pra colocar as imagens, então todas essas vamos dizer assim, essas manifestações eram extremamente valorizadas. Vinham muitos grupos como os Penitentes de vários estados, os índios e os quilombolas. Então todo esse publico vinha. Os cantadores populares,

> também, vinham e entravam na igreja cantando e padre Murilo deixava que eles se manifestassem da sua forma, o mais espontâneo e mais voluntariamente possível. (Entrevista concedida em outubro de 2015)

Com a chegada das Irmãs Annette Dumoulin e Ana Teresa Guimarães, na década de 1970, essa forma de acolhimento ganha uma nova configuração, implicando, também, novos sentidos e ressignificações atribuídas ao itinerário romeiro. Dentre essas reconfigurações, a mais preponderante foi a atitude de incentivar a expressão das romeiras e romeiros por meio de suas falas e testemunhos. Pedagogicamente, é possível dizer, que essas ações ajudaram essas pessoas perceberem seu lugar nesse contexto e se sentirem sujeitos desse processo.

Figura 7 – Fotografias de Irmã Annette e Irmã Ana Teresa

Fonte: Arquivos da pesquisa

As duas irmãs vinham de uma experiência de estudo e participação nas Comunidades Eclesiais de Base em Recife, o que foi extremamente positivo para o que elas desenvolveram, posteriormente, em Juazeiro. Além disso, Irmã Annette, antes de chegar ao Brasil, tinha se graduado em Ciência da Religião e fez Mestrado e Doutorado em Ciência da Educação, com especialidade em Psicologia da Religião; isso ocorreu entre 1964 e 1970, quando decidiu conhecer o Brasil e as CEBs.

Figura 8 – Fotografias de Irmã Annette Dumoulin.

Fonte: Arquivos da pesquisa

Sem sombra de dúvida, essa formação, aliada a sua experiência de vida, a qual traz a marca das lições apreendidas com o pai, durante a Segunda Guerra, de que "a felicidade consiste em ajudar os outros", foi a base para seu engajamento na luta pela valorização da cultura romeira, influenciando seu olhar de sensibilidade, diante dos devotos de Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores[38].

> [...] a gente ficou tão empolgada, tão emocionada, como religiosa, não somente como pesquisadora, de ver milhares, milhões de romeiros chegando, precisando de uma acolhida, do amor, da compreensão, da escuta, que eu logo percebi, em uma noite de São João, eu me lembro, ainda, lá no Horto, eu percebi que meu lugar não era em Louvain, toda a minha formação era pra chegar aqui, pra ser cantora de romeira, pra ficar no meio deles (Entrevista concedida em 01/02/2014)[39].

No início, elas ajudavam Padre Murilo com as confissões, devido ao grande número de pessoas para confessar, pois, nessa época, ele quase não contava com a ajuda de outros padres, fazia praticamente sozinho esse trabalho. Isso acontecia, segundo José Carlos dos Santos, devido a uma baixa participação de outros padres:

---

[38] Eu e Ercília Maria Braga de Olinda construímos a história de vida de Irmã Annette, que foi apresentada no texto *A presença evangelizadora da Irmã Annette Dumoulin: viver como Cristo viveu, ensinar como Cristo ensinou!*, o qual compõe o livro *Vidas em Romaria*.

[39] Utilizei nesse texto fragmentos de duas entrevistas realizadas com Irmã Annette, uma realizada no dia 01/02/2014, de caráter mais exploratório, e outra na perspectiva da entrevista narrativa, realizada no dia 05/02/2015. Esta última foi realizada juntamente com a professora Ercília; posteriormente, trabalhamos essa entrevista e construímos a história de vida de Irmã Annette, como exposto na nota anterior.

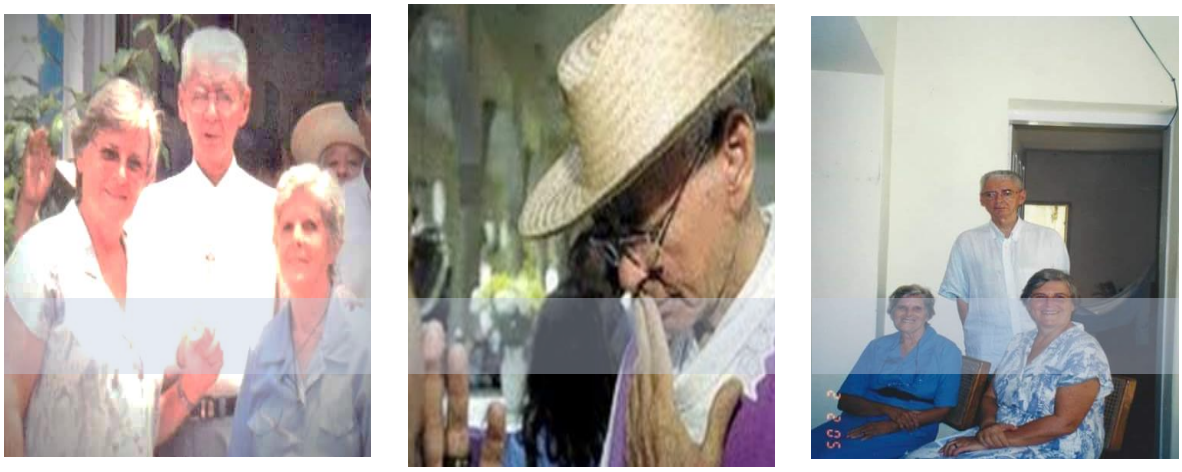
> É importante destacar que não vinham muitos padres romeiros, como vêm hoje; a presença dos padres era mínima. Os padres viam com muita desconfiança às romarias. E não existia nenhum apoio e nenhuma participação da Diocese. Não era prática comum os padres da Diocese irem confessar. O bispo só ia no dia da festa da Padroeira, igualmente como ele ia a todas as paróquias da Diocese, a missa das nove horas e tudo. Na época das romarias, o bispo não ia confessar, não ia celebrar na igreja de Nossa Senhora das Dores. Não havia essa participação, tudo era sustentado pelo Padre Murilo, que conduzia tudo. Há vinte anos, não tinha também uma ação pastoral nem nos Franciscanos, nem nos Salesianos, nem na Igreja Coração de Jesus e nem no Horto, a não ser o oferecimento dos sacramentos, missas e confissões. Quer dizer, as manifestações eram do povo mesmo fazendo a sua própria romaria. Com a chegada das irmãs, então vai ter essa nova configuração do acolhimento aos romeiros e tudo que elas se propõem. Nesse sentido, tem vários aspectos: primeiro, não havia nenhum apoio da Diocese; segundo, havia a ameaça de mexer com essa estrutura, retirar Padre Murilo. Foi um processo de perseguição, muito grande. Padre Murilo foi o primeiro, a dar um viva ao Padre Cícero. E por isso recebeu muitas acusações de aliciador de romeiros, que ali era uma indústria da fé e que Juazeiro era um centro de fanatismo. Essas eram as denominações que vinham. Porém, acredito que muitas dificuldades que a igreja e a Diocese tinham de retirar o Padre Murilo de lá, era porque não tinha outra pessoa que assumisse esse trabalho, que tivesse a disponibilidade que ele tinha. Apesar de ele ter sido formado pra ser contra o movimento de Juazeiro, contra as romarias, ele se sensibilizou com a causa romeira e fez tudo o que fez. (Entrevista concedida em outubro de 2015)

Nesse relato, destaco que foram decisivas as iniciativas de Padre Murilo e que a chegada das irmãs trouxe uma reorganização para o que ele vinha fazendo. Irmã Annette e Irmã Ana Teresa foram se inserindo gradativamente nesse cenário, absorvendo e sendo absorvidas por esse contexto. Nas palavras de Irmã Annette:

> Então, assim, começamos a trabalhar; primeiro, foi extremamente difícil de ser aceita pelo próprio Padre Murilo, porque o coitado estava numa corda bamba, numa dificuldade medonha: ser, ao mesmo tempo, Padre dessa diocese e acolhedor dos romeiros. [...] No começo, perguntamos o que poderíamos fazer para ajudar: 'Vocês quem sabem, procurem!' foi a resposta. Eu acho que ele fazia tudo pra nos convidar a desistir. Mas ele não conhecia a gente, então a gente começou a ajudar nas confissões comunitárias e ele só escutando, observando. (Entrevista concedida em 05/02/2015)

Nesse período, a função delas era preparar as romeiras e os romeiros, através de cânticos, reflexões e orações para a confissão comunitária. Esses momentos foram ganhando expressividade entre a nação romeira, que encontrou nesse formato uma oportunidade para se expressar e compartilhar coletivamente momentos de evangelização.

Figura 9 – Fotografia Padre Murilo, Irmã Annette e Irmã Ana Teresa.



Fonte: arquivos da pesquisa

Em 1979, surge a ideia de criar a Reunião das Três Horas, um momento pastoral de acolhimento e reflexão de temas sociorreligiosos, quando as romeiras e os romeiros falam de suas experiências de romaria, dão testemunho de graças alcançadas, cantam benditos, fazem orações, compartilham notícias de suas localidades e celebram num clima festivo a romaria.

Figura 10 – Fotografia de Irmã Annette coordenando a Reunião das Três Horas.

Fonte: Arquivos da pesquisa

Nesse período, também foi criada a Sala de Informação ao Romeiro, local onde eles registram suas romarias. Normalmente, esse registro é feito pelos coordenadores de romaria ou pelos fretantes, que informam o local de procedência, o número de pessoas que vieram com ele e onde ficam hospedadas. Inicialmente, funcionava dentro da igreja, na sala de confissões, posteriormente foi transferida para uma sala exclusiva. Durante um bom tempo, essas informações foram organizadas em fichas preenchidas manualmente e arquivadas por ano; quem ficava à frente desse trabalho era Irmã Ana Teresa, como relatou Irmã Annette.

> Ana Teresa ficou mais na Sala de Informação ao Romeiro, no contato individual com os romeiros, em conversas que duravam, às vezes, mais de meia hora. Ela deixava o romeiro desabafar. Confessou muitos romeiros que não podiam se confessar; uma maneira de falar, pois ela não podia dar a absolvição, mas, como eles precisavam desabafar, então eles contavam as suas histórias a Ana Tereza. E ela escutando, acolhendo e sorrindo. Ela fez um bem imenso aos romeiros, porque ela tinha um jeito de acolher. Ela ajudou muito, ajudou as pessoas que se perdiam, e as que eram roubadas; ela sempre ajeitava, dava um jeitinho de ir buscar o dinheiro na comunidade, fazer um prato de comida. Muito boa Ana Tereza; foi uma pessoa maravilhosa. (Entrevista concedida em 05/02/2015)

Essa parceria entre o Padre Murilo e as irmãs possibilitou a realização de pesquisas que abordavam o universo místico e simbólico dos romeiros, a partir da criação, em 1976, de dois centros que se complementam em suas ações: o Centro de Informações-Romeiros e o Centro de Psicologia da Religião (C.P.R.)[40], "onde se reúne até hoje o maior número possível de documentação e os arquivos ligados à história do Juazeiro" (DUMOULIN; GUIMARÃES, 2015, p.57).

Para as Irmãs Annette Dumoulin e Ana Terezinha Guimarães (2015, p.57):

> Quanto mais se entra nesse trabalho psicopastoral, mais se percebe a necessidade de falar ao romeiro e devoto do Pe. Cícero. Silenciar é uma falha pedagógica e pastoral que leva o povo a preencher o espaço vazio com uma imagem mítica do Padre, não fundamentada na realidade. Apresentar o Pe. Cícero apenas através da óptica dos que o defenderam ou condenaram é um risco de perpetuar uma polêmica viciosa.

[40] Conforme Dumoulin e Guimarães (2015, p.59), este centro "dispõe, atualmente, de umas 180 fotocópias de cartas ou borrões de cartas escritas" por Padre Cícero. Correspondem ao período de 1874 a 1934. "São cartas oficiais ou íntimas, de esclarecimentos ou desabafo, mensagem de intimação ou de conselhos aos afilhados, cartas de conteúdo religioso ou político, de negócios ou de amizade".

Essas pesquisas têm contribuído para a compreensão da cultura romeira e o contexto sociorreligioso, econômico e político que caracteriza as romarias a Juazeiro, como destaca Irmã Annette.

> Para nós, foi uma riqueza ter 'casado' dois centros: um centro de pesquisa, que se alimentava do centro de acolhimento do romeiro, e o centro de acolhimento de romeiros, que nos ajudava a pesquisar mais nos arquivos. A pesquisa nos ajudava a acolher melhor o romeiro, a entender melhor. Então eu acho que isso foi uma graça imensa, acho que poucos pesquisadores têm essa chance de poder casar a pastoral e a pesquisa científica. Continuar pesquisando, mas que os resultados da pesquisa sejam realmente a serviço do povo e vice-versa! Isso foi uma experiência maravilhosa. (Entrevista concedida em 05/02/2015)

Com as pesquisas realizadas, as irmãs foram trazendo à tona outro lado da história do Padre Cícero, inclusive obtiveram a permissão do Bispo Dom Newton para estudar os documentos que estavam arquivados na Diocese de Crato, até então desconhecidos por parte dos pesquisadores e da própria igreja. Essas pesquisas fortaleceram, ainda mais, a posição de Padre Murilo de receber bem os fiéis que chegavam a Juazeiro e a escolha das irmãs por continuarem em Juazeiro e ampliar as ações direcionadas ao povo romeiro e os estudos sobre o Padre Cícero.

Como fruto dessas pesquisas, destaco: os artigos e livros escritos pelas irmãs[41] e a criação do *Livrinho do Romeiro*, que teve seus primeiros fascículos impressos, ainda no final da década 70. Este passou a ser usado nas missas e na Reunião das Três Horas, como destaca José Carlos dos Santos:

> Uma das coisas que foi extremamente positiva foi a criação do livrinho dos romeiros, porque o livrinho era uma coisinha simples, vendido por um valor relativamente barato para atingir o objetivo de maior divulgação entre os romeiros. Eles incluíram no livro uma questão muito pedagógica, que era iniciar o livrinho com uma história que relatava histórias de vida dos romeiros, por isso foram muito explorados dentro da Reunião das Três. Esses livrinhos eram constituídos de cânticos romeiros. Eu acho que, atualmente, está se descaracterizando essa ideia inicial, pois estão sendo inseridas outras coisas além dos hinos e benditos de romeiros. Antes, podia acrescentar até o Ofício de Nossa Senhora, mas, no final, porque o foco era os benditos dos romeiros. Os livrinhos também faziam referência ao tema da Campanha da Fraternidade e, através disso, abordavam as histórias do caminho, da experiência romeira. Foi num momento, também, que a Irmã Annette estava começando a fazer

[41] Alguns desses trabalhos utilizei como fontes da minha pesquisa, portanto se encontram listados nas referências.

> muitas pesquisas e muito do que ela estava pesquisando ia para os livrinhos, como os benditos. Era a paróquia que financiava o livrinho, e o lucro era revertido em obras sociais da paróquia, como o trabalho desenvolvido na Associação dos Artesões Poço de Jacó. Na época, era a única coisa que a igreja vendia para os romeiros, não existiam campanhas como hoje. O que tinha era arrecado com as intenções de missas e a venda dos livros, Padre Murilo sempre preservou isso. (Entrevista concedida em outubro de 2015)

Figura 11 – Fotografias do Livrinho do Romeiro – Canto do Povo de Deus.

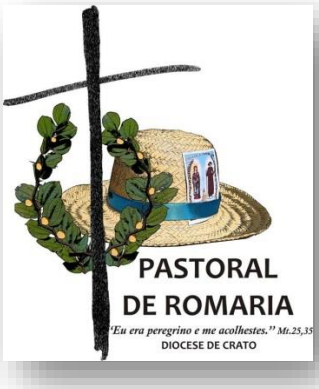
Fonte: Arquivos da pesquisa

Essa estruturação que, sobretudo, valoriza a experiência de seus participantes, marca o movimento de acolhida ao povo romeiro, de maneira mais institucionalizada. Atualmente, as ações de acolhida à nação romeira, inclusive a Reunião das Três Horas, são organizadas pela Pastoral Diocesana de Romaria, que foi criada em 2008, para favorecer uma pastoral orgânica e de conjunto entre os diversos santuários de Juazeiro, como destaca José Carlos dos Santos:

> Na época do Padre Murilo, ainda houve a tentativa de criar uma Pastoral de Romaria, no sentido de poder reunir os centros de visitação dos romeiros, as igrejas: Basílica, Salesianos e Franciscanos. Numa perspectiva de criar uma pastoral de conjunto, mas isso é naquele tempo tinha uma adversidade muito grande, porque não havia o apoio do bispo. Outra coisa, a romaria, ela não estava dentro das linhas da pastoral da igreja. A criação da Pastoral de Romaria veio dentro da perspectiva desse novo olhar da Diocese em relação à romaria, a partir de Dom Fernando. Então foi a partir de 2008 que começamos

> a pastoral; até então, as referências era toda voltada para o Padre Murilo, porque ele tinha a experiência, tinha vivência, tinha o jeito de fazer, tá certo? (Coordenador da Pastoral de Romaria, entrevista concedida em outubro de 2015)

Figura 12 – Fotografia dos membros da Pastoral da Romaria e da Logomarca.



Fonte: *site* da Basílica de Nossa Senhora das Dores

A Pastoral de Romaria é responsável pela programação institucional das romarias a Juazeiro do Norte, englobando desde as atividades litúrgicas, como as missas, as confissões, os ofícios e os devocionários, ocorridos nas igrejas consideradas santuários de Juazeiro[42]. Abrange, ainda, as festividades sociais, como a quermesse e o *Show* do Chapéu, e, também, o encontro com a nação romeira, no Círculo Operário. Além dessa intensa programação, que se inicia entre quatro e cinco horas da manhã e termina com o *Show* do Chapéu, às oito horas da noite, são disponibilizados serviços e lugares específicos para atender ao público romeiro.

Dentre esses destaca-se a Sala de Informações aos Romeiros, em que podem ser feitos: registro da viagem, pedido de bênção, anúncio para documentos e pessoas perdidas ou encontradas, distribuição de panfletos expondo a programação e informativos contendo orientações sobre lugares e serviços públicos em Juazeiro, ou reflexões sobre o tema da romaria, entre outros, como dito anteriormente. Essa sala recebeu o nome Irmã Therezinha Stella Guimarães (Irmã Ana Tereza) e está, atualmente, localizada dentro do Centro Paroquial de Assistência ao Romeiro (CPAR), órgão da Basílica de Nossa Senhora das Dores, inaugurado

[42] Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores – Matriz, Capela do Socorro, Santuário Sagrado Coração de Jesus – conhecido como Igreja dos Salesianos, Santuário São Francisco – conhecido como Franciscanos, Santo Sepulcro – Colina do Horto entre outros.

em 26 de maio de 2012. O CPAR é um grande centro de prestação de serviços e lazer que a Basílica oferece às romeiras e aos romeiros, tendo, entre outros equipamentos, bebedouros, banheiros e uma área de convivência e lazer exclusiva, onde as pessoas, que por ali passam, podem descansar e conversar, enquanto aguardam a celebração de atos religiosos.

Figura 13 – Fotografias da Sala de Informação aos Romeiros.

Fonte: Arquivos da pesquisa

Outro espaço disponibilizado ao povo romeiro é a Casa da Mãe das Dores, que foi inaugurada em 28 de janeiro de 2016; pertence à Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, através do Instituto Monsenhor Murilo[43], e é mantida por meio de doações da paróquia, de amigos, benfeitores e da Campanha Romeiros da Mãe das Dores, criada em 2010, visando a arrecadar recursos para a construção desse complexo de apoio e suporte social aos romeiros e romeiras, como podemos observar nas fotografias[44] a seguir:

[43] O Instituto Monsenhor Murilo (IMM) é uma associação constituída, por tempo indeterminado, sem fins lucrativos, de caráter socioassistencial, filantrópico, organizacional, promocional, cultural, recreativo, educacional, social e de comunicação. O IMM não possui vinculação político-partidária, nem distinção de credo, raça, etnia, classe, orientação sexual e gênero, conforme informações disponibilizadas no *site* da Basílica. (Disponível em: http://maedasdoresjuazeiro.com/artigo/o-que-e-o-instituto.html, Acessado em: 29/11/2016)

[44] Essas fotografias estão disponíveis no *site* da Basílica

Figura 14 – Fotografias do Instituto Monsenhor Murilo e da Casa Mãe das Dores.

Fonte: *site* da Basílica de Nossa Senhora das Dores

A Reunião das Três Horas, desde sua gênese até sua estruturação, contribuiu para a construção desse espaço de apoio e suporte social, destinado ao povo romeiro que chega, periodicamente, a Juazeiro. Acima de tudo, favoreceu, a partir de suas atividades sociorreligiosas, a participação e o engajamento de romeiras e romeiros em suas ações. Implicaram a criação e expansão do movimento romeiro, gestado a partir de ações e reações de resistência, que foram se fortalecendo e ganhando legitimidade, ao longo da história da cidade.

2.3 Participação, apoio social e empoderamento no contexto da Reunião das Três Horas

A Reunião das Três Horas é um evento que ocorre, mediante a participação das romeiras e dos romeiros de vários lugares do Nordeste, além dos organizadores e colaboradores que atuam no movimento romeiro, tanto em Juazeiro do Norte quanto em outras localidades. É importante situar a forma de participação evidenciada nesse evento, suas características, possibilidades e limitações, tendo em vista que considero a participação, oportunizada nesse espaço, como um fator preponderante no processo de empoderamento de seus participantes.

Participação é uma expressão de difícil definição, por não existir um consenso claro sobre seu significado, entretanto pode ser definido como ação e efeito de participar (tomar parte, intervir, compartilhar, denunciar, ser parte de). O conceito de participação social é muito utilizado para designar: a) integração, para indicar a natureza e o grau da incorporação do

indivíduo ao grupo, e b) norma ou valor, pelo qual se avaliam tipos de organização de natureza social, econômica, política, religiosa, etc. (RIOS, 1987).

Desde os anos setenta que vem crescendo a discussão acerca das diversas formas de participação direta da sociedade civil nas instituições públicas e privadas, em projetos não governamentais, assim como em grupos religiosos e leigos, como foi o caso das Comunidades Eclesiais de Base, que surgiram a partir das experiências pastorais, vinculadas ao processo de renovação da Igreja Católica, resultante da efervescência política e social desencadeada pós Concílio Vaticano II[45].

Participação pode ser definida como uma forma ativa de integração de um indivíduo a um grupo, podendo, ainda, ser compreendida como um instrumento ou como ações que diferentes forças sociais desenvolvem para influencia as atividades realizadas, em diversas instâncias sociais. O significativo desse termo adquire conotações diferentes, dependendo do grupo, categoria ou instituição que utilize. Assim, a concepção de participação social para representantes do governo federal, estadual ou municipal, dos grupos ligados à Igreja Católica, das associações de moradores, dos conselhos entre outros, expressa diferentes situações da realidade social brasileira.

De acordo com Demo (1988, p. 18), a participação é um processo "em constante vir-a-ser, sempre se fazendo. Assim, participação é, em essência, autopromoção, e existe enquanto conquista processual". Dessa forma, não pode ser entendida como dádiva, como concessão e nem como algo já preexistente, ou seja, se hoje é possível usufruirmos de espaço participativo é porque este foi conquistado.

Existem fatores que facilitam ou obstaculizam a participação, pois, embora as pessoas gostem ou sintam necessidades de participar, tanto em organizações formais quanto informais – escolas, igrejas, empresas, sindicatos, partidos, associações profissionais, associações de moradores etc., nem sempre existem condições favoráveis para que haja um engajamento e uma participação mais efetiva. Às vezes, essas barreiras que impedem a participação dizem respeito às características pessoais dos que compõem essas organizações. Portanto, podem existir condicionamentos políticos, econômicos e sociais que influenciam nos

[45] Os concílios são um momento de revisão, afirmação e transmissão da tradição da Igreja, feitos pelo Magistério, que num esforço comum buscam a preservação, defesa ou guarda e clareza da Fé e da doutrina Católica. O Concílio Vaticano II (XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica), foi convocado no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", pelo Papa João XXIII; foi inaugurado no dia 11 de outubro de 1962, terminando no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI (PASSOS, 2014, p. 5).

níveis de participação (SILVA, 2008, p.15).

Não só as formas de sistemas influenciam na participação, mas também os tipos de liderança ou direção, ou seja, o tipo de liderança democrática facilita a participação, enquanto o tipo oligárquico ou centralizado dificulta. A própria estrutura da organização, porém, pode inibir a participação, principalmente quando a distribuição das funções não se dá, de forma flexível e descentralizada, impedindo, assim, uma participação ativa de seus membros. Deve existir, também, uma flexibilidade da programação, para que se garanta uma maior participação.

A participação pode se dar em nível macro, quando se refere à sociedade como um todo, e em nível micro, quando o processo envolve apenas grupos e associações. Nesse sentido, pode-se dizer que a microparticipação serve como base e prepara para a macroparticipação (SILVA, 2008, p.17); um exemplo claro disso é a participação na comunidade, na escola e grupos ligados à Igreja Católica, como no estudado aqui.

A participação que ocorre na Reunião das Três Horas pode ser configurada como participação social, pois engloba desde momentos de integração, informação e partilha de saberes, até momentos de mobilização e luta pelos direitos dos romeiros, seja de deslocamento, como é o caso da luta pelo direito de viajarem em caminhões pau-de-arara, seja por acomodação digna nos diversos ranchos espalhados na cidade, dentre outras.

Essa reunião tem favorecido uma integração e formação para o engajamento das romeiras e dos romeiros ao movimento de valorização de sua cultura sociorreligiosa; além de ser um instrumento prático de acolhimento ao povo romeiro, que, como sabemos, foi, durante muito tempo, rejeitado e considerado fanático pelos poderes eclesiais locais. Através de sua tradição religiosa popular, os romeiros resistiram a esse cenário hostil, sustentados por sua fé e devoção ao Padre Cícero e à Mãe das Dores. Com isso, foram conquistando, gradativamente, a aceitação de suas expressões religiosas e o reconhecimento de sua participação como principais protagonistas do fenômeno a romarias em Juazeiro do Norte.

Desde as primeiras iniciativas de Padre Murilo, ainda no final da década 50, percebe-se que foram sendo desenvolvidas ações que se tornaram fatores de agregação favorecendo essa participação, tais como: as iniciativas de aproximação por parte de alguns religiosos, o uso de linguagem e expressões da cultura popular nordestina e a criação de um espaço de acolhimento.

Além disso, um ambiente festivo, que conjugava e ainda hoje conjuga ações devocionais de caráter mais popular com momentos de evangelização e escuta de suas experiências, contribui para um engajamento cada vez mais efetivo de seus participantes; tais fatores fizeram com que esse evento se tornasse obrigatório, no itinerário romeiro, em Juazeiro.

Outro fator que contribuiu para a crescente participação das romeiras e dos romeiros nessa reunião foi a atuação das lideranças na condução dos encontros, no caso aqui, entendida como os idealizadores e propagadores dessa ideia, como coordenadores, agentes pastorais e os próprios romeiros e romeiras, inicialmente marcada pela liderança carismática de Padre Murilo que, com sensibilidade, soube ouvir a voz do povo romeiro e, posteriormente, pela presença acolhedora e amorosa de Irmã Annette e Irmã Ana Teresa. Elas criaram uma estrutura organizativa, baseada nos ensinamentos da Teologia da Libertação e na prática das CEBs, inspirada ainda na pedagogia de Paulo Freire, onde a preocupação não era atingir um número grande de romeiros e romeiras, mas, antes de tudo, criar um ambiente de diálogo e despertar da consciência da condição romeira, como destacado por Irmã Annette:

> Quando faço a reunião com 100 ou 200 romeiros, não é o número que me importa, é a qualidade da relação!'. É para os romeiros um momento de tomada de consciência da dignidade que cada um tem. Estudei muito a pedagogia de Paulo Freire, a pedagogia do oprimido, e a gente sabe que quem pode sair da opressão é o próprio oprimido, não é o opressor! Então, temos que utilizar métodos pedagógicos aonde o romeiro vai poder ter certeza e consciência de que ele tem valor e tem algo a dizer, a ensinar! E nós, os intelectuais, temos que aprender a ser éticos e não fazer de conta que temos que aprender do povo, do oprimido! Porque tem intelectual que faz um joguinho: deixa o romeiro falar, mas pensa que o que ele fala é bobagem!

Dessa forma, as irmãs foram criando uma organização para o encontro romeiro, onde o principal elemento é "dar voz" as romeiras e aos romeiros, através da valorização de sua cultura: isso inclui sua linguagem popular, suas expressões e práticas religiosas, principalmente a tradição dos benditos que professam suas experiências e saberes, seus testemunhos que contam histórias de fé e sacrifício. O "dar voz", por meio do microfone, é um aspecto destacado por Ir Annette, porque reconhece que esse instrumento de comunicação pode ser manipulador.

> A Reunião das Três Horas, eu inventei logo. Eu percebi que o microfone é uma 'arma' perigosíssima. Se você usa um microfone, você manda o povo calar. Você manda o povo cantar na hora que você manda, é você que manda! Ele obedece! É horrível! É terrível! É perigoso! Pode se tornar ditatorial o

> microfone! Por isso, pensei: vamos fazer uma reunião onde o microfone fica na mão do romeiro! Vamos dar esse meio de comunicação também para o romeiro! Então fazemos um tipo de encontro, em dois momentos. Porque eles querem também que eu fale, eles querem que eu cante, eles querem que eu conte história. Nesse primeiro momento, fazemos com eles um tipo de contrato. Digo para eles: 'Eu vou contar uma história, se vocês me prometem contar a mesma história lá da sua terra!'. Eles acham a proposta interessante e prometem! Para eles, é como uma promessa! É interessante, pois eles se tornam eles mesmos evangelizadores. Eles não voltam do Juazeiro apenas com o presente de uma medalha, uma lembrança para oferecer, mas têm uma mensagem do Evangelho a transmitir. Eles se tornam evangelizadores! E depois começamos a segunda parte, a mais importante da reunião, que é reservada para eles, onde podem usar o microfone, cantar seus benditos, testemunhar para todos ouvirem e reagirem! (Entrevista concedida em 05/02/2015).

Essa pedagogia social agregou valores à expressão da experiência romeira, propagou a ideia de que eles podem e devem ser ouvidos, que suas histórias também compõem a história das romarias de Juazeiro. Ao dar importância e sentido à voz do povo romeiro, Irmã Annette mostra o lugar de protagonismo de suas histórias e das romarias; ela ensina que eles são sujeitos históricos, capazes de gerar transformações nas relações de opressão a que foram submetidos.

Resgatando essa história, percebe-se a intensa mobilização sociorreligiosa, processada para criação e consolidação do movimento de acolhida às romeiras e aos romeiros, como "povo de Deus". Essa forma de acolhimento encontra suas bases ideológicas no Concílio Vaticano II, que trouxe o conceito de "povo de Deus". Esse carisma renovador, presente no Concílio Vaticano II, foi um marco histórico fundamental que revelou a necessidade de a igreja se compreender como servidora da humanidade, a partir do conceito de "povo de Deus"[46], considerado por muitos como principal contribuição teológica desse concílio. "Mais ainda: 'povo de Deus' é o conceito que mais expressa o 'espírito' do Vaticano II. Se quiséssemos, numa palavra, exprimir o que trouxe o Vaticano II para a Igreja, precisaríamos dizer: lembrou à Igreja que ela é povo de Deus". Através do Pacto das Catacumbas, assinado, no dia 16 de novembro de 1965, por 500 dos 2.500 bispos do Concílio, entre eles bispos brasileiros, foi

[46] A concepção de povo de Deus evidencia a pertença a Deus e a constituição de pessoas humanas, vivendo na igualdade e na distinção. Povo de Deus manifesta o que existe de comum a todos os membros da Igreja. Todos, pertencem ao povo, anteriormente a qualquer distinção interna; assim, num primeiro momento, todos no povo de Deus são iguais, cidadãos do Reino. "Este povo se torna povo de Deus, na medida em que, formando comunidades de batizados, de fé, esperança e amor, animado pela mensagem de absoluta fraternidade de Jesus Cristo, se propõe, historicamente, a concretizar um povo livre, fraterno e participante. Esta realidade histórica não constitui apenas um produto de um processo social simétrico, mas, teologicamente, significa a antecipação e preparação do Reino de Deus e do Povo de Deus escatológico" (BOFF,1982, p. 185).

firmado um pacto de propagação de uma Igreja servidora e pobre. Esse pacto inspirou, posteriormente, Medellín[47] e Puebla no seu compromisso em favor da justiça e na opção da Igreja preferencialmente pelos pobres[48] e por sua libertação, enquanto postulado original do Cristianismo (COMBLIN, 2002, p. 9).

Outro aspecto, que podemos correlacionar com as diretrizes do Concílio Vaticano II e as bases organizativas da acolhida aos romeiros, diz respeito à importância do diálogo como instrumento de comunicação e partilha de saberes. No Concílio Vaticano II, é considerado como palavra-chave, como destacado por Maria Cecília Domezi, em sua obra *O Concílio Vaticano II e os pobres.* Para ela, "[...] a acolhida das diferenças, até então vistas como estranhas, ameaçadoras e mesmo inimigas, foi o espírito que conduziu os padres conciliares, na busca dos métodos e dos fundamentos do diálogo com as exterioridades da Igreja" (DOMEZI, 2014, p.11).

Como destacado anteriormente, foi exatamente isso que aconteceu, no cenário das romarias a Juazeiro do Norte. A partir da década 70, a Igreja começou um movimento de acolhida aos seus fiéis, independente de suas tradições religiosas populares, mesmo que inicialmente em ações pontuais e até isoladas. Enquanto a acolhida aos romeiros foi se estruturando e tornando-se um evento oficial, no calendário das romarias, foi-se estabelecendo um diálogo entre os representantes da Igreja, que estavam à frente desse evento, com os romeiros e romeiras vindos de diferentes Estados do Nordeste e até mesmo de outras regiões. Esse diálogo marca um novo jeito de interagir com os devotos de Padre Cícero, pois traz em seu bojo a intenção de aprendizado coletivo da condição romeira, de comunicação e de partilhas de saberes baseados na experiência, no vivido em romaria.

Como pontuado por Paulo Freire (2008, p.13), "o diálogo é, em si, criativo e re-criativo": nesse sentido, é uma necessidade da natureza humana. "O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual"; portanto, fundamental numa via de comunicação e aprendizado coletivo, como observado no encontro romeiro (FREIRE, 2008, p. 14). Ainda para Freire, o diálogo "não é um espaço livre onde se

[47]Após três anos do término do Concílio, realizou-se a segunda Conferência Episcopal latino-americana, na cidade de Medellín; dessa conferência emerge, pela primeira vez, a importância das comunidades de base, esboça-se a teologia da libertação, aprofunda-se a noção de justiça e de paz ligada aos problemas de dependência econômica, coloca-se o pobre no centro da reflexão do continente (BEOZZO, 1993.p. 117-118).

[48]"Enquanto na Europa se espalhavam as críticas ao conceito de "*povo de Deus*", o episcopado da América Latina deu-lhe uma expansão notável. Apesar de muitos apelos e da sugestão de João XXIII, o Concílio não pôde chegar a uma teologia da Igreja dos pobres, como dizia o Papa. Esse passo foi dado na América Latina, em Medellín e Puebla. Ali se chegou à percepção clara de que o "*povo de Deus*" é, na realidade, o povo dos pobres (COMBLIN, 2002, p. 10).

possa fazer o que se quiser. O diálogo se dá dentro de algum tipo de programa e contexto" (2008, p.123). No encontro com os romeiros, o diálogo é pautado pelas ações de acolhimento, escuta e aconselhamento, que se tornam a principal via de comunicação com o povo romeiro, que também é "povo de Deus" e povo pobre.

Nesse sentido, o encontro romeiro é um meio propiciador de empoderamento de seus participantes, possibilitado pelo apoio social empregado em suas ações. Segundo Valla (1999, p. 10), o apoio social compreende "[...] qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material oferecido por grupos e/ou pessoas que se conhecem, e que resulta em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos". Esse apoio, normalmente, se passa entre pessoas que se conhecem e se encontram de forma sistemática, razão pela qual geralmente se dá em torno da frequência a alguma instituição. Segundo a teoria do apoio social, o apoio material, emocional e de informação prestado às pessoas, de uma forma sistemática, exerce um efeito positivo sobre a vida das pessoas envolvidas.

O conceito de apoio social está também relacionado ao conceito de empoderamento, na medida em que os indivíduos e comunidades, por meio do apoio social, passam a experimentar uma sensação de maior poder sobre suas vidas. Vivenciam também um aumento da autoconfiança e da capacidade de enfrentar e superar seus problemas, conquistando um estado de maior satisfação com a vida. Com isso, tornam-se capazes de atuar mais efetivamente na direção de transformar suas vidas e os seus ambientes (BAQUERO, 2012, p.174).

Pensar o apoio social, a partir dessa perspectiva, levou-me a entender que as formas como as pessoas vivenciam seus problemas são diferentes, porém estudos realizados em torno da temática do apoio social e empoderamento, relacionados ao campo da saúde, têm demonstrado, como destaca Valla (1999), que os apoios disponíveis em instituições e grupos sociais podem influenciar positivamente na condução e resolução dos problemas individuais e coletivos, no sentido que proporcionam fatores de proteção psicossocial, melhorando a confiança pessoal e a satisfação com a vida. Nesse sentido, agem como fator propiciador de um empoderamento individual e coletivo.

Historicamente, o conceito de empoderamento está associado a formas alternativas de se trabalharem as realidades sociais, como sinônimo para habilidade de enfrentamento, suporte e apoio social, formas cooperativas, formas de democracia participativa, autogestão e movimentos sociais autônomos. É também usado como sinônimo para eficiência pessoal,

competência, autoestima e autossuficiência. Nesse sentido, pode englobar aspectos individuais e coletivos (BAQUERO, 2012, p. 174). Em âmbito geral, pode ser compreendido como um processo, pelo qual indivíduos, comunidades e organizações obtêm controle sobre suas vidas. Vasconcelos (2001, p. 5) define empoderamento como "o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais, nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão e dominação social." Portanto, está associado às formas de enfrentamento, sejam elas individuais ou coletivas, podendo referir-se aos diversos âmbitos da realidade social.

Para Zimerman (1990), enquanto abordagem conceitual, o empoderamento pode ser analisado, a partir de três níveis: o psicológico, organizacional e comunitário. O empoderamento psicológico ou individual contempla uma noção de indivíduo comedido, independente e autoconfiante, gerado por estratégias socioeducativas que fortaleçam sua autoestima e sua capacidade de adaptação ao meio; esta abordagem é tida como "comportamentalista", pois se volta mais para a mudança de comportamento sem, no entanto, estar ligada a processos que demandem uma visão crítica da realidade vivenciada, ou seja, não estão, necessariamente, ligados a ações emancipatórias.

Entretanto, é importante pontuar que esse nível é imprescindível, para que os outros (organizacional e comunitário) se estabeleçam, pois, sem esse grau mínimo de empoderamento, fica difícil atingir uma motivação mais ampla. Essa forma pode ser expressa, quando lideranças e participantes de grupos expõem suas posições ideológicas, políticas e sociais com confiança, quando demonstram se sentirem competentes em determinadas situações, ou que sua experiência é significativa para a aprendizagem grupal.

O empoderamento organizacional está profundamente ligado à organização, independentemente de ser pública ou privada, pois é gerado para seu fortalecimento enquanto instituição. Embora se compartilhem informações e poder nesse nível, não se verifica um sentido coletivo de redistribuição de poder; os esforços são na direção de uma mesma meta (PERKINS; ZIMMERMAN, 1995).

Já o empoderamento comunitário implica a "disputa pelo controle de recursos e na redistribuição de poder". Assim, tal enfoque envolve a participação, o controle dos indivíduos e comunidades e a definição de ações coletivas para a efetiva melhoria da qualidade de vida. Na escolha desse caminho, entra em pauta a capacidade de indivíduos falarem sobre os próprios problemas e os processos que vivenciaram ou vivenciam. As ações educativas visam a uma

reflexão por parte desses indivíduos e das comunidades das quais participam para uma ação crítica sobre a realidade (PERKINS; ZIMMERMAN, 1995).

O empoderamento, como tem sido abordado no Brasil, é um conceito complexo e não tem um sentido universal, como pontua Gohn (2004), tem sido entendido como o processo de capacitação para a aquisição de poder técnico e político por parte dos indivíduos e da comunidade. Em âmbito geral, está ligado ao processo, no qual indivíduos, comunidades e organizações conseguem assumir o controle sobre suas vidas, a partir do aumento do poder pessoal e coletivo, principalmente daqueles submetidos a situações de opressão e vulnerabilidade social.

> Tanto poderá estar referindo-se ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades – no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e com seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social); como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc., em sistemas precários, que não contribuem para organizá-los – porque os atende individualmente, numa ciranda interminável de projetos de ações sociais assistenciais. (GOHN, 2004, p. 23)

Nessa perspectiva, o empoderamento pode ter um duplo sentido, ou seja, pode se referir tanto a um processo quanto a um resultado. Enquanto processo, destaca o caráter de mudança inerente à condição humana e à vida em sociedade; portanto, nunca se completa, podendo avançar em alguns pontos, e em outros não, é movimento e ação contínua. Já o resultado deve ser alcançado em momentos pontuais, visando a formas equitativas de distribuição de poder, vivenciadas ao longo do processo. Portanto, podemos concluir que o empoderamento é, simultaneamente, processo e resultado, como destaca Teixeira (2002).

Outro aspecto a ser destacado, em torno do uso conceitual de empoderamento, é sua relação com o conceito de poder, tendo em vista que o significado central do empoderamento está na concepção de “ganho de poder”, entendido nesta perspectiva como habilidade de gerar mudanças em contextos individuais. Em relação a contextos coletivos, denota sentido de poder compartilhado, ao invés de “poder sobre o outro”.

Alguns autores, como Labonte (1994), citado por Teixeira (2002), chamam a atenção para o cuidado que se deve ter, ao usar o conceito de empoderamento no sentido

transitivo, pois denota o sentido de "dar poder a outro", destacando, assim, a posição dos agentes sociais, profissionais ou educadores como foco central da relação, visto como ator controlador, o que define os termos da relação, portanto o agente de empoderamento.

Essa perspectiva é contrária ao entendimento atribuído a esse conceito por parte de Paulo Freire. Em *Medo e Ousadia*, encontramos uma definição da palavra *empowerment* como: "a) dar poder a; b) ativar a potencialidade criativa; c) desenvolver a potencialidade criativa do sujeito; d) dinamizar a potencialidade do sujeito" (FREIRE; SHOR, 2008, p.11). Entretanto, Freire destaca que, ao usar *empowerment* como uma prática educativa, isso não significa apenas ativar a potencialidade criativa das pessoas, como se isso fosse um fim, o único foco. Se, porém, essa prática é usada como meio, forma, instrumento de desenvolver uma capacidade crítico-criativa, pode despertar uma conscientização dos processos individuais e sociais, pode levar ao desenvolvimento de um nível de independência e autonomia, o que, por sua vez, pode gerar condições de transformação social, que se inicia no âmbito individual e se amplia no âmbito coletivo, tendo em vista que, para Freire, "a libertação é um ato social" (FREIRE; SHOR, 2008, p.135).

> Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem, através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do *empowerment* ou a liberdade. (FREIRE; SHOR, 2008, p.135).

Com isso, o autor enfatiza que não basta o empoderamento individual ou a sensação de ter mudado, para se chegar a uma transformação da sociedade. Muito embora ele considere fundamental que o desenvolvimento da criticidade dos sujeitos seja trabalhado para se chegar a essa transformação, é necessário nesse processo o desenvolvimento de suas potencialidades crítico-criativas, que seja instigada sua curiosidade diante da realidade, porém isso por si só não é suficiente.

Nessa perspectiva, Freire destaca que é necessário ir além do aspecto individualista empregado pela sociedade norte-americana, que atrela ao empoderamento a noção de progresso, aspecto que, para Ira Shor, tem raízes no individualismo.

> Temos uma devoção utópica por nos realizar sozinhos, por nos aperfeiçoar sozinhos, por subir na vida, subir através de nosso próprio esforço, ficar ricos

> através do esforço pessoal. Essa é uma cultura que adoram os homens e as mulheres que se fazem por si mesmo... O próprio dinamismo econômico desta sociedade teve um impacto sobre a pedagogia, dando muita ênfase ao aumento de poder individual, à autoajuda, ao autoaperfeiçoamento, à autoconfiança, tanto nos primeiros anos de escolaridade como na educação adulta (FREIRE; SHOR, 2008, p, 136).

Com isso, o autor conclui que esse processo se deu, devido à limitação do alcance dos movimentos sociais, que trazem em seu bojo justamente o contrário; prega a força do coletivo, a importância da solidariedade, da inteligência social, como canal de empoderamento social. Percebe-se, assim, que a compreensão de empoderamento, para Freire, está intrinsicamente ligada à condição de classe social.

> A questão do *empowerment* da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção de poder político. Isto faz do *empowerment* muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta (FREIRE; SHOR, 2008, p, 138).

Em vista disso, essa perspectiva empregada pela sociedade norte-americana "bloqueia o caminho para *empowerment* social [...] é um polo oposto a um esforço crítico pela transformação social" (FREIRE; SHOR, 2008, p, 139). Esse enfoque trata os indivíduos e os grupos como objeto passivo da relação e contradiz a perspectiva Freireana que entende o empoderamento como processo compartilhado, desenvolvido e sustentado por meio de ações que levem ao desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a realidade vivida; ou seja, ninguém pode dar poder a ninguém, mas podemos, através de ações compartilhadas, tornar as pessoas capazes de aumentarem suas habilidades e recursos para ganhar poder sobre suas vidas.

Consoante Freire (2008, p.29), "[...] a meta do empoderamento é ajudar as pessoas, organizações e comunidades a serem mais independentes; gerar autoconfiança e senso de governabilidade, mais do que se sujeitar à força de alguma coisa ou de alguém do exterior."

Essa discussão sobre as perspectivas de entendimentos dos processos de empoderamento me ajudou a perceber como a Reunião das Três Horas, através de suas ações religiosas e sociais, foi ao longo de sua existência tecendo redes de apoio, suporte e interação entre seus participantes. Esses elementos promovem um fortalecimento individual e grupal, despertado pela valorização das histórias romeiras, da cultura religiosa que perpassa esse

cenário, agregando sentidos e possibilitando um despertar da condição romeira, enquanto sujeitos histórica e socialmente influenciados pelos acontecimentos religiosos de Juazeiro do Norte. Retomo essa questão no sexto capítulo quando analiso e interpreto as experiências sociorreligiosas narradas pelas mulheres romeiras que participaram da pesquisa.

No próximo capítulo me detenho numa perspectiva autobiográfica, construída a partir da reflexão sobre minhas próprias vivências sociorreligiosas e como essas influenciaram na escolha do objeto de estudo que investiguei. Discuto o que a vida me trouxe e o que eu fiz com o que a vida me trouxe, situando meu lugar de fala como pesquisadora e romeira. Discorro ainda sobre como senti-me implicada e movida a refletir sobre as afetações desse processo na minha autobiografia construída com foco nas experiências religiosas. São essas memórias e autointerpretações que apresento a seguir.

3 PERCURSOS AUTOBIOGRÁFICOS NO CAMINHO ROMEIRO

Eu Sou
Eu Sou andarilha das trilhas d´alma
Peregrina da estrada da vida
Caçadora de mim mesmo
Buscadora dos aprendizados de dentro
Romeira de fé e devoção
Entre inquietações e descobertas não me
canso de caminhar para mim mesma,
Numa proximidade que assusta, encanta e
impulsiona para o fluir da vida...
(Adriana Simião)

A escrita de si[49], que aqui partilharei, foi construída, a partir da narrativa autobiográfica possibilitada pela vivência, no Círculo Reflexivo Biográfico[50] (CRB). Este dispositivo de pesquisa e de formação foi desenvolvido por Olinda (2010), para ser um espaço interativo e dialógico de produção de narrativas autobiográficas. Enquanto metodologia, o CRB tem como referência seis princípios interligados:

> 1) **princípio formativo -** a reflexividade crítica permite passar das experiências existenciais às experiências formadoras; 2) **princípio dialógico** – seres sem interação deixam-se atravessar pela verdade do outro, experimentando o diálogo como fundamento da ação educativa libertadora; 3) **princípio sociopolítico** – inseparabilidade entre processos identitários e dimensão societal; 4) **princípio antropológico** – discute a relação entre sujeito e narração, destacando a capacidade da linguagem como constitutivo do humano; 5) **princípio da potência narrativa** – permitindo que tenhamos verdadeiras experiências e desenvolvamos crescentes níveis de autonomia; 6) **princípio integrador** – como prática consciente e integral de educação de si (OLINDA, 2010, p. 81).

O CRB foi criado, desenvolvido e inspirado nos ateliês biográficos de Christine Delory-Momberger (2008), dos grupos reflexivos de Josso (2004 e 2010) e dos Círculos de Cultura de Paulo Freire. Vivenciar este espaço de biografização incrementou uma escrita de si, iniciada ainda na juventude e retomada aqui, para dar seguimento às minhas construções biográficas. Considero que este esforço foi importante para entender, vivenciando todo o potencial heurístico e formador da narrativa autobiográfica, com suas dimensões performativas e autopoiéticas, produtoras de sentidos existenciais.

Assumo a escolha da abordagem (auto)biográfica não só como método de pesquisa, mas também como instrumental heurístico de produção de (auto)conhecimento, potencializador de gerar (auto)transformações e, com isso, contribuir para a construção de processos (auto)[51]formativos. Sei que essa escolha é desafiadora, porém optei por ser fiel ao que pulsa em

---

[49] Termo usado na abordagem (auto)biográfica para designar os textos autobiográficos, denominados por Foucault em *Hermenêutica do Sujeito* como escritas do eu e por Philippe Lejeune em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, como autobiografia.

[50] O CRB foi realizado, ao longo de quatro encontros, durante o semestre 2015.1, sendo conduzido pela orientadora desta pesquisa, a professora Ercília Maria Braga de Olinda.

[51] Estou utilizando o prefixo "auto", para designar um aspecto composicional referente a si próprio, e a palavra que o segue expressa o sentido amplo e plural, apontado na significação do termo usado. Assim, quando escrevo "(auto)conhecimento" estou me referindo a um conhecimento de si (interior e subjetivo) e, também, um conhecimento mais amplo (externo) que podem ser produzidos por experiências e aprendizados tensionados, no mundo de vida. É evidente que esse conhecimento "externo" (prático, relacional, objetivo) também é influenciado pela subjetividade, portanto, "autoconhecimento" pode ser entendido como um somatório do interno e do externo.

mim e aos princípios do método biográfico[52], pois, como afirma Ferrarotti (2010, p.36), "não se pode falar e teorizar, se não a partir daquilo que se experimentou". Para tanto, me inspirei nas experiências de Josso, que aplicou nela mesma o método usado, para construir sua abordagem sobre as experiências de vida e formação. Esta autora traz sua autobiografia, na tese de doutorado, publicada com o nome de *Caminhar para si*. Além disso, me inspirei em Franco Ferrarotti que, na amplitude e variedade de sua obra, publicou várias autobiografias, que foram classificadas por Antonella Marcucci de Vincenti e Gaston Pineau (2010, p. 33 a 37) em duas categorias: "as autobiografias temáticas e as autobiografias existenciais", atestando a sua aposta nesse método, o qual, segundo suas considerações, "abre uma nova fase na pesquisa nas ciências sociais".

Essas conjecturas ajudam a delinear a caracterização teórica e metodológica que assumo como referencial na presente pesquisa, ou seja, minha opção pela abordagem (auto)biográfica como método de investigação. Além disso, considero que essa abordagem fornece teorizações sobre a formação humana, indispensáveis para a construção dos conhecimentos investidos nessa tessitura. Essa não é uma escolha neutra, pois está completamente permeada de minha visão de mundo e da minha concepção de educação, pesquisa e formação: que fui construindo ao longo de minhas experiências formativas, pessoais e profissionais, assim como nas implicações subjetivas que reverberam na minha prática sociorreligiosa, espiritual e existencial.

A minha autobiografia irá mostrar a construção da minha experiência sociorreligiosa, aspectos indispensáveis para compreender como me transformei em quem eu sou hoje. Trago relatos, numa síntese integradora, do que a vida me trouxe de bom e de ruim, e o que eu fiz com o que a vida, no seu fluxo e refluxo, me trouxe.

No decurso da minha vida, vivenciei experiências marcantes que me fizeram vê-la sob outros ângulos, embora muitos desses acontecimentos tenham me levado a crises que sacudiram o meu mundo, e às ilusões que carregava a cada fase. Como acredito que toda crise é bendita e bem-vinda, como afirma Mirna Grzich, em sua meditação *Bendita Crise*, considero que as por que passei sejam de ordem familiar, profissional, relacional ou espiritual; foram uma

[52] É importante destacar que a *Association Internationale des Histoires de Vie en Formation* (ASIHVIF) recomenda, na sua "Carta de Princípios", que o pesquisador formador só empreenda atividades biográficas com histórias de vida, após ter vivenciado um processo de escrita de si. De acordo com Josso (1999, p. 16), esse conjunto de princípios expressa os direitos e obrigações que devem ser seguidas, ao desenvolver ações de pesquisa-formação

bênção para clarear os meus passos e entendimento de mim mesma. As crises são como desertos: são áridas, solitárias, e, por vezes, assustadoras. Mas, assim como desertos, elas são repletas de possibilidades, pois são lugares de passagem, de morte e renascimento, portanto de transformação. Foram essas travessias desérticas que me permitiram desfazer a ilusão da permanência, sair da zona de conforto, reviver o vivido e construir sentidos para minha existência. Foi assim que muitas experiências tornaram-se formadoras do meu percurso sociorreligioso, incluindo aqui as dimensões profissional e espiritual.

Tudo que vivi e senti nessa travessia, até agora, me levou a pontos de ruptura e transformação, alguns imensamente sofridos, outros libertadores. Ao revisitar esses percursos existenciais, me dou conta de que esses momentos sempre vinham acompanhados de uma força superior que me guiava nas ações de enfrentamento, resistência e superação. Uma vontade de viver, de saber de mim, do outro, de experimentar, mesmo que isso significasse pular de abismos e passar por quedas dolorosas. Mas depois das tempestades e "noites escuras da alma"[53], eu me sentia renascida, mais forte, mais inteira, mais viva. Assim, fui-me autoformando, entre *o* "absurdo e a graça"[54] das temporalidades do vivido.

A vida e tudo que representa, enquanto laboratório do mundo vivido, em consonância com a fé e a esperança que habita o meu ser, me ensinaram os valores mais importantes para um bem viver. As experiências significativas mostraram-me que tudo passa, até mesmo as piores dores e as mais sublimes alegrias, como afirmou Friedrich Nietzsche: "aquilo que não me mata, só me fortalece".

São essas lembranças e experiências que quero compartilhar aqui, no momento em que busco sentidos para a trajetória das mulheres romeiras, mulheres devotas e engajadas de fé simples e histórias marcantes. Em suas singularidades, fui percebendo a mim mesma, nesse percurso de fé e devoção, sacrifícios e graças alcançadas: movimentos naturais do caminho romeiro. Para mim, a romaria surge como uma oportunidade de trazer significados para além do que se pensa ser. Portanto, no caminho romeiro, encontrei formas de saber de mim, para compreender as outras: as romeiras.

---

[53] O termo "*Noite Escura (da alma)*" é usado no Cristianismo para referir-se à crise espiritual, na jornada rumo à união com Deus, como a que é descrita por São João da Cruz. Constitui uma metáfora de experiência mística que congrega iluminação e sofrimento; seria uma prova que antecede à iluminação, ou à transformação.

[54] Poema autorreflexivo criado em 08/10/2009

Início a minha narrativa, destacando as memórias da infância e adolescência; esse retorno tem um gosto de saudade, reflexões construídas com idas e vindas, em cenas, recordações que marcaram a menina e adolescente que fui, experiências-referências[55] que atualizo, num esforço de bricolagem, que parece o fio de Ariadne[56] a me conduzir, perante o labirinto de quem eu sou.

Em seguida, trago à tona as reminiscências construtoras das experiências espirituais e das práticas religiosas; acontecimentos marcantes de minha vida, presentes em todas as fases do vivido, produtoras de crises e graças, de desencontros e encontros, mas principalmente geradoras de reflexões e sentidos para minha existência. Essas experiências fizeram-me perceber o divino dentro e fora de mim; portanto, eu nada seria sem essa presença constante e imanente: faz parte de tudo que sou e almejo tornar-me, pois me deu acesso a um despertar da consciência que, por sua vez, levaram-me às transformações preponderantes no meu "*caminhar para si*".

Posto esse aspecto, descrevo minha narrativa educacional e profissional, pontuando os processos de formação, conhecimento e aprendizagens, dimensões constituintes do itinerário consciencial, enquanto educadora-aprendente e pesquisadora-romeira. Nesse ponto, a alquimia divina juntou primorosamente a educação e a espiritualidade na minha prática sociorreligiosa-educacional, manifesta nas minhas atividades, enquanto docente, terapeuta holística, facilitadora de grupos e participante de instituições religiosas e espirituais. Por fim, reflito como

---

[55] Termo usado por Josso (2004), para designar experiências significativas, na história de uma pessoa; que geram transformações, podendo ser uma emoção, uma ideia, ou uma situação específica.

[56] O **Fio de Ariadne**, assim chamado devido à lenda de Ariadne; é o termo usado para descrever a resolução de um problema que se pode proceder de diversas maneiras óbvias. O Fio dourado representa, neste mito, a trajetória de descoberta psicológica que está além de nós mesmos, rumo às nossas questões existenciais mais prementes. Assim é o processo de individuação descrito por Jung (1980): 'O sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial. Os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimi-la são os mesmos que a humanidade sempre empregou para exprimir a totalidade, a integridade e a perfeição; em geral, esses símbolos são formas quaternárias e círculos. Chamei a esse processo de 'processo de individuação'. Desta forma, o processo de tornar-se completo possui representações circulares, como os mandalas budistas e cristãos. É bem interessante o símbolo do ouroborus ou a serpente que devora a própria cauda, um voltar-se para si que nos mitos é representado como um retorno às origens ou à morada natal como Sofia, no mito Gnóstico, onde sua ascensão simboliza o retorno da divindade a si mesma; no Cristianismo atual, a assunção de Maria. Assim, a mulher celestial que sobe retornando ao céu ou morada eterna, representaria um retorno a si, sendo a mesma conotação do 'refletir-se' no espelho ou o próprio processo de reflexão, insuficientemente entendido como pensamento dirigido. O Círculo pressupõe um retorno de nossa consciência atual de estado de coisas a uma dimensão mais interiorizada da vida; na psicoterapia, tal experiência é chamada de circum-ambulação ou uma auto-observação cuidadosa de todos os fenômenos que se dão em nosso campo existencial. Neste mito, representado pelo labirinto circular!"
(Disponível em: http://vidapsiquica.tumblr.com/post/114430713347/o-fio-de-ariadne-o-her%C3%B3i-em-busca-de-si-mesmo, Acessado em: 21/05/2016)

me tornei a pessoa que sou hoje, pesquisadora-romeira, caminhante-aprendente no processo de construção de si que, não para nunca, por ser criativo, revelador, potencializador de autotransformações que se tornam pontes para a elaboração de sentidos existenciais.

Passo, então, à narrativa autobiográfica, mergulhando no meu mar da vida, com tudo que ela tem de absurdo e graça.

3.1 A pesquisadora-romeira, caminhante-aprendente

Eu sou Adriana Maria Simião da Silva
Reverencio a vida e a beleza que há em mim,
Porção divina, num canto meu.
Reverencio a sua beleza, espelho de Deus.
Reverencio a nossa beleza,
parte de um todo que É.
A beleza do aqui e agora
Resistência desconstruída
Lições aprendidas na estrada da vida
Consciência despertada
Integração revelada
Luminosidade advinda
Águas da vida,
Oceano do sentir,
Rio que corre por baixo do rio,
Chuvas que caem,
Águas de dentro
Desertos que se fertilizam.
Vida que nasce,
Força feminina desabrochando a cada
Ciclo de vida.
Eu sou menina-mulher,
Vivendo a vida de corpo, alma e coração.

Nasci em Fortaleza, em 02 de maio, às 18h de uma sexta-feira, sob o signo de Touro. Nascer na hora do *Angelus* sempre foi especial para mim, pois esta é uma hora sagrada, momento em que faço minhas orações e meditações. Na tradição católica, é, também, a hora da Anunciação do Anjo Gabriel à Maria da Concepção de Jesus Cristo. Em uma dessas meditações, às 18h, tive uma recordação de um momento *a priori* dessa existência. Era como se eu precisasse vir para essa existência, a fim de compor algo maior. Difícil colocar em palavras o que vi e senti, porém, se eu pudesse demarcar um começo de minha história, diria que seria esse.

No plano concreto, se inicia com minha família; sou a filha mais velha de uma prole de três filhos (eu, minha irmã Márcia e meu irmão mais novo Marcelo). Morei, desde que nasci, num bairro residencial de Fortaleza, reduto de minha família. Minha infância foi vivida nesse bairro, local de minhas primeiras escolas, da igreja que eu frequentava e onde fiz muitos amigos e amigas, porém nenhum lugar me marcou mais do que o sítio de meus avós maternos. Um lugar muito importante para mim, e não por acaso ele se chama Sítio Buenos Aires, pois realmente vivi "os bons ares" desse lugar. Fica num município próximo a Fortaleza, na zona serrana do Maciço de Baturité, chamado Palmácia – terra das palmeiras, o lugar onde minha mãe nasceu e onde eu passava minhas férias.

Eu digo que é meu lugar de poder, tenho um sentimento afetivo – espiritual muito grande por esse lugar. Ele faz parte de quem eu sou, ele está em mim, nas memórias mais fortes do meu consciente e inconsciente. É um lugar onde eu vivenciei muitas coisas, desde as brincadeiras no meio da mata até o friozinho na barriga do primeiro beijo. É onde se passa a maioria dos meus sonhos, principalmente os sonhos que envolvem questões espirituais e/ou premonitórios que me sinalizam para ter cuidado. Assim como os sonhos que tenho com os familiares que já se foram, e os sonhos de cura. É um "portal" que liga a dimensão do vivido à vida espiritual. Logo, um lugar importante e sagrado para mim.

Eu passava minhas férias escolares no sítio e lamentava muito, quando chegava o dia de ir embora. Minha mãe era filha de agricultores que extraíam dessa terra o alimento e o sustento para a família. Presenciei momentos de muita fartura, na colheita do arroz e do algodão, sacas e sacas ficavam empilhadas até o teto, na sala principal da casa que, nesses períodos, se transformava em armazém. Além disso, o sítio era repleto de fruteiras e de uma plantação de banana. Meus avós criavam vários animais: galinhas, patos, cabras, porcos, vacas, burros e cavalos. Eu adorava os filhotes e sofria, quando algum animal era abatido; geralmente isso acontecia em dia de festa, ou quando a família se reunia, em datas especiais.

Esse universo rural impregnou minha infância, lembro-me dos trabalhadores indo para os roçados, o som das enxadas, o barulho dos animais, o som da chuva chegando entre as serras, o vento frio das madrugadas, as panelas no fogão a lenha, a água nos potes de barro, as lamparinas acessas, no final da tarde, as noites escuras e estreladas. Como me esquecer das histórias que minha avó contava de príncipes, princesas e mundos encantados, do banho nos riachos, nos olhos d'água, na chuva, nos açudes, o subir e descer ladeira, a visita às casas dos moradores de sítios vizinhos, os terços e novenas, as quermesses, na festa do padroeiro São

Francisco de Assis, em outubro. O rádio a pilha ligado, às 3, 4 horas da madrugada, pelo meu avô, horário em que ele se levantava para acender o fogo e buscar água nas cacimbas. Vibrei com a vitrola a pilha que animava os forrós, a noite, quando aprendi a dançar e viver as primeiras emoções do enamoramento, o coração batendo forte, o toque na mão e o primeiro beijo. Não há como esquecer um lugar que era mágico, místico e encantador para mim.

Minha mãe se chama Francisca, conhecida como Fransquinha. Ela cresceu nesse lugar, de onde saiu para se casar com meu pai, que se chama José; para a família, Zequinha, e no trabalho, Alves. Os dois tiveram infâncias difíceis, devido aos poucos recursos financeiros. Na infância de minha mãe, o sítio ainda não tinha tanta fartura, por isso teve que começar a trabalhar muito cedo, como bordadeira. Ela conta que passava horas à máquina e assim conseguia ganhar algum dinheiro para ajudar seus pais e comprar coisas para seu uso pessoal. Como ela faz questão de destacar: era vaidosa, gostava de andar arrumada, não saía e nem sai, até hoje, sem passar batom. Os vestidos tinham que ser de alça, rodados e coloridos. Estudou pouco, pois as condições eram precárias: a escola ficava longe, cerca de 1 km do sítio, percurso feito a pé, de baixo de chuva e sol. Mas, assim como foi marcante para mim esse lugar, para ela também foi; até hoje ela cuida desse lugar, apesar de meus avós terem falecido. Ela passou para nós, os filhos, o amor a essa terra e a importância de preservá-la para as próximas gerações.

Meu pai também era filho de agricultores, só que os pais dele moravam em Fortaleza. Durante um tempo, meu avô plantava verduras, tinha horta, e meu pai ajudava a manter os canteiros. Ele conta que, com 11 anos, foi morar com os avós dele, para cuidar dos canteiros de verdura do seu avô, pois estavam abandonados. Gosta de contar essa história, de lembrar como conseguiu o que tem atualmente; conta-nos que, mesmo pequeno, trabalhava muito, com disciplina. Essa dedicação fez a plantação prosperar e dessa forma conseguiu, pela primeira vez na vida, juntar dinheiro, chegando, inclusive, a emprestar dinheiro aos amigos e comprar seu primeiro carro, um Jipe. Assim, ele cresceu, responsável, trabalhador, com um desejo grande de ter as coisas, poupando sempre, acumulando sem esbanjamento ou exageros, e é assim até hoje.

Meu pai e minha mãe eram primos de 3º ou 4º grau, e num determinado momento se encontraram e se casaram. Nessa história de enlace matrimonial, aconteceu o inesperado; a irmã de meu pai conheceu o irmão mais velho de minha mãe, os dois começaram a namorar e se casaram, e assim esse núcleo familiar foi se formando. Acho essa história tão bonita, pena que o casamento de meus tios tenha durado pouco. Logo após o nascimento da primeira filha,

minha prima Regina, ele faleceu, vítima de um acidente de trânsito, um marco triste que abalou a saúde de minha vó, dor que nunca passou, como ela falava e piorava, quando o filho mais novo também faleceu.

As perdas são lembranças tristes! Os velórios marcaram minha história, pois eu fazia questão de estar presente, rezar junto, fazer as despedidas e até mesmo segurar na mão de quem estava partindo. Era como se eu quisesse dizer: eu estou aqui e compartilho esse momento com você, tudo vai dar certo, não tenha medo... Nunca ninguém me ensinou a lidar com esses momentos, mas uma parte de mim sabia o que fazer. Segurei na mão de minha bisavó, sussurrei em seu ouvido – "não tenha medo, vá, saiba que o que tinha de ser vivido foi. Eu te agradeço, por ter feito parte de minha vida, me ensinado tantas coisas...". Ela respirou profundamente, foi se acalmando lentamente, até que horas depois ela se foi, depois de 98 anos de vida. Foi assim, também, com uma tia avó. Acompanhei suas últimas horas, coloquei a mão em seu coração e acalentei seu medo, rezei para que ela tivesse coragem e fé nesse momento de passagem. Momentos fortes, mas que me fazem crer que a vida continua de outra forma.

Lembro-me de algumas coisas muito marcantes da minha vida, dentre elas destaco o meu hábito de refletir e escrever sobre o que eu sentia e ansiava conquistar e as manifestações espirituais que se sucederam, em alguns períodos da minha trajetória, aliadas à minha religiosidade.

Desde a infância, criei o hábito de escrever o que sucedia comigo. Inicialmente, nas redações que os professores de português orientavam, particularmente adorava as redações pedidas em forma de narração sobre o que acontecia, em nossas vidas, como escrever sobre: as férias, o natal, a família, o melhor amigo, o aniversário, dentre outros temas. Achava fácil escrever o que se passava em torno de mim. Fazia questão de ler em voz alta para a classe toda, sentia prazer nisso, era como se isso reforçasse minha existência. Na adolescência, as redações sobre o que acontecia comigo tornaram-se um hábito, transcrevê-los em meus diários. Estes eram escolhidos caprichosamente: a cor, os desenhos da capa, tudo era importante para meu livro secreto, onde confidenciava minhas experiências. Nele registrei o primeiro beijo, a tristeza diante da incompreensão dos meus pais com relação a meus interesses e escolhas, a insatisfação com as regras, as angústias que abatiam meu coração. Mas também falava de meus sonhos e projetos: passar no vestibular, trabalhar e conquistar minha independência financeira, casar, viajar e tantas outras coisas.

As páginas de meus diários eram preenchidas, muitas vezes, entre lágrimas e lamentações. Nesses momentos, eles serviam como uma escuta silenciosa e cúmplice, permitindo-me desabafar e aliviar a tensão, diante daquilo que não podia expressar, do que eu não ousava dizer. Fui educada numa estrutura familiar, escolar, religiosa, opressora e tradicional; então, não havia lugar para contestação, sendo que, às poucas vezes em que fiz isso, renderam-me lembranças ruins: castigos e proibições, além de um olhar vigilante que me incomodava profundamente. Então, decidi que era melhor expor meus pensamentos para as páginas em branco, que iam sendo preenchidas sem acusações, o que me deixava livre para ser eu mesma, naquele espaço.

Essas reflexões, porém, e desabafos sempre abriam espaço para minha consciência. Isso era tão forte, que às vezes, depois de escrever, riscava tudo; batia um arrependimento não do que tinha escrito, mas de deixar registrado o que eu pensava, correndo o risco de ser descoberta; e aí, como explicar? Nossa! Dava uma sensação tão ruim, era como se isso acontecesse: eu estar nua, diante dos outros, e eu nem queria e nem estava preparada para isso.

Esse aspecto foi solucionado, quando descobri os diários com cadeados, um achado. Dediquei-me mais ainda às confissões, depois guardava tudo em caixas no guarda roupa, junto com outros objetos de recordação. Olhando para trás, percebo que não havia motivos para tanta preocupação, pois meus pais não se davam conta do que era um diário, ou o que eu escrevia neles, sequer fui questionada acerca do que eu escrevia naqueles cadernos. Eu pedia, e minha mãe comprava, até porque diários são parecidos com cadernos: então, imagino que ela pensasse ser para escola.

Nos primeiros diários, registrei as primeiras paixões e rejeições, também as considerações sobre minhas fantasias e desejos. Estes devaneios geravam criações poéticas, pois me empolgava tanto que, volta e meia, escrevia pequenos versos. Falava, também, da relação com minhas amigas e o que compartilhávamos. Relatava as brigas com minha irmã e o conflito velado com meu pai, principalmente sobre seu autoritarismo e a forma de tratar minha mãe e o universo feminino, de forma geral. Isso me rendeu bons anos de terapia, pois se tornou uma questão primordial no meu processo terapêutico. Esse ponto me levou a observar e questionar as relações de poder e gênero, o lugar da mulher na sociedade e sua condição oprimida.

Costumava, também, refletir e escrever sobre os livros que lia, adorava ler, devorava os livros sobre literatura brasileira, poesia, contos, e, depois dos 13 anos, mergulhei

na literatura esotérica: meu interesse, nessa fase, era por livros que falassem sobre magia, ocultismos e fenômenos espirituais. Posteriormente, no avançar de meu processo de autoconhecimento, busquei a literatura mística; nesse ponto, o que eu tinha ânsia por saber mais era sobre fé, devoção e as formas de encontrar Deus. Definitivamente, essas leituras despertaram minha consciência para algo maior que minha existência física, abriram janelas na minha imaginação, diante de tudo que representava para mim o âmbito espiritual. E, claro, marcaram meu olhar em direção às interpretações das experiências vividas.

Na adolescência, praticamente eu não tinha com quem partilhar essas reflexões, pois a maioria das minhas amigas não se interessava por esses assuntos. Acabava compartilhando com meu diário as descobertas que, as vezes, me pareciam fantásticas, pois percebia que ninguém, ao meu redor, parecia saber sobre o que eu lia. Assim, fui apurando meu gosto por leituras espiritualistas, psicologia sagrada e autoconhecimento.

Em relação às experiências místico-religiosas que vivenciei, recordo que fui uma criança muito introspectiva e contemplativa, ao mesmo tempo sensível, emocional e espiritualmente. Tinha uma intuição aflorada que se manifestava em pressentimentos, visões e sensações, além de uma sensibilidade para perceber campos energéticos, ou seja, as energias, boas ou ruins, de lugares e pessoas. Por conta disso, passei a infância sendo levada para rezadeiras, pois adoecia com facilidade e era sensível à visita de pessoas estranhas. Quando elas saíam, eu passava mal, o que minha mãe atribuía a "mau olhado", aí ela corria para a rezadeira. Isso aconteceu até meus 10 anos, porém até hoje gosto de ir a uma benzedeira, assim como gosto de rezar. A benzedura está no meu sangue, faz parte de minha ancestralidade.

Aos sete anos, as manifestações espirituais se tornaram mais fortes. Às vezes, eu estava brincando, quando, de repente tinha uma visão ou um sentimento ruim; aí caía no choro, o que assustava minha mãe. Ela dizia assim: "*essa menina já vai começar com essas coisas...*". Mas também havia coisas curiosas e, por que não dizer, mágicas e encantadas que aconteciam comigo, como, por exemplo, ver uma chuva de luz caindo em cima de mim. Pareciam bolhas de sabão, translúcidas e coloridas. Isso acontecia, quando eu estava em lugares especiais, perto da natureza, ou quando eu rezava. Era um momento maravilhoso! Na verdade, é difícil colocar em palavras o que eu sentia, mas posso dizer que era uma sensação de felicidade, de plenitude.

Lembro bem que eu ficava com as mãos abertas, recebendo aquela chuva de luz, numa dança suave que parecia me transportar para outra dimensão. Naqueles momentos, parecia que o tempo parava, e que não existia nada além daquele instante. Quando, porém, eu

chegava a casa e contava à minha mãe ou à minha avó, elas não acreditavam. Geralmente diziam: “que história, menina, isso não existe...” e eu dizia: “mas eram tantas luzinhas”. Eu acabava deixando para lá e, com o passar do tempo, fui guardando esses momentos só para mim.

Com 10 anos, eu comecei a ver vultos e espíritos de pessoas que já tinham morrido. Às vezes, até alguns momentos, após a morte deles, como aconteceu, após a morte de um tio-bisavó por parte de minha mãe. Tive essa visão em uma tarde, enquanto tomava café com minha bisavó paterna, como eu sempre fazia, pois ela torrava e moía o café, na hora, e eu adorava esse momento. Fiquei muito assustada, minha bisavó rezou comigo, me acalmou e fui para casa; horas depois, recebemos a notícia do falecimento desse tio-bisavô.

Até os 10 anos se repetiram essas situações, mas o que me assustava, mesmo, era ver vultos e sombras. Decidi fazer um pedido a Jesus Cristo; ao meio dia em ponto, me ajoelhei e rezei pedindo a Ele que me livrasse daquelas visões. Nessa época eu era muito católica, assistia à missa, quase todos os dias antes de começar a aula. Isso era possível, porque eu estudava num colégio de Padres, o São Vicente de Paulo, e todos os dias havia missa. Pois bem, nessa época, pedi a Jesus que não me deixasse mais ter aquelas visões. Acredito que meu pedido foi aceito, pois, depois disso, as visões diminuíram, embora a sensibilidade de sentir ou pressentir situações ruins continuasse.

Não posso deixar de discorrer sobre minha bisavó, que chamávamos de Bivinha, uma mulher pequena, parecia uma índia; diziam até que ela tinha descendência indígena. Era muito religiosa, de práticas do Catolicismo popular, com suas rezas e benzeduras. Cresci ouvindo suas histórias, que ora eu adorava, ora me causavam medo, pois ela falava muito do fim do mundo, do pecado e como tínhamos que ser boas pessoas, obedientes e tementes a Deus.

Minha bisavó, ao contar suas histórias do fim do mundo, deixava-me confusa, o que fazia com que eu misturasse fé, espiritualidade e medo. Ficava pensando como um Deus tão bom, criador de um mundo belo, poderia deixar isso se acabar. Eu sentia medo; depois, cheguei à conclusão de que também ficava indignada com Deus. Sentia que Deus era injusto. “Como Deus sendo Deus, o Todo Misericordioso, o Pai de todos nós, poderia fazer isso?”

Lembro um dia, aos sete anos, sentada no quintal de minha casa e pensando nas histórias de minha bisavó, comecei a chorar e dizer: “Deus, o Senhor vai acabar com isso tudo? Por quê? Isso não é justo”. Somente após 40 anos, depois de muita terapia, análise e busca de

mim mesma, descobri que esse foi meu primeiro rompimento com a ideia de Deus como protetor incondicional. Senti-me, pela primeira vez, abandonada pelo masculino, por Deus, que deveria cuidar e proteger a todos, mas, na minha percepção de então, muitas vezes, não o fazia. Acho que essa foi a minha primeira rebeldia, manifestei a revolta contra Deus. Após isso, aos poucos, também fui me sentindo abandonada pelo meu pai e, bem depois, pelos homens com quem me relacionava.

Minha religiosidade foi influenciada pela minha bisavó paterna e por minha avó materna; considero isso uma herança. As duas tinham práticas da religiosidade popular: minha bisavó me ensinou a rezar, e com minha avó aprendi a ir para as procissões e romarias. Tive, também, a influência da religiosidade da minha mãe que era e é católica, mas, de vez quando, gostava de frequentar reuniões espíritas e trabalhos espirituais umbandistas. Quando ela ia para essas reuniões, eu ia junto, achava os rituais, os trabalhos, muito interessantes. Quando os médiuns começavam a dançar, eu achava lindo, ficava contagiada, minha cabeça girava e girava e parecia que eu ia para outro mundo. Outras vezes, as entidades percebiam a minha presença, umas pareciam se incomodar, não querer que eu me aproximasse, outras me chamavam e falavam comigo, como velhos conhecidos, com longos abraços e bênçãos. Então, essa forma de fé também passou a fazer parte de minhas experiências: a troca, a busca por soluções mágicas, o apelar para mudar o destino das pessoas, de forma velada, assim como as promessas, os terços, as missas... Tudo junto e misturado!

Na minha casa era assim, havia práticas religiosas diversas, mas não seguiam isso à risca. Minha mãe tinha o hábito de ir à missa, aos domingos, mas nunca participou de grupos de oração ou outros tipos. Eu tinha todo um interesse em fazer parte daquele mundo. Quando fiz a primeira comunhão, eu passei dias brincando de missa. Tudo era fascinante para mim: a ritualística, as roupas dos padres e freiras, mas o de que eu mais gostava era dos momentos de oração e cânticos, dos atos devocionais, principalmente os ligados à religiosidade popular. Eu adorava ir para as noites de novena, os terços de que participava, principalmente nos períodos de férias, no sítio, em Palmácia. Eu sentia um contentamento tão grande que manifestei o desejo de me tornar freira, o que não foi alimentado por minha família.

Essas memórias vieram à tona, com muita força, através da pesquisa nas romarias e do contato com a fé simples das romeiras, mas, também, pelo contato com a Irmã Annette e sua ação pastoral, sendo uma identificação. Talvez esteja aí uma justificativa para ter decidido

fazer essa pesquisa. Quiçá esteja na minha própria trajetória de vida a motivação para construir as histórias de vida das mulheres romeiras.

Vivenciei desde práticas do Catolicismo popular aos ensinos do catecismo, na infância. Na adolescência, despertei para o misticismo, momento de leituras de Paulo Coelho, ao tempo em que frequentei, junto com minha mãe, rituais da Umbanda e Sessões Espíritas. Essa é minha herança familiar de prática espiritual, portanto, recordações-referências de minha experiência religiosa, as quais me despertaram para outras perspectivas da dimensão espiritual.

No início da vida adulta, descobri a Wicca e o Culto à Grande Mãe, com todo seu simbolismo para o empoderamento feminino, o que marcou um momento de acirramento de minha revolta contra a dominação masculina: tempos de feminismo, Universidade e Movimentos Sociais. Em 1991, passei no vestibular para Ciências Sociais, um curso pouco conhecido, na época, porém que me fascinou, por sua proposta curricular, que tratava-se de teorias sociais, história da sociedade, política e movimentos sociais. Anteriormente, eu tinha tentado ser aprovada no vestibular para Medicina, em parte para satisfazer e ter a aprovação do meu pai, que sempre teve fascinação pela carreira médica e desejava e ainda deseja ter um filho ou uma neta que siga essa profissão, mas, até agora, ninguém da família fez essa escolha; outra parte, porque algo me dizia que eu seria uma boa médica, porém era a educação que me esperava.

Quando iniciei o Curso de Ciências Sociais, eu não imaginava que me tornaria professora. Logo me interessei pelas disciplinas que abordavam relações sociais, a problemática dos poderes estabelecidos, das desigualdades, além das disciplinas direcionadas para o estudo das culturas e dos movimentos sociais. Isso fez com que eu fosse aprovada para ser bolsista da CNPQ. Foi um momento de muito aprendizado, que me possibilitou escrever um projeto para o Mestrado em Sociologia, abordando as lideranças femininas de bairro, juntando duas temáticas muito significativas: a questão dos movimentos sociais e de gênero. Participei do movimento estudantil e do movimento de mulheres, momento em que aprofundei o questionamento sobre o poder patriarcal e as tenções e questões de gênero.

Isso me fez almejar uma independência muito cedo. As relações amorosas sempre foram complicadas, na minha vida. Aos 22 anos, casei. Vivenciei um casamento repleto de conflitos, porém fui presenteada com minhas filhas, as pessoas que mais amo, nessa vida. Com a crise no casamento, retomei as práticas devocionais católicas, porém voltadas para a Devoção

Mariana: práticas que cultivo até hoje, por descobri-las, profundamente, enraizadas em meu ser, em minha ancestralidade.

Terminei minha graduação entre fraudas e mamadeiras, e o Mestrado, após a separação do meu primeiro marido. Esse foi um marco importante e decisivo, em minha vida, posso dizer que teve o antes e o depois da separação, pois um mundo se abriu para mim. Nesse período, busquei outros caminhos espirituais. Fase que foi marcada por uma necessidade de conhecer o sagrado, de uma forma mais holística e ecumênica. Guiada por essa busca que, às vezes, eu traduzia por um vazio, uma incompletude, uma ânsia por encontrar Deus, de uma forma que eu não sabia explicar, me aproximei de grupos espiritualista-terapêuticos. Conheci o xamanismo[57] e nele fui iniciada, participei e conduzi os rituais da Lua Cheia, com mulheres, momentos de celebrar o sagrado feminino e partilhar nossas experiências do mundo vivido. Esses momentos foram especiais na minha vida, pois iniciei o meu processo de autoconhecimento e autotransformação, o que possibilitou curas de feridas antigas do meu corpo emocional. Depois, me aproximei dos estudos espíritas, da meditação e do yoga.

Foi nesse período que comecei a trabalhar na área da saúde, como pesquisadora, e depois nos cursos de especialização para os profissionais do Programa de Saúde da Família. Em 2001, passei no concurso para professora substituta dos cursos de Economia Doméstica e Estilismo e Moda da UFC, a fim de trabalhar com as disciplinas da área de metodologia da pesquisa. Participei também, nessa fase, do Núcleo de Estudo de Gênero, Idade e Família (NEGIF).

Em 2002, fui aprovada no concurso para professora efetiva da Universidade Regional do Cariri (URCA), na área de metodologia do Departamento de Ciências Sociais. Em 2005, assumi as disciplinas de estágio supervisionado, na Licenciatura em Ciências Sociais; a princípio, de forma temporária, posteriormente, como minha principal área de atuação docente. Esse fato tornou-se um marco em minha trajetória profissional, pois, com essa experiência, fui me dando conta da educadora que reside no âmago do meu ser, fui encontrando significado

[57] O xamanismo, tanto em sua forma mais primitiva quanto na mais moderna, recupera o aspecto democrático da vida espiritual: as forças sutis da natureza manifestam-se em experiências espirituais. O xamanismo é uma concentração de conceitos e técnicas psíquicas que, ao longo das idades, foram desenvolvidos por um grupo particular, por povos que se espalharam em cada continente. (DROUOT, 1999). Para Michael Harner em *O caminho do Xamã*: um guia de poder e cura, "o xamanismo é uma grande aventura mental e emocional, onde tanto o paciente como o curandeiro xamã ficam envolvidos. Através de sua heroica viagem e de seus esforços, o xamã ajuda seus pacientes a transcenderem a noção normal e comum que têm acerca da realidade, inclusive a noção de si próprios como doentes. [...] O xamanismo representa o mais difundido e antigo sistema metodológico de tratamento da mente e do corpo que a humanidade conheceu" (1982, p. 13 e 76)

para ensinar a ensinar. Foi me gestando educadora de educadores que percebi o quanto posso contribuir para a formação dos educandos aprendentes de educadores a tornarem-se não só professores de Sociologia, mas tornarem-se educadores do social, a partir de si, dos aprendizados construídos, a partir de uma consciência de suas escolhas não só como profissionais, mas como sujeitos de suas próprias histórias.

Nesse contexto de transformações internas e externas, reencontro as romarias e as práticas do Catolicismo popular, com as Renovações do Sagrado Coração de Jesus[58], os terços e as procissões. Encantei-me pela devoção a Nossa Senhora das Dores e ao Padre Cícero, o que me instigou a pesquisar o fenômeno das romarias a Juazeiro do Norte, a partir das experiências sociorreligiosas das mulheres romeiras. O Cariri é um caldeirão de práticas religiosas fascinantes, o qual me permitiu mergulhar nesse mar de possibilidades. Conheci o Vale do Amanhecer, a Rosa Cruz, a Grande Fraternidade Branca, a Umbanda Crística, por intermédio da Fraternidade Espiritualista Estrela do Oriente e Tsara Gitana Luz do Oriente. Esses grupos se tornaram lugares de prática espiritual e de convívio com pessoas muito queridas, pois se tornaram a minha segunda família.

Em 2008, conheci a União do Vegetal, um lugar, também, especial para mim, pois, além de me proporcionar experiências de expansão da consciência, possibilitou que me aproximasse do meu atual companheiro. Começamos a trilhar uma jornada de transformação, onde o amor, a espiritualidade e a vontade de fazer diferente, conosco e com os nossos filhos, levaram-nos a oficializar nossa relação, no dia 01 de maio de 2015, numa cerimônia religiosa e civil, no Templo da União do Vegetal. Considero esse acontecimento como um dos momentos mais especiais de minha vida, pois, além de ter me proporcionado realizar um sonho da adolescência o de casar vestida de noiva, de véu e grinalda, com buquê, damas, e tudo mais, foi também um momento que marcou minha decisão de viver uma relação de amor e parceria, e esquecer as referências negativas da vida a dois.

Em relação à minha participação nessas diversas instituições religiosas e/ou grupos espiritualistas, penso que seja devido à minha busca por um lugar que pudesse congregar minhas crenças, minhas expressões de fé e devoção, aos fenômenos que se passavam comigo. Não me arrependo de ter passado por nenhum, pois cada experiência dessas contribuiu para ser

[58] É um evento comum, em muitas regiões do Brasil, mas de forma particular no sertão do Cariri, em que o povo, influenciado por Padre Cícero, cultiva anualmente esta devoção. Não se trata de um evento fora dos padrões católicos, mas tem afirmação da própria jurisdição canônica. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus se manifesta, de forma concreta, na Consagração que é feita por intermédio de um rito familiar.

o que sou hoje, aumentou minha fé e me ajudou a encontrar Deus, a cada micro passo que eu dava, em busca de mim mesma. Vivencio, até hoje, esse "*sacerdócio*", embora de forma universalista. Compreendi que seria difícil cessar essa busca, pois essa integração é complexa demais para se dar em uma instituição religiosa, talvez impossível, não sei. O que posso dizer é que encontrei, em lugares diferentes, com práticas diversas, a possibilidade de vivenciar esse conjunto de expressões de minha espiritualidade.

3.2 Construindo sentidos existenciais

Eu Sou
Eu vejo aquilo que é
Eu falo a verdade
Eu amo[59].

Comecei minha autobiografia, a partir de uma reflexão poético-reflexiva sobre quem eu sou, escrita no início do "*caminhar para s*i", quando comecei a ouvir o chamado para trilhar minha jornada interior. Essa definição perpassa mais os emaranhados dos meus sonhos-projetos, o que acredito e insisto em dizer, do que uma descrição de qualidades e/ou qualificações. É assim que me abro para o outro, que me deixo ver, pois, dessa forma, falo a partir de um *eu observador* que se expressa numa linguagem d'alma[60], que busca o sentido do Ser. Parto da pergunta fundamental do buscador de si: quem sou eu?

Será que nós nos conhecemos de fato? Penso que o conhecimento de si é um construto de toda uma vida, vivida e refletida. Entendimentos que vão além da aparência das coisas que não são fáceis de ser atingidas. Exige esforço, compromisso, disciplina e um querer verdadeiro, para juntar forças e iniciar a caminhada em busca de si mesmo, percurso longo e solitário**.** "Conhecer a si mesmo é algo muito mais profundo do que a adoção de um conjunto de ideias ou crenças" (TOLLE, 2007, p. 164). Consequentemente, o profundo

[59] Meditação criada pelo *Helper* (facilitador) do *Pathwork*, Rino Marconi, como atividade de reflexão e autoconhecimento realizada nos processos de formação nessa metodologia.
[60] Concebo linguagem d'alma como uma forma de comunicação do meu eu mais profundo, em sintonia com minha dimensão espiritual-existencial.

autoconhecimento parte de um mergulho em nós mesmos, buscando respostas, compreensões e interpretações para o que somos essencialmente, e não apenas o que pensamos ser.

De acordo com Tolle (2007, p.168-170), quem pensamos que somos é um conhecimento permeado de crenças, e estas são construídas social e culturalmente, são conteúdo da mente não revelando o que somos em essência, em consciência. Logo, o conhecer *sobre* si mesmo é diferente de conhecer *a si* mesmo. "As circunstâncias interiores e exteriores da nossa vida, bem como nosso passado e nosso futuro pertencem ao âmbito do conteúdo. [...] O que existe além do conteúdo? Aquilo que permite que ele exista – o espaço da consciência".

É justamente esse conhecimento que busco: acessar esse espaço da consciência, onde nos autodescobrimos. Quando digo *Eu sou Adriana Maria Simião da Silva,* assumo minha identidade social e, com ela, tudo que objetiva e subjetivamente significa para mim meu nome-próprio e como expresso isso na minha história de vida: os sentidos e as (re)significações estabelecidas, perante as temporalidades do vivido.

Por isso, inicio minha autobiografia, assumindo a autoria do que vou narrar, num texto "metafórico e subjetivo", assumindo minha identidade social, emocional e espiritual-existencial. Quando escrevo *Eu Sou*, trago para essa afirmação a consciência de que venho despertando para minha condição de filha de Deus, portadora de uma porção divina. *Eu Sou*[61] é uma saudação e um identificador sagrado da nossa origem familiar. Portanto, eu creio e assumo que, quando digo *Eu Sou*, estou afirmando "Eu Sou da família de Deus", reafirmando nesse decreto que sou, enquanto filha de Deus, um espírito eterno.

Iniciei minha narrativa assumindo todos os aspectos de minha identidade – sócio, emocional, espiritual-existencial. Segundo Lejeune, em *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet, "para um autobiógrafo, é natural se perguntar simplesmente: 'Quem sou eu?', mais que isso se deve perguntar "quem é 'eu' (ou seja, quem diz 'Quem sou eu?'". (LEJEUNE, 2014, p.22) Com minha afirmação de abertura, estou propondo discorrer sobre quem é esse "eu", assim, essa expressão inicial, seguida de meu nome, permite-me assumir a minha autobiografia, ao tempo em que anuncio o caráter espiritual-existencialista dessa narrativa.

[61] É o Eu Divino, Deus individualizado em cada ser, a identidade real de cada homem, o Ser Permanente. O Pai. A nossa "Poderosa Presença Eu Sou" é a parte de Deus que habita em cada coração Humano, ela é o nosso Eu Divino, o qual Deus Criou à sua imagem e Semelhança. (Disponível em: http://www.conexaoparaoeudivino.com/sobre-a-presen%C3%A7a-divina-eu-sou/. Acessado em: 20/10/2016)

Para Lejeune (2014, p.41), “a aquisição do nome próprio é, certamente, na história do indivíduo, uma etapa tão importante quanto a fase do espelho”, pois é como nos identificamos, quer gostemos ou não do que nos foi dado. “[...] isso pode resultar num sistema generalizado de jogos e fuga, [...] na valorização do nome, como em Jean-Jacques (Rousseau), ou na maneira como se brinca com aquelas letras, nas quais cada um de nós acredita instintivamente que se depositou a essência de seu ser”.

Ao assumir minha identidade social, ou seja, meu nome completo, assumo e acolho o nome recebido, assumo, também, minha linhagem materno-paterna que, com o passar do tempo, fui fazendo um movimento de identificação com o nome que me foi dado: me sinto, me empodero e sustento ser Adriana Maria Simião da Silva. Mas é através desse mesmo nome que me diferencio deles (meus pais) e assumo minha individualidade. “O nome próprio, que nos distingue deles [nossos pais], são, sem dúvida, dados fundamentais na história do eu” (LEJEUNE, 2014, p 41).

Com o passar dos anos, fui me descobrindo Adriana Simião. Assumo a linhagem materna, inicialmente de forma inconsciente, pois considero o nome Simião um nome forte, diferente e, também, porque existem poucos descendentes com esse sobrenome que herdei de meu avô materno. Posteriormente, porque queria reafirmar a linhagem feminina, conscientemente do que isso representa para mim. Foi esse nome que escolhi para acrescentar o sobrenome de meu primeiro marido; entretanto, mesmo registrado em cartório, com o fato do casamento civil, nunca assinei, ou melhor, assumi o “*Adriana Maria Simião Figueiredo*”; não tirei nenhum documento, neguei esse nome, em todas as instâncias.

Àquela época, eu não sabia que poderia simplesmente permanecer com meu nome de solteira, como fiz no segundo casamento. Para mim, essa questão é fundamental, pois passa pelos meus questionamentos de gênero – por que tenho que abrir mão de minha identidade enquanto meu companheiro não? Permanecer com meu nome de batismo é preservar quem sou, é permanecer inteira, e o casamento, hoje acredito, é um encontro de dois inteiros.

Embora meu primeiro nome seja *Adriana Maria*, nunca ninguém me chamou assim. Houve momentos de minha caminhada espiritual em que intencionei assumir meu nome composto, porém ainda não consegui imprimir força a essa decisão, apesar de me sentir, espiritualmente, Adriana Maria. É assim que faço minhas afirmações, decretos e orações. Considero que essa é minha identidade ancestral, que me liga ao Sagrado Feminino, através de Maria, Mãe de Jesus Cristo e “nossa mãe”, pois é assim que me sinto, filha de Maria.

Essas tessituras sobre quem eu sou me ajudaram a refletir sobre as razões e os fundamentos da escrita de si, na minha trajetória de vida, tendo em vista que muito do que narrei já fazia parte de minhas escritas autobiográficas. Ao construir um processo de elaboração biográfica de minha trajetória de vida, com foco nas minhas experiências sociorreligioso-existenciais, pude compreender os motivos de me dedicar à escrita pessoal, porque essa expressão marcou minha vida e como relacionei essas estratégias com a pesquisa (auto)biográfica. Desvelar essas recordações fez-me entender por que a escrita de si, no contexto de minha história de vida, revelou e revela processos de conhecimento e aprendizados: compreendidos, a partir da reflexão sobre as experiências vividas.

Ao me dar conta desse aspecto, iniciei o processo de recordação de minhas vivências e, com isso, fui percebendo o lugar da escrita de si, nos aspectos autoformativos experienciados, ao longo de minha história. Incluo nisso o conhecimento de si e as transformações advindas dessas percepções. Encontrei nas lembranças vestígios dessa escrita, desde a infância, o que me instigou a penetrar mais fundo nessa busca e refletir sobre os achados de mim mesmo, questionando-me sobre quais os sentidos que fui atribuindo, ao conta-las. "A reflexão sobre aquilo que foi formador na minha vida, e que me permite situar o que hoje penso e faço, reforça o espaço do sujeito consciencial, capaz de se auto-observar e de refletir sobre si mesmo" (JOSSO, 2004, p. 130).

Foi assim que fui aprendendo a me interpretar, a buscar sentidos e conexões nos fios tecidos diante do vivido. Para Foucault (2006, p. 640), esse movimento em torno da escrita de si ou pessoal trata de "constituir a si mesmo como sujeito de ação racional pela aproximação, a unificação e a subjetivação, de um já-dito fragmentário e escolhido".

Nessa perspectiva, a escrita de si, para Foucault (2006), constitui-se de uma estratégia de cuidado de si que, ao ser refletida, enquanto narrativa autobiográfica, propicia um sentido e coesão interna. Em *A hermenêutica do Sujeito,* Foucault aborda justamente esses aspectos da escrita de si, enquanto cuidado de si, que, na literatura, vai dar lugar ao conhecimento de si. Para ele, uma reelaboração pessoal, a partir de ideias fragmentadas, retrata um cuidado com a história pessoal, além de revelar um sujeito preocupado em encontrar-se, tomando como ponto de partida um questionamento universal – quem sou eu? No preceito inscrito na entrada do Templo de Delfos, essa pergunta seria respondida, a partir do aforismo "conhece-te a ti mesmo". Para Foucault, só teremos condições ou habilidade para cuidar de nós mesmos, se nos conhecermos.

É da questão do cuidado de si que se chega ao conhecimento de si mesmos, para tanto, é necessário olhar para si e refletir sobre o que se é. No texto de Foucault (2006) esse caminho é percorrido em busca da governança de si mesmo e dos outros. Ao nos debruçarmos nessa leitura *foucaultiana*, percebemos que cuidar de si ou ocupar-se consigo significa conhecer a si mesmo. Tais aspectos são abordados pelo autor, quando ele se refere às tecnologias de si[62].

Uma vez que se entende que se ocupar consigo é conhecer-se, a questão colocada pelo autor é: como é possível conhecer-se e em que consiste este conhecimento? "Para ocupar-se consigo, é preciso conhecer-se a si mesmo; para conhecer-se é preciso olhar-se em um elemento que seja igual a si; é preciso olhar-se em um elemento que seja o próprio princípio do saber e do conhecimento; e este princípio do saber e do conhecimento é o elemento divino" (FOUCAULT, 2006, p. 89). Com esses questionamentos Foucault aponta que é através da metáfora da alma que se olha no espelho divino com que Sócrates aponta o caminho do conhecer-se a si mesmo[63].

Foucault (2006), ao tratar das "tecnologias de si", destacou o que seriam as formas de governança de si mesmo e da cidade, a partir do "cuidar de si" e do "conhecer-se a si mesmo": em resumo, seria o cuidar de si para alcançar cuidar do outro. Num segundo momento desse texto, ele vai enfocar a perspectiva do "o eu": isso possibilitaria, na visão do autor, aplicar essa técnica a todos.

Nesse sentido, Alves (2009, p. 8) afirma que o "quem sou eu" respondido pelo "conhece-te a ti mesmo" aborda uma "lei universal" que, a partir do pensamento filosófico, ter-se-ia a possibilidade de reconhecimento de uma "cultura de si".

Essa cultura é antiga, como pudemos perceber nos trechos anteriores, porém, na modernidade, ganha destaque nas narrativas (auto)biográficas, nos memoriais e diários, conhecidos como literatura confessional ou escritas do eu.

Em relação à minha escrita de si, comecei a registrar minhas construções autobiográficas, de forma mais sistemática, por volta de 1999, após um momento de ruptura e redirecionamento de minha vida, motivado pela separação do meu primeiro marido, levando-

[62] Foucault (2006) aborda as tecnologias de si, a partir dos textos platônicos, pois, de acordo com sua interpretação, o que Platão faz é recuperar e reorganizar as práticas de si arcaicas (purificação, concentração da alma, retiro, rigidez e resistência), de forma a submetê-las ao princípio do "*conhece-te a ti mesmo*".

[63]"Conhecendo-se a si mesmo, através do elemento divino, a alma se torna sábia e capaz de retornar ao mundo, aqui de baixo, com discernimento (sabendo distinguir o bem do mal e o verdadeiro do falso), podendo adequadamente conduzir-se como se deve e governar a cidade" (ALVES, 2009, p 8).

me a descobrir aspectos do meu eu, nunca antes percebido. A partir desse momento, iniciei um processo de autoconhecimento, através da terapia que fez emergir, pouco a pouco, minha história, em forma de dores, crenças, ilusões e distorções. Primeiramente, tentei algumas abordagens como: a Psicanalise, a Gestalt Terapia e a Terapia Transpessoal[64], sendo esta última a que mais me possibilitou compreender quem eu sou. Provavelmente, porque essa abordagem leva em consideração o psicológico, o emocional e o espiritual. Como minha história é permeada por eventos que envolvem o aspecto espiritual, foi justamente nessa linha que encontrei a segurança e o caminho para a minha jornada interior.

Vivenciei esse processo, em seis anos consecutivos, de 1999 a 2004; depois, retomei de 2008 até 2010. Dei mais uma parada, não na autoanálise, mas na terapia. Em paralelo a isso, e sobretudo nos intervalos, eu intensificava a participação em vivências grupais, como: o grupo de mulheres que se reuniam na lua cheia, os workshops do xamanismo, os grupos de estudo do *Pathwork®*[65] e as diversas experiências religiosas e espirituais por que passei, tendo um ápice, quando iniciei o Programa *Pathwork* de Transformação Pessoal, em 2011.

Assim, fui reunindo memórias, quando as minhas reminiscências transformaram-se em pontes para a travessia do caminho do conhecimento de si. Entretanto, esse processo se fez, também, a partir das experiências religiosas/espirituais que me acompanham, desde a infância. Essas experiências foram forjadas em muitas etapas, as quais marcaram, definitivamente, a pessoa que sou.

Esses foram os elementos principais que me levaram aos processos de biografização, que reúno nesse empreendimento audacioso de contar minha própria história, de forma analítica e interpretativa, a partir da narrativa de minha experiência sociorreligioso-existencial. “Considero como grande desafio da vida conquistar o próprio nome, construir o

---

[64] A Psicologia Transpessoal é uma abordagem em psicologia, oficializada em 1967. Por sua natureza Transdisciplinar, integra aspectos de várias outras áreas do conhecimento, em sua visão antropológica, reconhecendo uma dimensão superior da consciência. Evidencia a emergência de valores positivos, crenças e atitudes humanas. (http://www.unipazdf.org.br/psi_apresentacao.html)

[65] “O Pathwork®, cuja tradução literal é “Trabalho do Caminho”, é uma metodologia de autoconhecimento, baseada em um conjunto de ensinamentos apresentados sob a forma de palestras. Estas contêm conceitos e orientações sobre como remover os obstáculos que nos separam dos outros, da nossa criatividade e energia vital, aumentar a intimidade nos nossos relacionamentos e, assim, abrir mão do que bloqueia nosso desenvolvimento, nossa plena realização e alegria. O método, eminente, prático, aplicável ao nosso dia-a-dia, é muito útil para pessoas que estão buscando um caminho espiritual ou que gostariam de entender a razão de certos acontecimentos em sua vida. Com frequência, essa busca se manifesta como uma sensação de inquietação, um anseio, um vazio que nada preenche”. Disponível em: http://www.pathworkbrasil.com.br/Conteudo/?ID_Pagina=25. Acessado em:13/05/2017. Em síntese é uma jornada de autoconhecimento, autotransformação e desenvolvimento espiritual, que nos leva em direção à nossa Essência.

próprio perfil. Nisso, ninguém pode ser substituído ou representado" (BOFF, 2010, p.268); trata-se de um autocuidado impulsionador de autoconhecimento, como visto na perspectiva de Foucault sobre as escritas do si.

Contar-se é um desafio, porque podemos partir de tantos lugares, uns longe e outros perto, quase ontem, mas tão fortes e impactantes que, às vezes, preferimos não lembrar. Apesar de tantas possibilidades, sei que cada pedacinho de memória relembrado é uma peça importante para compreendermos nossa história, sabermos de nós, esse Eu perpassado de outros "eus", que, ao mesmo tempo em que é conhecido, íntimo do ser que somos, é estranho, inusitado e revelador.

Foi isso que relatei na minha história de vida e autointerpretei, no intuito de construir sentidos existenciais para o vivido, refletindo sobre quem eu sou, de uma forma muito minha, mas inspirada em como os estudos autobiográficos são construídos[66]. Foi assim que dei voz às minhas lembranças e significações, em articulação com o processo de pesquisa que vivenciei, no cenário romeiro. A seguir detenho-me na descrição das fontes e procedimentos metodológicos, além de discutir a epistemologia das abordagens de pesquisa que utilizei.

[66] Cf: Souza (2004), Pinto (2006), Josso (2010), Portugal (2013) e Goldberg (2016).

4 PESQUISANDO MULHERES ROMEIRAS

No caminho de Juazeiro, nunca ninguém se perdeu por causa da luminura da Mãe de Deus das Candeias.

(Bendito popular)

Neste capítulo, apresento a discussão da pesquisa (auto)biográfica[67], no universo da investigação qualitativa em Educação, chamando a atenção para seu potencial heurístico e formador, enquanto produtora de conhecimento e sentidos da existencialidade. Em seguida, destaco o contexto epistemológico da abordagem História de Vida, situando o procedimento metodológico das narrativas de vida. Depois, enfoco a elaboração do *corpus* da pesquisa, descrevendo as etapas e os procedimentos da investigação. Por último, apresento o plano de análise e interpretação dos dados construídos, ao longo da pesquisa.

Considero a reflexão teórica acerca da abordagem metodológica fundamental para a compreensão dos passos da pesquisa e da construção e aplicação dos instrumentais biográficos. Esses caminhos constituem-se no roteiro da "*aventura metodológica*", percorrida com entusiasmo e sintonia com minha intuição investigativa, a qual aflorou, de forma criativa, diante da multiplicidade de possibilidades de abordar meu objeto de estudo. Isso permitiu uma construção dos dados e informações, de forma artesanal, composta por muitos passos e interações, uma bricolagem propiciadora de criatividade. Conforme Minayo (1996, p.23):

> Se a teoria e as técnicas são indispensáveis para a investigação social, a capacidade criadora e a experiência do pesquisador jogam também um papel importante. Elas podem relativizar o instrumental técnico e superá-lo pela arte. Esta qualidade pessoal do trabalho científico, verdadeiro ***artesanato intelectual*** que traz a marca do autor, nenhuma técnica ou teoria pode realmente suprir.

Hoje, mais que nunca, compreendo que o processo de pesquisa é uma junção de teoria, método e criatividade do pesquisador, como pontuado por Minayo. Esses ingredientes são indispensáveis ao trabalho de campo e, se tomados em separado, não dão conta do processo como um todo. A criatividade, sem dúvida nenhuma, é o que nos faz ousar, diante do objeto de estudo e suas possibilidades de investigação. Possibilita ir além das regras e normas estabelecidas que, apesar de ditarem os caminhos da cientificidade objetiva, não alcançam a subjetividade e as nuances do objeto estudado.

Considero as histórias de vida das mulheres romeiras um objeto de estudo repleto de especificidades não perceptíveis a um olhar superficial. É preciso que se olhe com

[67] Essa terminologia recebe diferentes denominações, tais como: método biográfico, pesquisa-formação, pesquisa ação-formação-existencial, pesquisa-formação (auto)biográfica, etc.

detalhamento, que aproxime as lentes e as distancie, conforme o movimento de descoberta de suas particularidades. Um olhar de estranhamento que busca compreender o porquê e como essas nuances ocorrem. Como destacado por Olinda e Oliveira (2016, p.22), a pesquisa no contexto das romarias exige uma adequação do olhar. É indispensável educar todos os sentidos, para apreender o hibridismo da prática romeira e toda sua amplitude multicultural e sociorreligiosa. Entretanto, "não é suficiente ver, há que ver/sentir. Não é suficiente ouvir, é preciso aprender a rir e a chorar junto". É esse movimento que descrevo, logo a seguir.

4.1 A pesquisa (auto)biográfica no universo da investigação qualitativa

A pesquisa em Ciências Sociais e em Educação tem ganhado novos contornos e objetos, a partir da evidência dada à abordagem qualitativa, enquanto metodologia de pesquisa. Sua divulgação deu-se, de forma simultânea, no cenário nacional e internacional, contribuindo para a ampliação de perspectivas teórico-metodológicas que passaram a dar sustentação a novas formas de olhar e explicar os diversos fenômenos sociais que se apresentam, no campo da educação.

Esse movimento foi influenciado, em nível nacional, por abordagens científicas, como o Interacionismo Simbólico, a Fenomenologia Social, a Sociologia do Conhecimento que, a partir de metodologias específicas, possibilitaram novas formas de investigação social, tais como a Etnografia, a Etnometodologia, a História Oral e a Pesquisa (Auto)biográfica, entre outras.

Segundo Weller e Pfaff (2010), a pesquisa qualitativa na educação iniciou-se, nas últimas décadas do século passado, marcada, a princípio, por observações etnográficas de ambientes escolares, basicamente tomando como referência estudos comparados. Desde então, vários métodos e técnicas de pesquisa foram desenvolvidos, o que minimizou o embate epistemológico sobre a cientificidade dos métodos qualitativos e quantitativos e as bases éticas da pesquisa.

A pesquisa etnográfica pode ser considerada a abordagem mais antiga empregada nas pesquisas em educação, amplamente influenciada pelos estudos antropológicos, que tratam de "mundos alheios ou estranhos, respeitando a perspectiva destes" (WELLER; PFAFF, 2010).

Tal aspecto pode ser considerado um paradigma, pois, na condição de método de pesquisa, aponta outras maneiras de estudar o "outro". Para Laplantine (2005, p.16), a Antropologia é a área do conhecimento que estuda "o homem por inteiro" e em sua diversidade, levando em consideração "as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade". Isso revela a pluralidade da humanidade em seus contextos específicos.

Nesse sentido, Laplantine afirma que "o conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras" (2005, p. 21). Essa abordagem provoca, assim, uma mudança na forma de conhecer, de olhar seus objetos de estudos e foi sendo desenvolvida com a própria prática de investigação, no campo da pesquisa. Teve vários representantes, entretanto os pioneiros foram: Franz Boas e Bronislaw Malinowski.

Boas, um americano de origem alemã, influenciou na mudança efetiva da prática antropológica, valorizava a pesquisa de campo nos seus aspectos micros; para ele, no campo "tudo deve ser anotado [...] tudo deve ser objeto de descrição mais minuciosa, da retranscrição mais fiel [...]" (LAPLANTINE, 2005, p. 77). Além disso, mostrou que o estudo ou observação de um costume deve ser feito em relação ao seu contexto original; se não for assim, não consegue ter significação; com isso, nasce a etnografia profissional.

Malinowski é considerado um dos principais representantes dessa abordagem, em sua obra *Os argonautas do pacífico ocidental*, na qual reconstrói sua experiência entre os nativos das ilhas Trobriand e nos relatos detalhados do *Kula*. Acrescentou assim novos modos de conduzir a experiência etnográfica, principalmente em relação ao método que desenvolveu e à percepção em relação pesquisador-pesquisados, inovando a forma de coletar dados, no campo de pesquisa. Inventa e pratica em suas pesquisas a observação participant*e*, ao propor compreender "*por dentro*" a cultura estudada.

A etnografia é, ao mesmo tempo, um processo e um produto de pesquisa. Como processo, envolve um convívio prolongado com o grupo que se investiga, através da observação participante, na qual o pesquisador vive a experiência de uma imersão na vida cotidiana das pessoas, observando-lhes as atividades rotineiras, os eventos extraordinários e os "imponderáveis da vida" (fenômenos que não podem ser registrados, através de questionários ou de documentos estatísticos (...), como a rotina diária do trabalho, os detalhes dos cuidados corporais, o modo de comer e de preparar os alimentos, o tom das conversas, as amizades e as hostilidades), o que não pode ser esquecido, durante a pesquisa, e deve ser observado em sua

plena realidade. Observando a vida do grupo em sua plena realização, o pesquisador pode identificar traços culturais compartilhados (MALINOWSKI, 1978).

De acordo com Malinowski (1978), além dos dados referentes à vida cotidiana e ao comportamento habitual, devem ser registrados os pontos de vista, as opiniões, as palavras dos nativos, pois, em todo ato da vida tribal, existe a rotina estabelecida pela tradição e pelos costumes. Além disso, a maneira como se desenvolve essa rotina e o comentário a respeito dela, contido na mente dos nativos. Com ele, o "social deixa de ser anedótico, curiosidade exótica, descrição moralizante ou coleção exaustiva erudita" (LAPLANTINE, 2005, p. 84), pois, para compreender o homem em suas várias dimensões, é necessária a observação dos fatos sociais, em seus aspectos micros, particulares e até mesmo aparentemente insignificantes. Essa prática produziu uma ruptura metodológica que prioriza a experiência pessoal, no campo de pesquisa.

Na educação, esses estudos inicialmente se referiam à etnografia escolar. E descreviam o cotidiano escolar. Em alguns países, como a Inglaterra, foi desenvolvida pesquisa sobre os jovens de uma escola masculina. Na Alemanha, o enfoque foi a infância e a adolescência. No Brasil, esse tipo de pesquisa tem sido realizado em escolas, destacando a organização, o cotidiano escolar e a juventude, como destacam Weller e Pfaff (2010, p. 16).

Além da etnografia, podemos pontuar, como principais abordagens qualitativas usadas nas pesquisas em Educação, "as investigações no campo da história oral e da pesquisa biográfica". Além dessas abordagens, destacam-se os "estudos que adotam perspectivas interacionistas ou a análise do discurso como método", como pontuado por Weller e Pfaff (2010, p.16). Com base nesses tipos de pesquisa, foram desenvolvidas técnicas de coleta e construção de dados, assim como modelos de análise e interpretação específicos para essa perspectiva.

A história oral e a pesquisa (auto)biográfica trazem para o cenário das pesquisas em educação novo enfoque, voltadas mais para a construção de sentidos e significados construídos, a partir de relatos e narrativas que buscam reconstruir trajetórias de vida e de formação, tanto individual quanto coletiva. Ambas as abordagens utilizam procedimentos diversificados para coleta e construção de dados.

Em síntese, podemos dizer que as metodologias da pesquisa qualitativa são descritas, como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade, como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. As estruturas são tomadas, tanto no

seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 2009, p.10), no propósito de compreender a complexidade e o significado da experiência humana.

Por sua vez, a pesquisa (auto)biográfica permite, através de sua variedade de métodos e técnicas, evidenciar como as pessoas, falando de si, falam da vida, do mundo. Nesse sentido, elas trazem a perspectiva compreensiva e interpretativa, tendo em vista que desenvolvem suas ações e constroem suas crenças e significados sobre a vida, o mundo e si mesmo, a partir de suas percepções, sentimentos e significações que dão às suas ações, relações e experiências. Elas precisam ser desveladas, compreendidas e interpretadas.

Imbuído dessas características, esse tipo de pesquisa enfoca, enquanto instrumental teórico-metodológico, a singularidade do indivíduo em articulação com seu contexto social, cultural e histórico. Ferrarotti (2010) chama nosso cuidado para essa articulação entre individual e coletivo, como expressão da singularidade pessoal que, ao ser vivida, expressa e significada, perfaz uma síntese individualizada do que é experienciado na vida social. Para Ferrarotti (2010, p. 35),

> [...] a biografia que se torna instrumento sociológico parece poder vir a assegurar essa mediação do ato à estrutura, de uma história individual à história social. A biografia parece implicar a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, de ação social.

Assim, é que os materiais biográficos foram considerados pelo autor fontes propiciadoras da compreensão do universal, por meio da singularidade. Ferrarotti (2010, p.33), ao relacionar "a biografia individual com as características globais da situação histórica 'datada e vivida'", tornou evidentes os princípios teóricos do método biográfico: a subjetividade e a historicidade.

Ao longo de seu desenvolvimento, a pesquisa (auto)biográfica tornou-se uma aposta científica: "atribui à singularidade um valor de conhecimento", o que inaugura novas formas de interpretar a realidade e lidar com procedimentos de pesquisa qualitativa, com ênfase à construção de dados, gerados a partir de uma interação complexa entre pesquisador-pesquisado, traduzindo-se numa relação de cooperação e, por outras vezes, numa relação em

que o sujeito e o objeto são os mesmos, quando o pesquisador "se observa e se reencontra" (FERRAROTTI, 2010, p.33).

Contudo, para atingir essa perspectiva, passou por algumas transformações marcantes, indo de um esvaziamento de seu caráter heurístico, como forma de adaptação à abordagem qualitativa tradicional, ao reconhecimento de seu aspecto interpretativo, voltando-se para a importância da subjetividade e da historicidade presentes nos materiais biográficos, conforme expresso por Delory-Momberger, na obra *As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação*. A autora destaca que esses materiais eram usados de forma justaposta, "considerados como veículo e fonte de extração de informações", além de, muitas vezes, serem usados "como ilustração ou validação a *posteriori* de um modelo formal de interpretação" (grifo da autora) (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 285).

Podemos marcar a especificidade da pesquisa (auto)biográfica, a partir dos materiais biográficos, do potencial das narrativas autobiográficas de expressarem "a história individual como história social totalizadora", e da forma de utilização desse instrumental, como uma ação social que exige interações e produz sociabilidade (FERRAROTTI, 2014, p. 40 a 45).

De acordo com Ferrarotti (2014, p.40), os materiais de investigação dessa abordagem podem ser divididos em materiais biográficos primários (narrativas autobiográficas) e materiais biográficos secundários (diários, fotografias, testemunhos escritos, documentos oficiais, etc.), sendo estes últimos os materiais usados de forma tradicional. A inversão dessa tendência dá-se pelo uso das fontes primárias, restabelecendo, assim, seu potencial heurístico e sua "subjetividade explosiva".

Para tanto, faz-se necessário, conforme Ferrarotti (2014, p. 41), compreender esse princípio, a partir do entendimento de que as narrações autobiográficas são meios viabilizadores de acesso à subjetividade, pois relatam uma práxis humana que "se apropria das relações sociais (as estruturas sociais), interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas", através de uma atividade sintética "desestruturante-reestrurante", que se torna uma síntese totalizadora "*de todo um contexto social*". Segundo o autor, esse movimento de desestruturação e reestruturação confere ao social as formas psicológicas que são introjetadas sinteticamente formando nossa subjetividade.

Nesse sentido, podemos entender que o indivíduo, através da práxis "sintética, singulariza nos seus atos a universalidade de uma estrutura social. Pela sua atividade

destotalizadora/retotalizadora, individualiza a generalidade de uma história social coletiva". Dessa forma, podemos concluir que, se o indivíduo traz em sua essência o universal, podemos conhecer o universo social e histórico, a partir das especificidades do individual. Isso nos possibilita "ler uma sociedade por meio de uma biografia", outra característica marcante da abordagem (auto)biográfica. (FERRAROTTI, 2014, p.42).

De acordo com Ferrarotti (2014, p. 43), a forma como se procede à "entrevista biográfica"[68] pode ser considerada como uma das especificidades desse método, pois traduz uma relação de interação entre pesquisador e interlocutor, evidenciando um conjunto de expectativas, injunções, valorizações e percepções permeadas de tensões, conflitos e estruturas de poder. Tudo isso pode variar, a depender da forma como os interlocutores interpretam o que o pesquisador sabe e, portanto, o que deve ser dito. O pesquisador tem papel ativo nessa relação, que é sempre recíproca, destituindo, assim, qualquer ideia de objetividade.

A entrevista biográfica tem uma intencionalidade comunicativa. Ao ser efetivada, através de uma narração, desestrutura e reestrutura sinteticamente um ato ou uma história individual, ao mesmo tempo em que expressa uma "*história social totalizada*", enquanto práxis humana (FERRAROTTI, 2010, p.48). Assim, sujeito e objeto estão imbricados numa relação complexa, baseada na reciprocidade, em que o observador está implicado profundamente no campo de seu objeto, outro traço essencial dessa perspectiva.

Delory-Momberger (2014, p. 285) diz que a narrativa biográfica "é um espaço de uma práxis interativa (a do narrador/narratário, do informador/pesquisador)"; por conta disso, é possível entender que a narrativa, antes de contar uma vida, "ela conta uma interação presente, por intermédio de uma vida" (FERRAROTTI, 2010, p.53). Dessa interação entre "instituinte e instituído" é produzida uma narrativa como uma "atividade discursiva e pragmática". Consequentemente, pode ser considerada como uma ação social que realiza um duplo movimento de totalização, "a partir da qual se elabora a história de vida" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 286).

A autora citada elenca como características da narrativa biográfica: a forma como a narrativa é produzida, pois aponta para uma narração construída; a relação entre o narrador e o informador, que estabelece uma relação dialética e interativa; o caráter de estruturação, que revela a dimensão de reorganização e criação própria da narrativa; e a dimensão

[68] Denominação dada por Ferrarotti (2014, p. 40) para o instrumental de recolher as narrativas autobiográficas. Estas devem ser "recolhidas diretamente por um investigador no quadro de uma interação primária (*face to face*)".

sociossimbólica, pois convida “a um procedimento de elucidação do sentido” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 288).

A produção de sentido propiciada pela narrativa biográfica é revelada por “a atividade propriamente hermenêutica do narrador” que narra sua história, conforme a representação totalizante que tem de si mesmo e de sua vida, demonstrando as formas com o que “o sujeito constrói seu ser social singular” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p.291).

Segundo Delory-Momberger (2014), Franco Ferrarotti abre as portas para o desenvolvimento e estruturação dessa abordagem. Em síntese, seus estudos são pilares a sustentar que a biografia é em si mesma uma “microrrelação social, através da qual se pode ler uma sociedade” (FERRAROTTI, 2010, p.50). Não toda a sociedade, mas uma parte dela, visto que o indivíduo é incapaz de totalizar diretamente uma sociedade global, mas apenas a mediação do seu contexto social, dado pelos grupos restritos de pertença, os grupos primários, a saber, a família, os grupos de trabalho, a vizinhança, a classe social.

Para Josso (2010), tal abordagem valoriza a singularidade da pessoa, suas vivências e experiências, enquanto elementos formadores de sua história de vida, que pode ser expressa por meio de narrativas de si. Estas, dependendo do enfoque, podem ser usadas como método ou como instrumental de construção de dados. A seguir, descrevo como utilizei o potencial dessa abordagem, na pesquisa que realizei junto às mulheres romeiras.

4.2 O caminho metodológico da pesquisa

Apresento, nesta parte, como foi vivenciado o percurso metodológico da pesquisa e descrevo as etapas e os procedimentos do processo investigativo. Na condição de caminheira-pesquisadora, iniciei esse trajeto, com o intuito de compreender a construção da experiência sociorreligiosa das mulheres em romarias. Para tanto, fui identificando cenários e informantes, à medida que eu mesma vivenciava a experiência de estar em romaria.

Em busca de investigar as histórias de vida de mulheres romeiras, no contexto sociorreligioso de Juazeiro do Norte, elegi como método a pesquisa (auto)biográfica, com fundamento nas histórias de vida articuladas às observações etnográficas, que deram suporte às descrições dos cenários da pesquisa, inclusive os aspectos “imponderáveis da vida real”, ou

seja, o que não pode ser registrado, de forma sistemática, por pertencer aos aspectos "ocultos" ou "submersos" das situações observadas.

Para compreender as experiências sociorreligiosas das mulheres romeiras, enquanto autoras de seus processos formativos, na "globalidade do ser, em todas as suas dimensões de ser-no-mundo [...] e de suas transformações", tomei como referência o enfoque da formação experiencial como conceito básico das Histórias de Vida e Formação[69]. Essa abordagem de formação é baseada na descoberta e valorização da singularidade do sujeito, que tem, nas narrativas de si, uma forma de expressar sua individualidade, em articulação com o contexto coletivo, configurando, assim, as diferentes dimensões do indivíduo, o que pode revelar uma sabedoria de vida.

A pesquisa está inserida no campo da educação, entendido aqui como espaço de formação para além das dimensões formais, o que me possibilitou enfocar os saberes da experiência, a partir da compreensão de como as mulheres romeiras transformam, ao longo de suas trajetórias, os aprendizados sociorreligiosos em experiências formadoras de suas identidades e subjetividades. Assim, se evidencia a construção de si, através dos aprendizados mobilizados nesse contexto, que, ao serem expressos em narrativas biográficas, apontam para um cenário de formação e ressignificação de suas experiências religiosas.

Tomei como referenciais empíricos as experiências sociorreligiosas de mulheres romeiras, que participam da Reunião das Três Horas[70], através, inicialmente, do acompanhamento de seus testemunhos e outras formas de participação nesses encontros. Foi, porém, através das entrevistas-narrativas que pude conhecer e compreender as experiências fundadoras e formadoras de suas trajetórias romeiras, a partir de suas próprias concepções e interpretações. Nesse sentido, a pesquisa é centrada na problemática do sujeito como produtor de conhecimentos e aprendizagens, o qual, ao ser mobilizado pelas experiências, pode construir sentidos e significados para o vivido (JOSSO, 2004).

Ressalto que a intenção da pesquisa foi utilizar as narrativas biográficas como instrumental de pesquisa e formação, por considerar que essa via propicia aprendizagens experienciais e favorece o processo de autoformação, como pontuado por Josso (2004 e 2010). Esse movimento de narrar a própria vida viabiliza a construção de conhecimento de si, do

[69] Essa categoria teórico-metodológica foi apresentada por Josso em sua obra *Experiência de Vida e Formação*, publicada no Brasil em 2004 pela editora Cortez e reeditada em 2010.
[70] *Cf.:* Silva e Olinda (2014 e 2016).

mundo e das relações, à medida que traz à tona as experiências fundadoras e formadoras da dinâmica existencial. Para Souza e Passeggi (2010, p. 12), "essa perspectiva de trabalho configura-se como investigação, porque se vincula à produção de conhecimentos, às relações do sujeito com a experiência: ter experiência, fazer experiência e pensar a experiência", esse movimento autoformativo pode ser considerado como modos de elaboração da experiência.

Na pesquisa com as mulheres romeiras, esses aprendizados se dão, a partir das experiências sociorreligiosas vivenciadas por elas, na itinerância romeira, como foi possível perceber nas suas narrativas. Ao analisar essas narrativas, procurei relacionar esses três modos de elaboração da experiência com três categorias de análise e interpretação, que expressam a experiência sociorreligiosa vivenciada por essas mulheres: o ser romeira, o estar e o permanecer em romaria em correlação com o tornar-se romeira, o ser romeira devota e o fazer-se romeira devota e engajada. Estes são os marcos fundadores de seus aprendizados.

Portanto, na pesquisa realizada em contexto romeiro faz-se necessário "entender a experiência religiosa, na globalidade da experiência humana" (OLINDA; OLIVEIRA, 2016, p 21), remetendo-nos à perspectiva da historicidade e da subjetividade que as histórias singulares nos revelam, ao tempo em que apontam vivências totalizantes, enquanto vivências coletivas, como destacado por Ferrarotti (2014, p.46), ao tratar das especificidades do método biográfico, segundo ele:

> A noção de práxis humana totalizante (que tiramos de Sartre, mas que reencontramos em Tarde e Simmel, para nos limitarmos a sociólogos) recusa-se a considerar os comportamentos humanos (atos, biografias) como reflexos passivos de um condicionamento que provém do geral, exprimem uma práxis sintética que desestrutura-reestrutura os determinantes sociais.

Essa perspectiva é revolucionária na pesquisa nas Ciências Sociais, pois coloca os sujeitos investigados no centro do processo, com papel ativo na construção das informações e conhecimentos; de sujeitos passivos, tidos como "objeto", passam a uma atuação ativa e relacional, uma vez que "não temos um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido. O observador encontra-se radicalmente implicado no campo do seu objeto" (FERRAROTTI, 2014, p.47).

Existe nesse movimento uma reciprocidade mediada pela interação entre observador e observado que pude constatar, na medida em que aprofundava o trabalho de

campo e me implicava no cenário romeiro, deixando-me afetar e afetando essa dinâmica intersubjetiva: que é, a um só tempo, criativa e desestabilizadora, pois se move conforme o contexto vivenciado e as interações estabelecidas. Assim, dei-me conta de que, quanto mais eu me deixava ver, mais eu podia aprofundar o olhar em direção aos aspectos significativos das experiências narradas pelas romeiras.

Portanto, a escuta (atenta), diante da palavra dada (ABRAHÃO, 2014, p. 58 a 62), foi imprescindível para o processo de construção das histórias de vida delas. Nesse sentido, posso dizer que a escuta e a palavra dada são "dois constructos de inegável potência operativa" (ABRAHÃO, 2014, p. 61).

Além disso, o olhar etnográfico permitiu adentrar as características multidimensionais do espaço observado, possibilitando observar a dinâmica hodierna do movimento romeiro, em contraponto com as dimensões simbólicas e práticas de seus participantes. Busquei, assim, tornar inteligíveis as práticas sociorreligiosas manifestadas nesse espaço, visando a recompor a trajetória romeira, a partir da significação da experiência religiosa articulada com as vivências sociais.

4.3 O caminhar e o cenário da pesquisa: etapas e procedimentos

O cenário de minha pesquisa é instigante e encantador, por toda a complexidade que enreda; fluido e impermanente pelo próprio sentido contido na romaria e na condição do povo romeiro. Esse aspecto múltiplo e flutuante também marca o espaço da Reunião das Três Horas, o âmbito mais específico, onde se desenvolveu a minha pesquisa de campo. Algumas características contribuem para isso: a temporalidade é sazonal, demarcando um tempo extracotidiano e extraordinário, vivido em um ambiente de deslocamento, marcado por uma sacralidade que se inicia com os preparativos para a viagem, prolonga-se no percurso, na chegada ao destino e nos ritos de fé e devoção próprios da romaria; e para os que frequentam o encontro romeiro a participação nas atividades que ocorrem nesse espaço.

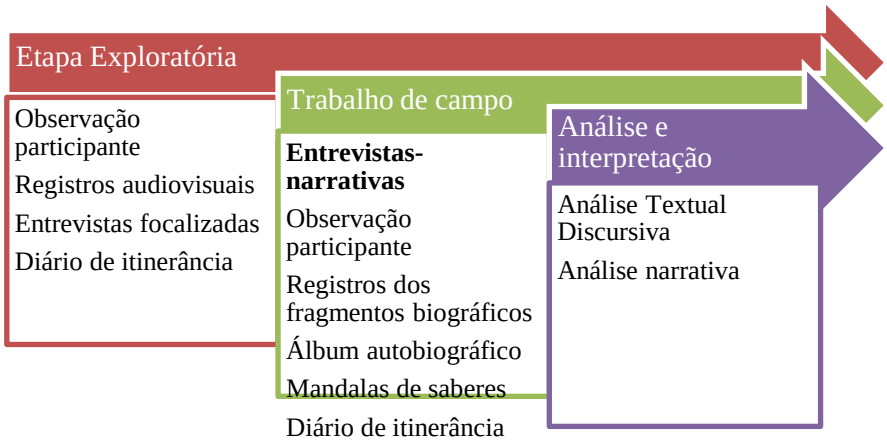
Isso faz com que esse cenário sociorreligioso seja um campo de pesquisa em movimento, onde o tempo e o espaço são construídos seguindo os ditames da fé e devoção que, por sua vez, sofrem influência dos acontecimentos sociais, econômico, político, cultural e

religioso que se dão no contexto da sociedade, de forma geral, e dos acontecimentos ligados à Religião Católica e suas hierarquias eclesiais. Desenvolver uma pesquisa nessas condições exigiu uma adaptação a essas condições específicas. No meu caso, deixei-me fluir nas "chegadas e partidas" da dinâmica das romarias[71].

Considero a dinâmica das pesquisas de campo um trabalho artesanal por excelência, tecido passo a passo, que "não prescinde da criatividade, realiza-se fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói como um ritmo próprio e particular" (MINAYO, 2009, 26). Esse ritmo pode ser compreendido como o ciclo ou os passos da pesquisa, que deve ser trabalhada de forma espiral, ascendente e tem seu início com a enunciação da pergunta de partida e se conclui com a resposta alcançada, diante dos dados e informações obtidos, no decorrer da investigação. Estas informações irão gerar novas informações que, articuladas à teoria, produzem novos conhecimentos sobre a problemática estudada.

Normalmente, esse ciclo é dividido em três etapas, como pontua Minayo (2009, p. 26): etapa exploratória, etapa do trabalho de campo e etapa da análise e tratamento do material empírico e documental. A pesquisa descrita, aqui, contemplou essas etapas do ciclo da investigação científica, entretanto, cada etapa foi subdividida em fases que corresponderam à utilização dos procedimentos de pesquisa, adequados a cada fase específica e suas finalidades práticas. De forma sintética, podemos visualizar as etapas e os procedimentos da pesquisa, no esquema descrito na figura 18.

Figura 17 – Etapas e procedimentos da pesquisa



Fonte: Arquivos de planejamento da pesquisa

[71] Em alusão ao título da tese de Doutorado de Paula Cordeiro – *Entre chegadas e partidas*: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte.

4.4 A etapa exploratória da pesquisa

A **etapa exploratória** ocorreu, no início da pesquisa, entre 2013 e 2014; foi subdividida em três momentos: observação participante, entrevistas focalizadas e seleção das interlocutoras do estudo. Para tanto, utilizei o registro no diário de itinerância, as fotografias e a gravação audiovisual da Reunião das Três Horas. As percepções do campo, geradas por essas informações, ajudaram na definição do objeto de estudo e construção da problemática da pesquisa. Fase importante, também, para a elaboração do perfil biográfico das interlocutoras do estudo, e estabelecimento, em acordo com elas, de um cronograma de datas e atividades que seriam desenvolvidas, na fase do trabalho de campo propriamente dito. A partir dos registros feitos nessa etapa, organizei um breve documentário sobre a Reunião das Três Horas, que teve como objetivo apresentar e caracterizar esse evento, destacando sua metodologia, a forma de participação e o aspecto festivo e acolhedor do evento.

A etapa do **trabalho de campo**, por sua vez, foi subdividida em quatro fases[72]: (1) registro dos fragmentos biográficos, na Reunião das Três Horas; (2) a realização das entrevistas-narrativas; (3) construção do álbum autobiográfico e (4) realização da Vivência Biográfica Integrativa/Síntese Integradora, visando a um momento de reflexão e partilha da experiência. Essas subdivisões tornaram essa etapa dinâmica e interativa.

A etapa de **análise e interpretação** deteve-se na organização dos dados e informações coletados e construídos no decorrer da pesquisa, na categorização, na análise e na interpretação propriamente dita. Para tanto, utilizei o método de análise textual discursiva, proposto por Roque Morais (2003 e 2014), aliado à análise das narrativas apresentadas por Fritz Schütze (2010), detalhada no item descritivo do plano de análise e interpretação, onde apresento e discuto o processo de elaboração das categorias do estudo.

O ciclo da pesquisa é um processo dinâmico que não se fecha, a cada etapa. Nesse sentido, vivenciei essas etapas, de forma flexível e criativamente, seguindo, muitas vezes, minha intuição e curiosidade empírica. Com isso, pude, a cada experiência vivenciada no campo de pesquisa, afinar, mais e mais, as lentes de observação, o que me permitiu rever indagações

[72] Em planejamentos de projetos e atividades de pesquisa, convencionou-se usar etapas para divisões mais globais e fases para subdivisões.

e proposições iniciais, como realizar as entrevistas narrativas, no local de residência das romeiras selecionadas para o estudo. Não foi possível realizar este desejo, tanto pela distância quanto pela adequação de um calendário que atendesse a todas envolvidas no estudo. Essa dificuldade de encontrar uma data viável, para elas e para mim, fez-me rever essa proposta e planejar essa fase, no espaço e no tempo das romarias a Juazeiro, garantindo, assim, a participação de todas.

Senti não conhecer seus modos de vida, no cotidiano, em suas localidades, mas tinha que dar prosseguimento à pesquisa e como meu encontro com elas era duas vezes por ano, na Romaria de Candeias, em fevereiro e Romaria de Nossa Senhora das Dores, em setembro, não quis arriscar a perder o contato com elas, por alguma eventualidade de ambas as partes. Esses encontros ocorreram de 2013 a 2016, sendo que a gravação das entrevistas-narrativas aconteceu, em setembro de 2015. Tivemos, ainda, uma oportunidade de nos encontrar fora do período das romarias, no evento organizado pela Pastoral da Romaria: o 3º Seminário de romeiros e romeiras e agentes da Pastoral da Romaria, realizado em Juazeiro do Norte de 21 a 23 de abril de 2016. Nessa ocasião, pude reuni-las, após o encerramento desse evento, no salão paroquial do Santuário Franciscano, para compartilharmos a Vivência Biográfica Integrativa[73].

O texto segue com o detalhamento de cada etapa e seus respectivos desdobramentos, aliado a uma reflexividade epistemológica, que conjuga métodos, técnicas, instrumentos de construção e coleta de informações e a meu olhar sobre a forma como isso se desenvolveu, no itinerário da pesquisa.

4.4.1 A observação participante: implicações e afetos

Como pontuado na descrição da construção do objeto de estudo, muitos foram os momentos de aproximação com o campo de pesquisa, desde as incursões iniciais, ainda motivadas pelas minhas práticas devocionais, ao me identificar com a religiosidade popular local, em especial as romarias a Juazeiro do Norte, até o surgimento de um interesse investigativo envolvendo essa realidade.

[73] Descrevo essa vivência no item 3.5.4 nesse mesmo capítulo.

Inicialmente, me encantei com o cenário da pesquisa que, sem dúvida nenhuma, é instigante. Aos poucos, fui saindo do ponto de deslumbramento para o ponto de questionamento. Imbuída do espírito investigativo, ajustei as lentes de observação e aquietei a efervescência de sentimentos e emoções, que este espaço me causou e causa até hoje, porém não de forma paralisante ou cega, muito pelo contrário, me anima a querer saber sempre mais sobre as forças sociais, culturais e religiosas que atuam nele.

Para conhecer melhor o campo de pesquisa, realizei, inicialmente, observações simples, não estruturadas que, de acordo com Gil (1999, p.112), são adequadas à fase exploratória, pois possibilitam conhecer e/ou identificar os sujeitos do estudo e a descrever o cenário da pesquisa. No decorrer da pesquisa, foi inevitável a vivência da observação participante, enquanto instrumental do trabalho etnográfico, a que me propus realizar, como apoio na construção dos materiais biográficos trabalhados na fase seguinte.

A observação participante é considerada por François Laplantine, em a *Descrição Etnográfica,* como uma atividade perceptiva no campo de pesquisa, envolvendo um olhar dinâmico e atento, pois é "antes de tudo uma atividade visual" (LAPLANTINE, 2004, p.9), e a escuta, que demanda uma interação necessária entre observador e observados, exige familiaridade, disposição para vivenciar com os interlocutores a dinâmica do cenário estudado. Portanto, esse movimento possibilita a proximidade e o desenvolvimento de interrelações subjetivas. Para que isso ocorra, de forma fluida e reveladora, é preciso que se abandonem preconceitos e posturas impositivas, "numa atitude de ruptura com uma concepção assimétrica da ciência fundada sobre a captação de informações para um observador absoluto, sobrevoando a realidade estudada, mas sem fazer parte dela. Não existe etnografia sem confiança e sem intercâmbio" (LAPLANTINE, 2004, p.9).

Além disso, a observação participante conduz a uma descrição, que é expressa na escrita; assim, "não consiste apenas em ver, mas em fazer ver, ou seja, em escrever o que vemos". Pressupõe, nessa ação de olhar e escrever, uma relação entre "o visível e o dizível, ou mais exatamente entre o visível e o lisível", ou seja, "a transformação do olhar em linguagem" (LAPLANTINE, 2004, p.10), no momento de descrever o que foi observado, vivenciado e sentido na experiência de campo; isso desperta o olhar e a sensibilidade do pesquisador; portanto, é um momento de impregnação e aprendizado.

Para Oliveira, R. (2000, p.18), "olhar, ouvir e escrever" constituem as etapas imprescindíveis da pesquisa etnográfica, são instrumentais de apreensão dos fenômenos

estudados e de produção de conhecimento. Na fase exploratória, exerci o mais detidamente a prática do *olhar;* este se tornou uma via de acesso ao *ouvir*, momento de sensibilidade, interação e afetação que deu o tom das elaborações biográficas, empreendidas no trabalho de campo, retomado e retrabalhado pela *escrita* elaborada, a partir do material construído no percurso da pesquisa.

Acrescento, em sintonia com a percepção de Cavalcante (2011, p.27), "uma quarta etapa: o sentir, perpassando todas as etapas, pois estas não se configuram como estáticas e isoladas entre si nem paralisadas, inertes, sem o movimento do fluxo do sentir", principalmente pela implicação no campo de pesquisa, gerada pelos laços afetivos construídos nesse itinerário. Como, também, pela participação no movimento romeiro, através das atividades organizadas pela Pastoral da Romaria e do próprio processo de identificação com esse cenário sociorreligioso. Nessa perspectiva, o sentir "não fica atrelado somente à busca de interpretar o outro, mas de permanecer inteiro e presente no tempo de descobertas e revelações do outro que, de alguma forma, reverbera em nós".

Nesse ritmo, fluido e em movimento, deixei-me levar pelo encanto e estranhamento do começo; assim, durante a etapa exploratória, participei mais do que observei, rezei, cantei, e chorei mais do que registrei. Deixei-me implicar no campo, que me seduziu e despertou lembranças de vivências romeiras na infância, mais que isso: despertou em mim memórias ancestrais, difíceis de serem descritas, por fazerem parte dos aspectos imponderáveis do vivido e experienciado, no espaço da pesquisa.

Como não dizer que me impliquei profundamente nesse cenário e com seus personagens? Essa é uma pesquisa implicada, quando as relações estabelecidas entre pesquisadora e interlocutoras mudaram nossas vidas; criou afetos, identificações e estranhamentos. Para Favret-Saada (2005), "ser afetado" é uma modalidade central do trabalho de campo, numa perspectiva qualitativa, pois incide nos aspectos subjetivos das interrelações construídas nesse espaço, principalmente quando é estabelecida uma comunicação involuntária entre pesquisador e interlocutores, como pontuado pela autora.

Ao considerar a noção afeto, no campo de pesquisa, Favret-Saada (2005) chama a atenção para vínculos que podem ser construídos nesses contextos que vão além da empatia, cordialidade e reciprocidade que, muitas vezes, são estabelecidas em pesquisas em que o investigador se envolve profundamente com seus interlocutores e modos de vida, principalmente quando opta por metodologias participativas, como a observação participante,

a construção das narrativas biográficas e a composição da síntese integradora. Mas ela destaca que a categoria "*ser afetado*" é mais que empatia, pois gera implicações de ambas as partes.

Assumo essa dimensão, pois não ignorei essa condição, em nenhum momento durante a imersão no trabalho de campo, porém, mesmo afetada, não me perdi nesse emaranhado de fatos, vivências e sentimentos. Pelo contrário, quando percebi que estava afetada e estava afetando pessoas e situações, pude visualizar as tessituras do campo, com mais nitidez, entrega e crédito nas possibilidades criativas e inusitadas dessas interrelações. Isso fez com que meu interesse e opção pela abordagem (auto)biográfica ganhassem sentido empírico, já que a prática estava me proporcionando um entendimento que vai além do que prescreve a teoria.

Para ajudar no processo de *olhar* as dinâmicas do cenário de pesquisa e as singularidades de seus personagens, utilizei, também, como instrumental de captação da realidade estudada, a fotografia digital e a gravação de áudio e vídeos. As fotografias foram utilizadas, no decorrer do trabalho de campo, desde a fase exploratória até as atividades de finalização da pesquisa. A decisão de utilizar imagens das mulheres romeiras, captadas através de fotografias, deveu-se, em primeiro lugar, à necessidade de conhecer e registrar as diversas manifestações da religiosidade popular, percebidas no espaço das romarias; bem como, em segundo lugar, no âmbito mais específico, à necessidade de extrair do fragmento visual do trabalho de campo as características do sujeito visitado[74], pois, como destaca Frehse (2005, p. 186), a fotografia é "testemunho do encontro físico entre o fotógrafo e os sujeitos que este capta visualmente, por meio da câmera".

Os áudios foram usados como meio de registro das entrevistas focalizadas, dos fragmentos biográficos e das entrevistas-narrativas, realizadas na fase posterior. Essa forma de registro possibilita coletar dados visuais, não captados na fala, pois configuram gestos, atitudes, posturas e comportamentos, característicos da individualidade de cada pessoa. Nesse sentido, as expressões denunciam a importância ou o impacto de um acontecimento, assim como os incômodos ou o prazer de uma lembrança. Utilizei essa ferramenta, na fase de construção das

[74] Como detalhado no texto *Mulheres em romaria na terra da Mãe das Dores*, publicado no livro *Vidas em Romaria*, organizado por Ercília Maria Braga de Olinda, minha orientadora, e por mim. Nesse texto apresento o que estou denominando de imagem das mulheres romeiras e retoma aqui no que 5 capitulo quando apresento as mulheres romeiras que participaram dessa pesquisa.

entrevistas-narrativas, assim como na fase de conclusão da pesquisa, no encontro da Vivência Biográfica Integrativa/Síntese Integradora.

Esses instrumentais possibilitaram uma aproximação dos sujeitos pesquisados, facilitando o registro de diversas expressões sociorreligiosas, percebidas no espaço da romaria e, mais especificamente, na Reunião das Três Horas. Ajudou, ainda, na descrição da imagem das mulheres romeiras, devotas e engajadas, especialmente no que diz respeito à indumentária usada, aos adereços usados e outros aspectos da aparência externa, que podem caracterizar a estética dessas mulheres. Foi com esses fragmentos visuais que procurei iniciar o desafio de conhecer o "outro", naquilo que ele traz de específico, ao adentrar o espaço extracotidiano, extraordinário e multifacetado das romarias.

Descobrir a pessoa do outro implica descobrir sua imagem, como destaca Brandão (2005). Procurei, assim, através dessas imagens, os sinais da experiência sociorreligiosa dessas mulheres. Fui encontrando em suas fisionomias, às vezes, cansadas e tristes, às vezes, alegres e vibrantes, e em suas atitudes, diante do sagrado, expressões revestidas de uma aura mística traduzida em gestos, comportamentos e performances próprias da prática romeira engajada.

Adotei esses procedimentos de pesquisa, como meio de documentação audiovisual e por ser uma forma de representação privilegiada da interação sociorreligiosa, estabelecida nesse espaço. Fui, assim, me dando conta da complexidade que envolve essas práticas, da subjetividade de ações repetidas, revividas ou mesmo renovadas entre os que vivenciam essa experiência, assim como fui me deixando tocar por esse cenário.

Esses registros geraram um acervo fotográfico com mais de 5000 mil fotos, que foram organizadas em um arquivo digital, identificadas por ano e por romaria, ou evento acompanhado. O acervo de áudio foi organizado por entrevista realizada, identificando a romeira entrevistada, a data e o local. Esse consta em torno de 20 horas de gravação. Estas foram transcritas e impressas para o procedimento de análise. O acervo videográfico consta de várias filmagens, feitas no espaço da reunião com os romeiros e romeiras, em momentos específicos das romarias, como procissões e visitações aos lugares sagrados, além do registro das entrevistas narrativas e da Vivência Biográfica Integradora.

Analisar esses registros fez-me refletir sobre as formas de expressões sociorreligiosas dessas mulheres, indo além dos estereótipos de devoção e fé, próprios do espaço das romarias. Percebi que havia aspectos subjetivos perpassando suas atitudes e práticas,

assim como características de engajamento e liderança. Esses aspectos foram revelados e tencionados nas narrativas biográficas, que mostraram as implicações das tessituras entre o coletivo e o individual, na constituição de sua religiosidade.

Portanto, a fase exploratória me ajudou a conhecer o contexto e dinâmica da Reunião das Três Horas, quando percebi a força e o caráter inovador do movimento romeiro, na esfera sociorreligiosa de Juazeiro do Norte. Nesse cenário, a participação dá-se na dimensão social, expressa nas redes de apoio e suporte social, que é gerado pelas ações da Pastoral da Romaria, projetando-se como viabilizadora de enfrentamento, resistência e empoderamento de seus participantes.

Essa mobilização produz um fluxo complexo de pluralidades de engajamentos, aderências e inovações que configuram as transformações ocorridas nas romarias juazeirenses. Dessa perspectiva, vislumbrei os percursos de estruturação e sustentação do movimento social e religioso, estabelecido nesse âmbito, o qual apresenta um potencial de criar uma nova tradição romeira, pautada por processos pedagógicos informais e engajamento social. Perceber a complexidade e diversidade dessa dinâmica levou certo tempo; a cada imersão no campo fui juntando elementos para compreender essa convergência de fatos e forças simbólicas. Vivenciei uma aproximação do campo da pesquisa, de forma intensa e implicada; por meio de identificações e estranhamentos, fui me deixando "*ser afetada*", no sentido que Jeanne Favret-Saada (2005) atribui à expressão. Ou seja, fui impactada social e espiritualmente pelo campo e sua multiplicidade de relações intersubjetivas.

Nesse fluxo, fui conhecendo os personagens principais e coadjuvantes desse cenário, o que possibilitou conhecer romeiras de várias localidades, participantes ativas do encontro romeiro; realizei entrevistas focalizadas com muitas delas, além das conversas informais que se deram intensamente, nesse período da pesquisa. Mas, optei por aquelas que demonstraram mais interesse pela pesquisa. A aproximação das romeiras selecionadas deu-se graças ao envolvimento que fomos construindo, a partir das vivências compartilhadas, nos espaços sociorreligiosos das romarias a Juazeiro do Norte. Essas experiências se deram, principalmente, no momento de encontro, partilha e festividade da Reunião das Três Horas, assim como nas celebrações eucarísticas tradicionais desse período, como a Despedida do Chapéu, as procissões e as pausas nos ranchos.

Esse movimento ocorreu, de forma cumulativa, permitindo nos conhecermos mutuamente, construir laços de afetividade e confiança essenciais para a continuidade da

pesquisa, tendo em vista que tanto a pesquisa (auto)biográfica como a observação etnográfica exigem uma parceria no processo de construção de informações e interpretações. Esse processo me ajudou a conhecer suas formas de participação e engajamento sociorreligioso, no encontro romeiro. Percebi que o envolvimento delas nesse espaço expressa uma atuação ativa na programação da Reunião das Três Horas, como representantes de suas localidades, levando e trazendo informações, assim como no encaminhamento de propostas e mobilização do movimento romeiro, tanto em Juazeiro como em seus locais de procedência.

Não pude ignorar esse aspecto: primeiro, porque evidencia as transformações socioculturais e religiosas, explicitadas nas ações de resistência e empoderamento da tradição religiosa popular, na contemporaneidade em Juazeiro; e segundo, porque demonstra características individuais de atuação nesse cenário. Penso que esse aspecto contribui para uma possível tipificação de engajamento no encontro romeiro. Entretanto, não amarrei a pesquisa a esse dado, pretendia apenas tê-lo como um referencial a mais para sondagem da realidade que, sem dúvida nenhuma, ajudou no processo de seleção das interlocutoras do estudo.

4.4.2 As entrevistas focalizadas e a seleção das interlocutoras da pesquisa

Ainda, na fase exploratória, realizei entrevistas focalizadas[75], com a finalidade de obter informações pertinentes às características das mulheres romeiras participantes da Reunião das Três Horas. Estas entrevistas tiveram como objetivo levantar informações sobre local de procedência, dinâmica de visitação a Juazeiro, tempo de participação nessa reunião, assim como a motivação para participar da programação do evento. Esse instrumental, também, foi utilizado para entrevistar membros da Pastoral da Romaria, com o intuito de conhecer: a origem dessa reunião, as atividades da pastoral, a programação institucional das romarias organizadas pela Igreja Católica e para conhecer melhor o movimento romeiro, em Juazeiro do Norte. Tais

[75] Esse tipo de entrevista é descrita por Gil (1999), Minayo (2009) e por Uwe Flick (2009) como um procedimento da pesquisa qualitativa. Tem como objetivo enfocar uma temática específica, sendo apropriada para fase exploratória, porque permite explorar a opinião das pessoas sobre um determinado evento ou situação, concentrando-se no impacto do acontecimento para a pessoa entrevistada.

procedimentos me ajudaram a olhar com mais clareza para o campo de pesquisa, a ajustar as lentes da investigação e situar-me com mais pertinência na situação investigada.

As entrevistas focalizadas de caráter exploratório foram pautadas por conversas, muitas vezes iniciadas em novembro de 2013, na Romaria de Finados, continuadas em fevereiro e setembro de 2014, gerando relatos da experiência romeira, que foram providenciais para a realização das entrevistas-narrativas. Portanto, de suma importância para a identificação das nuances entre as participantes, possibilitando a construção de um perfil inicial delas; além de terem possibilitado conhecer aspectos, ainda não percebidos da Reunião das Três Horas e do trabalho da Pastoral da Romaria.

As entrevistas com as romeiras aconteceram, no pátio da Basílica de Nossa Senhora das Dores, ao lado do Círculo Operário, espaço onde acontece a referida reunião, durante ou após o encerramento de sua programação. Aconteceram no "*calor da hora*", ali no meio da movimentação das romeiras e romeiros: reunião acontecendo em clima de festa e acolhimento, pessoas entrando e saindo, dizendo "seja bem-vindo romeiro nesse encontro de irmãos", se abraçando e se cumprimentando, saudando a Mãe das Dores e o Padrinho Cícero. Entre testemunhos, benditos e orações, emoção e fé se confundem, e a religiosidade pede passagem, de uma forma muito própria desse espaço. Em outros momentos, o que entra em pauta são denúncias e mobilizações da luta romeira, anunciando que a resistência é, também, uma pauta romeira. Nesse cenário de expressões religiosas e sociais, o apoio social, a evangelização e a celebração da vida convergem em prol do acolhimento à nação romeira, dando um tom místico ao encontro, que é, a um só tempo, singular-plural, intenso e complexo, por tudo que cria e mobiliza.

Foi diante desse cenário que fui identificando pessoas, falas e formas de expressão. Como meu interesse era conhecer a experiência sociorreligiosa de mulheres romeiras, busquei aquelas com um discurso que denotava uma participação mais engajada na reunião e que demonstravam uma prática romeira estabelecida.

Não foi difícil essa identificação. Seus testemunhos, normalmente, falam de suas experiências, dos aspectos vivenciados nos trajetos que fazem para chegar a Juazeiro, das graças obtidas e dos grupos e comunidades a que pertencem. Assim, fui conhecendo romeiras de várias localidades, com seus relatos marcantes que instigaram, mais ainda a minha vontade de conhecer suas trajetórias de vida.

Estas entrevistas focalizadas não tinham uma duração pré-determinada: umas foram mais rápidas e sucintas, outras foram longas e profundas, pois acabavam dando início a um relato de sua trajetória romeira. Muito embora elas se detivessem mais em relatos que expressavam as motivações para se tornarem romeiras, o que girava, quase sempre, em torno de milagres alcançados, e, por ter ouvido, de diferentes formas, o chamado de Nossa Senhora das Dores e do Padre Cícero, para virem a Juazeiro. Contudo, meu interesse nesse momento da pesquisa era, também, conhecer de onde elas vinham, de quais romarias elas normalmente participavam, há quanto tempo conheciam e participavam da Reunião das Três Horas e se elas tinham interesse e disponibilidade para participar da pesquisa. Estas eram as informações necessárias para a seleção das interlocutoras do estudo.

Apesar de esse ambiente não ser o mais adequado para a realização de entrevistas, devido ao barulho e agitação do local, favoreceu uma aproximação às romeiras que participam do evento. Tive, através dessas conversas, acesso a muitas histórias e indicações de nomes de outras romeiras que elas consideravam importantes, insistindo, muitas vezes, em que eu as conhecesse e as entrevistasse. A cada romeira que eu conhecia e ouvia um pouco de sua história, mais encantada eu ficava com o universo místico-religioso das romarias, como também fui percebendo o impacto do encontro romeiro, na trajetória sociorreligiosa dessas mulheres.

Iniciou-se, assim, uma relação de afeição com o campo de pesquisa, tanto em relação às romeiras quanto em relação à equipe da Pastoral da Romaria, especialmente com Irmã Annette, que acolheu prontamente a pesquisa, disponibilizando o espaço do encontro romeiro para eu interagir com as romeiras. Indicou romeiras para serem entrevistadas e informantes-chaves de sua equipe pastoral. Aceitou, também, participar da pesquisa, narrando suas experiências mais significativas e os aspectos fundadores da Reunião das Três Horas.

Admito que essa relação de afeição e proximidade contribuiu muito para o desenvolvimento da pesquisa, ao tempo em que me permitiu ficar mais à vontade, para compartilhar as vivências religiosas oportunizadas pelo campo, como os momentos de oração, cânticos, sensibilizações e evangelizações. Muitas dessas experiências me emocionaram, tocaram meu ser religioso, gerando identificações que me fizeram sentir fazendo parte daquele universo. Considero que fui beneficiada por esses laços de afeto e amizade, que foram se estabelecendo a cada romaria, como, também, pela vinculação que passei a ter à Pastoral da Romaria. Passei a participar de reuniões e eventos realizados pela pastoral; isso me possibilitou conhecer na prática o movimento romeiro, seu alcance e extensão, pela lente institucional.

As condições de afetação que se estabeleceram, no trabalho de campo, favoreceram o andamento da pesquisa, porque geram confiança e aceitação. Quanto mais eu me deixava afetar, mais esses laços se estreitavam. Quanto mais eu rezava e cantava com as romeiras, mais elas confiavam em mim, mais compartilhavam detalhes de suas histórias, de suas percepções de mundo.

Das histórias a que tive acesso, nessa fase da pesquisa, duas me chamaram a atenção. Uma foi de Dona Lia; na verdade, seu nome é Maria Vieira[76], porém é conhecida entre as romeiras e os romeiros por Lia, nome inspirado na história contada por Irmã Annette, nos encontros, contada e recontada pelos participantes da programação, como descrito na introdução. Dona Lia contou que já havia feito, duas vezes, o percurso de sua cidade para Juazeiro, a pé, inclusive em estado de saúde debilitado. Devido a ter adoecido, fez uma promessa que envolvia sua ida a pé, como forma de sacrifício em prol de sua reabilitação. Mulher simples, agricultora e aposentada, que afirma não saber ler e nem escrever, mas que, apesar disso, cria benditos sob o sol forte da roça, quando está trabalhando com seu marido. Esses benditos são memorizados e depois transcritos por seus filhos. Ela canta esses benditos, em um programa de rádio que apresenta e nos eventos de que participa. Essa história me marcou, tanto pelos ritos de sacrifício e devoção, quanto por uma fé que parece inabalável, mesmo diante das dificuldades da vida, além das expressões criativas. Infelizmente, só voltei a encontrá-la, no final da pesquisa; por isso, tive que descartar sua participação no desenvolvimento da pesquisa.

Outra história que me marcou foi de Dona Val[77], por tudo que foi revelado, quase um desabafo em tom de confidência. Exercitei uma escuta sensível e acolhedora, numa conversa que deveria ser inicial e focada, porém se transformou num longo relato de mais de duas horas seguidas. Naquele dia em que nos encontramos, ela tinha passado por mais um episódio de agressão do marido, mas que, segundo ela, não a fez desistir de estar ali vivenciando o encontro com outras romeiras e romeiros, de expressar sua fé. Disse que já tinha sido pior, mas, diante de tantas promessas e orações feitas, ele estava, a cada dia, se transformando no marido que pediu e pede a Deus para ter.

[76] Deixou registrado, oralmente, que permitia que eu usasse seu depoimento.
[77] Não divulgo seu nome, porque não assinamos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, e pelo teor das informações uso uma abreviação de seu primeiro nome. Embora, na ocasião, ela tenha registrado oralmente que permitia que eu usasse seu depoimento.

Parecia uma necessidade para ela, dividir comigo esses acontecimentos. Aproveitando a relação intersubjetiva, estabelecida na entrevista, ela olhou para mim e disse "eu sei o que você quer. Você quer que eu conte minha vida; pois bem, minha história é longa, você quer ouvir?" Eu prontamente disse que sim, e ali, no entardecer de Juazeiro, comecei a ouvir sua narrativa, contada com precisão, com algumas pausas, diante da emoção sentida, porém de um enredo dramático e perturbador. Até aquele momento, eu ainda não tinha ouvido relato de violência doméstica, entre as romeiras; isso foi tão inesperado que, por vezes, fiquei tocada e ao mesmo tempo constrangida. Aos poucos, fui acolhendo num silêncio respeitoso sua dor, mas não deixei de me surpreender, pois, após o relato dos acontecimentos difíceis e dolorosos, ela suspirou, enxugou uma lágrima, olhou nos meus olhos e pegou na minha mão, dizendo: "apesar de tudo isso, nunca perdi a minha fé, eu sou feliz e tenho alcançado muitas graças em minha vida. Ele tem mudado, já não me bate mais. Agora, vou para onde quero, faço minhas romarias em lugares diferentes do País e vou com o que tenho, ele não me impede. Não paro nunca, participo da igreja, dos grupos de pastoral, vivo minha fé...".

Também não encontrei mais dona Val, porém sua história fez-me pensar em aspectos que ainda não são falados em contextos romeiros, como a violência doméstica contra mulheres, crianças e idosos, assim como, doenças mentais, abandono e exclusão social. Essa história me anunciou a capacidade de resiliência de muitas mulheres romeiras, sua resistência diante de contextos vulneráveis e sua superação pela fé e devoção à Mãe das Dores e ao Padre Cícero. Reencontro esses aspectos nas narrativas biográficas das romeiras selecionadas para a pesquisa, que irei explorar na análise e interpretação de suas histórias de vida.

Além dessas, entrevistei, mais longamente, duas romeiras: uma de Pernambuco, Dona Severina Juana, que participa da Reunião das Três Horas, desde 2010. Geralmente vem a Juazeiro, nas três principais romarias, o que em suas contas ultrapassa cinquenta viagens. Outra de Sergipe, Dona Jaíra, romeira de tradição que se destaca por seu canto empolgado, durante as reuniões. Vem a Juazeiro principalmente na Romaria de Finados, diz que sua forma de rezar é louvando.

Diante de trajetórias tão ricas e recheadas de resistências e fé, tive vontade de trabalhar com todas, porém, devido a suas vindas a Juazeiro se restringirem à Romaria de Finados, ou por não se enquadrarem na programação da pesquisa, optei por construir a história de vida das romeiras de Alagoas, como descrevo no próximo item.

4.4.3 O perfil biográfico inicial das mulheres romeiras de Alagoas

Diante das entrevistas focalizadas, percebi algumas características marcantes entre as romeiras. Enquanto umas demonstravam atitudes de liderança, outras manifestavam um viés artístico, expresso nas músicas cantadas por elas nos encontros, destacando-se aí as romeiras que gravaram CDs com benditos de sua autoria e as que compõem benditos na roça, sob o sol forte, usando a memória como fonte de registro de suas criações, como poderemos constatar na apresentação e interpretação das narrativas.

Identifiquei, ainda, as romeiras que constroem um engajamento nesse cenário, pelo prazer de pertencimento à "nação romeira", adotando o encontro dos romeiros, também, como espaço sagrado, de partilha e celebração. Portanto, identificar essas formas de participação me ajudou a selecionar as romeiras para a construção das histórias de vida. Embora tenha contactado mulheres de vários Estados do Nordeste, como Bahia, Pernambuco e Sergipe, selecionei para a pesquisa as romeiras de Alagoas. Estas demonstraram um interesse maior, para participar do estudo e se comprometeram com o calendário de construção dos relatos, tendo em vista que a pesquisa aconteceu em movimento, pois envolveu a temporalidade previamente programada dos períodos de romarias (janeiro/fevereiro, setembro e novembro) e a espacialidade própria da movimentação romeira. Por conta disso, as entrevistas aconteceram, ora no salão ou pátio do Círculo Operário, ora nos ranchos e/ou em espaços de reuniões da Pastoral da Romaria.

Diante dessas informações, as mulheres romeiras selecionadas para a pesquisa foram cinco, que apresentarei a seguir, usando seus nomes próprios. Propus o anonimato, conforme procedimentos éticos da pesquisa qualitativa, entretanto elas optaram pela visibilidade de suas identidades. Esse procedimento foi formalizado, através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)[78] assinado por todas. (Ver apêndice A)

[78] O **TCLE** é um documento que informa e esclarece o sujeito da pesquisa, de maneira que ele possa tomar sua decisão, de forma justa e sem constrangimentos, sobre a sua participação em um processo de pesquisa. É uma proteção legal e moral do pesquisador e do pesquisado, visto ambos estarem assumindo responsabilidades. Deve conter, de forma didática e bem resumida, as informações mais importantes do protocolo de pesquisa. Deve estar escrito em forma de convite e em linguagem acessível aos sujeitos da pesquisa. O TCLE é um documento único e deve ser sempre apresentado isoladamente do projeto, da maneira como será entregue ao participante da pesquisa. Deve ser entregue ao pesquisado em duas vias, que serão assinadas pelo participante e pelo pesquisador, ficando uma com cada parte. Este menciona ainda que todas as informações serão mantidas em sigilo (confidencialidade) e em anonimato. Além disso, informa que o participante da pesquisa tem a liberdade para sair do estudo, a qualquer

Ressalto que essas mulheres possuem uma vida pública ativa, no movimento romeiro, portanto, são figuras destacadas no grupo de que participam. Por conta disso e por demonstrarem uma satisfação com a visibilidade de suas identidades, seus relatos foram identificados, ao longo do texto, embora eu tenha procurado ter cuidado com o conteúdo das falas transcritas, repassando para elas suas narrativas na íntegra, fato que assegurou o conhecimento delas acerca de todo o material a ser trabalhado e, também, por constituir um passo importante, utilizado na pesquisa (auto)biográfica.

Nesse sentido, a opção delas por essa visibilidade de suas identidades ajudou a confirmar uma hipótese da tese, que sinalizava para a construção de uma figura de si, constituída pelo processo de engajamento e participação no movimento romeiro, enquanto via de empoderamento individual e coletivo. Essa discussão é retomada no capítulo seis, quando interpreto as narrativas de suas experiências sociorreligiosas, apresento os marcos fundadores e formadores de sua trajetória romeira, assim como destaco como essas experiências contribuem para o empoderamento e engajamento social. Nesse sentido, discuto o que favorece na construção de suas trajetórias romeiras uma figuração de si fundamentada na teoria de Delory-Momberger (2014).

As protagonistas da pesquisa foram cinco mulheres de Alagoas, residentes em Maceió: Lúcia Cabral, Perolina Lins, Quiterinha Tota, Renilda e Quiterinha Meyer. Todas participam ativamente da Reunião das Três Horas, além de serem engajadas no movimento romeiro, tanto em Juazeiro quanto em suas comunidades. Elas, também, atuam em grupos religiosos e atividades da Igreja Católica, em sua localidade. Estes foram os critérios de inclusão que me ajudaram a selecioná-las. Apresento essas características, no esquema sucinto do perfil biográfico das mulheres romeiras de Alagoas, selecionadas para o estudo a seguir.

Figuras 18 a 22 – Perfil Biográfico das Romeiras de Alagoas[79]

momento. Esse termo segue os princípios éticos da pesquisa. Estas normativas seguem a determinação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

[79] Essas informações são detalhadas no capítulo 5 que trata das histórias de vida das mulheres romeiras.

Lúcia Cabral: a andadeira

Tem 65 anos, fez mais de 50 viagens a Juazeiro. É fretante. Presidente da Associação dos Romeiros de Maceió. Possui um intenso engajamento nas pastorais da Igreja Católica no movimento romeiro de Juazeiro e de sua cidade. Fez o bendito "**O pé de Juá**".

Perolina: a que cria na dor

Tem 64 anos, vai completar 100 viagens. Filha e neta de romeiros, fez a primeira romaria, com 14 anos. É cantora de benditos, sendo que o mais conhecido é "**O barco da vida**". Diz que costuma criar seus benditos, em situações de sofrimento e tristeza.

Dona Quitéria Tota: a mãe do padre romeiro

Tem 73 anos, fez mais de 100 viagens. É coordenadora de romaria. Fez a primeira romaria, com 8 anos. É mãe de um padre romeiro de Alagoas. Participa da organização da Missa do dia 20 em homenagem ao Padre Cícero, em Maceió.

Renilda: a que canta para evangelizar

Tem 61 anos, vai completar as 100 viagens. Tornou-se cantora de benditos. O mais conhecido é “Cuidado Romeiro”. Considera-se uma evangelizadora, participa dos grupos e pastorais da Igreja Católica de sua cidade.

Quiterinha Meyer: a radialista

Tem 56 anos, fez 98 viagens. Apresentadora do programa de rádio "**a voz do romeiro**". Considera-se uma evangelizadora, participa de grupos e pastorais da Igreja Católica de sua cidade.

Como descrito no perfil biográfico[80], essas mulheres têm uma faixa etária entre 56 a 73 anos, portanto, são idosas[81], algumas já estão aposentadas. A maioria começou a fazer romarias, na infância. Todas tiveram a experiência de viajar de caminhão pau-de-arara. Três são coordenadoras de romaria, duas são cantoras profissionais de benditos, tendo gravado CDs. Uma é apresentadora de um programa de rádio. Essas informações são detalhadas no capítulo 5, quando apresento suas histórias de vida.

Apresentei às interlocutoras da pesquisa a categoria "mulheres romeiras de Alagoas". Isso causou um impacto na percepção delas sobre sua condição sociorreligiosa. No início, elas estranharam muito essa diferenciação, em relação aos homens romeiros; elas diziam – "porque só as mulheres? E os homens? Não somos nada sem eles, sem a força deles...". Na medida em que nosso processo de comunicação e relação avançava, elas foram compreendendo o sentido e a intenção dessa delimitação, ao ponto que foram se apropriando dessa categoria. Foram inserindo essa expressão/condição nas suas falas, nos depoimentos que davam, nos programas de rádios de que participam, enfim, incorporaram no seu linguajar romeiro.

Considero que, ao despertarem o olhar para essa condição, elas deram início a um processo de aprendizagem, que incide diretamente na formação experiencial da prática romeira, como é previsto e almejado nos processos de pesquisa-formação. Pude comprovar esse aspecto, no depoimento de Dona Lúcia, uma das interlocutoras do estudo, apresentado na Reunião das Três Horas, quando ela disse: "nós mulheres romeiras de Alagoas levamos o que aprendemos aqui para nosso povo…"[82]. Isso demonstra a incorporação dessa denominação/condição, na sua

[80] O detalhamento desse perfil é feito no capítulo cinco, quando apresento as histórias de vida de cada uma delas.
[81] Não me detive na análise da condição de idosa dessas mulheres. Considero importante essa questão, porém não explorei empiricamente esse aspecto que por si só daria uma pesquisa.
[82] Depoimento dado na reunião ocorrida na romaria de Candeias de 2016.

expressão de fala, assim como traz elementos para refletir as implicações desse processo de pesquisa, em sua subjetividade e em sua prática romeira.

Assim, a tese foi sendo constituída das histórias cruzadas e afetadas, por esse processo de compreensão de ser-no-mundo e pelas transformações alcançadas, com a significação das experiências sociorreligiosas, vivenciadas no âmbito romeiro.

4.4.4 O diário de itinerância

O diário de itinerância (BARBIER, 2002) foi a forma de registro escrito que utilizei, para anotar as informações e sentimentos gerados, nas interações do campo de pesquisa e, mais especificamente, no processo de observação participante. Ele foi meu refúgio de ideias, percepções e emoções, o lugar de revisar e expressar o sentir. Na verdade, esse instrumento serviu como um diário de afetação, onde registrava o que estava percebendo, no calor do acontecimento, muitas vezes ali mesmo, no meio da romaria, entre as romeiras, ou, às vezes, sentada na Basílica de Nossa Senhora das Dores: lugar para pausa e reflexão perpassadas por oração-meditação, que me ajudavam a transformar esse olhar de estranhamento ou identificação em aspectos coerentes.

Essa dinâmica viva e pulsante era registrada no diário, onde eu procurava reiterar o que estava diante de mim, me afetando, guiando-me perante o que estava sendo visualizado, percebido, ao tempo em que eu mesma era percebida e afetava esse cenário. É, por isso, que é indissociável a integração do observador, no espaço observado, pois é nessa interrelação, nas trocas que se estabelecem e nos processos de afetação que despertamos o olhar etnográfico e vamos discernindo o que está sendo mobilizado.

René Barbier (2002, p.133) considera o diário de itinerância um instrumental específico, diferenciando-se de outras formas de diário, pois "trata-se de um instrumento de investigação sobre si mesmo, em relação ao grupo [pesquisado] e em que se emprega a tríplice escuta/palavra". Onde se deve registar o que se sente, o que se pensa sobre teorias, conversas e impressões. É onde se vão construindo os sentidos do que se está pesquisando e registrando as transformações que estão causando em si mesmo, por isso revela o emaranhado dos diversos itinerários percorridos, tem caráter singular e privado, assim como os diários íntimos.

Talvez, por conta disso, eu tenha me entregado a essa escrita. Considero a prática de registrar minhas impressões do vivido agradável e necessária, pois se trata da escrita de si, minha pronúncia diante do que vivo e penso. Desde a adolescência, venho me dedicando a essa escrita pessoal, de forma livre e inacabada, com meus processos em busca de um conhecimento de si. Com a prática da revisão diária, aprendida e exercitada no trabalho de autoconhecimento, a partir da metodologia do *Pathwork*[83], aprendi não só a registrar o vivido, mas a procurar os sentidos e aprendizados.

Conforme explicitado anteriormente, a observação participante possibilitou a descrição do cenário da pesquisa, ajudou na identificação de participantes potenciais para o estudo e na caracterização do perfil biográfico das mulheres romeiras de Alagoas, engajadas no movimento romeiro de Juazeiro do Norte. Perpassou todo o processo de pesquisa, muito embora eu tenha acentuado suas informações, na descrição do cenário romeiro. Contudo, foi amplamente praticada no trabalho de campo. Nesse sentido, a observação foi além do olhar, ouvir, escrever e sentir. Constituiu-se, também, em um momento de reflexão, análise e interpretação das experiências vividas no campo e dos conhecimentos produzidos, em sua dinâmica multirreferenciada.

Assim, a observação participante, enquanto vivência e prática metodológica, permitiu-me conhecer a itinerância romeira, como também me levou a perceber e compreender o contexto atual das romarias a Juazeiro, diante das mudanças e reconfigurações sociorreligiosas do movimento romeiro. Também permitiu perceber o meu próprio processo formativo experiencial, vivenciado na dinâmica subjetiva e interativa da pesquisa com as mulheres romeiras e suas experiências sociorreligiosas.

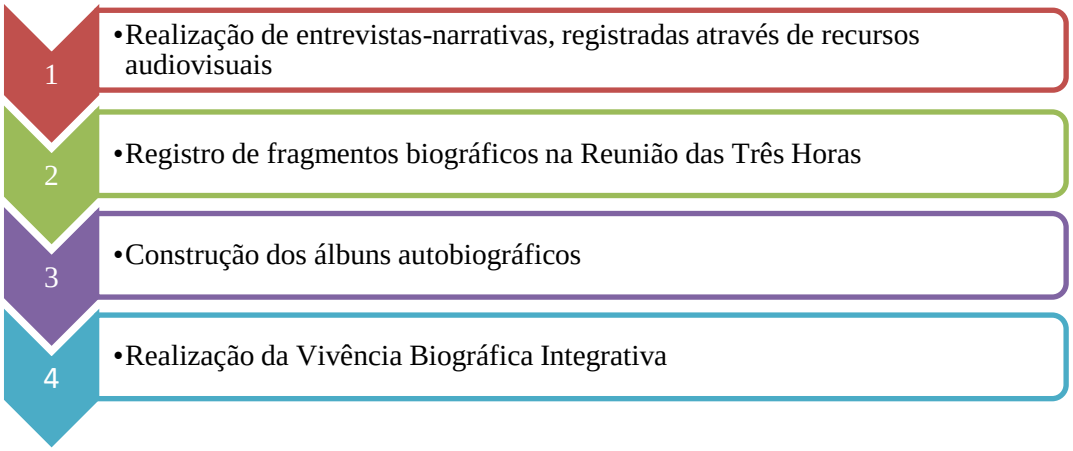
4.5 A etapa da pesquisa de campo e os processos de biografização

Após a fase exploratória, iniciei a etapa de biografização, a partir do processo de escuta (ativa/sensível) e gravação das narrativas de vida das interlocutoras, que foi realizada no decorrer de dois anos, um processo revelador que possibilitou construir e interpretar as histórias de vida das mulheres romeiras participantes da Reunião das Três Horas, a partir da compreensão

[83] Uma metodologia de autoconhecimento e autotransformação, conhecida como *Trabalho do Caminho*.

de suas experiências sociorreligiosas. Tivemos, ainda, um momento de identificação e construção de outros materiais biográficos e, para encerrar essa fase central do trabalho de campo, decidi fazer com elas uma vivência reflexiva, com o objetivo de facilitar a partilha de suas histórias de vida. Assim, a etapa do *trabalho de campo* foi desenvolvida em quatro fases distintas e complementares, como podemos visualizar na figura 24.

Figura 23 - Fases do trabalho de campo



Fonte: Arquivos de planejamento da pesquisa

4.5.1 A realização das entrevistas narrativas

Utilizei a entrevista narrativa, como instrumento de construção das histórias de vida, como descrita por Jovchelovitch e Bauer (2002). Considero que esse procedimento fornece informações básicas para a compreensão de crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

A justificativa para a utilização da entrevista narrativa deve-se ao fato de que a narração "reconstrói ações e contextos, da maneira mais adequada: ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do ator". Através da narrativa, as pessoas relembram o que lhes aconteceu, organizando essa lembrança em uma sequência, não necessariamente cronológica ou linear, mas temporal; buscam explicações para isso e "jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social" (JOVCHLOVITCH; BAUER 2002, p.92).

A entrevista narrativa foi desenvolvida por Fritz Schütze, na década 1970, com o intuito de "suscitar, da parte do entrevistado, uma narrativa de vida mais completa possível" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 300). Esse procedimento metodológico "produz dados

textuais que reproduzem, de forma completa, o entrelaçamento dos acontecimentos e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia" (SCHÜTZE, 2010, p. 212).

Nessa perspectiva, é um instrumental de pesquisa flexível, que permite ao entrevistado construir suas respostas, sem estar preso a um nível mais rigoroso de diretividade e mediação por parte do entrevistador. É o que acontece, no caso do uso de questionário ou de uma entrevista estruturada. Tem como principais características: explorar o ponto de vista dos interlocutores inseridos nos contextos de investigação; evitar a utilização do esquema pergunta-resposta; e não pré-estruturar a entrevista. Para tanto, deve-se empregar o esquema autogerador de informação, que é estimulado por uma questão gerativa de narração. Essa incitação, de acordo com Delory-Momberger (2014, p. 300), "oferece um quadro temporal à narrativa e permite-lhe desenvolver-se transdutivamente, a partir deste *in-put*". Esta incitação, em forma de pergunta, conforme Uwe Flick (2009, p. 165), poderia ser expressa da seguinte forma:

> Quero que você me conte a história de sua vida. A melhor maneira de fazer isso seria você começar por seu nascimento, pela criança pequena que você um dia foi, e, então, passar a contar todas as coisas que aconteceram, uma após a outra, até o dia de hoje. Você leva o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo que for importante para você me interessa.

Esse formato de incitação convida o narrador a descrever lugares, pessoas, situações, mostrando, dessa forma, "quais foram as primícias em seu percurso biográfico, em que pontos ela cruza com outros temas biográficos" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 301). Para Jovchlovitch e Bauer (2002, p.92), os acontecimentos, narrados de acordo com esse procedimento, podem ser traduzidos em termos indexados e não indexados. "Indexado significa que a referência é feita a acontecimentos concretos em um lugar e em um tempo. Porque se refere à experiência pessoal e porque enfocam acontecimentos e ações".

Estes termos devem ser diferenciados no processo de análise. Entretanto, Jovchlovitch e Bauer (2002, p.97), tomando como referência a proposta de Schütze, sistematizaram esse procedimento em quatro fases, a partir da preparação que envolve a exploração do campo e formulações de questões que sejam do interesse do entrevistador, denominadas de exmanentes. Depois se inicia propriamente a entrevista, com a formulação do tópico inicial, ou seja, a incitação à narrativa. Na segunda fase, que é dedicada à narração central, o entrevistador deve

interromper o mínimo possível. Na terceira fase, o entrevistador pode fazer perguntas (exmanentes e imanentes) e, na quarta fase, é feita a finalização.

Essas fases servem mais como um modelo do tipo ideal do que como uma estrutura rígida a ser seguida, pois, na prática empírica, podem não ser contempladas na íntegra, devido ao caráter dinâmico, imprevisível e complexo das pesquisas qualitativas, especialmente no contexto de estudos biográficos, que trazem como marca a possibilidade de construção de dados, conforme o ponto de vista dos interlocutores e suas motivações para a composição de suas histórias de vida.

De forma geral, as entrevistas do tipo qualitativas não diretivas conferem liberdade ao entrevistado, apesar de algumas instruções iniciais, como apresentado na adaptação feita por Jovchelovitch e Bauer. Segundo Poupart (2010, p. 224), a vantagem delas é basearem-se na realidade do entrevistado, a partir de suas próprias categorias e linguagem, oferecendo baixo risco de pré-estruturação do discurso, na medida em que se permite que os entrevistados falem, o mais livremente possível.

Cabe ao entrevistador facilitar a expressão, do ponto de vista do entrevistado. Veem-se essas entrevistas também como uma forma de enriquecer o material de análise e o conteúdo da pesquisa, à medida que favorecem a emergência de dimensões novas não imaginadas, de início, pelo pesquisador. Oferecem a possibilidade de explorar mais em profundidade as diferentes facetas da experiência do entrevistado, embora nenhuma entrevista possa apreender a totalidade de uma experiência, nem mesmo a entrevista que se prolonga por várias seções, como no caso das entrevistas narrativas. As entrevistas que seguem esses procedimentos possibilitam, também, uma melhor exposição da experiência do entrevistado, além de trazer informações sobre suas características, sobre sua trajetória social, de modo a compreender e situar o seu discurso, permitindo-se ao entrevistado estabelecer as ligações que ele julga úteis entre os diversos elementos de sua vida (POUPART, 2010, p. 225 e 226).

Poupart (2010, p. 227) afirma que a entrevista sempre foi considerada como um meio adequado para levar uma pessoa a dizer o que pensa, a descrever o que viveu ou o que viu, ou aquilo de que foi testemunha. Uma boa entrevista deve permitir que o entrevistado se reporte satisfatoriamente, e que aquilo que ele diz seja considerado, segundo as posições epistemológicas dos pesquisadores, como uma história verdadeira, uma reconstrução da realidade ou mera encenação. Nesse contexto, o autor apresenta alguns princípios que são, em geral, tidos como adquiridos e, de fato, comumente alegados, com o objetivo de fazer com que

o entrevistado possa verdadeiramente dar conta de sua visão ou de sua experiência, na situação de entrevista. Tais princípios dizem respeito a: obter a colaboração do entrevistado, colocá-lo à vontade por elementos de encenação, ganhar-lhe a confiança e levar o entrevistado a tomar a iniciativa do relato e a se envolver.

Para colocar os entrevistados à vontade, os pesquisadores devem intervir, de forma mais ou menos consciente. Poupart (2010) descreve tal atitude como elementos de encenação da entrevista, segundo a fórmula de Goffman (1973)[84]. O sucesso e margem de manobra dependem aí das situações e das pessoas entrevistadas. Assim, se aconselha que os entrevistadores façam o máximo para criar um ambiente e contexto favoráveis à entrevista.

Diante dessas preocupações, decidi realizar as entrevistas narrativas, nos ranchos onde as romeiras se hospedam. Estas foram realizadas na Romaria de Nossa Senhora das Dores, em setembro de 2015. Foram marcadas com antecipação, ainda na romaria de janeiro do mesmo ano e confirmadas por telefone. Considerei os ranchos como o lugar mais apropriado para as entrevistas, tendo em vista que é o lugar onde elas descansam, no intervalo da programação das romarias. Descartei gravar essas entrevistas no Círculo Operário, como fiz com as entrevistas focalizadas, por ser um ambiente público, com grande circulação de pessoas, pois se localiza próximo à sala de informação ao romeiro e da Basílica Nossa Senhora das Dores; portanto, não adequado para um momento delicado e profundo, como é o caso da entrevista narrativa.

Este procedimento de construção de dados exige que alguns cuidados sejam observados, como lugar apropriado, tempo e disponibilidade do entrevistador e interlocutores, uma relação de confiança, uma escuta ativa e sensível. Por isso, decidi deixá-las o mais confortável possível, em seus ambientes habituais. Inicialmente, procurei manter uma conversa informal; enquanto isso, meu companheiro Wesley Gomes, que me auxiliou, durante a pesquisa de campo, manejando os equipamentos audiovisuais, montava os equipamentos utilizados, no caso a câmera e filmadora, que seriam os recursos de registros das entrevistas.

Procurei, ao máximo, não dar ênfase a esses instrumentos, para que a narração fosse a mais natural possível. Esses cuidados valeram a pena, pois compartilhamos momentos de emotividade; muito do que foi contado estava carregado de sentimentos, uns bons e alegres,

[84] *Cf*: POUPART (2010).

outros tristes e impactantes. No momento compartilhado, me emocionei com elas, respeitando as pausas, os silêncios, os incômodos e limites de cada uma.

Um aspecto que vale ser ressaltado foi o momento das reminiscências dolorosas ou tristes; essas geravam emoções que vinham acompanhadas de embargo da voz e quase sempre de lágrimas. Nesse momento, foi imprescindível a escuta sensível e acolhedora, pois procurei exercitar uma escuta atenta e sensível. Acolhendo o que elas estavam me contando, numa atitude de presentificação, ou seja, de estar presente por inteira, compartilhando o sentir. Nessas ocasiões, eu respirava com elas; às vezes, também, me emocionava, deixava as lágrimas fluírem numa cumplicidade de sentir que intermediava o falar e o ouvir.

Assim, o que era próximo e implicado, em relação ao campo de pesquisa, gerou uma proximidade singular e particularizada. Senti-me adentrando sua morada íntima, descobrindo seus tesouros, suas lacunas e obscuridade. Então, como não acolher o que o outro tem de mais humano, seus erros e acertos, sua sombra e sua luz? Escutar, nesse sentido, foi para mim receber o essencial de suas tessituras de vida, expresso em palavras. Conforme Abrahão (2014, p. 61), "sem escuta de qualidade, portanto, a narrativa torna-se vazia, monológica, ou, no limite, simplesmente não existe. A relação escuta/palavra dada, nos parece crucial para a construção de uma história de vida".

Nessa abordagem, os interlocutores do estudo estão envolvidos diretamente, durante todo o processo de investigação, com suas narrativas e/ou outras construções biográficas, independentemente do procedimento adotado para gerar informação e contribuir para processos formativos, como por exemplo: a Biografia Educativa (PIERRE DOMINICÉ, 2014), o Ateliê biográfico (DELORY-MOMBERGER, 2014), a Pesquisa-formação (JOSSO, 2010), o Círculo Reflexivo Biográfico (OLINDA, 2010) dentre outros, material produzido deve ser lido, comentado, refletido e completado para sua finalização. Procurei seguir essa metodologia, apesar das limitações impostas pelo meu campo de pesquisa, que só permitia o encontro com minhas interlocutoras, duas ou três vezes por ano. Mesmo assim, priorizei o contato delas com as narrativas transcritas e impressas, entregues a elas para leitura e avaliação do que ficaria ou deveria ser acrescentado.

Esse passo foi muito importante para a percepção delas sobre suas produções, sobre suas histórias e seus saberes. Foi através dessas leituras que elas demostraram dar-se conta do alcance de suas práticas sociorreligiosas e sua atuação no movimento romeiro, o que me deu elementos para pensar na forma como elas projetam uma "figura pública de si" (DELORY-

MOMBERGER, 2014) e como isso contribui para o empoderamento individual e coletivo. Pensando nisso, pensei em realizar com elas duas atividades biográficas: uma foi a construção de um álbum autobiográfico; e a outra, uma atividade de síntese e integração, as quais descrevo, no próximo item.

4.5.2 O registro dos fragmentos biográficos

Os registros dos fragmentos biográficos foram feitos, em dois momentos da etapa de pesquisa de campo: na Reunião das Três Horas e na atividade de síntese integradora. A observação etnográfica perpassou todo o processo de pesquisa, sendo que, na etapa de pesquisa de campo, foi direcionada para os registros audiovisuais dos fragmentos biográficos, expressos em forma de relatos de experiência, testemunhos e benditos, proferidos pelas mulheres romeiras, durante o encontro romeiro. Esses registros[85] foram feitos, com o intuito de identificar as representações e expressões de si, mobilizadas nessas ocasiões pelas interlocutoras do estudo. Com isso, pude conhecer os temas abordados, as histórias contadas, as atitudes e comportamentos verificados nesses momentos de partilha. Diante disso, acessei como essa forma de figuração de si contribui para processos de empoderamento individual e coletivo das participantes.

4.5.3 A construção dos álbuns autobiográficos

Como preparação da atividade de síntese integradora, solicitei às participantes da pesquisa que criassem os álbuns autobiográficos. Para tanto, pedi que elas construíssem esse material, a partir do questionamento gerador: Quem sou eu? Estes foram confeccionados por elas, após a romaria de setembro de 2015, em suas residências, e apresentados, no encontro de Síntese Integradora.

[85] Esses fragmentos são analisados e interpretados no capítulo 6, quando discuto o empoderamento e o apoio social mobilizados no espaço da Reunião das Três Horas.

Para motivá-las a essa produção, entreguei um *kit* com materiais de desenho (álbum, lápis de cores, canetas coloridas), como podemos observar na figura 10. Esse material foi entregue a cada uma, juntamente com as orientações para o processo de produção dos álbuns que, "a priori", deveria ser uma construção livre, considerando suas criatividades enquanto arte de si. O *kit* foi acompanhado do convite para apresentação dessa criação, na Vivência Biográfica Integradora que seria realizada em abril de 2016.

Figura 24 – Imagens dos *kits* de desenho para a criação dos álbuns autobiográficos

Fonte: Arquivos da pesquisa.

As romeiras receberam, com entusiasmo e alegria, o *kit* para confeccionar o álbum autobiográfico. No início, tive certa dificuldade de fazê-las entender o objetivo e os direcionamentos de criação desse material que, se tratava de uma produção livre, podendo cada uma usar a criatividade e sua forma de expressão de si, como achasse melhor. Entretanto, elas alegavam que não sabiam o que colocar. Demonstravam uma preocupação em "acertar". Foi então que percebi que para elas isso tinha significado uma "tarefa", como as passadas na escola; assim, elas queriam saber o jeito certo, o modelo.

Eu procurei acalmá-las, afirmando que não existia uma forma definida, que elas poderiam usar a criatividade e fazer como desejassem. Poderiam desenhar, colar fotografias ou quaisquer outras imagens que representassem quem são elas. Poderiam, ainda, escrever sobre acontecimentos e emoções, ou mesmo inserir ou criar benditos, orações ou versos. Depois dessa explicação, elas ficaram mais calmas e despediram-se com a promessa de fazer os álbuns.

Quando eu pedi a elas que criassem essa forma de expressão de si, representando quem são elas, eu não imaginava que iria mobilizá-las tanto. Nos meses que se seguiram à entrega do material, elas procuraram entrar em contato comigo, via *facebook*, telefonemas e mensagens. Queriam saber o que colocar, como fazer. Mais uma vez, eu expliquei que era livre, que não precisavam ter medo ou receio de errar, pois não se tratava disso, e sim poder conhecer

um pouco mais das suas trajetórias de vida. Na verdade, a atividade era uma tentativa de síntese e, de alguma forma, uma complementação às narrativas orais anteriormente realizadas. Meu objetivo era mobilizar outros recursos, além da oralidade, como o uso de imagens e fotografias.

Na Romaria de Candeias de 2016, elas ainda não tinham concluído, inclusive trouxeram os álbuns para que eu "corrigisse". Fiquei sensibilizada com tanta mobilização, cuidado e empenho na conclusão da atividade. Aproveitei essas dúvidas e fiz uma reunião com elas. Momento em que expliquei, mais uma vez, o objetivo dessa atividade autobiográfica, conversamos, trocamos informações e, após eu ver o andamento dos álbuns e dizer que estavam excelentes, elas finalmente se acalmaram e decidiram concluir.

Os álbuns estavam ficando lindos, com o estilo singular de cada uma, com fotos, desenhos e escritas. Diante disso, preparei com mais esmero a Vivência Biográfica Integradora, ocasião em que elas iriam apresentar suas produções.

4.5.4 A Vivência Biográfica Integrativa

Na Vivência Biográfica Integrativa, partilhamos momentos de alegria, emoção, oração, troca e celebração. Foi um momento vivencial reflexivo e integrativo, visando a uma síntese das construções biográficas produzidas por elas, no percurso da pesquisa. Teve como mote o questionamento "quem sou eu?" que foi abordado, na apresentação dos álbuns autobiográficos e na partilha das narrativas da experiência sociorreligiosa, ao tempo em que oportunizou a autoexpressão, através das mandalas de saberes, construídas durante a vivência.

Essa fase foi pensada, com o intuito de dar ênfase aos momentos formativos, no sentido de motivar uma reflexão de si, à proporção que elas narrassem e apresentassem, uma para outras, suas experiências do vivido. Para tanto, utilizei, como instrumental de produção de informação e conhecimento, as mandalas de saberes romeiros, inspiradas na metodologia das mandalas de saberes, criada pela Casa da Arte de Educar (CAE)[86], a qual propõe uma nova proposta pedagógica de articulação, integração e interação de saberes escolares/acadêmicos e

[86]A Casa da Arte de Educar (CAE) nasceu da reunião de educadores, tendo como missão promover ações de educação e cultura capazes de contribuir para a qualificação das políticas públicas de educação, cultura e direitos humanos. Desenvolveu uma metodologia estruturada - Mandala de Saberes - para favorecer o diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes populares, e tem apresentado resultados significativos, no desempenho acadêmico dos estudantes. Desenvolveu para o Ministério da Educação a proposta pedagógica para a Educação Integral, no Programa Mais Educação (LIMA, 2014).

saberes locais, entre a escola e a comunidade. Esta metodologia "vem sendo utilizada em contextos de educação integral e educação de jovens e adultos. Ela contribui para a instauração de um campo de articulação de saberes e linguagens diferenciados [...]" (LIMA, 2014, p.7).

É uma proposta inovadora de organizar e desenvolver projetos pedagógicos. Pressupõe em seus princípios diretivos o estabelecimento de diálogo, troca de experiências, uma interação e uma integração entre a escola e as comunidades envolventes, bem como diversos órgãos governamentais. "Apresentam uma abordagem holística que se ajusta ao espírito da educação integral e ao Projeto Mais Educação" (LIMA, 2014, p.7).

Nessa perspectiva de integração, interação e troca de saberes, considerei a metodologia das mandalas de saberes um instrumento adequado e oportuno para trabalhar a síntese integradora das construções biográficas, produzidas pelas mulheres romeiras, participantes da pesquisa. Além disso, é um instrumento de expressão e representação criativa e lúdica. A mandala é um elemento milenar, formada por figuras geométricas que utilizam símbolos, desenhos, cores, números, e palavras. Universalmente a mandala é o símbolo da integração e da harmonia.

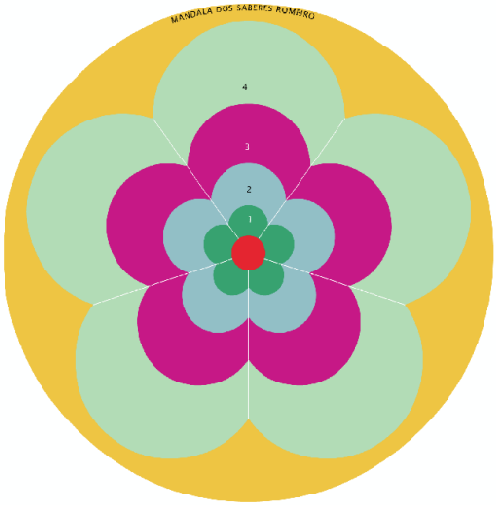
De acordo com o Guia das Tecnologias Educacionais da Educação Integral e Integrada e da Articulação da Escola com seu território, produzida pelo Ministério da Educação e da Cultura (2013):

> A Mandala é uma representação simbólica e arquetípica da psique, envolvendo a consciência, o inconsciente individual e o inconsciente coletivo. Ela representa a totalidade da experiência humana entre o interior (pensamento, sentimento, intuição e sensação) e o mundo externo (a natureza, o espaço, o cosmo) [...] Uma integração/interação da consciência individual e/ou coletiva à natureza, à sociedade, ao cosmo, por meio de uma abordagem holística, em que o universal e o particular ou local estão em situação dialógica, ou seja, a unidade na diversidade e vice-versa" (2013, p.27).

A partir desse significado, a intenção era construir com as romeiras uma mandala síntese dos saberes romeiros. Para elaboração dessa mandala, usei o Sistema de Construção das Mandalas de Saberes idealizado pela Casa da Arte de Educar em parceria com o Garagem

Studio que, através dessa ferramenta gráfica, apresenta uma nova metodologia de ensino[87]. Esse programa possibilita criar mandalas de diversas formas, cores, formatos e níveis. Para a Vivência Biográfica Integradora, criei a mandala síntese, que chamei de Mandala dos Saberes Romeiros, como podemos observar na figura 26.

Figura 25 – Mandala dos Saberes Romeiros.



Fonte: Arquivos da pesquisa

A mandala síntese se subdividia em cinco níveis, a contar do centro. Cada nível constituía-se em uma mandala específica. A ideia era vivenciar a construção de cada mandala, até que as cinco formassem a mandala síntese, uma vez que elas respondiam a diferentes

87

Imagem do sistema de construção de mandalas dos saberes disponível: http://www.madaladossaberes.org/

objetivos, devendo representar a síntese da experiência romeira, expressa em cinco níveis, como mostra a figura 27.

Figura 26 – Subdivisão da Mandala dos Saberes Romeiros.

Fonte: Arquivos da pesquisa

A vivência aconteceu, no dia 23 de abril de 2016, no Santuário Franciscano, por ocasião da realização do III Seminário de Romeiros e Romeiras e Agentes da Pastoral da Romaria. Oportunizei esse evento que reuniu romeiras e romeiros de vários Estados do Nordeste, para encontra-las e compartilharmos mais uma fase de nossa pesquisa. Essa, também, foi uma oportunidade de reuni-las fora do período de romarias, o que permitiu um encontro mais prolongado. Participaram dessa atividade Lúcia Cabral, Quiterinha Tota, Perolina e Renilda. Quitéria Meyer não compareceu e nem justificou a ausência. Na verdade, sua participação na pesquisa foi difícil, porque ela parecia evitar os encontros e, mais ainda, entrar em detalhes de sua vida pessoal, se atendo à narrativa de sua experiência romeira.

A Vivência Biográfica Integradora constituiu-se de acolhimento, dinâmica integração, apresentação dos álbuns autobiográficos, construção das mandalas de saberes romeiros e encerramento, com uma partilha de alimentos e entrega de um kit lembrança[88], um mimo com que fiz questão de presenteá-las. Nessa atividade, contei com a participação de

[88] Uma bolsa de palha confeccionada a mão com uma imagem bordada do Pé de Juá e Padre Cícero; uma encadernação com as histórias de vida de cada uma; as fotos delas tiradas no período da pesquisa; O terço com a oração – coroa de dores de Nossa Senhora; o terço das sete alegrias de Maria – Terço das rosas de N S dos Prazeres e um doce, mini bolo.

Ercília, minha orientadora, meu companheiro Wesley, que ajudou com os equipamentos audiovisuais e de duas alunas do Curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (Beth e Larissa), que auxiliaram na organização e registro escrito da programação.

A programação iniciou-se, às 14 horas, com o acolhimento feito a partir das boas vindas, com a música "seja bem-vindo oh lê" muito conhecida delas. Depois, fiz a apresentação da programação, procurando deixá-las calmas em relação ao que iríamos fazer. Após, passamos para o primeiro momento de construção das mandalas de saberes. Essa metodologia permitiu a construção de um conjunto de mandalas que expressaram saberes, representações e expressões de si das romeiras, de forma compartilhada e lúdica.

O primeiro nível correspondeu ao centro que foi pensado, como momento de integração e representação da religiosidade das participantes. Denominei esse centro de altar coletivo, como podemos visualizar na figura 28. Para a montagem do altar, separei, antecipadamente, alguns objetos e imagens que representam o sagrado para as romeiras, como: imagens de Padre Cícero, N S das Dores, Sagrado Coração de Jesus e de Maria, chapéu romeiro, um terço, fitinhas de pedidos, uma vela e flores. Pedi que cada uma escolhesse um objeto, levasse ao centro da mandala e colocasse lá, dizendo por que escolheu o objeto.

Figura 27 – Primeiro nível da Mandala Síntese, – Centro/Altar Coletivo

Fonte: Arquivos da pesquisa

Após todas concluírem, fizemos um círculo ao redor da mandala síntese e fizemos um momento de intenções para aquele momento, agradecendo a egrégora de Nossa Senhora das Dores, de Padre Cícero e dos franciscanos, que nos acolheram para a realização da vivência. Assim, iniciaram-se nossas atividades, num clima de oração e sensibilidade, impregnando nossa atividade biográfica de espiritualidade e afetividade.

Figura 28 – Fotografias da Vivência Biográfica Integrativa.

Mandala Síntese impressa em papel de outdoor.

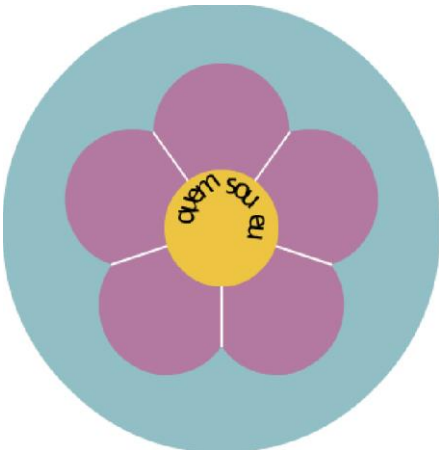
as participantes da vivência

O kit lembrança

Fonte: Arquivos da pesquisa

A partir do altar coletivo, que formou o centro da mandala de apresentação, seguiu-se o segundo nível correspondendo à mandala “Quem sou eu”. Para esse momento, solicitei que elas fizessem uma apresentação, utilizando os álbuns autobiográficos, confeccionados por elas, representando sua percepção de si. Essa mandala foi estruturada em cinco divisões que formaram uma flor; cada pétala da flor correspondia a uma romeira.

Figura 29 – Segundo nível – Mandala de Apresentação – Quem eu sou?



Fonte: Arquivos da pesquisa

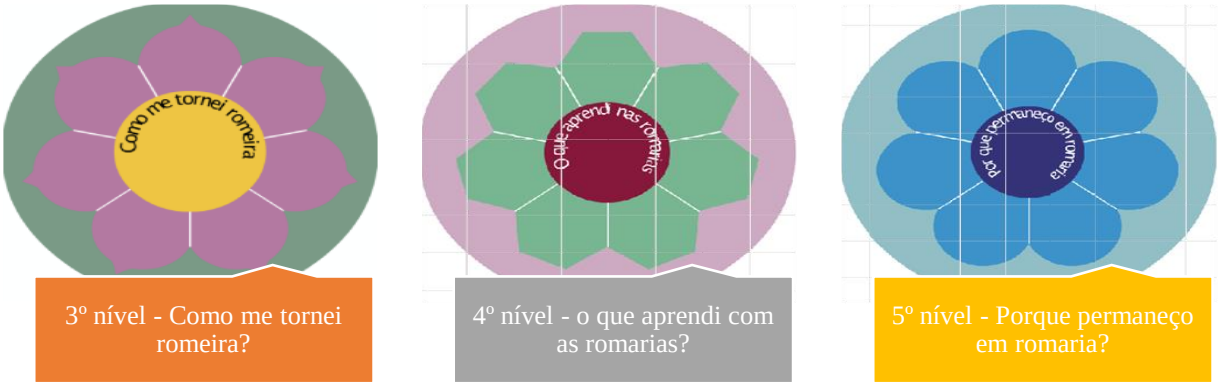
Deixei em cada divisão uma foto delas, tiradas durante a pesquisa, uma placa com o nome e uma pasta contendo material para utilização, no decorrer da vivência. Esse momento foi o mais longo, elas trouxeram muitas informações nos seus álbuns, acompanhadas de

histórias, acontecimentos e ilustrações que tornaram essa parte importante, para conhecer as figurações de si e a reação de cada uma às apresentações das outras.

Nesse momento, também, pudemos sentir a tensão entre elas, gerada por certos incômodos, diante da apresentação das outras. Foi revelador perceber os conflitos, ao tempo em que se manifestavam os laços de amizade, as preferências, os julgamentos e as intervenções. No conjunto, essas falas, diálogos e tensões trouxeram elementos para ver, em suas expressões, o que as torna atoras biográficas de suas trajetórias sociorreligiosas, tensionadas pelo singular-plural que compõe cada uma.

Após essa mandala, as três que seguiram foram construídas, a partir de mandalas menores, reproduzidas em papel A3 e entregues a cada uma para elas preencherem. Nesse momento, procuramos auxiliar as romeiras a preencherem as mandalas, pois elas demonstraram dificuldade com a escrita. Depois, cada mandala foi apresentada e inserida na mandala síntese.

Figura 30 – O terceiro, quarto e quinto nível da Mandala Síntese: como me tornei romeira, o que aprendi em romaria e porque permaneço em romaria.

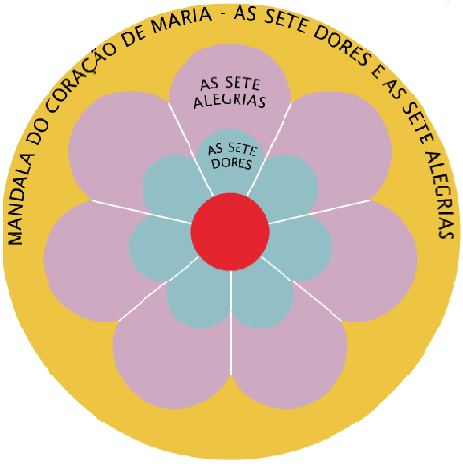


Fonte: Arquivo da pesquisa.

Quando concluímos essa parte, imediatamente fomos para a terceira parte, que correspondeu à Mandala Coração de Maria que tinha como objetivo registar, de forma sintética,

as dores e alegrias vivenciadas por elas, na sua história de vida. Para tanto, solicitei que elas identificassem sete dores e sete alegrias e escrevessem nas pétalas da mandala, que também foi entregue em tamanho A3 a cada uma, com a intenção de facilitar esse registro. Como observamos na figura 32. Essa foi uma mandala que suscitou lembranças e emoções: algumas romeiras choraram e, ao apresentarem, contaram alguns episódios que corresponderam a essas graças e dores relembradas.

Figura 31 – Mandala Coração de Maria – As 7 dores e As 7 alegrias.



Fonte: Arquivos da pesquisa

A Mandala Coração de Maria tem como base o arquétipo das sete dores vividas por Maria, a Mãe de Jesus, no momento de sua paixão e morte na cruz, assim como os momentos gloriosos de sua existência, denominados de sete alegrias de Nossa Senhora.

Segundo a tradição católica, a Coroa das Sete Dores de Nossa Senhora relembra as principais dores que a Virgem Maria sofreu, em sua vida terrena, culminando com a paixão, morte e sepultamento de Seu Divino Filho. Foi junto à Cruz que a Mãe de Jesus tornou-se Mãe de todos os homens e do corpo Místico de Cristo: a Igreja Católica.

A devoção popular fixou simbolicamente as sete dores de Nossa Senhora, com base nos episódios narrados pelos Evangelhos:

1. A profecia do velho Simeão,
2. A fuga para o Egito,
3. A perda de Jesus no templo,
4. O caminho de Jesus para o Gólgota,
5. A crucificação,

6. A deposição da cruz,
7. O sepultamento de Jesus.

São episódios que nos convidam a meditar sobre a participação de Maria na Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo e que nos dão forças para enfrentar as dificuldades de nossas vidas. Portanto, momento oportuno para lembrarmos de nossas dores e sofrimentos. Com base nisso e nas narrativas biográficas, registradas nas entrevistas narrativas, onde elas falam de dores, sofrimentos e provações que as fizeram buscar auxílio divino, junto a Nossa Senhora das Dores e Padre Cícero, para alívio de suas dificuldades, pensei sintetizar esses aspectos numa mandala que simbolizasse esses sentimentos e acontecimentos vividos.

Além da devoção mariana das sete dores, encontramos na tradição católica, também, as sete alegrias de Nossa Senhora, ou seja, os seus momentos felizes ou gloriosos. Essa é uma devoção de origem franciscana, que destaca as sete alegrias ou os sete prazeres vividos pela Mãe de Jesus, a saber:

1. Quando recebeu o anúncio do anjo Gabriel,
2. Quando visitou a sua prima Isabel,
3. Quando nasceu seu filho, o Menino Jesus,
4. Quando os três reis magos prestaram adoração ao Menino Jesus,
5. Quando encontram o menino Jesus, que estava no templo,
6. Quando da Ressurreição de Jesus,
7. Quando da sua Assunção e Coroação como Rainha do Céu.

De acordo com Papa Pio XII, na *Acta Apostolicae Sedis*[89], "a alegria é um sentimento profundo que nasce da mescla de vários fatores: sentir confiança, ter a satisfação do dever cumprido, estar em harmonia consigo mesmo, com Deus e com os demais irmãos" (GARCIA, 2006, p. 4). A partir desse arquétipo, que é forte na devoção romeira, e também porque, durante as entrevistas as romeiras pontuaram que em Juazeiro elas celebram as sete dores de Nossa Senhora, através da Romaria de Nossa Senhora das Dores, e em Maceió celebram as sete alegrias de Nossa Senhora, através da festa da padroeira do município, que é

[89] Elisabete S.C.Garcia se reporta em seu texto "AS SETE ALEGRIAS DA SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA" a A*cta Apostólica Sedis* An et Vol XXXXII - Ser II, V. XVII - nº 15, do Papa Pio XII, de 1 de novembro de 1950. Disponível em: www.universocatolico.com.br/index.php?/pdf/as-sete-alegrias-da-santissima.

Nossa Senhora dos Prazeres, considerei essa coincidência um simbolismo oportuno e revelador dos momentos bons e difíceis, na trajetória de vida das mulheres romeiras de Alagoas.

Busquei, assim, facilitar a reflexão acerca das principais dores e alegrias vivenciadas por elas, no curso de suas vidas. Entendo dores como sendo os momentos de sofrimento, perdas e rupturas, na trajetória vivida, e alegrias como sendo os momentos que elas consideram de felicidade, ou as graças obtidas, através de sua religiosidade.

Após esse momento de emoção e sensibilidade, fiz o encerramento destacando a visualização da trajetória romeira, contada a partir da construção da Mandala Síntese, que englobou os seus saberes e experiências, assim como suas dores e alegrias. Concluímos com a integração desses sentimentos e construções biográficas, a partir de seus depoimentos sobre o que significou para elas contar suas histórias de vida. Aqui, busquei identificar os elementos formadores engendrados no processo de pesquisa e a percepção da construção de si, da relação com as outras romeiras e com o espaço das romarias, em especial o movimento romeiro.

Com isso, eu pretendia convergir os aspectos individuais e coletivos, reunindo, num só tempo, o que cada uma traz, enquanto sujeito singular-plural e o impacto disso em suas trajetórias romeiras em correlação ao movimento romeiro.

Portanto, pensei em usar a metodologia de mandalas de saberes na Vivência Biográfica Integrativa: primeiro, por sua ludicidade e leveza; segundo, pela possibilidade de sintetizar informações, tendo em vista que as cinco romeiras, que participaram desse momento, já narraram suas histórias de vidas, no decorrer de dois anos.

Especificamente, busquei facilitar um momento de partilha da experiência – momento de escuta ativa e acolhedora, ao tempo em que cada uma sintetizasse sua história, apresentando quem é, por que se tornou romeira, o que aprendeu em romaria e por que permanecer em romaria.

Considero que essas atividades biográficas favoreceram uma autorreflexão do percurso vivido. Momento em que elas puderam perceber não só as singularidades, mas também se darem conta dos aspectos comuns, o que delineia a identidade das mulheres romeiras, participantes da Reunião das Três Horas, em Juazeiro do Norte. Almejei, com isso, valorizar a cultura romeira, as experiências e saberes construídos na trajetória romeira, bem como contribuir com o processo de empoderamento que essas mulheres alcançam, ao fazerem uma figura pública de si.

Ao propor a construção dos álbuns autobiográficos e das mandalas dos saberes romeiros, tive a intensão, ainda, de facilitar a visualização e integração de seus processos de biografização, produtores de sentidos para suas trajetórias sociorreligiosas, evidenciando sua bioteca[90] romeira, constituída de experiências e saberes acumulados, em seu percurso de vida. Trata-se das leituras que elas fazem do seu mundo-de-vida, das experiências e das interpretações que dão a esses acontecimentos.

Considero que essas produções biográficas se constituíram em um instrumental relevante de produção de conhecimento, tanto pelo que mobilizaram como atividade criativo-reflexiva, quanto pelo que deram passagem em torno do conhecimento de si e dos sentidos atribuídos. Para além disso, penso que essas construções evocam uma qualidade essencial da abordagem das histórias de vida e formação, como potencial transformador, evidenciado nessa figuração de si. Portanto, acredito que este instrumental é um dispositivo de sintetização da trajetória romeira, pois permitiu às atoras biográficas revisitar reminiscências, projetar uma figuração de si, ao tempo em que possibilitou novas interpretações das experiências vividas.

É nesse sentido que olho para essas construções, pois, como assegura Delory-Momberger, "toda biografia é um percurso de formação"; assim, essas produções compõem seu repertório autobiográfico, possibilitando aprendizagens formativas de suas identidades e subjetividades. Para essa autora, "essas formas de apropriação biográfica, longe de estar ausentes dos lugares instituídos da educação e da formação, desempenham um papel central, no processo de aquisição dos saberes e do saber-fazer". Essas aprendizagens sinalizam as formas e os sentidos que as pessoas atribuem às suas experiências, representando a trajetória vivida, no âmbito individual, em correlação com os "espaços de seu ambiente histórico e social", sendo, portanto, um espaço possibilitador de aprendizagem experiencial que, por sua vez, incidem nos sentidos existenciais. (2008, p. 10)

Diante dessas considerações, as construções biográficas não podem ser vistas como uma mera atividade de expressão de si, pois, além de serem uma via de conhecimento de si, refletem a compreensão que o ator/atora tem de si mesmo. Produzem, ainda, conhecimentos e percepções que adentram o âmbito social e histórico em que os biografados vivem e se relacionam. Nessa perspectiva, essas atividades biográficas, construídas com as mulheres romeiras, são, em conjunto com as narrativas biográficas, a fonte pela qual elas puderam

[90] Termo usado por Delory-Momberger, para designar o "conjunto das experiências e dos saberes biográficos, ou biografemas, do receptor" (2008, p. 60).

representar e expressar seu ser singular-plural; ademais, atestam o caráter formativo das produções biográficas.

4.6 O processo de análise interpretativa da pesquisa

O material biográfico construído e coletado, durante a pesquisa de campo, foi analisado e interpretado, a partir do método de análise textual discursiva, organizado e categorizado, segundo o esquema proposto por Roque Morais (2003), o qual sugere três fases para o plano de análise: unitarização, categorização e comunicação (síntese e apresentação). Também me inspirei no modelo de Schütze (1977), citado por Jovchelovitch e Bauer (2002), principalmente ao que se refere aos "materiais indexados e não indexados". Este processo me ajudou na reconstrução da trajetória sociorreligiosa das romeiras.

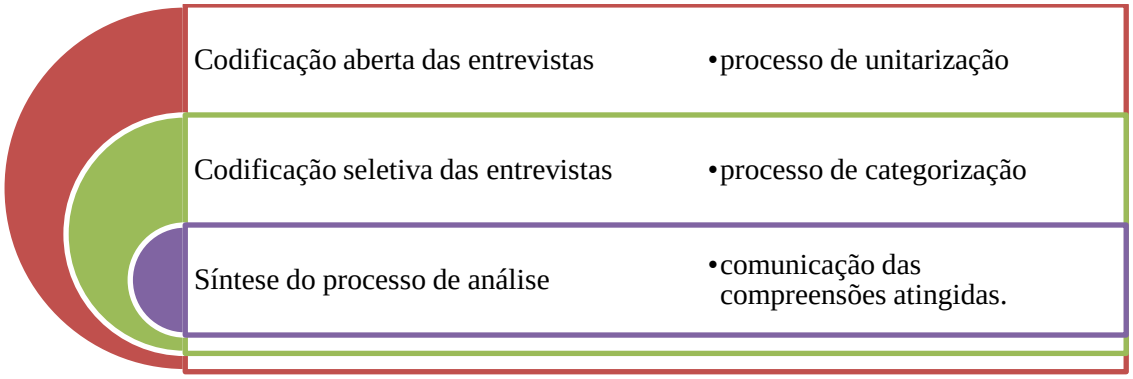
Ressalto, entretanto, que as interpretações das histórias de vida, construídas com as mulheres romeiras, estão assentadas nas categorias empíricas que apontam para os "momentos charneiras" de suas trajetórias sociorreligiosas, no sentido que Josso (2010) confere ao processo de elaboração da experiência. Nesse sentido, trabalho, mais especificamente, com as categorias de análise identificadas no processo de construção das narrativas. Estas apontam para quatro perspectivas: ser romeira, tornar-se romeira devota, fazer-se romeira devota engajada e permanecer em romaria. Estas categorias destacam suas singularidades e identificações, ou seja, o que cada uma traz de único e diverso em suas trajetórias.

As reflexões teórico-metodológicas, construídas durante a pesquisa, apontaram para essas principais categorias, num conjunto constituído por subcategorias e unidades de análise, que possibilitaram uma riqueza de informações biográficas das mulheres romeiras. Essas categorias, articuladas aos conceitos básicos do estudo, permitiram uma problematização instigante entre o que foi produzido no trabalho de campo e a teoria que fundamenta a pesquisa (auto)biográfica.

4.6.1 Plano de análise textual qualitativa

A partir das propostas dos autores anteriormente citados, mesclei procedimentos da análise de discurso e análise narrativa, procurando trabalhar os relatos sobre a trajetória de vida das mulheres romeiras de Alagoas, coletadas e produzidas no trabalho de campo. Nesse sentido, planejei o processo de análise em três fases, descritos na figura 33.

Figura 32 – Fases de análise das entrevistas narrativas



Fonte: Arquivos de planejamento da pesquisa

A **unitarização** faz parte da fase de codificação aberta das entrevistas, consiste na segmentação do texto, conforme explicitado no modelo de Roque Morais. Seguindo esse modelo, a fase de unitarização se subdivide em três etapas – fragmentação e codificação do texto; reescrita de cada unidade e identificação das unidades de análise. Essa parte exige uma leitura atenta do texto narrativo analisado, é o momento de familiarização com a narrativa, sua estruturação e seu enredo. É dessa fase que se extraiem as unidades de análise que indicam as categorias a serem trabalhadas, na fase seguinte. Para tanto, criei um quadro para sintetizar as informações trabalhadas nessa fase, como podemos observar na figura 12.

Figura 33 – Quadro-síntese do processo de unitarização

Fonte: Arquivo de planejamento da pesquisa

PROCESSO DE UNITARIZAÇÃO			
ENTREVISTA – O TEXTO	**Fragmentação Codificação das unidades**	**Reescrita do texto**	**Unidades de análise**

Na segunda fase do processo de análise, foi feita a **categorização**, um trabalho de detalhamento da segmentação dos textos, a partir da codificação seletiva, quando procurei identificar nos textos as temáticas centrais, os aspectos individuais, os pontos semelhantes e divergentes, conforme indicado por Moraes e Galiazzi (2011, p. 73 a 91). Para tanto, o autor

sugere que os dados construídos e coletados no processo de pesquisa sejam, após o processo de unitarização, divididos em dois tipos de categorias: (1) categorias "*a priori*" e (2) categorias emergentes.

As categorias "*a priori"* são aquelas "traduzidas para a pesquisa, antes da análise propriamente dita" (MORAIS; GALIAZZI, 2011, p. 86); podem ser definidas, a partir do objeto de estudo e problemática da pesquisa, dos objetivos da pesquisa e das teorias e metodologias que fundamentam a pesquisa. Já as categorias emergentes são as "construídas a partir dos dados" (MORAIS; GALIAZZI, 2011, p. 86) extraídos do processo de pesquisa de campo. Essa forma de trabalhar com as categorias do estudo pode ser classificada como modo fechado e modo aberto. Entretanto, de acordo com a proposta de Morais, pode também conjugar as duas formas, constituindo-se num terceiro modo, o misto.

Adotei para essa pesquisa o modo misto, pois este me possibilitou ir da teoria aos dados empíricos, de forma convergente, num processo flexível e aberto. Essa forma me ajudou, também, a trabalhar com os aspectos inusitados do trabalho de campo e com as evidências das singularidades de cada interlocutora.

Busquei, através desse processo, categorizar os dados construídos na pesquisa, de forma a poder organizar um conjunto de informações que permitisse a descrição e interpretação das informações relativas aos fenômenos estudados (MORAIS; GALIAZZI, 2011, p. 90), tendo como norte a questão central da pesquisa: Como os aprendizados sociorreligiosos tornam-se experiências fundadoras e formadoras das identidades e subjetividades das mulheres romeiras, e como essas contribuem para um empoderamento pessoal e coletivo?

A partir das categorias empíricas, identifiquei, no processo de categorização das entrevistas narrativas, duas subcategorias que denominei de categorias gerais, ou seja, aquelas referentes às características plurais/comuns entre as entrevistadas, e as categorias específicas, referentes às singularidades de cada uma. Sintetizei essas informações no quadro descrito na figura 13, com o intuito de facilitar a construção das histórias de vida das mulheres romeiras, elaboradas na terceira fase do processo de análise.

Figura 34 – Quadro síntese do processo de categorização

PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO

Unidades de análise	Agrupamento de categorias	Categorias Gerais	Categorias especificas

Fonte: Arquivos de planejamento da pesquisa

Para complementar o processo de categorização sintetizado na figura 35, utilizei, também, um procedimento de categorização que destaca os detalhes do texto analisado, a partir da identificação de materiais indexados e não indexados, conforme Schütze (2010) e (1977), que foram fundamentais para a construção das trajetórias sociorreligiosas das mulheres romeiras, interlocutoras da minha pesquisa.

Dessa forma, na terceira fase, foi realizada a síntese do processo de análise, denominada por Morais de **comunicação – conceituação**. Essa fase contemplou a construção e comparação das trajetórias, elaboradas a partir do processo de categorização, descrito anteriormente. Para finalizar esse processo, discuti os aspectos plurais das histórias de vida das mulheres romeiras, com a intenção de identificar as trajetórias coletivas. Para a construção textual dessas interpretações, utilizei fontes de informação, conforme descritas na figura 36.

Figura 35 – Fontes utilizadas para a construção das histórias de vida das mulheres romeiras de Alagoas.

Fonte: Arquivos de planejamento da pesquisa

O processo de análise ajudou na interpretação das narrativas, quando procurei responder aos seguintes questionamentos:

1. Como as romarias repercutem na constituição de experiências fundadoras e formadoras?
2. Como essas experiências se tornam aprendizados vitais?

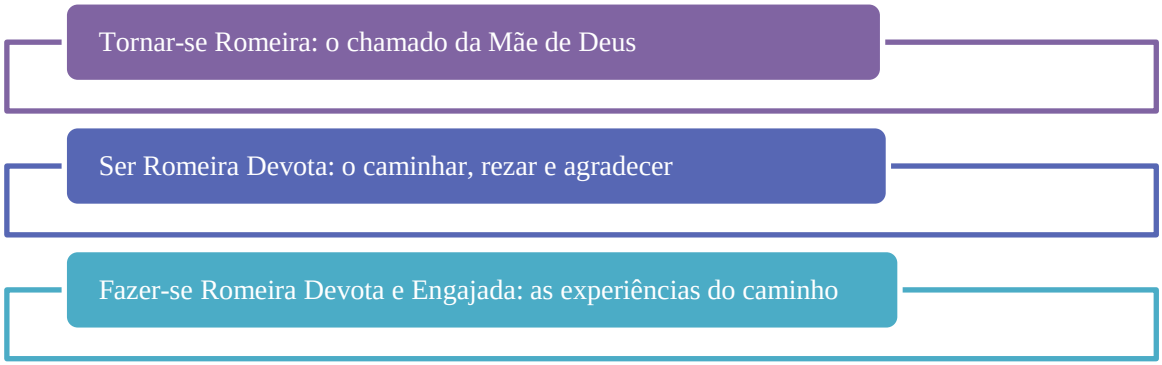
3. Como os aprendizados vitais contribuem para a formação sociorreligiosa?
4. Como essas experiências formativas favorecem a um empoderamento?
5. Como as romeiras devotas engajadas constroem uma figura pública de si?

Procurei identificar, na narrativa das romeiras, três aspectos da construção biográfica de si, expressos nas perguntas:

- O que me aconteceu?
- O que isto que me aconteceu fez comigo?
- O que faço hoje com isto que me aconteceu?

Esses questionamentos possibilitaram interpretar como elas construíram sentidos para as experiências vividas. Nesse sentido, guiaram-me na construção do capítulo 6, referente às experiências fundadoras e formadoras das experiências sociorreligiosas da trajetória das mulheres romeiras, interlocutoras do estudo. Esse capítulo foi organizado, a partir de quatro aspectos marcantes da construção da experiência romeira: tornar-se romeira, ser romeira devota e o fazer-se romeira devota e engajada, a partir da correlação com a condição de ser, estar e permanecer em romaria, representadas na figura 37.

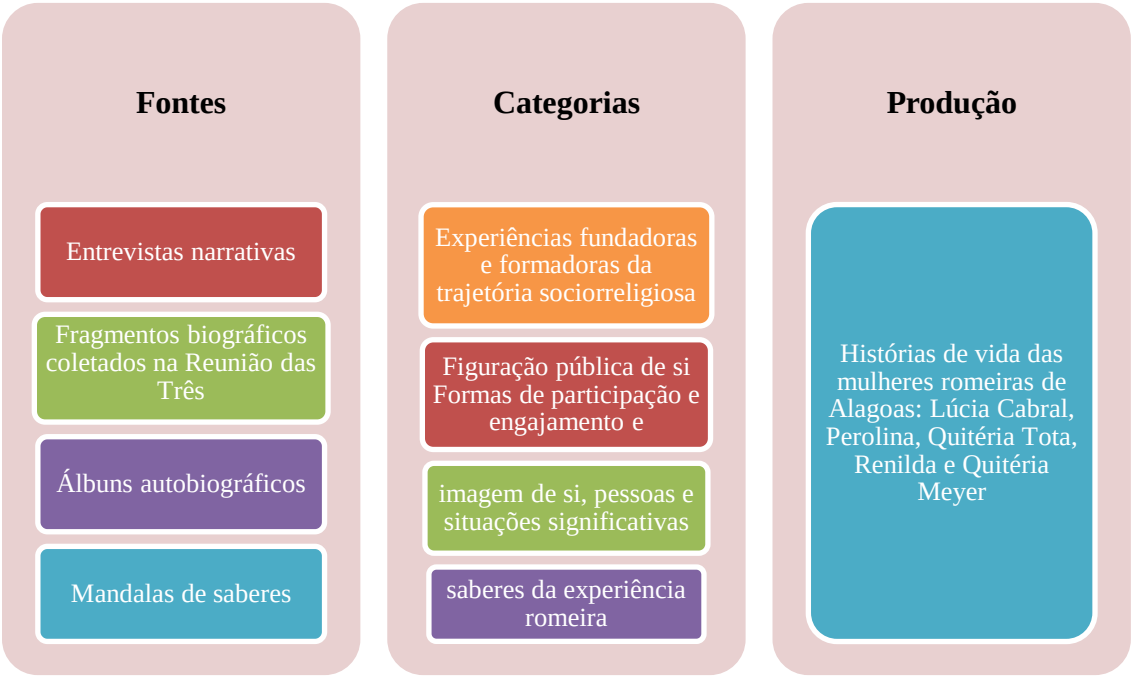
Figura 36 – Categorias de análise da experiência romeira



Fonte: Arquivos de planejamento da pesquisa

As disposições, apresentadas na figura 38, são ilustrações que retratam o modo como me apropriei desses dispositivos metodológicos, para construir as categorias da pesquisa e, consequentemente, as análises e interpretações das produções elaboradas.

Figura 37 – Entrecruzamento das fontes e categorias usadas para a produção das histórias de vidas



Fonte: Arquivos de planejamento da pesquisa.

Dessa forma, o cruzamento das fontes me ajudou a pensar o singular e o plural, na trajetória sociorreligiosa das romeiras, assim como as subjetividades constituintes de suas identidades. A partir desse conjunto de fontes, pude construir as histórias de vida das mulheres romeiras de Alagoas, que apresento a seguir.

LÚCIA

PEROLINA

QUITERINHA TOTA

RENILDA

QUITERINHA MEYER

5 HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES EM ROMARIA À TERRA DA MÃE DAS DORES

Somos romeiras, mulheres de muita fé; Somos filhas de Deus e Maria de Nazaré.

As mulheres romeiras nunca perde a fé; Quando vem ao Juazeiro vão para o Horto a pé.

Vamos seguindo Maria, porque Ela é nossa luz, caminhando com Maria nós chegamos a ti, Jesus.

Maria, mulher de fé. É quem vai nos ensinar. A combater o inimigo e a nossa fé aumentar.

Maria, nossa mãezinha, vem conosco caminhar, queremos seguir teus passos até Jesus encontrar.

Nossa Senhora das Dores, Mãe do nosso Salvador, Ajude as mulheres romeiras, em qualquer parte que for.

(Trecho do bendito Romeiras mulheres de fé)

Neste capítulo, apresento as histórias de vida das cinco mulheres romeiras de Alagoas, que participaram da pesquisa. Para construir a trajetória romeira dessas mulheres, parto da discussão epistemológica acerva das histórias de vida, no contexto do método biográfico, a partir das obras de Pineau (2006 e 2011), Pineau e Le Grand (2012), Franco Ferrarotti (2014) e Delory-Momberger (2012 e 2014). Depois, trago a discussão sobre as narrativas biográficas, enfocando "a tríplice dimensão da narrativa: como fenômeno (o ato de narrar-se), como método de investigação e como processo de ressignificação do vivido" (ABRAHÃO, 2006, p. 149), em articulação com as temporalidades do vivido. Em seguida, apresento as histórias de vida das romeiras: Lúcia, Perolina, Dona Quitéria Tota, Renilda e Quiterinha Meyer, construídas a partir de diferentes técnicas e fontes: entrevistas narrativas, fragmentos biográficos coletados na Reunião das Três Horas, nos álbuns autobiográficos e nas mandalas de saberes; como demonstrado na figura 38.

5.1 As histórias de vida: antecedentes histórico e epistemológico

Conforme apresentado no capítulo anterior, a pesquisa (auto)biográfica, através do uso variado de fontes e procedimentos, destaca as histórias de vida como fenômeno e como método de pesquisa. As narrativas de si podem ser nomeadas de diferentes formas: biografia, autobiografia, narrativa de vida entre outras; para além das denominações, "visam a dar a palavra aos vivos, ou melhor, visam a ajudá-los a tomá-la para expressá-la e refleti-la. As narrativas se inscrevem, pois, diretamente na corrente do paradigma do prático reflexivo que eu estendo a todo ser vivo" (PINEAU, 2011, p, 27). Falar de si, contar suas vivências, suas experiências e, a partir disso, gerar sentidos e direcionamentos para o vivido é uma condição inerente ao ser humano, pois "o ser humano precisa se inscrever para ser e construir seu devir" (PINEAU, 2012, p. 22).

Em conformidade com Delory-Momberger (2014, p. 43), a história mostra a diversidade de formas usadas, para registrar as falas da dimensão individual da existência, tanto orais quanto escritas. Estas se entrecruzam e se sucedem, "misturando ficção e história, o sagrado e o profano, o popular e o aristocrático, o lírico e o prosaico". Essas formas de falar de si passam por transformações decorrentes das influências sócio-históricas de cada época, que ficam evidentes nas práticas e discursos empregados para a enunciação do vivido.

Pineau (2011, p. 27) afirma: “Nós vivemos uma aventura autobiográfica”, que, do ponto de vista histórico, remonta à tradição das *bios* socráticas que apresentavam um retrato de percursos biográficos de soberanos, generais, filósofos e poetas, destacando facetas da personalidade, e uma análise pouco desenvolvida do material narrado, traduzindo-se como um conjunto de obras referenciais que contavam os feitos individuais, em forma de anedotas, ao contrário da História que se referia aos acontecimentos coletivos.

O fenômeno biográfico perpassa a humanidade, de forma recorrente, reafirmando uma condição ontológica do homem como ser de narração, condição confirmada pelas infinitas possibilidades narrativas que foram sendo registradas, ao longo da história, que perpassam as produções dos filósofos socráticos que procuravam, através de seus escritos, discutir o conhecimento do universo, a partir de um conhecimento de si mesmo, passando pelas biografias e autobiografias de notáveis, como a de Santo Agostinho, conhecida como *As Confissões*, obra marcante e que, até hoje, é referência, a qual conjugava relatos autobiográficos com reflexões de si. Temos ainda o trabalho autobiográfico de Rousseau, que trata de suas experiências, de sua visão de mundo e educação, entrelaçado com o reconhecimento de suas limitações que, ao serem refletidas, se traduziram numa busca de sentido (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.47).

Na Idade Média, encontramos o surgimento de uma consciência histórica que se tornava visível, por meio da reflexão sobre a temporalidade, como observado nas canções de gestas. Estas, através de poemas épicos, comunicavam acontecimentos marcantes da sociedade do período, proferidos por cantores profissionais (jograis e menestréis) que tinham audiência diversa, indo dos aldeões analfabetos aos nobres. Basicamente narravam histórias de lutas, amores e embates políticos e religiosos. “Assim, longe de representar-se a si mesmo em suas particularidades, naquilo que o torna diferente e único, o homem medieval se define por aquilo que o torna semelhante, o que permite identificá-lo em seus pertencimentos”; segue, assim, modelos e tipos que ditam generalidades de comportamentos que dão forma à existência. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 78)

É, também, na Idade Média, por volta do século XIV, que surgem os “diários”, com a conotação de registro dos acontecimentos cotidianos, os quais inspiraram muitas obras, ao focarem autoproduções que buscavam um sentido da existência e processavam uma função de individuação, expressa a partir de uma consciência de si e do seu lugar no mundo, em busca da compreensão da invenção de si. No entanto, essa forma inicial de individualismo, que é marcada por ações de um “sujeito autônomo e agindo por si próprio, responsável por sua existência, é

uma consciência muito extrovertida que se afirma no confronto com o mundo e com os outros" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 92). A partir disso, muitas obras relativas às escritas de vida, individual ou coletiva, proliferam, sendo o período da Renascença marcante para os registros dos acontecimentos ocorridos, na vida cotidiana.

Conforme Delory-Momberger (2014, p.100), a partir do século XVI surge "uma abundante literatura pessoal, que se exprime sob a forma do diário íntimo, concebido como um exercício espiritual decorrente da exigência religiosa". Esses textos, que trazem uma dimensão pessoal refletida, a partir de interrogações sobre as experiências vividas, articulas a uma consciência de si, estão ligados a um exercício de julgamento "feito em presença de Deus sobre si mesmo e sobre o valor intencional de suas ações".

Ampliando esse resgate histórico, Pineau e Le Grand pontuam, também, a explosão de publicações que retratavam histórias de vida na Europa, entre os séculos XVIII e XIX. Nesse período, surge na Alemanha e Inglaterra o termo "autobiografia", uma novidade de caráter sociocultural, cujo significado se altera, de acordo com as finalidades dadas, indo de uma perspectiva intimista a uma escrita de si contextualizada histórica e socialmente. A partir do século XX, observam-se "novos usos sociais e midiáticos do fato de contar a vida e mesmo de publicá-la" e novas denominações começam a surgir, para exprimir essas expressões, entre elas, "relato de vida" e a expressão emergente "histórias de vida", enquanto "expressão das experiências pessoais vividas" (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.56-57).

As narrativas de vida estão presentes na vida cotidiana, de diferentes formas: relatos orais, histórias familiares e comunitárias, nas conversas entre amigos, através das celebrações de aniversários, casamentos e até mesmo nos funerais. Estão presentes, ainda, nos discursos e comemorações, nos currículos e registros civis, nas histórias coletivas, por meio de testemunhos de fatos sociais marcantes, na literatura pessoal, por meio dos diários, confissões, álbuns de fotos, coleções, memoriais, cartas etc. Nas livrarias, vamos encontrar uma infinidade de materiais biográficos e autobiográficos, que vão desde biografias de grandes estadistas a testemunhos ou relatos de pessoas comuns.

O fenômeno biográfico, na contemporaneidade, tem ganhado amplitude, devido aos meios modernos de narração autobiográfica, especialmente os meios eletrônicos multimidiáticos, que possibilitam a interação e visibilidade do material produzido, independentemente das distâncias geográficas e das finalidades, propiciado pelas redes sociais

e pelos meios de comunicação móveis, que são um marco de nosso tempo, uma sociedade "plugada", onde o cotidiano é compartilhado em tempo real.

As leituras iniciais das principais obras do sociólogo Manuel Castells (2004 e 2009) têm-me permitido pensar sobre a revolução da tecnologia e dos meios de troca de informações e comunicação, introduzidas na sociedade, a partir da implementação da cultura *internet*, que imprimiu na contemporaneidade uma nova configuração da sociedade, denominada pelo autor de "sociedade em redes".

A *internet* revolucionou a comunicação global, pois viabiliza as transações no mundo dos negócios e no mundo financeiro, aproxima pessoas, possibilita que os indivíduos expressem suas ideias e vontades, proporcionando conhecimentos e relacionamentos pessoais. Constitui-se num meio de comunicação de certa forma democrático, isto é, todos que têm acesso a esse meio podem manifestar suas opiniões sobre determinados assuntos, o que possibilita um diálogo diferenciado sobre os demais meios de comunicação.

Esse processo ficou ainda mais acirrado, com o advento das tecnologias móveis. Por serem generalizáveis, podem alcançar todos os domínios da atividade humana. Nesse sentido, Castells destaca o aspecto essencial de sociabilidade da tecnologia móvel, que é "a comunicação íntima a tempo inteiro", forma de "conectividade ubíqua e permanente", a qual permite seus utilizadores estarem em contato, a qualquer hora e em qualquer lugar, diferente da conectividade via *internet* em computadores, pois aproxima as pessoas, o real e o virtual, dando assim uma nova tônica nas formas de comunicação e socialização interpessoais (CASTELLS, 2009, p, 116 - 117).

Além disso, temos os meios tecnológicos audiovisuais, como câmeras e gravadores digitais, que compõem um conjunto de meios que facilitam o falar de si e seu registro, possibilitando, através de fotos, gravações e vídeos, a produção de materiais (auto)biográficos riquíssimos de registro da história pessoal, profissional, familiar e social.

Temos, ainda, as produções cinematográficas, como filmes, documentários, reportagens que, ao registrarem e/ou contarem histórias de vida pessoais e coletivas, extrapolam as finalidades de registro e acervo histórico, podendo ter um caráter educativo, de informação e de entretenimento. Por conta de todas essas possibilidades, podemos dizer que somos uma sociedade biográfica vivendo uma aventura autobiográfica.

Esse sobrevoo histórico permite uma compreensão de como a vida entra na história, de como o conhecimento epistemológico sobre a dinâmica autobiográfica, em suas diferentes perspectivas, foi se construindo, enquanto expressão do vivido, permitindo novos acessos às histórias de vida pessoais e coletivas, confirmando, assim, a necessidade de contar inerente à condição humana.

Para entendermos esse fenômeno como uma abordagem científica, recorro aos trabalhos de Pineau (2006, 2011 e 2012), que traçam um panorama histórico contemporâneo do surgimento de pesquisas que trabalham com histórias de vida, a partir do período de 1980.

Para Pineau (2006), as histórias de vida, enquanto dispositivos de pesquisa e formação, podem ser configurados num movimento histórico, demarcado em três períodos: o primeiro período foi iniciado em 1980, tendo como destaque o surgimento de produções científicas, a abordarem os processos de autoformação, ao longo da vida, a partir da utilização da abordagem autobiográfica. Além disso, formou-se a rede "História de vida e autoformação", em Montreal, por ocasião do primeiro simpósio internacional de pesquisa-formação em educação permanente. Surgem, também, nesse período, as críticas a essa abordagem, taxada por pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais como "ilusão biográfica[91]", em virtude da pretensão de falar das singulares, a partir das histórias de vida do cotidiano narradas pelos próprios sujeitos.

Entretanto, os estudos avançaram, e temos um segundo período marcado pela fundação de associações "variadas que visaram a definir, catalisar e provocar sinergia dos elementos emergentes nas redes regionais, nacionais e internacionais" (PINEAU, 2006, p. 334). Entre 1990 e 1991, foi criada a Association Internationale des Histoires de Vie en Formation – ASIHVIF. Esta entidade teve um papel importante na definição e caracterização das finalidades de aplicação dessa abordagem, que se distingue pelo uso de práticas multiformes de pesquisa e formação. No Brasil, foram criadas as seguintes associações: Associação Norte-Nordeste das Histórias de Vida em Formação (ANNHIVIF), primeira associação brasileira de histórias de vida no Brasil, criada em junho de 2007, em Natal, e com sede na UFRN e a Associação

[91] Esse termo foi usado diretamente por Pierre Bourdieu (1998, p.183-191); para ele a trajetória de um indivíduo varia no tempo, por isso chamou de ilusão biográfica a perspectiva que usa como fonte materiais autobiográficos, pois seria uma ilusão buscar uma linearidade e coerência do indivíduo. "[...] não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis".

Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOGRAFH), criada em 2008, no III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA)[92].

O terceiro período é caracterizado por um desenvolvimento diferenciado, com início no ano 2000, marcado por três círculos de inovações, desenvolvidos, de forma colaborativa, pelos principais pesquisadores dessa abordagem, designados por Pineau (2006 p. 29) como: o círculo dos iniciadores, o dos contribuidores e dos inovadores/reformadores. Basicamente, essas produções desenvolveram e ampliaram os aspectos metodológicos, éticos e epistemológicos que caracterizam as pesquisas e intervenções, mediante a abordagem das histórias de vida em formação, não só como uma nova técnica pedagógica, mas também como uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial, como destaca Pineau.

Esse movimento socioeducativo levanta questões pertinentes ao processo de produção de informações, tais como: "Quem faz a história de vida de quem? Por quê? Para quê? Com o quê? Quando? Até onde? Em função de que regras e de quais saberes?" (PINEAU, 2006, p. 30), as quais suscitaram embates científicos importantes para compreensão desse paradigma que revoluciona o processo de pesquisa, ao sair da perspectiva da ciência aplicada para o ator reflexivo. Perspectiva essa que considera a legitimidade de o próprio sujeito refletir sobre suas ações, experiências e saberes, expressos de diferentes formas e em diferentes contextos. Assim, as vidas que entram na história não são mais somente as dos notáveis, mas de qualquer pessoa que decida contar e refletir sobre seus percursos de existência.

Nesse sentido, o movimento biográfico encontra-se "na encruzilhada da pesquisa, da formação e da intervenção" (PINEAU, 2006, p. 32), pois tem como proposta não só coletar dados, mas ainda construir um sentido do mundo vivido, de forma temporal, por pesquisadores e interlocutores, de forma implicada e colaborativa, sendo esse um aspecto diferenciador e potencializador das histórias de vida em formação. Segundo Delory-Momberger (2014, p. 315):

> Um aspecto essencial do processo integrativo da formação pelas histórias de vida reside no reconhecimento, - ao lado dos saberes formais e exteriores ao sujeito que visa à formação escolar e universitária -, dos saberes subjetivos e não formalizados que os indivíduos utilizam na experiência de sua vida e em suas relações sociais [...] O poder-saber que se dá aquele que, formando a história de sua vida, se forma a si mesmo, deve permitir-lhe agir sobre si

[92] Os CIPAs foram sediados em: 2004, Porto Alegre; 2006, Salvador; 2008, Natal; 2010, São Paulo; 2012, Porto Alegre; 2014, Rio de Janeiro (FRISON, 2014, p.98).

> mesmo e sobre as estruturas sócio-históricas, nas quais ele evolui, dando-lhe os meios de inserir sua história, no sentido e na finalidade de um projeto.

Conforme essa perspectiva, o âmbito formativo é destacado pela ênfase dada à aprendizagem experiencial, que aponta uma concepção construtivista da vida, podendo ser autoformativa, heteroformativa e ecoformativa, já que traduz uma visão de formação dinâmica, complexa e multifatorial. Para esse entendimento, é preciso ver a vida não só como uma construção social, mas também como um fenômeno individual e ecológico, pois se trata da relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o meio em que está inserido, pontuados por Rousseau, como sendo os três mestres da educação – o próprio sujeito, os outros e as coisas. Estes foram retomados por Pineau, quando fala dos três movimentos que permitem construir sentidos, a partir de histórias de vida: (1) personalização com o prefixo auto; (2) socialização trazida pelos prefixos hetero e eco; e (3) ecologização com o prefixo eco (PINEAU, 2011, p. 29).

Enquanto processo de intervenção, a abordagem das histórias de vida e formação tem como objetivo produzir uma reflexão sobre as dimensões do vivido, possibilitadas graças ao ato de atribuir significado e sentido ao que foi expresso num processo narrativo. É importante, porém, destacar que, de acordo com os pressupostos dessa abordagem, "a vida narrada, não é a vida", e que esse sentido é operado pela construção biográfica mobilizada para essa produção. Nessa forma de narração, o sujeito que narra é "convidado a contar sua vida", estabelecendo, assim, uma relação de interação dialógica com o "(inter)locutor". Devido a isso, a narrativa é construída na relação com o outro, que se constitui como um coautor. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 316).

Outro aspecto que Delory-Momberger (2014, p. 317) destaca, enquanto pressuposto dessa abordagem, é a necessidade de diferenciar a história de vida da narrativa de vida; para isso ela usa a distinção dada por Alex de Lainé, segundo a qual a história de vida é construída, a partir de um trabalho operatório da narrativa de vida. Nesse sentido, a narrativa é uma enunciação, escrita ou oral, vivida pelo narrador. A história de vida vai dar a essa narrativa uma estrutura e organização que permitirá compreender os sentidos atribuídos à vida e à narrativa.

A "narrativa de vida nunca é definitiva [...] ela se reconstrói, a cada enunciação, e reconstrói com ela o sentido da história que enuncia" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 316). Portanto, traz em si mesma a condição de inacabamento e variação, pois está sujeita a

ressignificações e interpretações influenciadas pelos acontecimentos vividos no presente, quando a enunciação é proferida e retomada e revista incessantemente.

As histórias de vida buscam construir sentidos, a partir de fatos temporais e pessoais vividos, que podem apontar direção e significação, alicerçada em uma sensibilidade despertada pela compreensão das experiências pessoais vividas. Podemos, então, dizer que uma das finalidades das histórias de vida é identificar "as marcas deixadas no caminho, para decodificar as direções que elas podem esboçar" (PINEAU, 2011, p. 29). São, enfim, práticas multiformes, não apenas porque podem ser construídas, de formas múltiplas, mas também porque trazem embutidas em suas prerrogativas a intenção do sujeito de falar de sua própria vida, e a possibilidade de assumir a condução de sua existência, na constituição de uma prática de pesquisa-ação-formação.

As formas de expressão das experiências vividas conjugam passado, presente e futuro, incidindo, de forma temporal, nos processos de construção de sentido do vivido, num movimento que aponta uma ruptura na forma tradicional de compreensão do termo "história", quando entendido de maneira linear, pois sinaliza uma prática autopoiética, ou seja, produz sentidos por si mesmo e dá direção ao seu agir, de acordo com esse entendimento. Nessa perspectiva, a temporalidade pode ganhar um movimento circular, pessoal e personalizado, que não pode "a priori" ser determinado. Na verdade, segue-se aí um fluxo que vai depender do que está sendo expresso, em que contexto e a quem está sendo dirigido. É, pois, necessário "aprender a tratar, no tempo e com o tempo, os problemas infinitos do tempo", aspecto revolucionário e característico da abordagem (auto)biográfica (PINEAU, 2011, p.26).

5.2 O que significa fazer uma história de vida?

Como exposto anteriormente, a narrativa se constitui como uma necessidade humana, pela qual se representa a vida e consequentemente se produz sua humanidade. E de onde vem essa necessidade? Diria Paulo Freire (2009) que vem da incompletude do ser humano, de seu estado inacabado, refletido num estado de vir a ser, que deita raízes num querer saber de onde venho, para onde vou e, mais profunda e intimamente, quem sou eu, um ponto de partida e um ponto de chegada que clamam por encadeamento, por configuração e refiguração. Um

ciclo de pergunta-resposta que perpassa nossa existência, sem, no entanto, obtermos respostas prontas e acabadas.

Segundo Ricoeur, nunca conhecemos a totalidade de nossa vida. O conhecimento que tenho de mim depende do conhecimento do outro, e precisa ser sempre redescoberto, atualizado, vivido e sentido, diante do que sou, penso e ajo. Nesse percurso de conhecimento de mim mesmo e do outro, busco e construo sentidos que ganham operatividade, por meio de narrativas, escritas e/ou orais, que contam minha história, expressam meus pensamentos e dão direcionamento ao meu agir.

Tal percurso mostra-se repleto de achados, de boas e más lembranças, de encontros e desencontros, de construções e desconstruções que podem ter sido reais ou fictícias; em qualquer hipótese, são formas de constituição da "boniteza" do ser humano, que corajosamente se dispõe a mergulhar em si, para saber da vida e do existir, mesmo que inicialmente seja apenas uma expressão, silenciosa ou barulhenta do que se é, mas que pode potencializar a vocação ontológica do "ser mais"; ser mais humano e consciente de si mesmo, de seus percursos vividos e sentidos. Isso é o que propõe a abordagem das histórias de vida, quando utiliza as entrevistas biográficas como instrumental de construção de narrativas de si. Este percurso exige um encontro dialético entre o tempo vivido e o tempo narrado, que, ao ser configurado e refigurado no processo de narratividade, revela as experiências significativas de uma trajetória de vida.

Nessa articulação entre o vivido e o narrado, damo-nos conta do valor da experiência, enquanto matéria-prima das construções narrativas que, ao serem comunicadas, dão sentido às histórias de vida. Portanto, construir uma história de vida significa mobilizar ações, falas e sentidos de uma experiência humana que, exposta num tempo biográfico, revela uma historicidade individual ou coletiva.

Conforme Pineau e Le Grand (2012, p. 114), "construir uma história de vida é constituir um terceiro-tempo histórico pessoal que articula, de modo singular, vestígios, lugares e datas, no curso da vida social e cósmica". Tal processo, difícil e complexo, exige de quem se propõe a construir conhecimento, por essa via, um mergulho nas "intratemporalidades" do vivido, capazes de revelar os sentidos da história que está sendo contada, bem como por que está sendo contada e a quem se dirige.

"Essa vida historicizada narrativamente é um rebento frágil, sempre a requerer cuidados, já que suas bases evoluem continuamente e não passam, portanto, de pontos ou de

pontes relativas" (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 117). Como quer que sejam, essas pontes podem ser trazidas à luz do tempo atual, por intermédio de uma escuta sensível, podem desvelar fatos e experiências traduzidos em uma história singular ou coletiva, capaz de mostrar saberes e poderes implícitos nas tessituras do vivido.

Portanto, as histórias de vida são fontes riquíssimas de investigação social, constituindo-se em objeto transversal das Ciências Sociais e Humanas, um meio inovador, criativo e multirreferenciado de construir conhecimento e saberes reveladores dos percursos formativos dos sujeitos, nos diversos âmbitos da vida, maneiras de ser e estar no mundo, aprendizados, forma de relacionamentos com o contexto, no qual se está inserido, e mais especificamente, como se biografam suas performances, seus pertencimentos e suas resistências.

Diante dessas considerações teórico-refletivas, é possível compreender por que a abordagem (auto)biográfica se tornou um imperativo teórico-metodológico na atualidade. Seja qual for a sua forma final de construção – autobiografias, biografias ou histórias de vida - busca construir e evidenciar sentidos singulares e coletivos dos percursos (auto)formativos da experiência humana, por um viés inusitado, criativo e vivificante, possibilitado pela pesquisa-ação-formação existencial, como pontuado por Gaston Pineau, num movimento biorreflexivo de construções teóricas e práticas sobre a vida, em seus diferentes âmbitos.

A narrativa de si proporciona um recapitular-se que cria enredos para o vivido, pois "os seres humanos não têm uma relação direta, transparente com o vivido e com o desenrolar de suas vidas; essa relação é mediatizada pela linguagem e por suas formas simbólicas" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.37), ou seja, é através da narrativa dos fatos vividos, ou como colocado por Delory-Momberger, "fato biográfico primordial", que produzimos nossa história de vida.

As narrativas de vida configuram-se como um exercício de reflexão das experiências passadas. Elas fazem aflorar lembranças de momentos significativos da trajetória de vida, que, ao serem recordadas, podem possibilitar uma ressignificação dos fatos vividos, numa configuração de novos sentidos no presente.

A maneira como percebemos certos fatos ou situações no presente é profundamente influenciada por nossas experiências passadas, ou seja, é através da memória que o passado emerge e se mistura com o presente, construindo, assim, um conjunto de impressões, em que

passado e presente são articulados, no sentido de novos significados no presente. Esse movimento ocorre, por meio da narrativa que dá forma ao indivíduo, é o meio e o lugar "no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 56).

Entretanto, nem tudo que se passou, no curso de uma vida, é alcançado num processo narrativo; nesse sentido, quem narra sua história seleciona o que vai contar, a partir de ocultações ou revelação dos fatos relembrados, revividos e atualizados, no ato da narração. Para Josso (2004, p. 175), a orientação dada para a construção da narrativa direciona e/ou influencia o que é selecionado, pois:

> Visto que nem tudo pode ser contado, é preciso, pois, evocar experiências que são suficientemente significativas, para compreender as correntes que animam o movimento da vida, escolher experiências que são testemunhos da construção identitária e que são outros tantos paradigmas de um caminho formativo.

No caso das narrativas das romeiras, apesar de o "mote" geral ter sido "conte-me sua vida", como proposto pela técnica da entrevista narrativa, o foco central foram as experiências sociorreligiosas da prática romeira. Esse direcionamento foi negociado previamente com as narradoras, quando expliquei os objetivos da pesquisa. Nesse sentido, o curso de vida foi narrado tomando a experiência religiosa como guia, sem, no entanto, suprimir lembranças concernentes aos diversos acontecimentos, sucedidos em seus percursos vividos, como veremos, logo a seguir, em suas histórias de vida.

5.3 As histórias de vida das mulheres romeiras de Alagoas

É com emoção e profunda reverência a essas mulheres que passo à construção das histórias de vida de Dona Lúcia Cabral, Perolina, Dona Quitéria Tota, Renilda e Quitéria Meyer. Mulheres fortes e determinadas, de fé vibrante e imanente, sensíveis e companheiras, criativas e portadoras de uma sabedoria de vida que fazem suas histórias únicas, ao tempo em que trazem traços do sujeito plural que encarnam, e enquanto romeiras, peregrinas e religiosas.

5.3.1 Lúcia Cabral: a andadeira

> *Hoje eu tô aqui por graças alcançadas [...] porque eu nunca falhei com a Mãe das Dores, nunca deixei de vir prestar contas do meu trabalho.*
>
> (Fragmento biográfico relatado na Reunião das Três Horas)

Desde o nosso primeiro contato, Dona Lúcia Cabral demonstrou um grande interesse pela proposta que lhe fiz, para que me contasse sua trajetória de vida e como se tornou romeira. No dia 12 de setembro de 2015, na Romaria de Nossa Senhora das Dores, realizei com ela a entrevista-narrativa. Com entusiasmo, iniciou sua narrativa de vida falando dos acontecimentos marcantes de sua vida e em especial de sua experiência romeira. Destacou a figura do primeiro marido, como um modelo de romeiro e de liderança que fez questão de seguir; do neto, como um companheiro de romaria e como aprendiz de seus passos; e da romaria, como trabalho, devido a sua função como fretante, ponto que liga a romaria à situação de trabalho.

Lúcia Cabral tem 64 anos, mora em Maceió-Alagoas. É aposentada. Tem 5 filhos, 12 netos e 3 bisnetos. Filha única, por isso os pais eram muito apegados a ela. Natural de Maceió, mas com 12 anos foi morar numa cidade do interior de Alagoas.

5.3.1.1 A infância, o primeiro casamento e o trabalho

[93]*Quando meu pai se aposentou, foi morar numa cidade com nome de Igaci, depois de Palmeira dos Índios. E quando eu completei catorze anos, eu vim embora pra Maceió pra casa dos meus tios. Porque esse rapaz que eu considerava como pai era meu padrasto, pois minha mãe era viúva: mais ele me deu muito carinho como pai. E eu sou grata hoje pelo o que eu sei, pelos ensinamentos que eu tenho a minha mãe e minha avó né. Aí eu vim pra Maceió estudar e eles ficaram. Em 1974 eu casei, até aí eu não sabia de Juazeiro, sabia assim porque meus avós, minha mãe falavam em Juazeiro.*

Contou que conheceu Francisco, seu primeiro marido, em um dos finais de semana, quando viajava para visitar sua família, no sítio alugado por seu padrasto, pois nesse período estava morando com os tios, em outra cidade. Francisco era caseiro de um sítio próximo e, nos finais de semana, costumava visitar seus pais; porém só iniciaram uma aproximação, depois que os seus pais se mudaram para Maceió.

Por coincidência, ele descobriu onde meus pais moravam em Maceió, e foi com um amigo fazer uma visita. Quando o amigo dele me viu, falou assim pra ele: "olha Chico, eu vou falar em casamento com aquela menina de seu João, aquela moreninha". Eu não vou dizer vantagem aqui, mas eu era bem cobiçada. Eu trabalhava no comércio, na Praça do Martírio, ao lado do Palácio, como caixa de um supermercado. Toda minha vida eu sempre fui vaidosa, não por exagero, vaidosa, mas por gostar de andar direitinho. Sem falar nada pro amigo dele, foi fazer uma visita pros meus pais e foi logo falando em casamento comigo e com meus pais. Ele me convidava pra eu sair, ir no cinema, mas como a minha criação era diferente. Eu não tinha a liberdade de sair sozinha com ele. Quando foi com dois meses, ele disse: "oh Lúcia, eu moro sozinho com uns colegas meus da empresa, sou órfão e eu precisava muito de uma dona de casa, de uma companheira". Aí eu disse: mas eu sou tão nova pra casar, você também. E ele

[93] Com a intenção de valorizar as narrativas das romeiras entrevistas, optei por apresentá-las no corpo do texto, em itálico com fonte tamanho 12, sem recuo.

disse: "é! Mas vamos tentar a sorte." Aí a gente procurou uma instituição que tinha lá em Maceió, a Legião Brasileira, que trabalhava com as pessoas carentes pra gratuidade do casamento, assim demos entrada no casamento. Só que, quando demos entrada na documentação, não pudemos casar porque faltava ainda uns seis meses pra ele ficar de maior, e como ele era órfão de pai e mãe, não tinha quem assinasse por ele. Pra você ver a coincidência. Eu também era órfã de pai, só que meu padrasto cuidava muito bem de mim, tinha um zelo, sabe? Um cuidado!. Aí o meu padrasto, que era como um pai pra mim, disse assim: "Olha, Francisco, como já tá tudo certo sua papelada do casamento, você venha e fique morando aqui, logo, com a gente." Aí ele veio e ficou o restante do período. Quando foi no dia dez de julho de 1974, a gente casou no civil. O meu primeiro casamento foi maravilhoso, ele era um bom pai, um bom marido, nunca deixou faltar nada aos filhos.

Após o casamento, eles foram morar em outra casa, ela engravidou e teve que parar de trabalhar, porém, quando seu padrasto morreu e sua mãe foi morar com ela, decidiu voltar a trabalhar fora, para ajudar nas despesas de casa. Lúcia frisou que sua mãe teve uma importância muito grande na criação e educação dos seus filhos, pois foi com a ajuda dela que conseguiu cuidar dos filhos e, ao mesmo tempo, trabalhar, muitas vezes, em dois empregos. Entretanto, contou que, para voltar a trabalhar, teve uma conversa com o marido.

Aí eu disse: olha, Francisco, a mamãe tá morando com a gente, e eu queria que você me liberasse pra eu voltar a trabalhar novamente, porque você me conheceu trabalhando, e eu queria trabalhar pra lhe ajudar. Aí ele disse: "mas você fez uma operação, faz só dois meses!" Porque eu tinha tido minha filha de parto cesariano, tava operada. Mas ele liberou, e eu fui trabalhar no HGE. Eu sei que eu trabalhei bastante. E graças a Deus, sou muito grata por isso e, também, à minha mãe que foi responsável por tudo o que meus filhos são hoje. Hoje são casados todos, têm suas próprias casas, todos têm sua profissão, e eu agradeço à minha mãe, porque saía onze da noite e chegava de manhã. Depois, passei a trabalhar como zeladora em condomínio, saía às cinco da manhã. Hoje, eu tenho uma filha que é professora da escolinha que fica na sede da associação, ela fez o pedagógico e depois passou na faculdade de Letras; e a mãe faxineira! Isso me dá muito orgulho.

5.3.1.2 O tornar-se romeira: "era um sonho conhecer Juazeiro"

Lúcia destaca que os principais motivos para ter se tornado romeira foram: ter se casado com um filho de romeiro, ter iniciado as viagens de romaria com ele, em virtude de uma promessa feita por uma sobrinha do marido, e ter se tornado fretante[94].

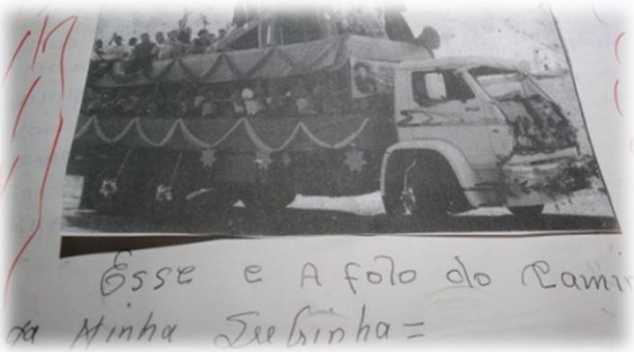
Relembrou que, o marido assim como ela, não tinha feito nenhuma romaria, por isso alimentavam a vontade de conhecer Juazeiro do Norte. Ela contou como foi a primeira viagem que fizeram:

Olha! O meu sonho era vim a Juazeiro... Com vinte anos de casada, uma sobrinha dele comprou um caminhão e convidou a gente para viajar. Ela fez uma promessa com São Francisco, que, se comprasse um carro, trazia toda a família dela no carro sem cobrar passagem. Então, quando ela comprou esse carro, uma F4000, convidou pra ele vim pra Juazeiro. Foi em 1999 que eu e meu marido fizemos a primeira romaria rumo à Juazeiro do Norte do Padre Cícero e Mãe das Dores, em um pau de arara, que é esse que está nesta foto com meu esposo, que hoje é falecido. Como a gente não tinha experiência de viagem em romaria aceitamos o convite da sobrinha dele que morava em Viçosa, uma cidade próxima de Maceió que é onde eu moro.

Na época, trabalhava numa empresa, pediu liberação para fazer a viagem, e a dona da empresa alegou que não teria o dinheiro para fazer seu pagamento, naquele momento. O desejo de fazer a viagem fez com que ela dissesse que iria, mesmo que não tivesse nenhum dinheiro. No dia da viagem, até onze horas, a dona da empresa ainda não tinha mandado deixar o dinheiro, o que a deixou triste, porque tinha planejado comprar algumas lembrancinhas em Juazeiro. Quando foi pegar o ônibus, para ir a casa se organizar para viagem, a secretária da empresa apareceu, no ponto do ônibus, com o dinheiro.

Figura 40 – Caminhão pau-de-arara em que Lúcia fez a primeira viagem a Juazeiro.

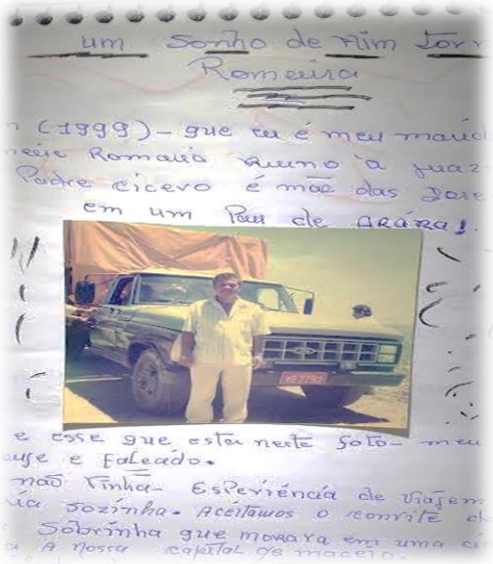
[94] O termo "fretante" é usado para denominar as pessoas que organizam as viagens de romaria; fretam ônibus ou caminhão pau de arara. Entretanto, atualmente, essa denominação tem sido substituída por coordenador ou coordenadora de romarias. Percebi que essa mudança de denominação tem sido incentivada pela Igreja Católica, através das Pastorais de Romaria, que alega que o termo coordenador é mais amplo, pois fretante é apenas quem freta um ônibus. Como, normalmente, as pessoas que realizam essas funções desenvolvem outras atividades, além de fretar um transporte para a viagem, consideram que o termo coordenador de romaria é mais adequado. As duas formas, porém, ainda, são usadas, como foi possível verificar nas narrativas. Quando uma romeira usa mais o termo "fretante", como no caso de Lúcia, optei por deixar esse termo, nos subitens que se referem a essa função.



Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral – foto tirada na procissão dos carros em 14/09/1999

Aí então, pra mim, foi uma graça muito grande de meu padrinho Cíço. Eu me abracei com ela chorando. Ela me entregou o dinheiro e eu vim embora. Foi a minha primeira romaria para Juazeiro, e considero que foi uma graça que eu alcancei, porque eu tinha pedido, à noite, ao meu padrinho Ciço que me ajudasse a realizar meu sonho de conhecer Juazeiro.

Figura 41 – Francisco, marido de Lúcia, na primeira viagem a Juazeiro do Norte



Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral

Fizemos a viagem numa F4000, feliz da vida. Forramos o colchão no Taboado do caminhão e viemos embora. Depois disso, todo ano, a gente viajava, juntávamos todos da família: tios, sobrinhos, avós, netos, cunhados, vizinhos e viajava para Juazeiro do Padre Cícero. Era aquela maior alegria. Nós saía às cinco horas da tarde e, quando era cinco da manhã, nós estávamos chegando em frente à Matriz da Mãe das Dores. Essa viagem era um compromisso que a família tinha. Todo o ano em janeiro, julho e setembro, a gente vinha. Lembro, nessa época,

da matriz todo enfeitada com aquelas bandeirinhas, tudo cheio de bandeirinha, era muito bonito.

Figura 42 – Lúcia com o primeiro marido, na Matriz de Nossa Senhora das Dores.

Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral – setembro de 1999

5.3.1.3 O ser romeira devota: a romaria como trabalho e missão

A partir dessas primeiras experiências, sentiu que gostaria de se tornar uma romeira devota, seguindo a tradição das viagens anuais e cumprindo as práticas religiosas comuns, no itinerário romeiro.

Em 2000, levei pela primeira vez meus dois netos, que era Larissa com dois anos e Mateus romeirinho com um ano e oito mês. Quando nosso caminhão parou, cinco horas da manhã, em frente da Matriz da Mãe das Dores, o sol já saindo, foi naquele momento que a minha neta Larissa e seu irmão olharam para a torre da matriz e gritaram assim com espanto: "vovó, olha lá no céu o Padre Ciço nas nuvens, olha vovó!". E os romeiros que estavam dentro do carro não tinham visto nada. Foi o primeiro milagre que meu Padrinho me mostrou. No outro dia, fomos visitar o Santo Horto e, quando a gente tava lá, a irmãzinha de Mateus disse: "olha o Padrinho Ciço está indo nas nuvens lá pra nossa casa em Maceió...". Por duas vezes ela viu meu Padrinho. Então, os romeiros que tinham viajado conosco mandaram que eu batizasse eles, porque eles eram pagãos, e criança pagã não se criava. Eu fiquei preocupada e decidi levar eles para serem batizados, na Matriz de Nossa Senhora das Dores. Os padrinhos foram

eu e meu esposo. Nós tiramos uma foto na pedra que tem lá no Santo Horto, no Santo Sepulcro, eu, meu esposo e meus sobrinhos para ter como lembrança.

Figura 43 – Lúcia, o marido e os sobrinhos no Santo Sepulcro no Horto, em Juazeiro.

Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral – setembro de 1999

Quando eu venho a Juazeiro é para agradecer, por graças alcançadas. Foram muitos momentos de alegria. E assim foi se passando o tempo, os anos, e nós sempre, todo o ano em setembro, janeiro e julho vindo a Juazeiro e fazendo nossa penitência.

Dona Lúcia define-se como uma romeira de fé, sua narrativa mostra que essa fé começou a ser despertada na infância e alimentada pela sua participação nas atividades da Igreja Católica, principalmente nas atividades de catequese, nas missas, procissões e nos terços em casa de vizinhos e amigos. Assim, descobre o que ela denominou de "vocação católica" como pontua.

*Eu toda vida eu tive **uma vocação assim católica**. Eu procurava ir sempre à igreja, ajudava nas festas, na minha infância, nos meus dozes anos, eu participava. E na catequese eu nunca faltava, eu participava da missa dos jovens a sete horas da noite, mas os meus pais não deixava estender muito os horários que eles tinham muito cuidado comigo [...].*

Aliado a isso, passava horas ouvindo as histórias sobre Padre Cícero e seus milagres, contada por uma romeira que tinha convivido com o próprio Padre Cícero. Essas histórias deram vazão à vontade de conhecer Juazeiro, colocado por ela como um sonho. Já faz mais de vinte anos que ela vem realizando esse sonho.

Relembra que ficou muito magoada, após um desentendimento com a sobrinha de seu marido, com quem costumava viajar, e por isso decidiu que iria organizar as viagens só.

Eu pedi à Mãe das Dores para me dar condições de trazer meu povo sem precisar dos outros. Porque eu viajava com a minha sobrinha, de caminhão, e um dia ela disse: "é eu trago o meu tio, eu tenho responsabilidade com meu tio, com a minha família, mas a Lucinha, além de vim com os filhos, ainda traz mais gente". Aí eu tive um desgosto muito grande com essa palavra, sabe? Eu escutei e saí calada, cheguei ali na porta da matriz e disse: minha Mãe das Dores, vou lhe fazer um pedido. Eu não quero pedir à Senhora riqueza e nem que eu seja digna de um dia ser rica, pra ter um carro, pra vim pra Juazeiro. Eu só quero que a Senhora me dê a graça de, um dia, eu vim com a responsabilidade minha e trazer o meu povo. Eu prometo à Senhora que jamais eu vou humilhar seus filhos. No outro ano, eu vim no carro dela, mas já vim como fretante e até hoje eu estou na caminhada. Porque eu chego de uma romaria e já vou trabalhar pra outra.

Figura 44 – Lúcia no ônibus que aluga para transportar os romeiros.

Lúcia com o ônibus que leva os romeiros

Lúcia, Matheus e os romeiros na Procissão dos Carros

Fonte: Arquivo da pesquisa

Considera essa função uma missão, pois foi um pedido que fez à Mãe das Dores; por isso, esse é o motivo mais forte para permanecer em romaria e que, apesar de viajar, há quase vinte anos, para Juazeiro, continua ouvindo e sentido esse chamado, pois foi através dele que se colocou a serviço, cuidando dos seus "romeirinhos", como costuma chamar as pessoas que viajam com ela. Destaca que o seu chamado foi:

"Venha minha filha e traga meus filhos". *Foi nesses momentos de fé que eu descobri a minha vocação, que era* ***tornar-me romeira peregrina*** *de meu Padrinho Cícero e Mãe das Dores. Por isso, todo o ano, eu estou aqui junto aos meus irmãos romeiros para agradecer, por graças alcançadas em minha vida.*

Diz que as provações fazem parte da vida do romeiro caminhante e para ser romeiro é preciso ter fé.

Eu mesmo acho que romeiro da Mãe das Dores é sofrimento. É pau-de-arara, é sol, chuva e, fé na nossa Mãe, no nosso padrinho Ciço. A romaria já começa antes da viagem. Porque, quando a gente tá se preparando, os romeiros reza terço. Antes de vim. Quando a gente volta, reza em agradecimento. Porque ***ser romeiro caminhante*** *é bonito demais... É aquele que anda, que passeia, que se diverte, que escuta história, porque eu num só faço romaria pra Juazeiro.* ***Para ser romeiro é preciso muita fé****, muita fé, porque hoje essa lei agora dos evangélicos... Tem vez que eu fico um pouco triste, porque muitos romeiros de minha comunidade que se afastaram para ser crente, mas eu rezo por eles, porque no meio daqueles que se afastaram já voltaram uma boa parte deles, já procuraram o nosso caminho da fé, que é o caminho de Juazeiro. É uma fé muito grande a que eu tenho... Para ser romeira, precisa de fé, e fé, crer em meu Padim Ciço e Nossa Senhora das Dores. Peça com fé, não peça cobrando dela, peça primeiramente a Deus, e que ela intercede por nós, por cada um de nós.* ***Pedindo, alcança uma graça; continuando a pedir se torna um romeiro****.*

Na quarta romaria a Juazeiro, ainda fazia a viagem de caminhão pau-de-arara. Nessa viagem, aconteceu um incidente com a Polícia Federal, que parou o caminhão alegando ilegalidade, por estarem transportando pessoas em caminhão, o que, de fato, não é permitido por lei. Diante desse conflito, os romeiros ficaram nervosos e realizaram um protesto na estrada. Contou que procurou resolver a situação, primeiro acalmando os ânimos das pessoas que estavam viajando, sob sua responsabilidade; depois, denunciando às autoridades de sua cidade e a um programa de rádio, o que estavam passando na estrada. Quando chegou a Juazeiro, procurou padre Murilo para relatar o que tinha acontecido, pois, segundo seu relato, ele costumava interceder nesses casos, no sentido de tornar as multas mais brandas e não onerar tanto os donos dos caminhões.

Contou que, além dos incidentes e perigos da estrada, passaram, também, por situações difíceis, como os preconceitos sofridos no percurso, por serem romeiros, por andarem de caminhão pau-de-arara e até por trazerem em cima do caminhão imagens de Padre Cícero. Isso a deixava indignada!

Olhe, o pessoal passava nos carros de gente rica, aí aqueles jovens ficavam mangando da gente e dizendo: "tira essa garrafa de coca cola aí de cima!" Eles diziam isso com a estátua do meu padrinho Ciço; acredita? Nesse dia, eu fiquei nervosa e disse até um apelidozinho com eles: oh! Maldiçoado, como é que você chama a estátua de meu padrinho Ciço de coca cola? Mas eles foram embora e não teve solução.

Quando retornou da viagem, soube que muitos moradores de sua comunidade tinham ouvido sua entrevista na rádio, denunciando o que ocorreu na estrada. Foi aí que um amigo deu a ideia de eles criarem uma associação, para garantir os direitos dos passageiros, com base no Estatuto do Idoso. Seu marido foi o primeiro presidente, ficando à frente da associação até 2008, ano de seu falecimento, devido ao agravamento da doença de Chagas. O diagnóstico levou algum tempo para ser feito, por isso fez uma promessa para os médicos descobrirem o que estava causando o seu adoecimento. Considera que recebeu **uma graça,** quando os profissionais de saúde diagnosticaram o problema; logo após, seu marido se submeteu a um processo cirúrgico, porém só permaneceu vivo, por mais treze dias.

Relembra com emoção o pedido dele para que ela e seu neto Mateus descem continuidade a seu trabalho. Fez questão de registrar que esse trabalho era feito por ele, com compromisso e boa vontade. Essa atitude de liderança tornou-o conhecido e admirado, uma referência entre os romeiros da região. Por conta disso, sua morte foi sentida por todos que faziam parte da associação e viajavam com eles, além da família, é claro.

5.3.1.4 Um momento de dor e sofrimento

Ela relatou como foi o dia do falecimento dele, um momento que marcou sua família:

Ele faleceu no dia vinte e sete de dezembro. Minha filha tinha feito uma cirurgia cesariana da minha neta, no dia vinte e seis; no dia vinte sete, eu fui buscar ela na maternidade. Quando eu vinha no caminho, recebi o telefonema dizendo que ele tava morrendo. Ah, foi difícil! Quando eu cheguei na rua que eu moro, a rua cheia de gente. Quando eu cheguei em casa com a minha filha, uma vizinha minha acolheu ela com a criancinha, e eu entrei em casa... Ele tava no sofá morto. O SAMU chegou e levaram ele pensando que estava vivo, mas só que era o marca-passo que ele tinha no coração. Aí a minha filha gritava com as mãos na cabeça, que é a minha segunda filha, ele gostava muito dela. "Meu pai! Meu Pai!" Mas foi a Mãe de Deus que naquele momento me deu força. Porque eu clamei a ela, porque o pessoal fala que resguardo quebrado é muito perigoso. Eu pedi socorro a minha Mãe, que Deus tinha levado o meu companheiro; nós vivemos trinta e quatro anos, nós nunca brigamos, nunca discutimos. ***Era duas almas num corpo só,*** *nós dois. Aonde tava um, tava os dois, tava eu do lado dele. Na romaria, axé! Nós*

tava juntos... Os romeiros ele gostava demais, ele acolhia os romeiros. Aí ***pra história ficar menos dolorosa****. Ele morreu no dia vinte e sete, e minha neta nasceu no dia vinte e seis. Ele ainda conseguiu ver o rostinho dela, numa foto do celular que meu genro mostrou pra ele. Ele olhou assim, riu e disse: "vá buscar sua filha logo cedo, porque deixar pra pegar ela na hora da visita, não vai dar certo". Mas aí a gente demorou um pouco, porque a enfermeira foi botar o brinquinho na orelha dela. Mas Deus prepara tudo. Tudo mesmo! Quando chegamos em casa, ele tinha acabado de falecer. Foi muito difícil, pensei que minha filha ia adoecer... O sepultamento dele foi no dia vinte e oito, no dia vinte e nove, o meu filho caçula fazia aniversário. Essas datas ficaram marcada na nossa vida.*

Lúcia contou que levou algum tempo para superar a perda do marido, uma referência para ela de liderança e companheirismo, por isso teve vontade de desistir das atividades ligadas à romaria. Com o apoio, porém, de religiosos, tanto de sua cidade como de Juazeiro, aos poucos foi se fortalecendo, e com isso decidiu dar continuidade ao que ela considera uma missão.

Atualmente, está casada, pela segunda vez, com o Matias. O casamento aconteceu, há três anos, numa cerimônia religiosa, no dia 02 de dezembro de 2012. Disse que, quando os filhos começaram a casar e formar suas famílias, ficou preocupada, diante da possibilidade de ficar sozinha, e, por não querer dar trabalho a eles, achou que seria melhor casar novamente.

Nunca meus filhos me deram desgostos, inclusive meus filhos têm muito cuidado comigo. E foi o caso deu decidir pelo segundo casamento. Foi pelos compromissos dos meus filhos, porque quase todos moravam no mesmo conjunto que eu morava e tudo, mas o passarinho, quando cria as asazinhas, ele quer voar. E quando eles passaram a ser casados, ter responsabilidade, ter as esposas e os filhos, eu achei assim: se eu ficar sozinha, vai ser um peso na vida dele! Que eles, às vezes, queria sair, morar em outro bairro, mas não queria me deixar sozinha no bairro. Já fazia vinte e quatro anos que eu morava nesse bairro. Foi quando o senhor que morava em frente à minha casa e que também era viúvo como eu... Ele era funcionário da rede Walmart do Bom Preço; se aposentou e foi morar perto de mim. O irmão dele já morava no bairro que eu moro. Comprou uma casa no Benedito, remodelou e mobiliou a casa de tudo. Só que ele acompanhava o meu dia-a-dia sem eu saber. Ele me via chegar e sair pras igrejas com o Matheus, e chegou um dia que ele veio e falou pra mim em casamento, não foi namoro nem nada. E então eu respondi pra ele o seguinte: olhe, você tem certeza do que você quer? Você sabe, você me conhece, sou viúva. Graças a Deus, sou respeitada, por onde eu ando e aqui no

bairro onde eu moro ninguém nunca viu mau comportamento meu, moro junto a meus filhos e eu tenho três netos. Pra você me aceitar, você tem que aceitar também meus netos que eu garanto que eles não vão decepcionar você como segunda pessoa. Também eu tenho que consultar os meus filhos, se eles aceitam ou não. E, também, tenho que consultar o pároco da minha paróquia, que é padre Fernando Rodrigues. Eu quero que, antes deu lhe dar a resposta, ele lhe escute. Aí ele disse: "tá certo". Que ele tem sessenta e sete anos, não parece que tem essa idade. Aí eu chamei o padre Fernando, preparei um café lá em casa para ele conversar com ele. Ele disse: "Seu Matias", que ele é muito risão, padre Fernando: "Seu Matias, o senhor tem certeza que o senhor quer assumir irmã Lúcia?" aí ele disse: "tenho, padre.". "olhe, o senhor sabe que ***a irmã Lucia é andadeira, viu****", começou a rir. "Mas é o trabalho religioso como leiga, então o senhor vai aceitar?". Ele disse: "Não tenho nada contra, padre Fernando, inclusive eu não vivo na igreja todo dia, mas eu sou católico e eu sou um dos devotos de Nossa Senhora de Fatima". Casei na igreja de noiva. Mas não casei de branco. Eu trouxe a foto pra irmã Annette ver.*

Figura 45 –Casamento de Lúcia com Matias.

Lúcia e Matias

Lúcia, Matias e a familia

Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral

É, foi um casamento religioso e a festa foi na associação. A gente fez uma festa pra cento e cinquenta pessoas, mas tinha pra mais que duzentas. A gente demos um almoço. Só não teve bebida de álcool, mas refrigerante foi um freezer de refringente. Eu ganhei tanto presente, pacote de refrigerante que meus romeiros deram, eles são uma família que eu tenho. ***Eu casei no religioso porque eu vivo nessa caminhada e eu não queria viver no pecado****, porque a gente que vive na nossa religião, a gente tem que saber daquilo que a gente quer e servir a nosso Deus de agrado que ele fique satisfeito, quando a gente encontrar com ele.*

Destaca que o segundo marido é diferente do primeiro, pois não gosta muito de viajar ou fazer romaria, embora seja muito católico.

Só que ele não é como o outro, assim andador. O outro não, o outro nós ia pra farra não, mas pra romaria, oxe! Ele tava à frente. Mas cada um tem um jeito de ser e eu respeito, né? É um bom marido. Os meus meninos e meus netos chamam ele de tio Zé: ele gosta muito dos meninos. Ele se preocupa, às vezes, ele não diz nada, mas ele se preocupa com meu menino, com Matheus. Ele não quer que o Matheus chegue em casa tarde e que eu tenha cuidado com quem ele anda. E ele é uma ótima pessoa, viu?

O primeiro marido não se importava com ela fazer as viagens, o segundo questiona a necessidade. Ela diz que não tem paciência de ficar em casa, gosta de ir para as romarias e levar os romeiros para participar da Reunião das Três Horas e de participar dos eventos da Igreja, em sua localidade.

5.3.1.5 O fazer-se romeira devota e engajada: liderança e participação

O ponto mais significativo da motivação para fazer-se romeira devota e engajada foi ter se tornado uma coordenadora de romaria e ter fundado, juntamente com seu primeiro marido, uma associação de romeiros.

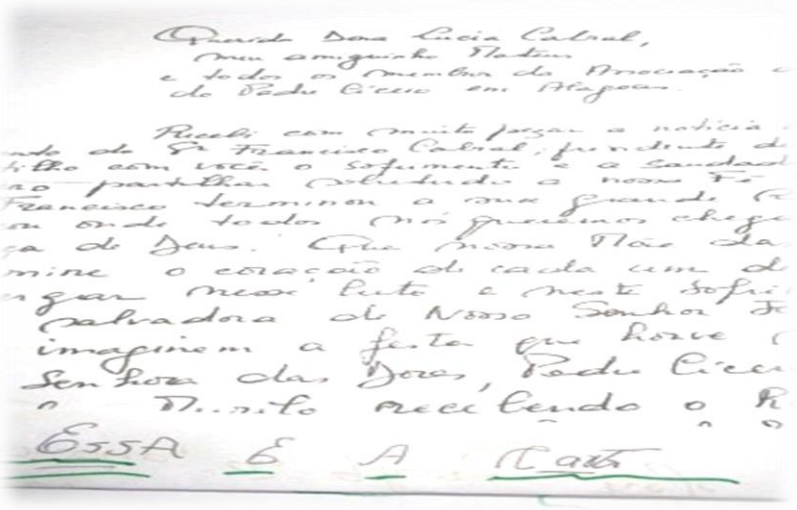
Quando nós fundamos a associação, *a razão social era os romeirinho ter um local pra depositar o seu dinheirinho da passagem, ter a garantia de, no dia da viagem, a passagem tá garantida. Então, quando foi com quinze anos que a gente tava nessa caminhada, vindo como fretante, em 2003, aconteceu esse problema da federal que a gente voltou; aí um patrão da gente, inclusive ele é da federal, não policial do trânsito, mas fazia parte, disse: "por que a senhora não funda uma associação?" Daí nasceu a associação, em 2003. A gente registrou ela assim: Associação dos Romeiros do Padre Cícero de Alagoas, sem fins lucrativos. Nós não tinha condições e até hoje não têm de ter uma casa própria. Não fizemos um contrato numa casa alugada, ela funcionava na minha residência. Quando o representante do ministério público foi na minha casa, disse: "olha, seu Francisco, a associação tá fundada aqui, mais não pode funcionar assim, porque aqui é a sua casa, seu lazer, o senhor tem que providenciar um cantinho pra o senhor fazer os seus trabalhos". Aí foi quando a gente aluguemos uma casinha*

lá na entrada do conjunto e montemos a associação. Foi assim que nossa romaria foi crescendo, até que se tornou em Associação dos Romeiros do Padre Cícero. Fizemos a associação, inauguremos, registremos a documentação. Só existe ela com esse nome até hoje. Sabe? Têm várias com outros nomes, tem a Associação dos Romeiros do Rio Largo, Associação dos Romeiros de União, que eu sei, que estão nessa batalha... Parece que tem uma, chamada Associação dos Romeiros de Palmeiras dos Índios; mas Associação dos Romeiros do Padre Cícero de Alagoas só tem essa que ainda hoje eu tô representando.

Com a morte do seu primeiro marido, passou a assumir a organização das viagens e a presidência da associação. Entretanto, esse foi um momento de crise, um ponto de ruptura na sua trajetória, causando-lhe dor e sofrimento. Por conta disso, sentiu-se sem força e sem motivação para continuar com a associação dos romeiros, como relatou:

*Quando ele faleceu, eu passei um três meses com a associação fechada. Aí eu não fiquei com coragem de dar continuidade. Na romaria de janeiro, eu mandei escrever uma carta pra irmã Annette, dizendo a ela que eu não ia mais continuar com romaria, a cruz tava pesando nas minhas costas, a falta dele... E escrevi pra irmã contando a minha história. Irmã Annette me respondeu numa carta que mandou por uma romeira de Alagoas. Eu ainda tenho essa carta comigo. Ela dizia na carta que eu não deixasse, não desistisse, continuasse que aonde ele tivesse ia me dar forças. Nas minhas orações pedi a ele força pra mim ajudar a continuar***.***

Figura 46 – Carta de irmã Annette para Lúcia, em 30 de janeiro de 2008.



Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral

Foi essa força que me fez continuar essa caminhada: a força que irmã Annette me deu, esse anjo dos romeiros. Eu recebi a carta de irmã Annette e depois sonhei com ele, mas no sonho ele não me falava. Aí outra vizinha minha, que também é romeira, a Edna, sonhou com ele dizendo assim: "Edna! Dona Edna! Diga pra Nega, a Lúcia", que ele me chamava de nega e depois chamava Lúcia – "diga pra Lúcia que abra a minha janela". Ela acordou e não viu mais nada. No outro dia, ela bateu na porta e me contou. Então eu acreditei que a porta que ele pediu pra abrir era a associação. Eu falei com o padre Fernando Bezerra, que é o nosso pároco, e ele disse: "irmã, dê continuidade, não deixe não". Eu voltei e abri a porta da associação e fiquei recebendo os meus romeirinhos da Mãe das Dores, como eu tinha prometido a ele. Que a associação era um ponto que a gente alugou onde ele passava a tarde todinha recebendo os romeiros que chegavam. Lá a gente tinha um trabalho muito bonito, era um trabalho comunitário, à tarde toda, não faltava gente. Hoje a associação não está nesse mesmo local, está em outro local, e lá funciona agora uma escolinha creche, de manhã é creche e de tarde é um jardim de crianças, nós temos 60 criancinhas. É humilde a escolinha, porque a gente vive da humildade. Todo mês, eu dou uma cesta básica pra ajudar a escolinha, pois o que o falecido fundador dela deixou eu venho fazendo, na medida do que posso, ajudando a professora da escolinha.

Enfrentou algumas dificuldades, ao reabrir a associação, pois as pessoas não acreditavam que ela conseguiria dar prosseguimento às viagens e, devido a isso, diminuiu a procura.

*Aí eu abri a associação, depois desse período, e **fiquei trabalhando somente com a romaria**. O nosso trabalho que a gente tinha pra comunidade ficou um pouco escasso, porque a comunidade procurava mais, assim, por carência: eles pediam ajuda pra resolver problema de saúde: a gente adquiria cadeira de roda, consulta médica e depois a gente botou um oculista que, cada vez que vinha, ele doava um óculos pra um morador. Era um trabalho muito bonito. Mas depois veio a sujeira: as pessoas que era meu romeiro se tornaram fretante, e no tempo de política só o que a gente ver é ônibus doado. Mas eu honro o nome da associação, eu não me vendo pra ninguém. O político da associação é o meu Padrinho Ciço. E eu vou fazer o que eu puder enquanto eu for viva, eu vou tá à frente honrando o nome do seu Francisco.*

A partir desse momento, **se engajou mais ainda**, ampliou as atividades como romeira, decidiu colocar uma imagem de Padre Cícero num santuário da comunidade, que fica na praça do seu bairro, Benedito Bento.

Aí peguei a imagem do meu padrinho Cicero e botei num santuário, na Praça do Benedito Bento. Todo domingo, se reúne um grupo de romeiro, às quatro horas da tarde. Lá tem dois pés de juá, era três, mas um roubaram. Meu padrinho Cicero está lá, e eu tenho a chave do santuariozinho de onde ele está e o nosso trabalho tá sendo um trabalho humildezinho, sem a presença de Seu Francisco Romeiro, mas tem a Dona Lúcia e Matheus. O santuário é cuidado pelo nosso romeiro mais velho. O pé de juá eu levei de presente para os romeiros; quando eu plantei o pé de juá, eu fiz o bendito do Pé de Juá; quando ele completou um ano, fizemos o aniversário do pé de juá, recebemos romeiros de cidades vizinhas. Cantemos os parabéns do pé de Juá, e no encontro de romeiros de Caruaru, o seminário que teve que eu participei[95]*, eu levei as fotos de aniversário do Pé de Juá e passei pras pessoas verem a festinha do Pé de Juá.*

Figura 47 – Trecho do bendito "O pé de Juá".

O Juazeiro falado *Que saudade eu tenho de lá.* *Por isso é que todo ano os romeiros vem lhe visitar* *Na praça do meu padrinho* *Onde estão os três pés de juá* *E a fonte luminosa,* *Que ilumina aquele lugar.* *Nossa Senhora das Dores* *Ela está no altar,* *Abençoando os romeiros,* *Que chegam para lhe visitar.*	*Eu moro em Alagoas* *Levei um pezinho de juá* *Tá na Praça Padim Cicero* *De lembrança do Ceará.* *Benedito Bentes* *agora ganhou um pezinho de juá* *Romeiros alagoanos* *não esqueçam de ir lhe visitar* *Ofereço esse bendito* *Aquele pezinho de juá* *Que na sombra desse pé* *os romeiros um dia vão descansar*

Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral

Sobre os benditos, fala que começou a criar, no período em que ficou viúva, motivada pelas apresentações feitas nos programas de rádio dedicados aos romeiros, embora não seja uma cantora profissional. Diz que ficou conhecida na região, por conta do bendito do Pé de Juá, e que nos eventos dedicados ao povo romeiro as pessoas pedem que ela cante. Gravou esse bendito no CD "Cantinho dos Romeiros", volume 8, como apresentado por ela no álbum autobiográfico.

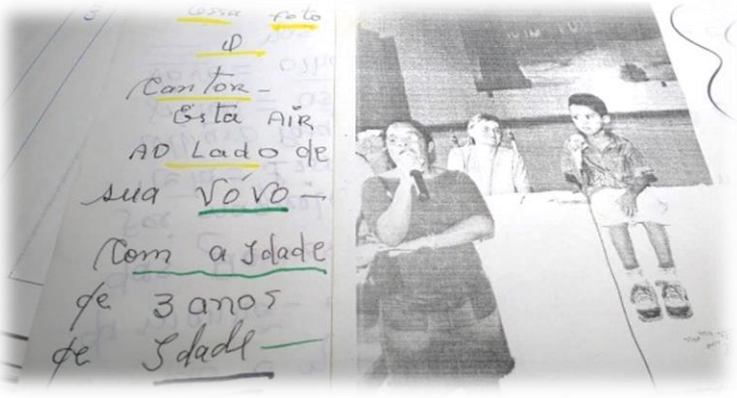
[95] Trata-se do 2º Seminário de Romeiros e Romeiras e Agentes da Pastoral de Romaria, organizado pela Pastoral da Romaria de Juazeiro do Norte. Esse evento aconteceu em Caruaru, cidade de Pernambuco.

Figura 48 – Lúcia com pessoas da comunidade, embaixo do pé de Juá e a capa do CD Cantinho dos Romeiros com o bendito do Pé de Juá.

Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral

Fala da Reunião das Três Horas, sempre com carinho e entusiasmo, diz que esse espaço **"**é a casa de Dona Lia**".** Lia é um personagem da história contada por Irmã Annette nas reuniões. As romeiras se identificam muito com essa história e chegam a dizer que Ir. Annette é a própria Dona Lia, pois ela é a "mãe dos romeiros". Diz que fica triste, se não participar da reunião, pois é um grande **momento de encontro**. Disse que inicialmente não sabia da existência desse encontro; ficou conhecendo, quando soube que Irmã Annette estaria reunindo os fretantes, para falar da problemática dos caminhões pau-de-arara; isso aconteceu na segunda viagem que fez.

Figura 49 – Lúcia se apresentando na Reunião das Três Horas, 2003.



Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral.

Relembra que, quando chegou ao salão do Círculo Operário, pela primeira vez, viu como era a reunião, inclusive seu neto que, na época, tinha dois anos e cantou um bendito que emocionou a todos; desde então, nunca mais deixou de participar, seja cantando benditos, dando testemunho ou falando de sua comunidade.

***Se eu não participar desse encontro é uma tristeza**, porque aqui a gente se encontra, é uma felicidade, quando a gente encontra a turma daqui, Irmã Francisca, Macilene, Rogéria, Irmã Annette, os Padres que sempre passam por aqui para cumprimentar, uma coisa linda aqui. Quando cheguei, na primeira vez, na Reunião das Três, aí foi anunciado no salão que tinha um encontro com os fretantes e os romeiros aí eu fui. Mateus tinha dois anos. Ele já tinha vindo um ano antes. Na hora Irmã Annette cantou com a gente e tudo. Eu creio que Irmã Annette pode contar que foi Mateus quem fundou o grupo de crianças ali no Círculo Operário São José. Porque ele, com dois anos de idade, cantava lá um benditinho, que ele rezava no caminho, quando vinha. E foi um bendito comprido que ele rezou, marcou os romeiros que, quando ele terminou, todo mundo queria abraçar ele. Chamava o menininho do bendito; ele era tão pequeno que Irmã Annette botava ele em cima da mesa sentando, ele ficava com as perninhas balançando e cantando. E hoje meu filho tá com dezesseis anos. Vai seguir o caminho dele. Ele escolheu Irmã Annette para ser sua madrinha de crisma e vai pra Fraternidade no Caminho.*

Figura 50 – Lúcia participando da Reunião das Três Horas.

Lúcia e Ir Annette

Lúcia e Matheus

Lúcia, Matheus e Ir Annette

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Quando eu venho para a Reunião das Três, eu gosto de participar, mas eu sou uma pessoa tímida, tem pessoas quando chega nos cantos quer aparecer, eu espero aquela oportunidade vim até a mim, eu sou muito humilde, eu não gosto de aparecer, tá me exibindo diante das pessoas. Então, quando as pessoas me procuram, querem falar comigo, eu sempre tenho alguma coisa a responder, diante da minha ignorância, que eu não sou formada, apesar dos meus filhos ser tudo formado, mas eu acredito que eu falando não vou fazer feio... Dessa vez, eu participei cantando, ontem eu apresentei a minha comunidade São João Bosco, cantei o Hino de São Bosco, representando os jovens e também na memória de meu netinho que não estava aqui, Matheus. Hoje eu fiz uma homenagem a Nossa Senhora no caminho de Fé...<< No caminho da fé, o povo não se cansa, quem anda com Jesus, nunca perde a esperança. >>

Ah! Esse canto fortalece a gente demais. É a cara da Irmã Annette... Escolhi citar esse canto, porque é uma homenagem a nós romeiros, ***nossa luta, que a gente tem pelos caminhos****, em casa eu canto direto esse canto... A reunião é uma festa linda. Um abraça, outro beija, outro como foi? E a gente vai dar o testemunho, dizer o que aconteceu e é um trabalho bonito.* ***Me sinto realizada, quando participo****, em voltar pra minha casa e dizer que participei, tenho as provas que participei, vou levando pro meu povo o que eu fiz e ouvi.*

5.3.1.6 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria

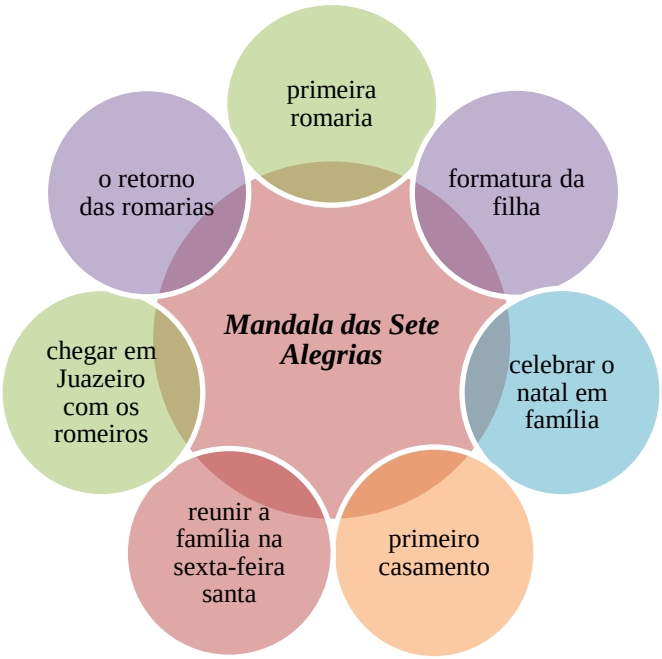
Suas maiores dores estão ligadas às perdas com a morte de familiares, como pontuou na atividade de construção da Mandala das Sete Dores, na Vivência Biográfica Integrativa, como é possível verificar na figura 52:

Figura 51 – Mandala das Sete Dores de Lúcia Cabral.

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Em sua narrativa, percebi que se refere aos acontecimentos bons vivenciados, como sendo uma graça ou bênção. Portanto, alegria, graça e bênção parecem ter o mesmo sentido para ela, ficando difícil fazer alguma separação dessas concepções. Na elaboração, porém, da Mandala das Sete Alegrias destacou:

Figura 52 – Mandala das Sete Alegrias de Lúcia



Fonte: Arquivos da pesquisa.

Além dessas, afirmou que são, também, motivo de alegria e satisfação em sua vida: seus filhos e netos, a escolinha, a prática religiosa e as viagens de romaria, pois considera que vir a Juazeiro é sempre uma graça recebida. Afirma que recebe "**graças em missão"**.

5.3.1.7 Os aprendizados da trajetória romeira

Ao falar do que aprendeu nas romarias, responde que foi **o amor**. O amor dela com o povo e do povo com ela. Diz que tudo que aprende repassa, pois leva para sua comunidade as histórias que ouve, na Reunião das Três Horas, leva, também, as notícias e novidades, assim como fala das pessoas que conhece. Afirma que tudo que vem aprendendo como romeira repassa para sua família e, em especial, para seu neto Matheus, e que procurou fazer isso levando-o a Juazeiro. Por isso, Matheus se tornou sua companhia de viagem e pode aprender desse caminho: tornou-se um *romeirinho*, como costuma dizer. Além disso, considera que a sua prática religiosa, junto à Igreja Católica, também influenciou a decisão do neto de seguir um caminho religioso, fato evidenciado pela opção dele de entrar para a comunidade religiosa Fraternidade do Caminho.

Eu aprendi muito nesse caminho, mas eu digo assim que aprendi mesmo foi o amor, ***o amor para com meu povo e o meu povo comigo,*** *porque o fretante, ele tem que ter muita calma, tem que ter delicadeza com seus passageiros, tem que cuidar bem dos seus idosos que vêm com você, porque não são romeiros nossos, são da Mãe das Dores. Então nós somos uma babá que tá cuidando deles, tá entendendo? Eu tenho o maior amor, quando venho na minha romaria. Agora, às vezes, a gente faz cem, não recebe cem, nunca a gente faz cem, faz 80, 90, mas eu acredito que isso aí são pontos negativos, provações pra ver a nossa fé, e agente provar que aquilo que a gente prometeu a nossa Mãe,* ***a gente tem que ter uma provação*** *que é pra ela ver se o que a gente prometeu a ela a gente tá cumprindo com a palavra, e é isso que eu tô fazendo continuando na caminhada da Mae das Dores.*

Em síntese, os aprendizados pontuados por ela, no decorrer de sua narrativa são:

- Aprendi **a ser romeira**. O dever de estar em Juazeiro e **ser coordenadora de romaria**
- Aprendi como **participar da Reunião das Três Horas**, ouvindo os conselhos dos padres, irmãs e paroquianos e romeiros;
- Aprendi **a amar e compartilhar,** participando das romarias e da reunião com os romeiros;
- Aprendi a **cuidar dos romeiros,** acomodando bem a todos e orientando;
- Aprendi a **ser feliz**, fazendo novas amizades e porque aqui também é minha família.

Eu quero dizer também que, se as pessoas um dia chegar a ouvir essa minha história, me desculpe os erros, porque, às vezes, a gente se emociona. Eu não vou dizer a você que eu sou uma pessoa que tive muito estudo, não fiz faculdade... Não tenho muito saber. Eu fui uma menina pobre, mas estudei. Tive educação dos meus pais e hoje eu ainda estudo. Porque hoje eu sou muito observadora das coisas. Quando eu não sei, eu escuto como é que eu vou falar, pra poder eu falar e quando eu acho que o que eu vou falar não dá certo, eu fico calada, balanço só a cabecinha. Faço só confirmar, entende? Posso ter muitos erros de português, no meu depoimento, ***mas eu boto pra fora tudo o que eu seio.***

Figura 53 – Última página do álbum autobiográfico de Lúcia.

Fonte: Álbum autobiográfico de Lúcia Cabral.

5.3.1.8 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais

Encontrei, na história de vida de Lúcia Cabral, acontecimentos marcantes de sua trajetória de vida e, em especial, de sua experiência romeira. Temos a figura do primeiro marido como um modelo que seguiu; o neto, como um resultado de seus ensinamentos; e da associação de romeiros, como expressão de sua prática, enquanto romeira e fretante: ponto que liga o fazer romaria a uma situação de trabalho. Aparece em sua narrativa a sua percepção sobre a rede de apoio social e acolhimento que é estabelecido na Reunião das Três das Horas, especialmente na pessoa de irmã Annette a quem chama de *Anjo da Romaria*.

Sua história cita os lugares em que já morou, no interior de Alagoas e na cidade de Maceió. Fala das viagens que faz a Juazeiro em romaria e a outras localidades, pois um dos aspectos marcantes de sua autoimagem é "ser andadeira": essa condição comporta sua disposição para cumprir com o calendário anual das romarias, o planejamento, organização e divulgação das viagens que coordena, o envolvimento nos eventos religiosos ligados a sua paróquia, a participação em programas de rádio, com o intuito de falar de sua experiência romeira e o seu engajamento no movimento romeiro de Juazeiro e de sua localidade.

Na sua narrativa, é possível observar as temporalidades do vivido, expressas nos relatos sobre: a infância e adolescência, o primeiro e segundo casamento, o início das romarias, a morte do primeiro marido, o impacto da perda (o enfrentamento e a superação), o assumir a

associação dos romeiros e sua atuação como líder, a romaria como trabalho e a escolha do neto de seguir a vida religiosa (sentida por ela como uma perda que, também, exigiu aceitação e superação, pois, além de ser seu companheiro de romaria, morava com ela).

Considero esses marcadores temporais como os fatos mais marcantes de sua história, pois, além de apontarem as formas de enfrentamento e superação de que lançou mão, durante seu percurso existência (luto – querer desistir – buscar ajuda – observar os sinais – assumir a associação – casar novamente), mostram, ainda, as experiências fundadoras de sua trajetória romeira.

Nesse sentido, o tornar-se romeira está associado ao sonho de conhecer Juazeiro, à primeira viagem e ao se tornar fretante. Ser romeira devota é um prolongamento desses motivos, acrescidos do chamado que afirmou ter recebido de Nossa Senhora das Dores, para conduzir e cuidar das pessoas que leva nas viagens que organiza, o que a faz assumir a função de coordenar as viagens como missão e trabalho. Esses fatores são justificados, também, por sua prática religiosa, que antecede o início das atividades romeiras e estão ligados aos aprendizados da infância e adolescência, junto aos grupos, eventos e celebrações da Igreja Católica.

A partir disso, ressalto que os elementos preponderantes no fazer-se romeira devota e engajada, na história de Lúcia, dizem respeito ao fato de ter se tornado uma liderança, no meio romeiro, tanto como coordenadora de romaria quanto como presidente da associação dos romeiros. Nesse sentido, o aspecto mais relevante de sua trajetória é a romaria como trabalho e missão, assim o social e o religioso são aglutinadores de intenções.

Considero que o ser, estar e permanecer em romaria, além de estar associado a essas motivações, também se referem à imagem que tem de si e dos valores que aponta como fatores importantes em sua trajetória: ser humilde – ser uma romeira de fé – ser andadeira – botar para fora o que sabe. Assim como da consciência que parece ter sobre a sua atuação como líder-romeira.

Os aprendizados-experiências são: aprender a ser romeira, aprender a organizar viagens de romarias, a cuidar dos romeiros, exercer a liderança perante os romeiros que leva nas viagens e os que são membros da associação a que preside. Aprender a participar da Reunião das Três Horas e a expressar o que sabe e pensa.

Os saberes existenciais podem ser percebidos, em sua história de vida, como os aprendizados adquiridos com a prática romeira, enquanto fretante, expressada como sendo:

saber cuidar, ser solidária, fazer amizades, saber compartilhar. Além disso, ressalto as formas de enfrentamento e superação mobilizadas, no percurso vivido, pontuado por ela como "o seguir em frente, apesar das perdas, das provações", o que parece lhe trazer um sentido existencial.

5.3.2 Perolina: a que cria na dor

Perolina o casamento cantando na romaria os benditos - CD

O BARCO DA VIDA
Senhor eu venho te pedir
Força pra eu resistir no meu caminhar
Eu sinto minha força acabando
Estou fracassando eu não posso remar
Segura meu barco Senhor
Não deixa o meu barco afundar
Eu sinto minha força faltando
O barco afundando e eu não sei nadar
Segura Senhor, segura minha mão
Estou me afogando, não me deixe não
Segura Senhor, segura minha mão
Estou me afogando, não me deixe não.

(Trecho do bendito O barco da vida)

À primeira vez que vi Perolina Lins, foi durante a Reunião das Três Horas, na Romaria de Nossa Senhora das Dores, em 2010. Ela cantou um bendito longo, fiquei encantada. Depois disso, só voltei a encontrá-la em 2013, também no encontro romeiro; dessa vez, ela

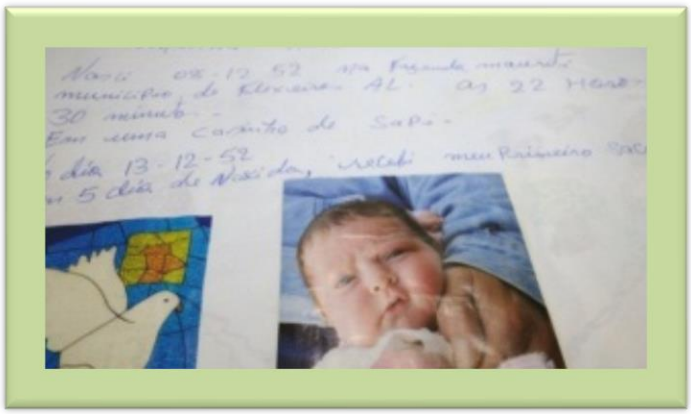
estava cantando o bendito *O barco da vida.* Foi emocionante ver todos que estavam presentes, cantando num coro de vozes romeiras; alguns choravam e cantavam, outros expressavam, com as mãos, gestos que traduziam a letra da música. **Criar na dor** é o que define sua inspiração para os benditos, como expresso no bendito acima - *Senhor eu venho te pedir força pra eu resistir no meu caminhar. Eu sinto minha força acabando, estou fracassando, eu não posso remar.* Por isso, decidi começar sua história de vida falando do que ela considera como uma das mais importantes graças recebidas em sua vida, criar e cantar os benditos.

Perolina Joana da Silva Lins começa seu relato afirmando - *sou romeira com muito prazer, graças a Deus!* Nasceu na Fazendo Mauriti, no município de Flecheiras, em Alagoas, no dia 8 de dezembro de 1952; dia de Nossa Senhora da Conceição, que considera como madrinha e protetora. É viúva, tem cinco filhos, sendo quatro homens e uma mulher; três estão casados. Tem três netos e mora com os dois filhos solteiros. É aposentada e comerciante, além de ser cantora.

5.3.2.1 A infância numa família romeira

Sou romeira! Meus pais eram ***romeiros de coração*** *mesmo, eles tinham muita fé. Somos pessoas humildes, daquelas fazendas dos interiores. Depois, meus pais compraram um sitiozinho e vieram morar mais próximo da cidade, e depois meus pais faleceram. A fé do meu pai e da minha mãe era tanta... Ele contava muita história do meu Padrinho Ciço, e por sinal tudo que ele contava hoje em dia a gente tá vendo. Minha mãe veio a pé, grávida, ainda, do meu segundo irmão: passou quarenta dias pra poder chegar em casa, no interior de Alagoas, caminhando de ida e volta. Quando chegou, a minha irmã mais velha era pequeninha, tinha uns três anos, já não queria aceitar ela, que não conheceu mais! Ela contou que chorou muito, porque a menina não queria mais saber dela, mas depois deu tudo certo. Eu não lembro se foi promessa, mas eu sei que ela veio com uma turma de compadres dela; na época, era tudo padrinho de filho um do outro. Naquela época, tinha muito perigo nas estradas, tinha onça e o bando de Lampião, por isso eles paravam nas fazendas, para não dormir na estrada. Mas, graças a Deus, com minha mãe e meus familiares nunca aconteceu nada de negativo. Eu não vinha com eles, porque eu ainda não era nascida. Eu sou a caçula de dez irmãos.*

Figura 55 – Primeira página do álbum autobiográfico de Perolina.



Fonte: Álbum autobiográfico de Perolina

Relembrou que, quando era adolescente e morava numa fazenda com os pais, ir para escola era um desafio, pois tinham que atravessar um rio e, quando chovia forte, era quase impossível atravessar. Com nostalgia, contou que nessa época usava tamancos de madeira e quase sempre perdia, nas tentativas de chegar à outra margem do rio. Com o passar do tempo, o pai arrendou uma fazenda, e sua irmã passou a dar as aulas na escolinha, montada para atender aos moradores e facilitar o acesso das crianças à escola. Ainda assim, confessa que dava muito trabalho para estudar.

Porque eu não queria atender a minha irmã, meu pai dizia: "oi nega", o nome da minha irmã era Maria José e a gente chamava nega; "oi nega, bote a menininha", o meu apelido é menininha, é Perolina o nome, mas o apelido é menininha. "Oi nega, bote a menininha pra estudar e, se ela não quiser, pode botar de castigo". Oxe! A minha irmã falava e eu num ligava. Estudamos só até a quarta série, até a quinta ainda chamava de admissão, depois, tinha que ir estudar em Flecheira que já ficava distante. Tinha um ônibus que vinha pegar a gente, passava na pista, e a gente ia pra Flecheira. Voltava tarde da noite, mas depois parou tudo, e eu parei de estudar até hoje. Num continuei mais.

Figura 56 – Desenho feito por Perolina para representar o percurso que fazia de sua casa até a escola.

Fonte: Álbum autobiográfico de Perolina

Conta que a mãe rezava o terço, todos os dias, mas a noite em que comemoravam São João era especial, vinham pessoas de outras fazendas para o terço, que era todo cantado por sua mãe. Nesse dia, era servido café com bolo pé de moleque. A reza se prolongava por toda a noite. Na manhã seguinte, as moças iam brincar de "casamento curto". Lembra, ainda, que sua mãe, também, reunia pessoas para rezar, na Sexta-feira Santa, só que, nessa ocasião, seguiam preceitos religiosos e ficavam recolhidos em oração.

Sexta feira da paixão, só trocava de roupa depois da meia noite. Que é o jejum fechado. Não comia nada, nem água. Começava de manhã, na hora que você acordava até o meio dia. Depois de almoçar, você podia tomar água, mas não podia comer outra coisa não; eles alegava que quebrava o jejum, se comesse alguma coisa; não valia o jejum. A minha mãe rezava o terço. Na época de adolescente, eu seguia a minha mãe, quando ia rezar o terço, porque as moças tinha um negócio de brincar de "casamento curto". Essa brincadeira é quando as moças, uma hipótese, junta seis rapazes e seis moças, fica uma fila do lado e uma fila de outra. Digamos que se um rapaz se interessa pela aquela moça, ele chega lá e dá a mão a ela; se for o rapaz que, também, ela tivesse escolhido, então eles iam conversar, se não ela dava as costas. No meu caso aconteceu, foi de verdade mesmo. O meu esposo, que se tornou meu esposo, depois dessa brincadeira de casamento curto, foi e se interessou por mim, e eu por ele. No outro dia, depois da brincadeira, ficamos noivos. Era sábado de aleluia, e ele me pediu em casamento. Eu tinha dezoito anos, mas a gente já percebeu que tinha interesse. Aí aconteceu o casamento de verdade.

Perolina relembra, emocionada, os detalhes no preparar a celebração que aconteceu na fazenda, a compra do vestido de noiva e do enxoval e o quanto o pai ficou triste, porque ela era a filha mais nova, o "xodó da família".

O padre foi chamado para casar a gente em casa, na fazenda, até hoje eu lembro. Foi maravilhoso! Na época, casamento no interior era uma fartura, matava porco; quem tivesse boi, matava também, peru, galinha... Oxe! Pense! Eu era a caçula, e por isso meu pai quase morreu. Eu era a última que ia sair de casa, o xodó. Meu irmão chorava tanto na época... Mas a festa foi maravilhosa, tinha sanfoneiro, tinha tudo, o povo tudo dançando; só que a gente não dançava, meu pai nunca gostou não. Nem dançar, nem cortar cabelo, nem usar batom, nem pintar unha, nada, nada não. Hoje em dia, a gente tá liberado de tudo isso, porque meus pais não estão mais vivo. Mas antes, se a gente não fizesse tudo certinho, ele ficava agressivo. Ele num batia nem nada, mas num gostava, a gente não passava por cima da ordem dele. [...] o meu vestido de noiva eu comprei em Juazeiro. Minha mãe vinha sempre pra romaria. Na época do casamento, veio e eu vim com ela e comprei, aqui, em Juazeiro; inclusive, ainda tenho esse vestido, tá velhinho demais, mas tenho. Ele tá todo cortado, já cortei tudo, ele era muito bonito, enfeitadinho de gripper com aquelas perolas. Mas depois, quando a gente casa, aí corta e tem que vestir, se não o casamento não dá certo. Antigamente, era assim! O enxoval, também, comprei aqui; naquela época, não tinha cocha de veludo lá em Alagoas, aí minha mãe comprou aqui pra mim o enxoval e, quando chegou lá, foi um sucesso. [...] A festa foi maravilhosa, começamos a preparar tudo, um dia antes. No interior é assim, começa na véspera a matar os animais, faz aquele monte de arroz, de macarrão, farofa, tudo mesmo, não é que nem hoje não. Hoje é só docinho, só coisa chique. Mas naquela época, era uma panela de porco assado, um guisado, peru assado. Tudo um monte de coisa. Quem chegasse comia. A noiva ajudava também, tinha que ajudar que a família era muito grande e tinha muita coisa pra preparar. E rolava a noite todinha, a dança e o sanfoneiro tocando. Bebida, nessa época, era só vinho, não tinha cerveja. No outro dia, é que a pessoa vai pra casa do marido, que é onde vai morar, mas tem que ter a festa, na casa do pai do noivo. É, minha filha! Tem que ter outra festa igual, quase igual à do pai da noiva. Os dois pais faz gastos. Mas meu pai não foi pra outra festa, ele ficou já morrendo do coração, e eu fui triste, porque me afastar dos meus pais... Aí foi, mas graças a Deus, Deus toca no coração, Deus cuida direitinho e deu tudo certo.

Figura 57 – Fotografia do casamento de Perolina

Fonte: Álbum autobiográfico de Perolina

Perolina casou no dia 16 de janeiro de 1974 e teve o primeiro filho, no dia 09 de dezembro, passou apenas dois meses para engravidar. Só o primeiro filho nasceu na fazenda, os outros nasceram em Maceió, pois os sogros venderam a fazenda, e ela e o marido se mudaram. Disse que gostou dessa mudança, embora na fazenda não pagasse luz e nem água, até porque diz que, naquela época na fazenda, não tinha energia. Apesar de plantar, e criar animais, considerou a mudança boa. Após a venda da fazenda, cada filho ficou com uma parte; isso ajudou a família a se estabelecer em Maceió, onde o marido foi trabalhar em uma fábrica de óleo de coco; depois, numa empresa de gás, mas achou melhor montar um comércio que, apesar de estar dando certo, tiveram que fechar, porque os donos do imóvel pediram que a desocupassem.

Ele foi trabalhar na empresa Sococo, passou dois anos ou foi três, depois arrumou outro ponto comercial e saiu da empresa. No pontinho, deu certo e até hoje a gente é negociante, ele já faleceu, eu continuei, mas o ponto está bem fraquinho, porque eu comecei a construir minha casa e ficou um pouquinho apertado o financeiro, aí fracassou o comércio. Tava comercializando muito bem, muitíssimo bem, depois foi fracassando, fracassando... O maior comércio, na época, era o nosso, mas tivemos três assaltos, e meu marido foi desanimando e piorou, quando ficou com diabete e o primeiro AVC; depois, ele teve mais dois. Quando ele faleceu, ficou quase no zero o comércio. Estamos fraquinho, mas estamos tocando o barco pra frente. Dia trinta, completa quatro ano que Jesus levou ele pra glória.

5.3.2.2 O tornar-se romeira de "pé no chão, de verdade"

Fez a primeira viagem de romaria, quando estava noiva e só retornou a Juazeiro, quando já estava casada e grávida do primeiro filho; depois disso, afirma que nunca mais parou de fazer as viagens e tornou-se romeira de "pé no chão, de verdade", como costuma falar.

Figura 58 – Desenho feito por Perolina para representar o caminhão pau-de-arara, em que viajou, pela primeira vez, para Juazeiro do Norte.

Fonte: Álbum autobiográfico de Perolina

Na minha infância, na época de criança, eu nunca vim ao Juazeiro, minha mãe veio duas vezes a pés, eu nunca vim. Eu já tinha mais ou menos catorze anos quando vim, já estava noiva. Foi a primeira viagem que eu fiz para uma romaria. Foi maravilhosa! Depois, eu vim quando casei, vim grávida do meu primeiro filho. Depois disso, eu não parei mais, dei continuidade a vim a Juazeiro. Na época que eu me casei, foi que eu ***comecei a ser romeira*** *mesmo, porque quando era eu solteira não era tanto. A primeira viagem foi de caminhão. Nós fomos de uma fazenda pra outra pegando os passageiros. Aí foi maravilhoso demais; agora, chegar aqui era muito sofrido, não tinha água pra tomar um banho, passava dois, três dias. A gente passava três dias na estrada! Era poeira, minha filha, chegava aqui com o cabelo duro de poeira, era poeira no nariz, na garganta. Fechava a garganta, ficava tudo inflamada de poeira. Às vezes, o caminhão quebrava na estrada, aí levam mais de três ou quatro dias. Parava, assim, onde tinha algum posto, armava a rede do lado do caminhão e botava as coisas no chão, inclusive, pra comer tinha que levar já pronto. Antes de viajar, meu pai matava um porco, assava todinho e depois botava no saco de farinha. "Sujava" aquela carne todinha na farinha para não arruinar. Essa comida era para comer na estrada e para, também, quando chegasse em Juazeiro. Chegava nas fazendas, no sertão de Pernambuco, onde tinha aqueles açudes, aquela água suja,*

barrenta, parava pra pegar aquela água e fazer uma farofa. Ali, uns ia catar lenha, uns gravetinhos para fazer o fogo e outros iam ajeitar aquela farofa. E assim a gente chegava em Juazeiro. De volta, era a mesma coisa. Mas era tudo feliz. Era uma alegria, uma felicidade enorme.

5.3.2.3 O ser romeira devota: a romaria como expressão artística

Ser romeira devota, na trajetória de Perolina, foi influenciado diretamente pela prática religiosa da mãe que era conhecida na localidade, por suas rezas, terços e novenas, e também porque acompanhava enterros e cantava benditos.

Figura 59 – Perolina com familiares no Horto, em Juazeiro do Norte.

Na Basilica de N S das Dores

Lembrança do Horto

com a familia

Fonte: Álbum autobiográfico de Perolina

Minha mãe era rezadeira; quando morria uma pessoa, minha mãe que ia rezar o terço. Ela era a "sentinela[96]", a pessoa que passava a noite todinha rezando e cantando os benditos. Quando

[96] Uma prática religiosa muito comum entre os nordestinos, "rito fúnebre feito diante do morto ou moribundo" (BRAGA, 2008, p.288). Segundo descrições de Ewelter Rocha, no cariri, esse rito é "conhecido no local quase que unicamente por 'sentinela', tem, atualmente, seu exercício restrito a algumas localidades, da zona rural. A sentinela inicia com a morte ou quando o estado do moribundo prenuncia poucas horas de vida. Ocorrendo um destes casos, os 'donos do morto' cuidam de providenciar a chamada de um 'incelenceiro' para 'puxar', ou seja, coordenar, o rito. Chegando este à casa do 'morto', geralmente se canta um bendito 'de chegada'. Em caso de a morte não haver ocorrido ainda, a primeira parte do rito se destinará a 'ajudar o pecador morrer', iniciando pela oração do "Eu Pecador", seguida pelo "Ato de Contrição" e pelo "Salve Rainha". Percebendo o incelenceiro a proximidade da morte, inicia-se a fase de "exaltação do morto". Neste momento se invocam jaculatórias específicas. [...] Depois do falecimento as atenções se voltam para a vestimenta do morto. [...] Depois de vestido o morto, dá-se início à parte principal da sentinela. Esta etapa é iniciada pela reza do 'Terço do repouso eterno' vindo depois a seguinte seqüência: 'Ofício' 'Ladainha'; 'Salve Rainha'. [...] Concluída esta etapa, começa a

morria uma pessoa, ela fazia a mortalha. Hoje em dia, não compra. Vem tudo prontinho. Fazia mortalha, eu não sei se você sabe o que é mortalha. Se seus pais falaram o que é mortalha? Mortalha é a roupa que a pessoa veste, quando morre, chamava mortalha no interior, ainda hoje chama mortalha. Tem gente que não tem muita condição, compra aquele paninho azul, outro branco para fazer o veuzinho e a roupinha, toda azuzinha de manga cumprida. Homens e mulheres vestia essa mesma roupa, que é um vestidão, uma bata, só que amarrava um cordão na cintura, chama o cordão de São Francisco. Minhas irmãs mais velhas iam com ela, eu não ía porque tinha medo. Quando ela ía pras sentinelas, eu ficava com medo dela, pra mim o morto ia me acompanhar, sabe? Hoje, eu não tenho mais medo, graças a Deus! E minha mãe não rezava pra curar não, só o terço e sentinela.

Sua ligação, porém, com a Igreja Católica só começou, quando foi morar na cidade de Maceió, quando já estava casada e fazia romarias. Nesse sentido, afirma: "para mim a romaria é uma escola, pois nas romarias aprendi a ser mais cristã...". Em seu relato, percebi que quanto mais ela participava das romarias e posteriormente da Reunião das Três Horas, foi conhecendo pessoas de vários lugares, principalmente pelo sucesso que seus benditos fazem nos encontros de romeiros. Com isso, diz que aprendeu "a amar mais os meus irmãos romeiros".

Fala com emoção da importância dos benditos, em sua vida, e que ter começado a criar as letras trouxe um significado para sua fé e, a partir disso, fazer romarias tornou-se uma prática constante.

5.3.2.4 Os benditos: inspiração divina, nos momentos de sofrimento

O primeiro bendito que compôs foi por ocasião da morte de Frei Damião. Lembra que se comoveu muito com esse acontecimento, a medida que as rádios noticiavam a morte do Frei, ela foi chorando mais e mais, foi quando se sentiu inspirada.

*No dia que **Frei Damiao** morreu, graças a Deus, **ele me deu o dom d'eu compor música, benditos.** O primeiro bendito que eu gravei foi da morte de Frei Damião, aí depois surgiu outros, como o bendito dos sonhos que, por sinal, muita gente gravou aqui. E até hoje eu estou*

'cantoria', que se prolonga, muitas vezes pela noite inteira, até a saída do caixão, finalizando a sentinela e iniciando o préstito em direção ao cemitério" (ROCHA, 2006, p. 49-66).

tocando o barco pra frente, que nem se diz. No dia que ele morreu, eu estava em casa, que eu tenho uma vendinha e estava no balcão e liguei na rádio, e as emissoras só falavam na morte de Frei Damião. Nesse momento, as minhas lágrimas começaram a cair, aí veio na minha intuição fazer um bendito, e eu fiz um bendito falando da morte dele. Nesse mesmo dia, tinha uma missa de romeiro na matriz, lá na cidade que eu moro, em Maceió, no bairro Jacintinho. Aí eu escrevi depressa; quando meu marido chegou da feira, eu dei almoço dele e disse: Juvenal, eu num fiz um bendito pro Frei Damião. Aí ele disse: "como é?" Eu fiz um bendito pra Frei Damião, e cantei o bendito pra ele. Ele ficou admirado e disse: "vige Nossa Senhora! Perolina foi tu mesmo?" Aí eu disse: foi e eu vou cantar ele na missa do romeiro, e ele disse: "é nada" Eu vou! O encontro ia ser de tarde, cheguei lá, mostrei para seu Tota, que era o presidente da Associação dos Romeiros de Alagoas, e ele disse para o padre, que foi logo me chamando pra cantar. Minha filha, quando eu comecei a cantar foi aquela emoção, uma mulher desmaiou, e o padre mandou parar. Seu Tota disse: "Dona Perolina, que coisa linda. Onde foi que a senhora fez esse bendito?" Aí eu disse: eu não sei... O padre disse: "minha filha, isso é dom de Deus, e foi o Frei Damião que tá lhe ajudando; continue, Perolina, cante o bendito". Depois que a mulher voltou a si, eu cantei, e todo mundo começou a chorar, mas esse pessoal chorou! Todo mundo querendo saber como eu tinha feito e dizendo: "eu quero esse bendito! Eu quero esse bendito". Depois desse dia, continuei criando outros benditos, graças a Deus. Mas o primeiro bendito que eu fiz na minha vida foi do Frei Damião, ele diz assim:

Figura 60 – Bendito do Frei Damião.

Bendito louvado seja
A divina santa cruz
Viva o Frei Damião e o coração de Jesus
Frei Damião foi embora
Jesus Cristo lhe levou
Para o Reino da Glória
Pois o seu dia chegou
Noventa e oito anos nesse mundo ele viveu
Tudo que ele fazia era a vontade de Deus
Pra o velório desse padre
O povo se dirigia
Romeiro de muito Estado
E em grande romaria.

(Trecho do bendito sobre a morte de Frei Damião)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Então estourou, fez sucesso; na época, não gravava em cd, era fita. Eu gravei muitas fitas. Depois disso, dei continuidade, já fiz mais ou menos umas 52 letras. Depois dele, veio o bendito do sonho. Também não sei como veio na minha cabeça. A gente tá assim, vem aquela coisa de fazer... Aí veio o bendito do sonho. Ele também é longo, diz assim:

Figura 61 – Bendito do Sonho.

Essa noite, eu tive um sonho,
Um sonho maravilhoso
Sonhei com padrinho Cícero
Dando conselho ao povo.
Acordei meio assustada,
Parece que estou vendo
Padrinho Ciço dizia:
O tempo está se vencendo
O tempo está se vencendo
Escute o que eu vou dizer
Procure fazer o bem
E também se converter
Não mate o seu irmão
Todos são filhos de Deus
Jesus Cristo foi o único
que por nós na cruz morreu.

(Trecho do bendito o Sonho)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

No seu caso, o que mais inspira são os momentos de dor, de sofrimento, de tristeza e de tragédia. Assim, também criou o bendito "O barco da vida", o mais conhecido e divulgado nas romarias e nos programas de rádios.

Meu marido estava vivo, mas muito doente. Eu estava fazendo, não lembro se era uma canja ou uma sopinha, e minhas lágrimas caindo, pois eu já tinha levado ele, muitas vezes, pra emergência. Eu estava abalada, porque era muito sofrimento: como toda esposa, não aguentaria ver seu marido sofrendo... Aí eu disse: Senhor! Segura na minha mão, Senhor! Não aguento mais tanto sofrimento. Segura na minha mão, Senhor! Nesse momento, veio o barco da vida. Foi nesse momento que eu compus a música do barco da vida. Depois parei a sopa, deixei lá e peguei a caneta e fiz essa música. Eu não sei como veio essa melodia:

Figura 62 – Bendito O Barco da Vida.

Senhor, eu venho te pedir
Forças pra eu resistir, no meu caminhar.
Eu sinto minhas forças acabando,
Estou fracassando, eu não posso remar.

Segura meu barco, Senhor!
Não deixa meu barco afundar.
Eu sinto minhas forças
Faltando e o barco afundando:
Eu não sei nadar.

Segura, Senhor, segura minha mão,
Estou mim afogando, não me deixe não

Sem ti eu não posso guiar;
A viagem é longa, eu não sei onde vai,
O tempo está temeroso
E muito chuvoso, vem me ajudar.

Contigo eu sinto firmeza:
O vento se acalma, e o mar te respeita.
Tu eís o Cristo Senhor
E o Criador de toda Natureza.

Eu quero seguir ao teu lado,
Remando o Barco da Vida,
Confiante cantando vitória,
Na eterna gloria da minha partida.

(Letra do bendito O barco da vida)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

De sofrimento mesmo, ele passou mais ou menos onze dias na UTI. Eu estava aqui no Juazeiro na romaria. No dia que eu cheguei em casa, ele já foi direto pra emergência. Mas ele tinha tido dois AVCs, mas simplesinho, não dava nem pra notar, sabe? Ele era muito diabético e gostava de beber muito. Ele bebia cerveja. Ele odiava quem bebia, mas depois deu uma crise de bebedeira nele, não sei como foi, só sei que ficou diabético, o comércio ficou ruim e ele foi ficando desanimado... E ele passou a beber. Já tinha mais ou menos quarenta anos, quando ele começou a beber forte mesmo. Eu levantava que nem uma doida da cama e olhava do lado e nada, quando eu procurava, ele estava na venda de manhã cedo. Acordava e ia na geladeira, pegava uma lata de cerveja ou uma pitu mesmo e bebia. Isso foi uma dor muito forte pra família todinha. Quando ele faleceu, arriou o teto da família todinha, não só os meus filhos, para os irmãos dele, toda a família, foi um horror. Porque ele era muito querido, mulher, meu marido

era muito querido, muitíssimo, muitíssimo. Quando veio essa coisa da bebida foi que ele mudou.

Conta que, apesar de todo sofrimento, nunca fez promessa porque não gosta de promessas. Afirma que, nos casos de aflição, costuma se ajoelhar e rezar, pedir com o coração. Foi assim que conseguiu enfrentar os momentos difíceis da doença do marido, inclusive, fez um bendito sobre a droga, pois considera que o álcool é uma droga que destrói casamento e famílias.

Figura 63 – Bendito da Bebida.

Não, meu irmão, não, meu irmão,
Diga sim à vida e às droga não.

Muda, meu irmão, muda de vida,
Muda de vida para não se arrepender,
Muda de vida, meu irmão, muda de vida.

Jesus te ama e Ele quer salvar você;
Você não tem o direito de sua vida tirar,

Você que anda se drogando
Muda de vida, ou a droga vai te matar.

(Trecho do bendito sobre a bebida)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Eu pedia pra ele deixar. Tinha dia que ele chorava tanto, dizia que não ia beber mais, daqui a pouco já estava no balcão, de novo, bebendo. Ele bebia escondido, dava sempre um jeito. Quando eu estava lá dentro, ele mandava comprar fora. O povo gostava muito dele, aí comprava, alguns me avisavam. Eu deixei de vender no comércio bebida, mas não tinha jeito, ele mandava comprar fora. Nós discutia por causa disso e, quando eu ia pra igreja que ele tomava umas, ele dizia: "ela vai pra igreja nada, vai é atrás do padre" Porque eu não perdia a missa de domingo, todas as quartas-feiras e domingo não perdia a missa. Era perto da minha casa. Às vezes, eu lembro disso; dói. Ele era bom, pense numa pessoa boa, meu marido, mas depois que ele começou a beber, minha filha, eu suportei tanta coisa. Não abandonei, aguentei até o fim. Eu não dizia nada não. Eu continuava indo pra minha igreja. Mas eu sei que ele sabia que eu nunca traí ele, graças a Deus e a meu Jesus Cristo. Meu primeiro namorado foi

ele. O primeiro e foi o último, porque eu não penso em casar de novo. Deus não me dá nem sentido disso. Até o momento não penso, graças a Deus!

Depois do enterro do marido, compôs o bendito da morte que cantou na missa de sétimo dia, porém nunca gravou porque diz que é muito forte.

Figura 64 – Bendito da Morte.

A morte feriu meu coração
Oh! Morte com você não há quem possa não.
A morte é forte mas Jesus é muito mais
Só ele tem o poder de prendê-la e não soltar mais

Morte você já me casou tanta dor
Quando levou os meus pais e agora o meu grande amor
Trinta e oito anos de matrimonio e união
Morte você acabou e me deixou na solidão
(Trecho do bendito da morte)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Relembrou que não sabe como aguentou cantar, na missa do sétimo dia de morte do marido. Além da emoção e da tristeza, teve a emoção de ver as pessoas chorando e se emocionando, com ela cantando, porque sabe que suas letras expressam seus sentimentos.

Diz que criou um bendito chamado “Eu sou folha seca”, depois que compôs “O Barco da Vida”, quando ouviu alguns evangélicos dizerem que não tinham gostado do bendito. Diz que de uma ofensa cria uma letra, considera isso uma graça divina.

Figura 65 – Bendito Folha Seca.

Eu sou uma folha seca
Que o vento leva onde quer.
Me leva, vento, me leva
Aos braços de Maria e de São José.
Estou vivendo num mundo
No mundo de tanto medo.
Pelos braços de Maria,
eu quero encontrar o aconchego.
(Trecho do bendito Folha Seca)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Gravou o primeiro CD, em 2004, com a ajuda do presidente da Associação dos Romeiros de Alagoas. Depois disso, passou a participar das atividades da associação e do programa de rádio “a hora e a vez do romeiro”, comandado por ele. Relatou que as pessoas

começaram a ligar, durante as programações, e pedir seus benditos; dessa forma, suas letras foram ficando conhecidas e fizeram sucesso entre os romeiros.

Figura 66 – Capa do CD Cantando em Romaria, gravado por Perolina.

Fonte: Arquivos da pesquisa

O pessoal fala: Perolina é tudo pirata, mas pra mim não importa, porque a pirataria, ela ajuda a divulgar, ela ajuda a divulgar! Quando a procura é boa, bomba mesmo. E a pirataria também tem que ganhar o dinheirinho deles. Apesar de eu não ganhar, mas não tem nada a ver não! Deixa bombar. O presidente da associação, seu Tota, irmão de Quiterinha Tota, mãe do Padre Aluísio, ele me convidou pra participar do programa de rádio. No dia que eu fui, cantei a Ave Maria, foi um sucesso! Ele gostou muito e disse que eu não ia mais faltar no programa dele. As pessoas ligando e diziam assim: "Eita que quero o bendito dessa mulher ...". Bombou mesmo, porque o programa era ao vivo. Fiquei feliz, foi bom ver todo mundo me aceitando. Tem gente que desliga o rádio, quando eu não tô. Tem outros que se emociona e diz: "quando dona Perolina canta, misericórdia! Quando dona Perolina canta, o programa tem audiência". Eu digo: é não minha gente. "É, dona Perolina, é porque a senhora não sabe, mas a senhora canta muito bem". Eu digo: graças a Deus, porque é muito bom a gente chegar num canto e ser muito bem aceita. Agora, quando é excluído, é horrível. Dói na alma.

Perolina relatou que já passou por muitos aborrecimentos com pessoas que gravam suas letras, sem sua autorização, e que já aconteceu um cantor gravar o bendito do sonho, antes mesmo de ela gravar; ouviu na rádio anunciando o cantor, e foi assim que soube. Explicou que tentou provar que a letra era dela, porém o dono da gravadora era amigo do outro cantor, e acabou ficando por isso mesmo, até porque foi surpreendida com a fala do dono da gravadora, dizendo que a versão dela era ruim. Segundo seu depoimento, depois que ela lançou sua versão,

a dele caiu. Acredita que isso aconteceu, porque as pessoas gostam dela e de ouvi-la cantando os benditos.

Já gravei uns cinco CDs, três com a Renilda, e dois são solos. Na gravadora, o rapaz bota todos os arranjos, eu canto sozinha e tem músicas que ele me ajuda. Porque, meu Deus, eu não estou falando, mas, no início, eu gravava com Renilda, só que eu acho que o olho cresceu, sei lá o que foi que aconteceu. Só sei que Renilda ligou pra mim e disse: "a Ana mais a Vera disse que se a senhora subir no palanque, quando for gravar, elas não iam subir não, que sua voz é muito ruim". Pra você ver, era um grupo da igreja, do coral que cantava com a gente na missa. Eu não disse nada, só fiz me afastar. Era um grupo chamado "luz divina", eles eram da igreja, cantavam louvor e não gostavam de benditos, mas hoje eles cantam. Agora se foi, verdade, até hoje eu num sei. Renilda disse:"oh tia, menininha elas querem assim: que a senhora faça a letra e dê pra gente gravar, a senhora bota a participação sua mulher." Aí eu disse: tá certo, Renilda, eu vou pensar, foi só o que eu disse; por que como é que tem um grupo que excluí você e depois pede sua letra? Eu penso que eu, também, tenho capacidade de gravar. Senti um choque horroroso que eu nem gosto de lembrar, porque eu não quero ofender a eles. Porque trata você como amigo e, de repente, deixa você de fora. Fiquei muito triste. Eu disse: Senhor, o que foi que aconteceu que eu nunca disse nada com esse povo? O pior é que todo mundo virou contra mim, porque eu não dei as letras pra eles gravar. Se não me cabia, então não cabia minhas letras. Não é? Eu estou errada? Deus me perdoe de está falando, citando o nome dela, mas tem gente que quer as coisas na marra. Eu subir puxando seu tapete, não. Pra eu ver o meu irmão lá embaixo pra eu subir, quero não, minha filha. Eu quero que Deus me dê.

Considera que criar os benditos é um dom, e que isso é uma inspiração divina. Destaca que não ganha dinheiro com isso, que é motivada pela satisfação que sente, quando vê as pessoas gostarem de suas músicas e porque assim ficou conhecida e querida. Essa é a forma como participa da Reunião das Três Horas.

É uma inspiração, só pode ser! Só pode ser divina! *Eu acho que é divina. Eu me apego muito com o Padre Ciço, sabe? Mas só que primeiro bendito foi da morte de Frei Damião. Depois desse bendito, veio o sobre um pastor que chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Quando eu vi a notícia, fiquei triste, e veio aquela coisa na minha cabeça pra fazer; eu peguei a caneta e, num instante, eu fiz o bendito, porque me senti muito mal, com pavor mesmo do que esse infame fez. Me senti muito mal, aí surgiu esse bendito, dizia assim:*

Figura 67 – Bendito do Pastor.

Estamos mesmo confusos com tanta religião
pregando o nome de Jesus e enganando os cristãos.
Vocês devem estar lembrados que um dia um certo pastor
chutou a Virgem Maria, a Mãe de Nosso Senhor.
São dessas seitas, meus irmãos, que nós devemos se afastar
e pedir a Jesus Cristo pra nossa fé aumentar.

(Trecho do bendito do Pastor)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Perolina considera que seus benditos passam uma mensagem de evangelização, que, quando recebe a inspiração, vai se aprofundando no que deseja passar como ensinamento ou a história que quer contar; isso toca seus sentimentos, e a forma em que expressa essa emoção é através das letras que compõe. Afirma que sente mais inspiração para compor as letras, nos momentos de dor, de sofrimento e de tragédia. Por conta disso, quando Padre Murilo faleceu, criou um bendito falando desse acontecimento, pois considera sua morte um momento de tristeza para os romeiros e romeiras de Juazeiro do Norte.

Assim que eu ouvi na rádio a notícia da morte do Padre Murilo, eu pensei: vou fazer uma homenagem ao Monsenhor Murilo, e fiz; acho que ficou bem feito. Quando você faz o primeiro, um bendito ou um louvor, vai surgir mais. O que vem na sua cabeça dá certo! Aí você começa compondo devagarinho, quando dá fé, tá desse tamanho. Este bendito diz assim:

Figura 68 – Bendito do Padre Murilo.

O nordeste abalou, Juazeiro tremeu.
Valei-me meu padrinho Ciço, o padre Murilo morreu.
O Monsenhor Murilo que os romeiros amava
partiu muito cedo, deixou Juazeiro. Ninguém esperava.
Mas a vida é assim meus amigos irmãos.
Nossa vida é um sopro, quando Jesus chama não tem solução.

(Trecho do bendito sobre Padre Murilo)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

5.3.2.5 Fazer-se romeira devota e engajada: liderança e partilha

Quando participou, pela primeira vez, da Reunião das Três Horas, cantou um bendito que sua mãe cantava; depois disso, nunca mais parou de participar. Diz que, quando não coloca o nome na lista para cantar, outras pessoas vão e colocam o seu nome. Disse que isso a deixa envergonhada, pois, às vezes, se apresenta nos quatro dias de reunião. Mas afirma que não é porque quer aparecer, mas porque as pessoas querem escutá-la cantar. Diz que se sente feliz participando, cantando e partilhando seus benditos, pois para ela cantar os benditos é trabalhar para Deus.

Faz tempo que eu participo da reunião com a Irmã Annette, tá com mais de dez anos. Foi seu Tota, irmão de Dona Quiterinha Tota, que me apresentou; quando eu cantei o bendito, a Irmã Annette achou muito bonito. Quando eu comecei a gravar, aí pronto..., não faltou mais oportunidade; toda vez que eu chego no encontro, as pessoas querem que eu cante. Eles gostam, eles tudinhos gostam das minhas letras. Eu me sinto feliz cantando na reunião, porque ***cantar pra mim é trabalhar pra Deus****, porque todo mundo aceita os cantos, eu me sinto feliz. Olhe, se eu vier a Juazeiro e não tiver esse encontro, meu Deus, meu padrinho Ciço que me perdoe e a Mãe das Dores me perdoe também, mas quando não estou nesse encontro é um vazio. Fica faltando alguma coisa pra preencher. A minha romaria não fica completa, se eu não participar; porque, quando acontece alguma coisa e não dá pra mim ir é um vazio, é coisa que faltou na romaria. Eu já fico pensando, quando a irmã subir pro céu; quando Deus chamar ela, aí a gente já fica pensando. Então, se eu não participar, dá um vazio como romeira. Tem romeiro que não conhece aquele salão ainda, não sabe como é maravilhoso aquilo ali. É bom participar desse encontro. Eu acho que ele ajuda muito as pessoas a se converter mais na palavra da irmã. Preenche o vazio do romeiro,* ***o romeiro sai mais preenchido****. Que ela só prega coisas boas e prega tudo certinho, e o romeiro se preenche mais. Eu acredito nisso. Quando eu venho e sei que tem pessoas comigo que ainda não conhece, lá eu convido, eu divulgo onde é o local e digo como é muito bom participar. Porque eu gosto de saber que quando eu chegar lá, eu vou encontrar mais romeiros, vou encontrar mais romeiros que gostam de rezar, cantar e assim a gente cresce juntos. Eu penso assim: que vir aqui e cantar meus benditos tá sendo uma missão. Pra mim agora tá sendo uma missão. Num sei as demais pessoa que acha isso, mais eu acho que é. É como um chamado de Deus que eu não posso falhar mais. Que tem muita gente que segue a Religião Católica, nasce e cresce nessa religião e é romeiro e depois se afasta, não quer ser mais romeiro e muda de religião. E eu vejo isso uma coisa muito triste, é um choque no coração da Mãe das Dores. Eu não quero nem pensar ter esse*

pensamento. Eu sinto que nem um chamado dela pra eu persistir ali. E ajudar os outros pra os outros também não desistir. Sinto isso.

Figura 69 – Bendito Pastoral Romaria.

Foi o primeiro encontro, da Pastoral Romaria,
Deixando todos contentes e com muita alegria.

Agora nossa missão aumenta cada vez mais,
Para vivermos unidos e todos viver em paz.

O encontro foi tão bom, alegrou todos os irmãos.
Nesse caminho tão lindo, houve comemoração.

(Trecho do bendito Pastoral Romaria)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Figura 70 – Perolina cantando seus benditos na Reunião das Três Horas.

Fonte: arquivos da pesquisa

Coincidindo com a narrativa de Lúcia, Perolina também afirma que ser romeira é um chamado, assim como é cantar os benditos, que essa é uma forma de seguir a Religião Católica e participar da Reunião das Três Horas, que isso é ser fiel à Mãe das Dores. Essa é uma forma, para ela, de ajudar as outras pessoas a persistirem na sua fé e na sua religião. Por isso, cantar é uma missão, pois agrega um sentido religioso e espiritual ao que faz.

Não sei se sou uma romeira fiel a Deus em tudo, porque pra ser fiel em tudo e tudo é muito difícil, eu acho que nem os padres fazem os dez mandamentos; se eu tiver errada meu Deus me perdoe, e os padres que me desculpe, porque os dez mandamentos pra pessoa cumprir é muito difícil mesmo. Eu acho que ser romeiro de verdade é como a gente diz, romeiro de pé no chão,

ser fiel, fiel a Deus e a Mãe das Dores e nosso Padrinho Ciço. É não ter ambição com os outros, não andar com briguinha, ser unido na partilha com amor. E não desprezar a Mãe das Dores e Padrinho Ciço e nunca mudar de religião; eu acho que romeiro fiel é aquele que não muda de religião.

Portanto, ser romeira devota e engajada é uma consequência de ter se tornado cantora de benditos e a motivação maior para permanecer em romaria.

5.3.2.6 As dores e as alegrias, na trajetória de vida e romaria

Suas maiores dores estão ligadas à morte de familiares e ao alcoolismo do marido e do filho, como pontuou na atividade de construção da Mandala das Sete Dores, como é possível verificar na figura 72:

Figura 71 – Mandala das Sete Dores de Perolina:

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Em relação a essas dores destaca que:

Fico triste, quando as pessoas não pede autorização pra gravar minhas letras, porque sei que essas pessoas tão só querendo bombar, quer só pisar a gente, e isso me causa uma dor

profunda. Agora, eu não me esqueço da época que eu estava gravando e me disseram que eu não tinha capacidade, não tinha voz pra cantar e de me dizerem se eu subisse no palanque eles não subiam. Eu achei que isso era uma forma de me excluir, e o pior é saber que eles só queriam as minhas letras.

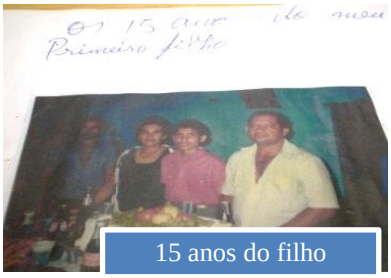
As alegrias se referem à vida em família, a sua força e determinação de continuar cuidando da casa e dos filhos, depois que o marido faleceu. No entanto, ressalta com ênfase que sua maior alegria é poder criar seus benditos, o que considera, como já destacado uma graça divina.

Figura 72 – Mandala das Sete Alegrias de Perolina:

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Além disso, frisa que ter reformado a casa, após o falecimento do marido, foi uma coisa boa, pois vai deixar para os filhos, e reconhece ter feito o que muitos homens não conseguiriam fazer, inclusive os filhos dela falam isso.

Figura 73 – Fotografias de Perolina com a família.


15 anos do filho

15 anos de sua filha

aniversário de 50 anos

Fonte: Álbum autobiográfico de Perolina

Eu já recebi muitas graças na minha vida; a primeira foi ter os meus cinco filhos. O meu casamento foi uma graça porque, nos trinta e oito anos de matrimonio, eu nunca recebi uma notícia que meu marido arrumou outra mulher. Nunca, nunca tive um desgosto desse. Tive o problema da bebida, mas de amante dele, meu Senhor, meu Deus, meu Senhor Jesus Cristo, nunca soube na minha vida. Isso aí é muito forte, eu levo de coração e agradeço muito a Deus e que Deus tenha misericórdia dele e agradeço muito a ele. Porque, às vezes, você está casada e vê o marido com uma amante ou formar outra família; isso é uma dor grande pra uma mulher, principalmente quando não merece; tem muito marido que faz isso, certo? Deus me deu essa alegria, essa felicidade do meu marido nunca me trair e, se traiu, eu nunca soube e é bom quando a pessoa não sabe. Eu tenho meus cinco filhos e tenho a felicidade de ter três netas, três mocinhas. E a maior graça eu tava esquecendo, a maior bênção de Deus que foi os benditos, compor essas letras que pra mim é uma maravilha. Porque o povo gosta de minhas músicas e porque Deus me inspira e por isso não preciso pisar ninguém, não preciso subir puxando tapete de ninguém. Isso é uma graça, uma bênção de Deus! Eu sou feliz, assim do jeito que eu sou, humilde, querida do povo e de uma pessoa assim que nem você, uma pessoa da sociedade; eu ser querida por você, assim, isso é bom.

5.3.2.7 Os aprendizados da trajetória romeira

No decorrer de sua narrativa, ficou muito evidente o que considera como aprendizado do percurso romeiro, em síntese são:

- Para mim a romaria é uma escola;
- Nas romarias aprendi a ser mais cristã;
- Aprendi a amar mais os meus irmãos romeiros;
- Aprendi a conhecer as condições de Maceió.

Destaco, portanto, como aprendizado, sua capacidade criativa expressa em suas composições. Como prova disso, Perolina, ao concluir seu álbum autobiográfico, se sentiu inspirada com a pesquisa, e com isso compôs o bendito "Romeiras mulheres de fé".

Figura 74 – Bendito Romeiras mulheres de fé.

Somos romeiras, mulheres de muita fé;
Somos filhas de Deus e Maria de Nazaré.

As mulheres romeiras nunca perde a fé;
Quando vem ao Juazeiro vão para o Horto a pé.

Vamos seguindo Maria, porque Ela é nossa luz,
Caminhando com Maria nós chegamos a ti, Jesus.

Maria, mulher de fé. É quem vai nos ensinar
A combater o inimigo e a nossa fé aumentar.

Maria, nossa mãezinha, vem conosco caminhar,
Queremos seguir teus passos até Jesus encontrar.

Nossa Senhora das Dores, Mãe do nosso Salvador,
Ajude as mulheres romeiras, em qualquer parte que for.

(Trecho do bendito Romeiras mulheres de fé)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

5.3.2.8 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais

Encontrei, na narrativa de vida de Perolina, uma história marcada pela experiência religiosa dos pais, que eram romeiros e chegaram a conhecer o Padre Cícero. A influência em sua vida da religiosidade de sua mãe, que era conhecida na localidade, por suas rezas e benditos. A importância e o sentido dos benditos para sua vida e a participação na Reunião das Três Horas, como forma de mostrar seu trabalho, repassar sua mensagem evangelizadora e encontrar os amigos.

As principais pessoas destacadas em sua narrativa são: os pais, porque ensinaram-na a ser romeira, a ter uma fé firme e porque, apesar do rigor da criação, cuidaram dela com atenção e carinho; o marido, por terem tido uma família, tendo sido ele um pai e um marido bom, apesar do alcoolismo; os filhos e netos, por darem continuidade à família.

Na sua narrativa, é possível observar as marcas do tempo, expressas nos relatos da infância e adolescência, no meio rural: a primeira viagem de romaria, feita em um caminhão pau-de-arara, quando estava noiva; o casamento, como um grande acontecimento em sua vida; a segunda viagem a Juazeiro grávida do primeiro filho; o parto em casa e, depois a mudança para Maceió; o início de sua trajetória romeira; a doença e morte do marido e sua caminhada como cantora.

Essas temporalidades revelam as experiências fundadoras de sua trajetória; consequentemente, os motivos de ter se tornado romeira estão ligados à origem romeira de sua família, os aprendizados da religiosidade popular e a significação dos benditos, para consolidação de sua devoção. Nesse sentido, ser romeira é ser fiel a Deus, à Mãe das Dores e ao Padre Cícero.

Fazer-se devota e engajada é um resultado dessa confluência de acontecimentos familiares, devocionais e artísticos, os quais motivaram uma participação no movimento romeiro de Juazeiro e de sua cidade. Essas condições são o que a faz a permanecer nas romarias.

Os aprendizados-experiências se mostram, por meio de sua percepção da romaria, como promotora de conhecimentos religiosos e sociais, pelo processo de construção das letras de suas músicas.

Os saberes existenciais estão ligados à sua consciência de poder superar as adversidades da vida, de forma criativa, por meio de suas músicas, como também poder agir e

encaminhar as continuidades da vida familiar. Isso revela uma sabedoria de vida, produtora de sentido existencial.

5.3.3 Dona Quitéria Tota: a mãe do padre romeiro

Quiterinha Tota

A familía

O Movimento Mãe Rainha

A minha história é tão comprida.
(Trecho da entrevista narrativa)

Dona Quiterinha Tota é a mais velha das romeiras que foram interlocutoras da pesquisa. Apesar de sempre estar presente nos encontros da Reunião das Três Horas, foi a última que conheci. Tivemos nossa primeira entrevista, em setembro de 2015, na Romaria de Nossa Senhora das Dores, num final de tarde, após o encontro dos romeiros. Um momento especial, porque ali mesmo ela me contou sua história, numa conversa que durou mais de duas horas. Ela iniciou seu relato dizendo: *A minha história é tão comprida...* Emocionei-me com sua emoção, com suas lágrimas que desciam com facilidade, a cada acontecimento marcante, relembrado: essa é uma das suas principais características, a emoção.

Quitéria Oliveira da Silva nasceu, em 17 de agosto de 1943, no município de São José da Lage. No período da entrevista, tinha 73 anos. Tem o Ensino Médio incompleto. É aposentada e viúva, há 10 anos. Teve dois filhos homens e adotou uma menina, com quatro anos de idade. Mora com o mais novo; o outro é padre, e a filha mora sozinha. Veio à primeira

romaria, aos oito anos, com os pais que eram romeiros e fretantes. Por ser filha, neta e bisneta de romeiros, diz que perdeu as contas de quantas romarias fez a Juazeiro, pois costuma vir, em torno de quatro vezes por ano.

5.3.3.1 O tornar-se romeira: "eu sempre fui romeira"

*Minha filha, a **minha historia é tão comprida...** Eu comecei a andar aqui, eu tinha oito anos de idade. **Meus pais eram fretantes** que a gente chama hoje de coordenador de romaria, né? Pois agora, o Bispo disse que tem que ser coordenador de romaria. Aí eu comecei vindo de pau-de-arara. A gente passava dois, três dias na estrada, fazendo fogo no meio da rua, porque não tinha, nesse tempo, hotel nas paradas. E a gente era tudo pobre. A melhor expressão é essa! Nós éramos muito pobres, e a gente sofria pra arrumar o dinheiro de uma passagem pra vim pra o Juazeiro. E a gente trazia as comidas de casa, trazia os baldes. Fazia um fogo na estrada e fazia o café. A carne a gente trazia num saco com farinha, já vinha preparada. Chegava na estrada, minha mãe fazia um balde de café, sentava os filhos. Que eu tinha três irmãos, nós todos eram seis, mais as mais velhas já eram casadas, aí ficou só o meu irmão mais velho, o Tota, que depois se tornou o Presidente da Associação dos Romeiros de Maceió. Ele ficou com a gente viajando... A esposa dele e os filhos dele e a gente sentava tudo em cima de um plástico, pra comer. E meu pai muito feliz da vida, com aqueles filhos tudo ao redor dele, que **era uma família muito religiosa**. Por sinal, Deus deu Aloísio, meu filho mais velho, como sacerdote. Agora, só que meus pais não chegaram ver ele se ordenar. A minha mãe, quando estava perto de morrer, ele ainda era seminarista.*

Depois de relatar esses acontecimentos, relembrou-se de uma viagem que a mãe fez a pé para Juazeiro, grávida. Contou o que ouviu da mãe sobre os desafios e da estrada e da bênção que Padre Cícero deu a ela.

Minha família era muito religiosa, meus avós já eram romeiros, e minha mãe, em 1930, veio pro Juazeiro a pés. Ela já era casada e tinha três filhos. Um dia, quando estava na roça quebrando milho, que a gente era agricultor, sabe? Ela tava quebrando milho pra botar no armazém, aí minha tia passou e chamou ela. Ela veio quase com a roupa do corpo, porque ela não podia trazer bagagem, trazia uma cabacinha de cuia, dessas que dar no mato pra tomar água. Ela contava pra gente que passou muito medo nas estradas, porque, quando iam dormir,

as onças começava a miá e que nessas horas a minha irmã que estava na barriga dela só faltava sair pela boca. Ela viajou em janeiro pra pegar a procissão das candeias e, quando foi no início de agosto, a minha irmã nasceu. Ela passou dois meses caminhando. Um mês pra ir e outro pra voltar. Quando ela chegou em Juazeiro, ela foi pedir a bênção ao meu padrinho Ciço; meu padrinho disse: "Deus te abençoe, filha. Eu sei o que tu estais passando, sei que é uma dificuldade grande, mas Nossa Senhora vai te ajudar e quando tu chegar em casa, teus problemas tá resolvido". Aí ela disse assim: "meu Deus do céu, será que o meu pai fez as pazes com meu marido? Minha Nossa Senhora me ajude que tenha sido isso". Porque ela já tinha dois filhos, e o meu avô não falava com ela e nem com meu pai, porque não queria o casamento deles. Ela voltou para casa; quando chegou que procurou o meu pai ele tava na casa do meu avô, tinha mesmo feito as pazes com ele. Desse dia em diante, foi que a fé dela e do meu pai e da família aumentou. Fico emocionada, quando lembro disso, porque é uma história de fé, é uma história muito bonita. Tota, meu irmão, gostava de contar isso, subia nos caminhões pau de arara cheio de romeiros e dizia: "Meu Padre Ciço é poderoso. Meu padre Ciço tem poder", e contava a história de nossa família.

5.3.3.2 O casamento, os filhos e o trabalho

Relembrou que algumas pessoas questionavam o fato de se casar com uma pessoa que não tinha estudado, porém fez questão de dizer que gostava dele e que ele era um bom rapaz.

Eu casei com vinte e dois anos, com o filho adotivo do primo da minha mãe. A gente morava tudo vizinho. Meu pai tinha uma propriedade muito grande, lá em São José da Lage. Como uma chácara, uma fazenda e tinha uma olaria, ele fabricava telha e tijolo. A gente vivia lá e apareceu esse rapaz. Agora, o pessoal dizia como é que uma menina estudada ia casar com um analfabeto? Mas eu gostava dele! Ele era muito bom comigo. Casei na igreja; nesse tempo, ninguém namorava com ninguém. E nem casava no civil, só na igreja. Quando eu vim casar no civil foi pra registrar meus filhos. Foi o meu irmão Tota que fez todo o meu casamento, tudo foi doado por ele; o vestido de noiva e a festa. Meu sonho era casar de vestido cor de rosa, e ele me deu esse vestido. Eu casei de rosa, de branco só tinha o ramalhete, o resto tudo era rosa, o sapato, a grinalda, porque, naquele tempo, usava grinalda. E tinha que botar essa grinalda

pra ela não cair. Agora o ramalhete era de cravo branco, e o bambuzinho até embaixo arrastando em cima do sapato. Era muito bonito, pena que eu não fiquei com uma foto de lembrança. Depois do casamento, com o tempo, eu doei o vestido pra outras pessoas. Que lá era assim, era tudo pobre, aí quando a gente tinha uma coisinha melhorzinha, elas aí precisava e vinha buscar. Foi uma festa grande, teve até sanfoneiro que foi de Maceió pra lá tocar na festa. Ainda hoje eu me lembro das músicas que tocava. O meu irmão estava feliz da vida, porque eu era como se fosse filha única, porque eu era a mais nova, e as outras já tinham casado, fazia tempo. Eu era a caçula, e meu irmão era louco por mim. Só não teve fotografia porque o fotógrafo da cidade estava doente.

Após o casamento, ficou morando em São José de Lage, onde dava aulas. Foi professora. Alfabetizava as pessoas que moravam nas fazendas do Município de São José da Lage, onde seu pai tinha uma propriedade e uma olaria. Depois que o pai vendeu a propriedade e se mudou para Maceió, ela ficou morando em uma casa da prefeitura, que era cedida aos professores. Destacou que, no início, o marido tinha muito ciúme, mas que tudo mudou, após o nascimento do primeiro filho, depois de três anos de casada.

Figura 76 – Dona Quiterinha e seu marido.

Fonte – Fotos retiradas do *facebook* de Dona Quiterinha.

Meu casamento durou quarenta e três anos. Foi o marido que eu escolhi; no início, teve muitas coisas, sabe? Eu era muito jovem, e ele morria de ciúme de mim. Ele não queria que eu saísse para canto nenhum. Eu não trabalhava, mas, quando nasceu o Aloísio, aí ele se apegou ao menino e ficou tudo às mil maravilhas. E tudo que eu queria era com ele, e tudo que ele queria era comigo.

Depois, ela teve uma menina que faleceu, com um ano e seis meses, acontecimento que lembra com tristeza, porque considera isso como uma das maiores dores que já sentiu. Disse que depois engravidou de um menino, seu filho mais novo e posteriormente, quando já morava em Maceió, adotou uma menina com quatro anos de idade. Decidiu ir morar em Maceió, para que os filhos tivessem oportunidade de estudar; foi nessa época que conseguiu um emprego na procuradoria. Estudou até o 2º ano do Científico, chegou a fazer o exame para o magistério e não passou. Chegou a pensar em cursar Direito, mas desistiu, pela dificuldade de conciliar os estudos, o trabalho e cuidar dos filhos pequenos.

Quando o marido adoeceu, conta que teve todo o apoio dos filhos, e que eles acompanharam todo o processo, pois, além de amarem o pai, tinham muita admiração e orgulho do esforço dele e dela para educar os filhos. Emocionou-se muito, quando relembrou a morte do marido, o adeus dos filhos e as palavras de despedida do filho que é padre. Ele disse, segundo ela: "pra isso eu fui preparado, pra enviar meu pai pra Deus, assim como Deus enviou ele pra mim. Eu vou enviar ele pra Deus". Relembrou que quem celebrou a missa de sétimo dia de morte do seu marido não foi seu filho, e sim um amigo, porque ele ainda estava muito abalado.

5.3.3.3 Ser romeira devota: a romaria como tradição familiar

Faz questão de afirmar que sua família sempre foi muito religiosa e que seu marido era muito devoto, que gostava de participar das atividades e celebrações da igreja e que isso eles conseguiram passar para os filhos. Conta que a família costumava viajar para as romarias. Ela lembra que passou a acompanhar e ajudar o irmão a organizar as viagens, pois ele, assim como seu pai, também se tornou coordenador de romaria. Destacou, ainda, que seu irmão costumava viajar no carro próprio, acompanhando o ônibus dos romeiros e levava bastante comida no porta-malas do carro, para repartir com os romeiros, nas paradas, ao longo do caminho. Segundo ela, seu irmão tinha muita paciência com todos, era prestativo e, por isso, se tornou uma pessoa muito querida entre os romeiros. Para ela, essas viagens com a família foram momentos felizes. porque marcaram o início da vida religiosa de seu filho, que se tornou padre, e porque assim se tornou uma romeira devota:

A melhor parte da minha vida. *Foi quando Aloisio tinha cinco anos, e minha mãe foi buscar a minha bagagem pra trazer pro Juazeiro pra eu vim com ela. Aloísio chegou na mesa que a*

gente tava tomando café e disse: "oh mainha, eu vou também?" eu disse: vai não meu filho, você é muito criança pra andar de pau de arara. Aí ele disse: "é, tá bom", aí minha mãe vai e diz assim a ele: "oh meu filho, ***a gente só vai ao Juazeiro, quando meu padrinho chama****". Ele disse: "é mesmo, voinha, ah, pois ele nunca me chamou, ele devia me chamar, nera?" Eu disse brincando: era meu filho; depois, dei o café dele, e ele deitou. Daí a pouco ele deu aquele pulo e aquele grito e disse: "vovó, diz quem tá ai perto de tu?" Minha mãe disse: "eu num sei não: sua mãe?" Aí ele disse assim: "não é mamãe não, é um padre com a roupa preta, de chapéu na mão, e dizendo: bora, Aloísio, pra o Juazeiro". E ele veio com cinco anos. A minha mãe disse: "vou levar, se não meu filho vai morrer, e eu num vou ter mais oportunidade de levar meu filho pra o Juazeiro". E veio meu pai, minha mãe, eu, Aloísio e meu irmão mais novo encostado, que era muito agarrado a ele. Trouxeram o menino, botaram as roupa na mala, nas carreira, eu botei a mamadeira dele. Que quando ele chegou aqui no Juazeiro, olhou assim de banda e correu. Meu irmão soltou a mala e correu atrás dele, quando chegou lá, ele estava agarrado nos pés do padre Cícero. Ele nunca tinha visto, porque eu não tinha imagem do Padre Cicero não. Tinha Nossa Senhora, Nossa Senhora das Dores, mas do Padre Cicero eu não tinha. Na casa da mãe da minha mãe tinha, mas era tudo no santuário fechado, pra crianças não pegar. Quando chegou lá, ele estava agarrado com a imagem dizendo: "oi meu padrinho, eu cheguei! O senhor me chamou, eu vim". Os romeiros mais velhos que estavam com a gente ficaram tudo emocionados, e minha irmã disse: "esse menino vai morrer!" Porque, naquele tempo, as pessoas diziam que quem conversasse com o Padre Ciço morria. Menina! Quando eles chegaram, meu irmão quase chorando e disse: "Quiterinha, olhe, teu fio tava agarrado com o Padre Ciço". Desse dia pra cá, minha mãe nunca mais deixou ele em casa.*

Ela relembrou que ele ficou viajando com sua família, mas, aos sete anos, ficou doente e passou a ter crises de epilepsia. Por conta disso, ficou muito preocupada e, em um momento de oração, teve a ideia de entregar o filho nas mãos de Padre Cicero. Pouco tempo depois, afirma que o filho ficou bom e, para agradecer a cura do filho, resolveu pagar a promessa:

Eu vim e falei com padre Murilo, e ele disse: "minha filha, ele é tão criança que não vai entender o que vai fazer. Foi a senhora que fez a promessa." Eu perguntei: Padre Murilo, a doença do meu filho não vai voltar? Ele disse: "volta não, que Deus não é vingativo, deixe pra quando ele ficar maior, pra ele mesmo escolher o que é que ele quer!" Quando ele completou quatorze anos, ele disse: "mamãe, a senhora vai pra o Juazeiro, esse ano?" Eu disse: vou! Aí ele foi, sem eu saber, lá no arcebispo, que era Dom Miguel, e falou com ele. Ele me contou

depois que disse assim para o bispo: "Dom Miguel, me empreste uma batina!" Ele perguntou: "meu filho, pra que você quer uma batina?" Aí ele disse: "foi uma promessa que a minha mãe fez, e eu quero pagar agora, eu vou fazer minha eucaristia em Juazeiro." O padre de lá disse: "você não pode, você tem que fazer na sua paróquia!" Ele disse: "mas foi uma promessa da minha mãe, e eu tenho que fazer lá!". Ele me contou, e eu fui com ele explicar para o padre o motivo da promessa; ele compreendeu e deu a permissão. Aloísio mandou fazer uma batina do jeito da de Dom Miguel. Aí, quando chegou aqui, ele foi para o Horto, veio pra qui e foi pra culá, se confessou e tudo mais. O confessor dele foi padre José, e Padre Murilo deu a comunhão. Aquilo pra gente: foi ***a alegria maior do mundo.*** *Quando foi depois, eu disse: meu filho, nós já vamos embora, vá pegar sua roupa e deixar no túmulo do meu padrinho Cíço. Ele disse: "meu padrinho Cícero não precisa de batina não, mãe! A batina dele é eterna, e essa é minha! Essa aqui vai ser meu escudo!". Eu disse: menino, tu já visse, que conversa de escudo! Ele disse: "é, não vou dar essa batina a ninguém do mundo". Pronto, ele ficou com a batina.*

Depois disso, seu filho Aloísio decidiu que iria ser padre e, com 14 anos, ingressou no seminário, o que lhe causou muito sofrimento, pois não queria se separar dele.

Minha filha, eu botei o pé na parede e disse que eu não queria. Eu disse: meu filho, você vai estudar tanto, estude pra outra coisa, pra me ajudar, que o salário da sua mãe é tão pouquinho. Eu chorava, dia e noite, e dizia: meu filho, num vá não. A minha mãe era viva, e vendo meu sofrimento disse: "oh minha filha, eu vou te dizer um negócio, você não vai ficar com raiva não, visse, que eu não estou forçando, estou lhe dando uma orientação! O que foi que você disse, na hora da agonia?" Eu disse: que agonia, mainha? Ela me lembrou: "na hora da agonia que Aloísio estava morrendo, com aquela epilepsia, o que foi que você disse? Você entregou ele a quem?" Eu disse: ao meu padrinho Ciço, eu disse que ele era dele e fizesse ele o que quisesse! Minha mãe disse: "agora, você vai deixar ele ir pra o seminário". Ai! ***Aquilo pra mim foi uma morte****, ele sair de casa, me ajudava, que ele era um bom filho; era não, é!*

Figura 77 – Dona Quiterinha com seu filho Aloísio.

Fonte: álbum autobiografico de Dona Quiterinha Tota

Com a ajuda da mãe, foi aceitando melhor a decisão do filho. Relembra que ia, quase todos os dias, ao seminário ver como ele estava e que, nessas ocasiões, levava bolo para ele. Nessas visitas, fez amizade com os padres e as freiras, que a convidaram para dormir lá, algumas vezes. Contou que a ordenação do filho foi muito bonita, que receberam muitas pessoas de outros lugares, e que se emocionou, quando o filho deitou no chão e também, quando ele foi receber a estola, porque quem fez a entrega foi o padre que o batizou, quando criança. Destaca que esse momento foi um dos mais marcantes de sua vida, porque sentia dor e alegria, ao mesmo tempo.

E eu venci todas as dificuldades do mundo... Chorei muito, no dia da ordenação do Aloísio, porque é muito difícil você entregar um filho pra o povo. As pessoas dizem: "ele é seu filho?", é não! Ele é de Deus e do povo. Aí pronto, é muito difícil. Na hora que ele deitou-se no chão, pra fazer o juramento, Dom Edvaldo disse: "Aloísio, abrace sua mãe"; ele veio, me abraçou e deitou. Mas menina! Senti uma dor tão grande que pensei não aguentar.

5.3.3.4 O fazer-se romeira devota e engajada: liderança e mobilização

Pontua que, ao acompanhar a vida religiosa do filho, foi se envolvendo com as atividades da paróquia de sua comunidade. Depois, começou a participar do Movimento Mãe Rainha. Atualmente, é a coordenadora desse grupo, desenvolve várias ações de mobilização em prol da sustentabilidade do grupo, além de acolher e acompanhar as famílias que fazem parte do grupo. Gosta de dizer que anda muito e que seus filhos até reclamam, mas ela diz que se sente feliz assim.

Quando eu fui morar nesse conjunto, que é um conjunto da COAB, já tá com vinte e cinco anos isso. Aí chegou uma mulher lá no conjunto, com uma imagem da Mãe Rainha; ela começou se entrosando com o santuário geral de lá, e eu sempre ajudando ela, até que ela pediu o envio da Mãe Rainha pra mim. Fiquei tomando conta, depois botamos uma coordenadora que não deu certo, porque ela era muito parada, não se movimentava. Porque ali, a gente do movimento tem que ter dinheiro em caixa. O padre disse: "bota Quiterinha!" E eu disse: oxente! Eu não quero não. Mas ele disse que ia botar em oração, e a primeira que surgisse na sua frente era a escolhida e não podia dizer não. Um dia, eu fui pra missa, era o dia da Mãe Rainha, a gente tudo de amarelo, que é a cor do nosso grupo; é muito bonito. Quando a gente chegou lá, que eu entrei com a imagem, que eu era missionária, era não, sou porque eu não entreguei. Entrei com a imagem; quando terminou a missa, ele disse:"Quiterinha, venha buscar sua imagem e assinar aqui um documento; olhe, a Mãe Rainha me mostrou; você é a coordenadora". Eu quase caio de costa e disse para ele: Agora, padre, tem uma coisa: o senhor sabe que ***eu gosto de me movimentar****. E eu quero continuar com o grupo todo do meu lado, tudo me ajudando, que toda vida me ajudaram. E eu quero fazer um encontro com esse povo e dizer a eles como devemos fazer. E eu vou trabalhar do meu jeito, não do jeito que A e B queira; vou trabalhar do jeito que eu sei e gosto. Tinha uma viagem para fazer e eu não tinha dinheiro em caixa. Tomei emprestado pra levar dez missionárias. Quando eu cheguei, disse: agora, vamos trabalhar... Todo sábado, a gente fazia um bingo. A gente apurava quarenta reais, apurava trinta, apurava vinte. Padre Fernando disse: "eu sabia que, um dia, isso ia pra frente, que estava derrubado mesmo". Quando tem festa, eu compro lembrança pra todas as famílias que recebem a Mãe Rainha; são trinta famílias, e já tá com vinte e cinco anos que elas recebem essa imagem.*

Figura 78 – Dona Quiterinha com o grupo da Mãe Rainha.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Outro aspecto de engajamento sociorreligioso de sua trajetória é o envolvimento com o movimento romeiro de Maceió e de Juazeiro. Isso se deve ao fato de ter dado continuidade às atividades que o irmão realizava como coordenador de romarias e por ter assumido a presidência da Associação dos Romeiros de Maceió. Quiterinha Tota contou que foi seu irmão quem criou a primeira associação de romeiros do Estado de Alagoas, só que não a registrou. Quando decidiu fazer essa legalização da instituição, não pôde, pois já existia uma associação de romeiros registrada, da qual Lúcia Cabral é presidente, e a alternativa foi criar a Federação das Associações de Romeiros de Alagoas. Após dois anos, resolveu fechar, porque ninguém queria contribuir, e ela acabava pagando do seu próprio bolso as despesas da casa que alugou, para ser a sede da federação.

Segundo ela, a federação disponibilizava para os fretantes uma carteira, com a assinatura do bispo e do padre responsável pelos romeiros; isso ajudava a organizar essa categoria, além das reuniões que eram feitas com eles, passando a forma correta de fazer as viagens e como conduzir os romeiros e acompanhar as viagens. Mas, como as pessoas não pagavam e nem iam para as reuniões, resolveu fechar a associação, embora continue fazendo as carteirinhas, com seus próprios recursos.

Figura 79 – Dona Quiterinha Tota com o grupo de romeiros de Maceió, na viagem que fizeram para participar do III Encontro de Romeiros, em Juazeiro do Norte, em 2016.

Fonte – Álbum autobiográfico de Dona Quiterinha Tota.

Contou, ainda, que seu irmão também foi o idealizador do programa de rádio “a hora e a vez dos romeiros”, o qual, atualmente, é dirigido por Quiterinha Meyer, situação que a desagrada, como relatou:

O programa na rádio começava, às cinco horas da manhã. Meu irmão morava num bairro chamado Vergel e tinha um carro grande, ele levava as moças que cantavam no programa. E

levava a nora dele, que era quem lia as correspondências. Menina, era muita correspondência! Da Paraíba, de Fortaleza, daqui do Juazeiro, de todo canto vinha correspondência. Quando foi depois que o Tota morreu, a Rádio Difusora queria entregar o programa à família, mas a família não aceitou. A minha cunhada perguntou a ele na UTI: "Tota, você quer que eu passe a programação pra Sebastião Ferreira?" Que era quem cantava mais ele. Ele disse: "passem, minha filha, que com Sebastião tá guardado, e a Quiterinha acompanha", que era eu. Mas tinha outra Quiterinha que vivia lá nos programas mais eles. O Sebastião Ferreira entregou o livro de contato dos romeiros a ela, e ela perdeu. Hoje, ela é quem faz o programa dos romeiros, e o marido da Renilda ajuda. Ela canta mais Renilda e a Perolina. Fazem parte agora, eu não faço parte não.

Participa ainda da organização da missa do dia 20 de cada mês em homenagem ao Padre Cícero e das preparações para as romarias, como a missa do envio e as reuniões com os coordenadores de romaria. Contou que a missa dos romeiros foi uma ideia de seu filho, padre Aloísio, que, após uma romaria, resolveu criar, na paróquia do Bairro Benedito Bentes, uma celebração em homenagem a Padre Cícero.

Figura 80 – Dona Quiterinha entrando com a Bíblia, na primeira missa do dia 20 em Homenagem ao Padre Cícero, em Maceió

Fonte: Álbum autobiográfico de Dona Quiterinha Tota

Foi meu filho, o padre Aloísio, que começou a missa do dia 20, lá em Maceió. Ele tinha vindo comigo para a Romaria do Padre Cícero, em julho, porque todo ano a gente vem. Quando a gente chegou lá na paróquia, Dom Muniz estava esperando os romeiros pra entrar tudo com os travesseiros na mão. Foi ideia do Aloísio, eu não sabia de nada. Ele entrou na frente, de

batina preta e de chapéu, puxando a mala e com os travesseiros na mão, e os romeiros atrás, todo mundo de chapéu de palha, que ele tinha comprado pra todos. Chegou lá no pé do altar e botou tudo lá, e os outros que foram entrando também foram colocando. Depois, Dom Muniz deu a bênção, e os dois celebraram uma missa muito bonita. Nesse dia, o Aloísio prometeu aos romeiros que, todo dia vinte, ele faria aquela missa pra todos os romeiros. E aí, todo dia vinte de cada mês, às cinco horas, tem a missa dos romeiros. Vêm romeiros de outros lugares, de São José da Lage, de União, de Murici, de Rio Largo, do Benedito Bento em peso, lá onde mora a Lúcia Cabral. A celebração é feita fora da igreja, porque é muita gente. Na época do Aloísio, tinha vez de ter seis ônibus. Mas agora diminuiu um pouco. Então, Aloísio fez um palanque em frente ao salão paroquial da igreja e mandou cobrir. No dia das missas, ele bota uma imagem bem grande de Nossa Senhora das Dores, que ele levou daqui de Juazeiro. Os romeiros se reuniram e deram uma estatua do Padre Ciço, também bem grande. E quando é depois da missa, tem a sopa e o pão para dar para os romeiros. A gente doa as coisas: eu, todo mês, dava vinte reais de pão. Outro dava trinta. Fazia a sopa pra dar os romeiros. Todo romeiro que tivesse ali ia ter direito a um copo, dois ou três, o que quisesse, e o pão. Até hoje é assim.

Figura 81 – Grupo que canta nas missas do dia 20 de cada mês, em Maceió, em homenagem ao Padre Cícero e os participantes.

Fonte: Álbum autobiográfico de Dona Quiterinha Tota.

Explicou que a forma como é organizada a celebração do dia 20, em Maceió, é semelhante à estrutura da Reunião das Três Horas, conduzida por Irmã Annette, pois realiza o momento religioso e a partilha de testemunhos, cantos e orações.

Figura 82 – Dona Quiterinha participando da Reunião das Três Horas.

Participando da RTH

Com a equipe de pesquisa

Com Ir Annette

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Quiterinha começou a participar da Reunião das Três Horas, desde a época do Padre Murilo, quando seu irmão ainda estava vivo e coordenava as viagens. Disse que ele, desde o início, incentivava os romeiros a participarem. E que, quando vem, sempre participa, conta as histórias de sua comunidade e dá o depoimento de como seu filho se tornou padre, destacando que essa vocação iniciou-se nas romarias. Frisa, com emoção, que, após isso, passou a ter um apego grande à cidade e que, quando chega o período das romarias, sente muita ansiedade porque sente que é uma felicidade vir a Juazeiro e participar da Reunião das Três Horas. Contou que costuma ficar muito emocionada, quando está em Juazeiro, , a cada oração que faz, lembra-se dos filhos e acaba chorando. Já fez algumas viagens em romaria, inclusive para Portugal e São Paulo.

5.3.3.5 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria

Em relação às dores, aponta as perdas de entes queridos, como o pai, a mãe, o irmão mais velho, ao qual era apegada e fazia romarias com ele, a filha ainda bebê e o marido, como destacado na Mandala das Sete Dores.

Figura 83 – Mandala das Sete Dores de Quiterinha Tota

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Disse, também, que sentia uma dor muito grande, quando via a imagem de Jesus morto, na Igreja do Coração de Jesus, porque ficava pensando no sofrimento de Nossa Senhora e, nesses momentos, chorava de emoção; e que sua mãe, quando era viva, dizia: “Quiterinha, pelo amor de Deus, acabe com isso. Nossa Senhora foi preparada...”. Confessa que já não se emociona tanto, porque seus filhos já estão todos criados e encaminhados na vida, que são filhos e homens bons, não têm vício nenhum.

Considera, ainda, uma tristeza e uma decepção, quando os romeiros, que leva nas viagens que organiza, começam a reclamar de tudo, embora concorde que existe uma exploração financeira, nos períodos de romaria a Juazeiro, fato evidenciado por ela, nos preços cobrados nos ranchos e na falta de conforto dessas acomodações.

Quiterinha teve muitas alegrias na vida: seus filhos, ser romeira, vir a Juazeiro. Destaca, também, que se sente feliz, quando *os romeiros cantam, quando dão viva ao padre Ciço, viva a Nossa Senhora Das Dores, viva a Frei Damião. Menina, isso é uma alegria, chega dar aquele negócio no coração da gente*. Enumera como as sete graças:

Figura 84 – Mandala das Sete Alegrias de Quiterinha Tota

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Ao falar das graças alcançadas, diz que foram muitas, destaca a cura do filho mais velho das crises de epilepsia e a sua recuperação de um câncer.

Uma mensagem, que faz questão de deixar registrada, é para os romeiros. Pede união e que os coordenadores de romaria tenham mais cuidado com os romeiros que levam para as romarias.

Que eles se lembrem que os romeiros não são deles. Eles são romeiros da Mãe das Dores e do Padre Ciço. Eu peço a eles que eles incentivem os romeiros a amar mais Nossa Senhora e amar também o Padrinho Ciço, porque eu tenho fé em Deus com a Providência Divina que, antes deu morrer, eu vejo meu padrinho no altar, dentro de uma matriz. Eu quero ver na minha igreja, na minha comunidade meu padrinho Ciço no altar.

Trago, também, uma homenagem que ela fez a Nossa Senhora das Dores, no final de seu álbum autobiográfico.

Figura 85 – Poema, a Mãe das Dores e meu Padrinho Cícero.

Nossa Senhora das Dores, *Padroeira e nossa mãe,* *Vamos pra Juazeiro.* *Pra cantar os seus louvores.* *Quando meu padrinho*	*Mãe das Dores abençoe* *A todo povo romeiro,* *Que todo ano estão presente* *Na Matriz de Juazeiro.* *Obrigado, Irmã Annette,*

Juazeiro lhe entregou, *Por ser tão linda e bela* *E a mãe do Salvador.* *Nossa Senhora das Candeias* *É a mesma Mãe das Dores,* *É a nossa padroeira* *E a mãe dos pecadores.* *Oh! Meu Padrinho querido* *Por todo povo romeiro* *Que parte de suas casas* *Pra visitar Juazeiro.* *Meu Padrinho está no Horto* *Olhando pra Juazeiro,* *Com seu cajado na mão,* *Abençoando os romeiros.* *Meu padrinho, lá no Horto,* *Está sempre nos olhando.* *Nos abençoe meu Padrinho,* *Seus romeiros estão chegando.*	*Por sua dedicação;* *Os nossos queridos romeiros* *Que vai nesta devoção* *Só faltou Padre Murilo,* *Com aquele belo sorriso;* *Esta pedindo a Deus por nós* *Lá no lindo paraíso.* *Agradeço a meu Padrinho,* *Por uma graça alcançada.* *Que fiz com a Mãe das Dores,* *Sob nossa caminhada.* *Aqui termino meus versos* *Agradecendo a Mãe de Deus;* *Que ela sempre me proteja* *Em todos momentos meus.* *Deus nos abençoe!* *Amém*

Fonte: Álbum autobiográfico de Dona Quiterinha Tota.

5.3.3.6 Os aprendizados da trajetória romeira

Os aprendizados encontrados em sua narrativa referem-se ao fato de ter nascido em uma família de romeiros, de ter casado com um homem religioso, e constituído um núcleo familiar, seguindo essa tradição. Aparecem, ainda, os conhecimentos da prática romeira tradicional e das mobilizações sociorreligiosas. Diz que fazer romaria é um aprendizado e que " **no caminho a gente sofre, você ri, você se alegra e tem decepção**."

5.3.3.7 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais

Na história de vida de Dona Quiterinha Tota, encontrei o relato de sua experiência romeira, que está ligado, diretamente com sua ancestralidade romeira, pois teve avós e pais

romeiros, inclusive a tradição de organizar outros romeiros, para viajarem, o que passou de seu pai para seu irmão mais velho e depois para ela que, até hoje, aos 73 anos, continua com essa função.

As demarcações temporais são expostas nos depoimentos sobre: a infância e adolescência, em uma família de romeiros; como se tornou uma coordenadora de romaria; o casamento e o nascimento dos filhos; a vocação religiosa do mais velho que se tornou padre, aspecto que permeia toda sua narrativa, como destacado na sua história de vida.

O ser romeira devota foi influenciada pelo catolicismo popular dos pais que, para ela, constituiu-se em momentos inesquecíveis. Por conta disso, diz que sempre foi romeira, cresceu entre romeiros e aprendeu com eles essa tradição. Essas experiências religiosas e sociais tornaram-na uma líder reconhecida e admirada pela sua atuação e engajamento.

Nessa perspectiva, a experiência de devoção e engajamento no movimento romeiro corresponde aos aprendizados adquiridos com a família, se estende com a função de coordenação de romaria e a liderança exercida nos grupos e pastoral da Igreja Católica; isso evidencia a consciência que ela demonstra ter, em relação ao trabalho que realiza tanto com os romeiros que traz a Juazeiro como com os membros dos grupos de que participa. Isso, também, justifica sua permanência no itinerário romeiro.

Os aprendizados-experiências evidenciam conhecimentos práticos que, em síntese, são:

- Organizar e coordenar as viagens de romarias;
- Estruturar e conduzir o Movimento Mãe Rainha;
- Cuidar dos romeiros e das famílias que compõem o Movimento Mãe Rainha.

Os saberes existenciais podem ser percebidos nos conhecimentos subjetivos, mobilizados por emoções e formas de se relacionar, traduzindo-se em: amar ao próximo; ser feliz; enfrentar os momentos difíceis e as perdas; superação em forma de desempenho e mobilização social e religiosa.

5.3.4 Renilda: a que canta para evangelizar

Renilda

Cantando

Renilda e Walter/esposo

Companheiro

Renilda em sua casa

Evangelizando

> *Eu sempre evangelizo, tanto na minha casa, como na casa de familiares e amigos. As pessoas ligam e me convidam para fazer esses momentos; às vezes, vou para outros bairros, outras comunidades. Então estou sempre evangelizando, seja cantando, falando a palavra de Deus ou dando meu testemunho. Onde me chamar eu vou.*
>
> *(Fragmento biográfico narrado na Vivência Biográfica Integrativa)*

Encontrei, pela primeira vez, Renilda, em 2013, na Reunião das Três Horas. Ela estava cantando um bendito com sua tia Perolina, depois falou de seu trabalho como cantora, destacando que canta para evangelizar: isso chamou minha atenção e, posteriormente, pude comprovar ouvindo sua narrativa de vida, que essa é a forma como ela define sua experiência religiosa. Por isso, escolhi esse trecho de seu relato sobre a experiência religiosa, exposto na Vivência Biográfica Integradora das atividades realizadas, durante a pesquisa, como descrito no capítulo metodológico.

Renilda Silva de Araújo mora em Maceió, Alagoas, tem 61 anos, é casada, tem dois filhos homens e uma neta. Nasceu na zona rural, em uma fazenda chamada Manteiga, onde seu pai e seu avô trabalhavam. Depois se mudaram para uma pequena fazenda, comprada por seu avô, seu pai e os irmãos dele, chamada Boa Vista. Seu avô teve um derrame, e seu pai assumiu, mas, com o tempo, os irmãos dele resolveram vender e dividir a herança. Sua mãe faleceu,

quando ela tinha seis anos, e depois o seu pai casou com outra pessoa, que ela considera como mãe.

5.3.4.1 O tornar-se romeira: "minha vida de romeira começou assim pequena"

Diz que perdeu as contas de quantas viagens fez, pois, desde os oito anos, faz romaria: costuma visitar Juazeiro, duas vezes por ano; em alguns anos, chegou a viajar até três vezes. Contou que sua trajetória romeira começou, ainda na infância**,** entre sete e oito anos, porque vem de uma família de romeiros; seus avós eram romeiros, e seus pais também. Seu pai era fretante, chegou a levar até dois caminhões com romeiros, e seus avós conheceram Padre Cícero.

A primeira viagem ficou marcada, porque foi quando cortaram o Pé de Juá, no Horto em Juazeiro, e as pessoas ficaram abaladas com isso. Depois, continuou viajando de pau-de-arara com a família; conforme seu relato, as viagens eram muito sofridas.

A gente vinha com aquele sofrimento *pelos caminhos, passava dois, três dias viajando, porque vinha devagar, e a estrada não era boa. Parando no caminho, fazendo aquele foguinho, na estrada, pegando aquele pauzinho, catando nos matos. E a gente fazia aquele foguinho pra fazer aquela comida ali mesmo. A gente ia assar nosso pedacinho de charque, ou peixe, o que tivesse ia assar na brasa, depois fazia aquela farofa e a gente comia bem satisfeito: todo mundo alegre partilhando com o outro. Tudo o que a gente tinha ali repartia com os outros, porque todo mundo é irmão e ali servia um ao outro. Era muito bonito. Dormindo pelo chão, forrando aquele lençol no chão. Às vezes, até começava a chover, aquela chuvinha fina, aquele sereninho, e a gente chegava até a se molhar, pois podia se esconder de qualquer uma maneira, mas a gente ainda chegava a se molhar. E então a gente ia assim pelos caminhos, até chegar em Juazeiro. Chegava cansadinhos, mas com aquela alegria.*

Figura 87 – Renilda e a família partindo a Juazeiro no caminhão pau de arara

Fonte: Álbum autobiográfico de Renilda

Relembra que os avós eram bastante rigorosos com o comportamento e a tradição romeira. Esse rigor começava na preparação para a viagem, porque sua avó dizia que "Juazeiro é uma terra santa, um lugar de oração e penitência", por isso ela advertia a todos que não poderiam ir e nem chegar lá de qualquer jeito. Durante a viagem, esse rigor era nas orações e cânticos e, quando chegavam, tinham que fazer o que mandava a tradição, não podiam ficar a vontade.

A gente quando viajava, a minha avó dizia assim: "olha, vamos viajar, viu, não pode tá trocando de roupa, não pode tá tomando banho, não pode tá chamando um apelido com outro, num pode isso e aquilo; nós temos que respeitar a viagem de meu Padrinho Ciço, essa viagem que vai pra Juazeiro. Nós somos romeiros e nós temos que respeitar e, quando chegar em Juazeiro, primeiro as penitência; ela avisava logo pra gente: "chegando em Juazeiro, descemos do caminhão e vamos logo para a igreja, fica tudo no carro". Tudo o que a gente trazia ficava lá no carro e ficava uma pessoa olhando, e todo mundo ia pra igreja agradecer a viagem, rezar pra Nossa Senhora, pra o meu Padrinho Ciço e agradecer a viagem, por ter chegado tudo na paz de Jesus e Nossa Senhora. Então, dali a gente ia pra o rancho. Se tivesse uma missa, a gente já assistia, e depois, a gente procurava se localizar e ficar tudo no seu lugar. E aí fui crescendo e meus pais me trazendo com os meus avós. Eu fui crescendo, e sempre obedecendo a romaria e assim como era a lei da minha avó e ela dizia: "Quem vai viajar comigo é assim: tem que respeitar a viagem, respeitar que Juazeiro é uma terra santa, a terra de meu Padrinho Ciço e Nossa Senhora das Dores". Então, nós vinha pra Juazeiro.

Essas regras faziam parte do itinerário romeiro, pois, segundo Renilda, sua avó falava que havia a penitência do caminho: "*Que a penitencia já vem de casa. A gente já vem na missão".* Também deviam obedecer a esses preceitos, durante a estada na cidade de Juazeiro, e

depois no percurso de volta para casa. Acentua que esses ensinamentos marcaram sua vida e que tudo que faz, até hoje, nos períodos de romaria, ainda tem como referência o que sua avó ensinou.

Figura 88 – Renilda na estrada e chegando a Juazeiro do Norte

Fonte: Álbum autobiográfico de Renilda

Segundo Renilda, todos da família obedeciam às ordens de sua avó, inclusive fora dos períodos de romaria, como o costume de não comer carne vermelha, nas sextas-feiras: *"somente peixe e, se não tivesse, comia outra coisa"*. Essa tradição surgiu, a partir dos ensinamentos que sua avó ouviu do próprio Padre Cícero e depois foi repassando para a família. Ressalta que, até hoje, procura seguir essas orientações; disse, inclusive, que se comer carne vermelha, em uma sexta-feira, por esquecimento, acaba ficando doente. Lembrou que, em uma ocasião, se esqueceu do preceito, passou mal e teve uma revelação: *eu tive uma revelação muito forte, fiquei muito ruim nessa sexta-feira que eu fui comer carne. Quando eu botei o prato da carne na mesa, eu vi como um bichinho, um animal, ele foi inchando e ficou em cima do pranto. Aquilo, oh! era muito feio. Era muito feio, e ali eu me assustei, depois disso decidi que não iria mais comer carne vermelha, nas sextas-feiras.*

Ela lembrou, ainda, que sua avó contou que, em uma das viagens para Juazeiro, o Padre Cícero ensinou um remédio para ela dar ao seu avô, que tinha ficado doente em casa.

Quando chegou o momento dela falar com ele, porque ela pediu muito àqueles guardas, as pessoas que estava com meu padrinho Ciço, pra falar com ele. Ela conseguiu e foi falar com ele: "meu padrinho! Bença, meu padrinho?" Aí ele disse: "Deus te abençoe, minha filha!" Ela se ajoelhou, e ele pegou na mão dela e disse: "tu deixou teu marido doente em casa, não foi?" Ela quem passou isso pra gente. "Teu marido ficou doente num foi?" "Foi meu padrinho. Eu

vim essa viage pra meu padrinho me ensinar um remédio pra ele". Ele disse: "tá certo, eu vou ensinar um remédio: você vai levar um remédio pra ele, e ele vai ficar bom". Aí ele rezou, pediu também pra ela rezar e ensinou o remedinho. Ele deu um vidrinho com o remédio dentro. Ela conta que terminou as penitências dela e voltou com o remédio. Quando ela chegou em casa, ele ainda não estava bom. Então, ela pegou o remédio, deu pra o meu vô, do jeito que ele mandou. Oxe! À primeira vez que ela deu o remédio ao meu vô ele já foi melhorando. Era pra ela dar de duas a três vezes, mas ela pensou que poderia guardar um pouco, para outra necessidade, porque naquele tempo era tudo difícil. Antes, as casas no interior era toda de palha; aí ela chegou com o vidrinho do remédio na cozinha da casa dela e disse: "eu vou botar aqui, porque eu tô vendo onde ele tá, qualquer coisa eu alcanço e amanhã eu vou tirar ele dali e eu não deixo esse remédio aí não, que eu vou precisar dele ainda". Ela disse que deu o remédio a ele e guardou o vidro. Ela chegou a dar, duas vezes ainda; na terceira vez meu avô disse: "eu já tô bom! Eu tò bom! Graças a Deus! Meu padrinho Ciço me curou". Ela foi pegar o remédio onde tinha deixado, na cozinha, pra guardar melhor; procurou o remédio por todo canto e não encontrou. Na outra viagem para Juazeiro, ela contou pra meu Padrinho o que tinha acontecido: "oh! meu padrinho, o remédio que o senhor ensinou pra o meu esposo, ele ficou bom. Agora, meu padrinho, eu procurei o remédio depois, com dois dias e o remédio não tava mais lá, sumiu de lá, desapareceu, e ninguém não sabe como!" Ele disse assim: "ele ficou bom? Seu marido tá bom num tá? Então pronto! O remédio era pra isso, e como ele não vai adoecer mais desse problema, não precisa mais do remédio. Minha filha, ninguém tirou ele de lá não. O remédio tá comigo, porque ele já ficou bom". Essas histórias eu não esqueço, porque fala da fé de minha avó, do que ela aprendeu com meu padrinho e porque eu acredito que aconteceu mesmo, porque foi ela quem contou pra mim.

Relembra que sua avó contava que Padre Cícero dava muitos conselhos aos romeiros, principalmente que fossem unidos e compartilhassem o que sabiam. Além disso, pedia aos fiéis que rezassem a Nossa Senhora e a Jesus Cristo e não mudassem de religião. Segundo as palavras da avó, ele falava assim: "siga com a sua religião aonde você tiver". Disse, ainda, que seus avós consideravam Padre Cícero santo e que chegaram a dizer isso a ele:

Minha avó contou que, em uma viagem, quando chegou em Juazeiro, ficou olhando para meu Padrinho Ciço, foi e disse para ele: "meu padrinho Ciço é santo!" E chegou o meu avô, o esposo dela, olhou pra ele assim, e falou a mesma palavra da minha avó: "meu padrinho Ciço, o senhor é santo! Meu padrinho Ciço, o senhor é Deus"! Ele fez um gesto assim, com o dedo na boca, e mandou ele calar. Meu avô disse: "meu padrinho me perdoe, mas eu tenho que falar

isso, o senhor é Deus, meu padrinho Ciço, eu tô vendo, o senhor é um santo! Que o senhor fez um milagre, fez a hóstia virar sangue, na boca de Maria de Araújo". Ele mandou o meu vô calar novamente. Aí ele silenciou. Minha avó foi passando tudo isso para os filhos, pra família e depois para os netos. E a gente acredita nesse milagre. E aprendemos a ter fé em nosso Padrinho.

5.3.4.2 Ser romeira devota: a romaria como sofrimento e aprendizado

Devido a todos esses ensinamentos, considera que aprendeu muito com sua avó, principalmente a ser romeira devota e seguir a tradição, com uma atitude de respeito; por isso, salienta:

*Minha filha, eu aprendi muito com minha vó, ela era romeira de verdade e falava assim: "Olha, eu estou rezando, e vocês aprendam, e mais tarde eu não estarei mais aqui, mas vocês são novos e vocês vão continuar viajando pra Juazeiro e rezando pelos caminhos, e rezando em Juazeiro e fazendo as penitências, viu? Aprendemos, também, a se comportar na romaria, na viagem, porque ela dizia: "olhe, nós vamos viajar; se um romeiro tá doente, nós não vamos deixar esse romeiro só, esse romeiro tem que tá junto com a gente, nós temos de acolher, tem que ter todo o cuidado com esse romeiro, e se se perder um romeiro, vamos procurar, não vamos deixar ele perdido, vamos todo mundo procurar. Era um cuidado muito grande com o romeiro que vinha com ela, com meu avô, com meu pai. E então ela ensinava: "chegando em Juazeiro, a primeira coisa que você vai fazer, ao descer do caminhão, é ir diretinho pra Igreja da Mãe das Dores, se ajoelhar nos pés dela e agradecer pela viagem; não vai tomar banho, nem trocar de roupa, não vai comer nada, vai agradecer e dizer: obrigada, minha Mãe das Dores, estou aqui nos seus pés, agradecendo pela viagem e pedindo pelos que ficaram, rezando pelos que ficaram". Só depois a gente ia para o rancho se organizar, porque uns dormia na rede e outros no chão. Eu, também, muitas vezes, forrei o chão com meu lençolzinho e dormia. E não era para reclamar porque ela dizia: "***Romeiro é assim, o romeiro não tem luxo não***". Então, no outro dia ou no mesmo dia, a gente ia pra casa do meu Padrinho Cícero, seguia fazendo as penitencias por dentro do Juazeiro; no outro dia, às quatro horas da manhã, todo mundo tinha que estar de pé pra subir a ladeira do Horto e fazer penitência, em cada estação daquela: a gente tinha que parar ali e rezar. Assim, a gente ia seguindo até chegar na estátua*

do Padre Cicero; quando chegava lá, ficava rezando, pagando promessa e depois ia pra casa de oração. Terminado essa parte, todos seguiam pra o Santo Sepulto, que é o lugar da redenção; chegando lá, a gente ia passar por debaixo daquelas pedras. Era assim que a gente fazia e faz até hoje. Aprendi muito com minha avó e com o meu pai.

Figura 89 – Renilda com a família no Horto e no caminho do Santo Sepulcro

Fonte: Álbum autobiográfico de Renilda.

Além desses ensinamentos, aprendeu também com sua avó a cantar os benditos e louvores, pois ela mantinha um costume de reunir muitas pessoas, na sua residência, para terços cantados, principalmente na Semana Santa.

***Eu comecei a cantar pequena**, foi minha avó que me ensinou. Ela cantava os benditos e rezava o terço antigo, que era todo cantado. Juntava muita gente na casa dela, na Sexta-feira da Paixão. Ela rezava aquele terço e dizia: "ninguém vai cantar até meia noite!". E ficava todo mundo caladinho e rezando o terço; quando dava meia noite, e o galo cantava, era que podia cantar. E todo mundo ficava acordado, ninguém dormia. A casa dela cheia, o pessoal vinha de todo lugar, vinha gente até da cidade. Era muito bonito, porque minha avó amanhecia o dia cantando Aleluia. Então, aprendi com ela muitos cânticos antigos.*

5.3.4.3 Os benditos e os louvores: "o senhor me tocou"

Renilda só começou a compor suas próprias músicas, quando já estava casada e morando em Maceió.

Eu comecei a cantar os benditos, está com muito mais de vinte anos; apesar de cantar, desde pequena, com minha vó, cantava o terço e tudo, mas não tinha feito ainda trabalho nenhum meu mesmo. Eu comecei cantando bendito e louvores, ***comecei a criar as letras.*** *O meu primeiro trabalho eu fiz, às três horas da madrugada. Lembro que eu estava acordada, sem conseguir dormir; aí eu comecei a pensar nas* ***tribulações que eu tava passando****, porque nessa vida a gente passa por tanta coisa assim difícil, que faz a gente sofrer... Aí veio uma música nos meus pensamentos, era como se fosse uma oração e daí surgiu o bendito "Toca em mim Senhor". Ele diz assim:*

Figura 90 – Bendito Toca em mim Senhor.

Toca em mim, Senhor.
Toca em mim, Senhor.
Toca em minha vida,
Meu Jesus, meu Salvador.

O Senhor é meu refúgio.
Vem tocar em mim, Senhor.
O Senhor é minha vida.
Vem tocar em mim, Senhor

O Senhor é meu viver.
Vem tocar em mim, Senhor.
Ao Senhor eu louvarei.
Vem tocar em mim, Senhor

(Trecho do bendito Toca em mim Senhor)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Esse foi um canto que eu fiz, às três horas da manhã. Ele é o carro chefe do meu primeiro CD. Já estou com três trabalhos e, se Deus quiser, caminhando pra o quarto, mas o canto que não pode faltar é o ***Cuidado Romeiro,*** *porque esse todo mundo quer ouvir, eu fiquei conhecida com esse bendito.*

A letra da música "Cuidado Romeiro" foi publicada no livrinho do Romeiro da Basílica de Nossa Senhora das Dores, para as romarias de 2011 e 2012.

Então, quando eu comecei o cuidado do romeiro, eu pensei, eu disse: meu Deus, nós temos, também, que ter muito cuidado. Ter cuidado na vida da gente, na romaria, com nosso irmão. Geralmente, em tudo na nossa vida, a gente tem que ter muito cuidado. E eu vou fazer uma música que alerte o romeiro para ele ter cuidado, pra o romeiro ter mais cuidado e não vacilar. Então, eu pedi a Deus pra me dar inspiração pra fazer esse canto e já fui escrevendo:

Figura 91 – Bendito Cuidado Romeiro.

Cuidado, romeiros,
Para não vacilar.
Pede força a Jesus Cristo,
Nesse grande caminhar.

Romeiro que é Romeiro
Faz a sua oração,
Rezando o seu rosário,
Em qualquer repartição:
Reza pra Nossa Senhora
E meu Padrinho Cícero Romão.

Nossa Senhora das Dores
É nossa Mãe Protetora
O Pai te consagrou
Ser também nossa Mãe
E de todos os pecadores.

Meu Padrinho Cícero Romão
Era um padre conselheiro
Aconselhava os romeiros,
Que iam pra Juazeiro,
Visitar Nossa Senhora,
A Rainha do mundo inteiro.

Ofereço esta oração,
Ao meu Padrinho Cícero Romão,
Também ao frei Damião.
Que nos bote a sua benção.
Abençoe os romeiros,
Que vão nesta devoção.

(Trecho do bendito Cuidado Romeiro)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

"Cuidado Romeiro" faz muito sucesso, graças a Deus; eu canto aqui em Juazeiro e em todo lugar que vou. O povo costuma pedir bastante pra eu cantar esse bendito. O arcebispo de Maceió, Dom Antônio Muniz, gosta muito desse bendito, ele diz assim: "olhe, esse canto da

Renilda pede pra o romeiro ter cuidado. É ter cuidado mesmo em tudo, na sua vida. Olhe, aonde você chegar em Juazeiro, olhe, onde você tá, como é que tá seu lugar, o seu rancho, a comida que vai comer. Tudo isso a gente tem que ter cuidado, tem que ter cuidado na viagem, não corra demais, tome cuidado, romeiro, você vai pra Juazeiro, não é pra chegar lá e ir tomar uma cerveja; não pode tá fazendo isso, porque a romaria é uma viagem de muito cuidado, e seja a romaria aonde for". Aqui em Juazeiro aonde eu chego as pessoas pedem pra eu cantar, dizem assim: "Cuidado Romeiro! Umbora, Renilda, canta o Cuidado Romeiro!" Aí, pronto, balança mesmo o romeiro, o romeiro se anima e canta junto. O Jota Farias, daqui de Juazeiro, pediu pra gravar esse canto num CD dele e eu deixei. Dessa vez, ele pediu o bendito "O Protetor do Romeiro" que eu escrevi também.

Figura 92 – Bendito O Protetor do Romeiro.

Meu padrinho Ciço Romão,
O Protetor dos Romeiros,
Está no céu rogando a Deus
A salvação do povo romeiro.

Ele veio pra Juazeiro,
Pra aconselhar os seus romeiros.
Foi Deus do céu que enviou
Padrinho Ciço pra Juazeiro.

(Trecho do bendito O Protetor do Romeiro)

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Eu só tenho que agradecer a Deus e ao Protetor dos Romeiros. Eu gravei esse bendito para homenagear o Padre Cícero na melodia da música "Asa Branca" de Luiz Gonzaga. Os romeiros gostaram muito.

Ressalta que começou a cantar em eventos, com sua tia Perolina. Nessa época, elas gravavam em fita cassete e se ajudavam na composição das letras. Com o passar do tempo e com mais experiência, tiveram a oportunidade de gravar o primeiro CD, que teve o acompanhamento do Grupo Luz Divina. Nesse trabalho havia composições das duas, sendo que se destacou mais o bendito "Cuidado Romeiro", de sua autoria, e o "O barco da vida", de Perolina. Essas letras fazem muito sucesso nas romarias e nos programas de rádio de que participam.

Figura 93 – Fotos dos cd's de Renilda.

1º CD

2º CD

3º CD

4º CD

Fonte: Álbum autobiográfico de Renilda

Sobre o desentendimento que teve com sua tia Perolina contou que:

É sobre o meu trabalho; eu trabalhava junto com a minha tia, mas chegou o momento de cada uma fazer o seu trabalho. Ela fazia o dela, e eu fazia o meu. Então, questão de quê? É questão de que cada uma tem o seu dom diferente. Diferente, eu quero dizer que ela tem um estilo de cantar diferente do meu. A gente se desentendia, por causa disso; aí eu achei melhor cada uma fazer o seu trabalho. Foi um pouquinho difícil, logo no início, porque ela não queria bem aceitar, mas depois a gente conversou e ficou tudo bem. Eu mermo disse pra ela: Tia, a senhora faz o seu trabalho, e eu faço o meu, e a gente fica tudo bem. Se a senhora me convidar, eu vou e participo do seu trabalho, e a senhora vai participar do meu trabalho. A senhora tem uma música diferente, eu também tenho. ***Tudo é música de evangelização,*** *música de romaria, mas eu parto muito pra louvor, e ela gosta mais de cantar bendito. Olhe! Bendito, ele não é fácil não pra gente compor ele. Já o louvor é mais difícil pra cantar, porque louvor não é bendito, bendito é diferente, é oração.*

Renilda considera que é uma missão cantar para os romeiros, pois é um trabalho árduo, sofrido e sem retorno financeiro.

É sofrido pra mim seguir com essa missão. *Eu credito que não é só eu que digo isso. Eu fico feliz, só que a gente sofre muito! Sofre tanto que chega momentos, assim, que eu digo: olha, Senhor, eu não vou fazer mais não, não quero mais não, meu Deus. Senhor, me perdoe, eu vou pra minha igreja, eu vou fazer minhas orações, mas eu num vou fazer mais canto, não quero*

mais isso não. Não estou aguentando mais! Esse processo todo é muito difícil, porque eu sou muito seguida, é difícil até de falar, viu! Graças a Deus, eu gosto muito dos meus irmãos romeiros. Amo todos, mas sempre tem aquela coisa, a gente faz um trabalho, e um trabalho que é pra mim e pra os meus irmãos, mas chega um momento que até o nosso irmão romeiro fica um pouco, assim, afastado de mim, por causa da música. D'eu chegar assim pra dar um "oi", e eu ver a pessoa virar as costa pra mim; isso já aconteceu várias vezes. Eu não faço os canto só pra mim. Eu faço pra gente cantar juntos, pra gente tá ali, com aquela alegria, com aquele amor, um irmão abraçando o outro, e cantar. Se alguém quiser gravar minha letra, é só falar comigo que eu deixo gravar. Já teve ocasião que eu fui cantar e tomaram o microfone da minha mão, acredita? E graças a Deus não chegamos a ter um atrito, porque eu entregui o microfone e não pude cantar. Me afastei um pouco e, ainda, fui ajudar ele cantar. O coração não ficou muito legal não, viu! Ficou não, porque eu fiquei muito triste, fiquei decepcionada, mas eu disse: oh! Meu Padrinho Ciço, me dê força, me dê força! Pelo amor de Deus, me dê força, minha Nossa Senhora das Dores. Mas graças a Deus tá tudo bem. A gente diz tá tudo bem, porque eu não fiquei com raiva não. Não ficamos com raiva um do outro não.

5.3.4.4 O fazer-se romeira devota e engajada: liderança e evangelização

Depois da criação do primeiro bendito, a música foi ganhando, cada vez mais, espaço em sua vida, tanto por continuar fazendo romarias, como, também, pelo envolvimento em atividades e celebração ligadas à Igreja Católica. Estes espaços propiciaram uma divulgação de seu trabalho, ao tempo em que era a própria motivação para a composição de suas letras, tendo em vista que afirma que canta para evangelizar, pois procura passar, com suas letras, uma mensagem de fé e de orientação, principalmente para o público romeiro, a quem direciona mais seu trabalho.

Figura 94 – Renilda participando de eventos religiosos.

Fonte: Arquivos da pesquisa

Disse que costuma participar da Reunião das Três Horas, cantando seus benditos e louvores, mas que também gosta de dar seu testemunho.

Assim, eu, sempre que tenho uma oportunidade, na Reunião das Três, eu gosto de cantar e também gosto de dar depoimento, porque gosto de falar do que eu aprendi nos caminho de Juazeiro, porque eu penso assim: tudo isso é uma forma de evangelizar, de falar de Deus e do santo Juazeiro, do meu padrinho Cícero e da Mãe das Dores, porque eu tenho fé e é isso que eu quero passar. Hoje mesmo, eu apresentei o canto da Padroeira do Juazeiro, que é o meu novo trabalho, porque eu gravei esse canto. Nesse CD, que é o meu quarto trabalho, eu fiz uma homenagem à Irmã Annette, a mãe dos romeiros, porque ela é um anjo para nós romeiros e porque eu tenho que dizer que aprendi tanto, mas tanto com ela que me emociono. Participo dessa reunião, faz tempo, nem lembro quando comecei, viu? Mas sei que não perco, quando estou aqui, e meu marido também, porque é uma festa, sabe, a gente encontra todo mundo, canta e reza também. Eu sempre digo lá pro nosso pessoal: vocês precisam conhecer o Juazeiro, a Irmã Annette, os padres, todo mundo de lá.

Figura 95 – Renilda participando da Reunião das Três Horas.

Fonte: Arquivos da pesquisa

5.3.4.5 O casamento, os filhos e parceria no caminho romeiro

Contou que se casou com 27 anos, que seu marido Walter é mais novo que ela. Compartilhou que, no começo da relação, teve dificuldade para aceitar essa diferença, porém faz questão de afirmar que a família e os amigos gostaram dele e, assim, ela foi se acostumando com a ideia. Namoraram um ano e ficaram noivos; após dois anos de relacionamento, casaram-se.

Figura 96 – Fotos do casamento de Renilda com Walter.

Fonte: Álbum autobiográfico de Renilda

O casamento aconteceu na igreja e no civil. Seu sonho era casar com um vestido de noiva, comprado em Juazeiro; lembrou que seu pai fez questão de viajar com ela para realizar esse desejo. Fala com emoção do casamento, disse que foi um dia muito especial de sua vida.

Foi, eu pensei, eu num vou casar com vestido daqui de Maceió, não. Eu quero de Juazeiro. Eu queria mesmo era casar aqui, mas ficava muito difícil para o Walter, pra mim não era tanto, mas pra ele era. Na época que eu me casei, meu padrinho me deu um boi pra festa. Eu morava no sítio, e meu pai ainda tava com saúde, mas fazia seis meses que meu avô tinha falecido. Levaram um sanfoneiro, mas minha família não aceitou que tivesse dança. Só podia receber todo mundo animado e tudo o mais. Minha vó disse: "não vai ter dança não, viu! que a festa, minha filha seja feliz com seu esposo, mas negócio de dança, não vai ter não".

Tiveram dois filhos, o mais velho já está com mais de trinta anos, é casado e tem uma filha. Confessou que não queria o casamento, porque a nora é evangélica, e a cerimonia seria na igreja dela. Mesmo triste, decidiu aceitar a escolha dele, pois ele garantiu que não mudaria de religião. Esse aspecto é muito importante para ela, pois, como afirmou, foi o que aprendeu com sua avó.

O outro filho tem vinte e sete anos e participa do grupo da igreja “Comunidade Trindade Santa” há mais de oito anos. Foi noivo, nove anos, com uma moça que fazia parte desse grupo. Destacou que lamentou muito o término do noivado do filho, pois gostava muito da moça.

Figura 97 – Foto dos filhos de Renilda quando eram crianças, no Horto, em Juazeiro.

Fonte: Álbum autobiográfico de Renilda

Viajava com seu marido para as romarias a Juazeiro, desde quando eram noivos; vieram depois de casados, inclusive quando ela estava grávida. Relembra que continuou viajando, mesmo com os filhos pequeno: Walter, seu marido, diz que a conheceu na caminhada romeira e que ela o evangelizou, porque ele quase não ia à igreja; e após o início do relacionamento, passou a participar das celebrações da igreja e a viajar com ela para as romarias.

Seu marido é um grande parceiro no trabalho que faz junto aos romeiros. Ele, além de cantar com ela e acompanhá-la nos eventos e nas romarias, colabora com a realização do programa de rádio “A hora e a vez do romeiro”, apresentado por Quiterinha Mayer. Renilda, também, se apresenta nesse programa, costuma cantar os seus benditos e passar sua mensagem, pois o programa é ao vivo e conta com a participação de ouvintes de vários Estados, inclusive, de São Paulo.

5.3.4.6 As promessas: “eu fiz o pedido e alcancei, e eu dou esse testemunho”

Costuma fazer promessas, em momentos difíceis e de sofrimento, pois é a fé que a mantém e traz alívio e sentido para sua vida. Compartilhou que, com a mudança de seu pai para Maceió, aconteceram alguns desentendimentos entre ela e seus irmãos. Isso aconteceu, porque tiveram que alojar seu pai em uma casa alugada, pois a casa que compraram para ele precisava de uma reforma: isso exigia que todos os irmãos se juntassem e colaborassem com os recursos financeiros, necessários para a reforma da casa. Conta que esse conflito a fez sofrer e, por isso, decidiu fazer uma promessa a Padre Cícero, pois, sempre que passa momentos difíceis, costuma pedir com fé a intercessão dele:

Quando eu cheguei na minha casa, eu me ajoelhei, me abracei com a imagem de meu padrinho Ciço, como se ele tivesse vivo, como fosse ele uma pessoa e estivesse me abraçando. Olhei pra ele assim e disse: meu padrinho Ciço, eu estou pedindo ao senhor, pelo amor de Deus, me ajude. O senhor tem força e poder que Deus te deu. Meu padrinho Ciço me mostre um meio pra casa do meu pai ser terminada. Se o senhor tem de levar meu pai, antes dele ir, me ajude a fazer a casa dele. Eu pedi chorando e clamando. No outro dia, uma irmã minha, que mora no Maranhão, ligou e decidiu dividir as despesas. Foi um milagre, porque ninguém estava se entendendo, não conseguia combinar nada, e logo, no outro dia, tudo se resolver desse jeito! Aí eu me ajoelhei e me abracei com meu padrinho Ciço. Olhe! Eu chorei e disse: meu padrinho Ciço, o senhor tem um poder muito grande. O senhor fez esse milagre: é uma graça muito grande que eu tô alcançando, a casa não tá pronta, mas todo mundo já tá se unindo, e eu sei que vai dar certo terminar a casa do meu pai. Quando ele foi morar na casa dele, ele disse assim: "agora, sim! Agora eu estou na minha casa! Oh meu Deus! Oh! meu padrinho Ciço, eu agora estou na minha casa, to satisfeito". Eu me abracei com ele, e a gente chorou. Depois, fizemos uma festa na casa, fizemos aquele louvor muito bonito, agradecendo ao meu padrinho Ciço e a Nossa Senhora das Dores e a Nosso Senhor Jesus Cristo essa graça alcançada. Eu alcancei. Eu fiz o pedido e alcancei, e eu dou esse testemunho.

Destacou que uma das promessas que fez para pagar em Juazeiro foi para se curar de uma dor de cabeça e de uma dor na perna; afirma que ficou boa.

Então fiz esse pedido, me ajoelhei chorando, e as lágrima caindo, eu disse: "eu vou ficar boa, porque eu confio em minha Nossa Senhora das Dores, o seu poder é grande, e a senhora vai me curar." E ela me curou, e eu, oxe!! Fiquei boa, fiquei boa e curada, minha perna não doeu mais, e daí então eu fiz um pedido pra vir vestida no traje dela. Já vai fazer quatro anos que eu vim pagar minha promessa.

5.3.4.7 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria

A narrativa de Renilda é permeada por relatos que falam de sofrimento, dor, perdas e conflitos. Ela denomina esses momentos de “tribulações”. Na Mandala das Sete Dores, eles aparecem como sendo:

Figura 98 – Mandala das Sete Dores de Renilda

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Destacou com ênfase a decepção que sente diante dos conflitos, disputas e ciúmes que enfrenta, por causa das apresentações públicas de suas músicas; por isso, se considera perseguida. Esse cenário de disputas provoca nela vontade de desistir dessas atividades, porém alega que, apesar do sofrimento, continua, porque cantar é uma missão, pois é uma forma de evangelizar.

As alegrias se referem à família e a poder cantar e divulgar seu trabalho, como exposto na Mandala das Sete Alegrias.

Figura 99 – Mandala das Sete Alegrias Renilda

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Fala também de graças que alcançou, no seu percurso vivido; as principais são: escrever o bendito "cuidado romeiro"; curar-se de uma dor de cabeça e de uma dor na perna; e encontrar um romeiro que se perdeu em Juazeiro: depois de muita procura e orações, conseguiram localizá-lo ele. Considera isso uma graça, porque ele passou muito perigo e conseguiu sair vivo. Segundo ela, esse romeiro dá esse testemunho, até hoje. Sua tia Perolina fez um bendito contando essa história, e as duas cantam juntas e sempre se emocionam.

5.3.4.8 Os aprendizados da trajetória romeira

Aprendi muito com as romarias. Aprendi com meus avós, com meus pais, vindo pra Juazeiro. As romeiras ensinam muito pra gente. Quando a gente retorna para casa, ***voltamos cheio de amor, de fé no coração, porque parece que o coração da gente foi transformado,*** *porque ele vem com amor, mas ele volta com mais amor. E passa aquele amor pros filhos, pros amigos e pros vizinhos. Eu digo pras pessoas assim: você precisa ir em Juazeiro, precisa conhecer a romaria, conhecer a história de Juazeiro do Norte, a terra do meu Padrinho Cícero Romão Batista e de Nossa Senhora das Dores, porque é uma terra santa. E quando voltamos pra nossas casas, fica aquela saudade; então, só vai pedindo assim: Senhor, meu Padrinho Cícero, eu vou embora, mas eu volto!*

Em síntese, esses aprendizados são:

- Aprendi a ser mais romeira;
- Aprendi a rezar muito e a ter mais fé;
- Aprendi a evangelizar;
- Aprendi a ser mais humilde, amar mais os irmãos romeiros e a perdoar;
- Aprendi a enfrentar os conflitos com outras pessoas, por conta das apresentações em público;
- Aprendi a ter cuidado com os romeiros que viajam com a gente;
- Aprendi a história de Juazeiro, de Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores.

5.3.4.9 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais

Na narrativa de Renilda, os aspectos mais intensos estão ligados à romaria, como tradição religiosa e como meio de evangelização, como local de aprendizado e de sofrimento, mas também de graças alcançadas, de fé e renovação. Os benditos e os louvores surgem nessa intensidade, como forma de partilhar e de expressão.

As pessoas que marcam a narrativa de Renilda são a avó paterna; o marido, como um companheiro de eventos religiosos; a sua tia Perolina, com quem começou a cantar; a família que formou: os dois filhos, nora e neta.

O tornar-se romeira passa pela experiência religiosa de sua família, mais especificamente pela influência de sua avó, com quem aprendeu a: rezar, cantar os benditos e fazer as penitências. Nesse sentido, fica evidente que sua trajetória romeira foi construída, a partir desse aprendizado.

O fazer-se romeira devota e engajada está ligado às apresentações de suas músicas e à participação nos grupos da Igreja Católica e nos programas de rádio dedicados aos romeiros. Apesar dos conflitos que vivencia nesse itinerário, diz que a fé é o motivo de permanecer em romarias; que cantar traz alegria, renovação e sentido para sua vida.

Portanto, o aprendizado experiencial refere-se à prática da romaria e a tudo que ela mobiliza, seja como conhecimento sociorreligioso, seja como processo criativo. Cabem nesse

aspecto as informações adquiridas sobre a história de Juazeiro, sobre Padre Cícero e a importância dos romeiros nesse cenário, apreendidas na Reunião das Três Horas.

Os saberes existenciais se apresentam pelos valores e juízos atribuídos à música, no seu percurso de vida e romaria, assim como, também, pelas formas de superação e enfrentamento, diante dos conflitos e tensões vivenciados, o que lhe traz lições de amor, humildade e perdão.

5.3.5 Quiterinha Meyer: a radialista

Participando da Reunião das Três Horas

Com o grupo da Pastoral da Pessoa Idosa

O romeiro, que é romeiro, é o romeiro de coração. [...] tem a essência que vem de dentro, a chama do amor. A chama do convite da Mãe.[...] romeiro, que é romeiro, segue em frente. [...] Porque romeiro de verdade partilha até a dor. E se você quer viver o amor e o carinho de Deus, seja romeiro. Então, se você quiser ter os olhos da fé e ter fé em Deus procure ir pra romaria e ser romeiro.

(Fragmento biográfico da entrevista narrativa)

Meu encontro inicial com Quiterinha Meyer aconteceu, na casa de Irmã Annette, durante a entrevista narrativa que eu e minha orientadora estávamos realizando[97]. Quiterinha foi fazer uma visita, acompanhada de Renilda, que eu já havia conhecido. Marcamos para conversar, na mesma semana após a Reunião das Três Horas. Confesso que foi desafiador conversar com Quiterinha, desde o primeiro contato, pois ela sempre se esquivava de falar de

[97] Remeto o leitor ao artigo "A presença Evangelizadora de Irmã Annette Dumoulin: viver como Cristo viveu , ensinar como Cristo ensinou" do livro *Vidas em Romaria*.

sua vida pessoal; esse comportamento perdurou a pesquisa inteira, inclusive quando fomos gravar a sua narrativa de vida. Outro detalhe importante é que ela não fez o álbum autobiográfico e nem participou do encontro de síntese integrativa. Apesar disso, decidi trabalhar com as entrevistas que gravamos e com as observações que fiz de suas participações no encontro romeiro. Por isso, sua história é mais sintética e pouco ilustrada com fotos, pois as poucas fotografias que consegui foram tiradas durante a Reunião das Três Horas, e de sua página do *facebook*, com a autorização dela. Mesmo com pouco material, considero sua narrativa importante no contexto da pesquisa, pois o conteúdo que comunica traduz sua autoimagem de romeira pregadora da palavra de Deus e da condição romeira, como destacado na citação inicial.

Quitéria Maria da Silva Meyer tem 56 anos, mora em Maceió. Vem de uma família extensa, tem dez irmãos, sendo dois adotivos. É divorciada, mora com os filhos. Fez mais de 98 viagens a Juazeiro. Costuma fazer romarias em janeiro, setembro, novembro e, às vezes, em maio e/ou julho. É apresentadora do programa de rádio "a hora e a vez dos romeiros". Muito conhecida entre os romeiros, devido ao espaço que dá em seu programa, para testemunhos e divulgações. Considera-se uma evangelizadora, participa de grupos da Igreja Católica de sua cidade.

5.3.5.1 A família romeira: "somos todos católicos"

Os aspectos mais intensos de sua narrativa é o posicionamento que tem, diante de sua religião; por conta disso, começou e terminou sua narrativa afirmando que é católica:

Eu nasci da Igreja Católica, graças a Deus; meus avós, meus bisavós era tudo católico, quer dizer, não tem nada que venha de outra religião, porque ***só existe uma religião que é a católica****, as outras são seitas. Somos todos católicos. Fui criada seguindo os ensinamentos do meu avô, que era romeiro e muito católico, ele vinha a pé de Maceió para Juazeiro, só que meu avô era daqui de Juazeiro e conversava com meu padrinho Ciço. Então,* ***minha historia de vida como romeira, como filha de Deus, começa com meu bisavô****. Meu avô era romeiro, ele morava aqui e pediu licença a meu padrinho para morar em Alagoas. Fui criada no seio de uma família muito católica, muito temente a Deus. Que meus pais, minha mãe e minha vó eram temente demais a Deus.* ***Minha mãe seguia a religião do começo ao fim****.*

Ensinava a gente só o bom costume: ajudar e partilhar. Acho que isso é muito importante, ensinar as crianças, desde pequena. E ela ensinava o amor, a caridade e, também, pra ajudar o próximo.

Figura 101 – Quiterinha em Juazeiro, nos períodos de romaria.

Fonte: imagem enviada por Quiterinha via facebook

5.3.5.2 O tornar-se romeira: "a primeira vez que eu vim ao santo Juazeiro"

Então, eu fui criada num seio maravilhoso, numa família muito católica. Meu avô já era romeiro, e meu pai e minha mãe também. Aos cinco anos de idade, foi a primeira vez que eu vim ao Juazeiro, ao santo Juazeiro, de caminhão pau de arara.

Disse que passavam alguns dias na estrada e que paravam para comer e dormir: nessas ocasiões, os romeiros costumavam contar muitas histórias; uma que diz lembrar é a história da moça que a onça comeu. Essa história era contada, toda vez que o caminhão passava no lugar onde diziam que ela foi morta, onde havia uma cruz e um xale. Contou que a história falava de uma moça que saiu da cidade de Pilar, em Alagoas, a pé; no meio do caminho, encontrou dois rapazes e pediu a eles para acompanhá-los. Durante a viagem, a moça passava a noite acordada vigiando para a onça não pegar os rapazes; só que, um dia, ela foi pegar lenha, percebeu que a onça estava por perto e ficou acordada até enquanto aguentou. Quando não conseguiu mais, chamou os rapazes para ficarem vigiando, mas eles decidiram deixa-la dormindo sozinha, sem colocar lenha na fogueira. No outro dia, chegaram a Juazeiro e foram falar com Padre Cícero, que olhou para eles e perguntou pela moça que eles tinham deixado na estrada. Eles ficaram admirados, e depois disso ninguém teve mais notícias deles. Lembrou, ainda, de uma história que sua mãe contava sobre uma parteira:

Lembro que a parteira foi meu Padrinho Cicero, que fez uma bênção na cabeça dela, só que ela disse assim pra ele: "mas meu padrinho, eu não tenho profissão nenhuma"; aí ele respondeu: "de hoje em diante você vai ser parteira!". Então, são coisas que, desde pequena, eu aprendi: as histórias de pessoas que receberam milagres, curas e avisos, através da proteção de meu padrinho Cícero. Que, muitas vezes, você diz assim, como está na Bíblia: "só Jesus pode salvar!" Mas têm os intercessores, os intercessores que intercedem por nós. Muitas vezes, você diz assim: é, reze por mim! Pronto! A minha filha está doente ou meu pai está doente, então eu peço, peço a oração. E de repente você faz uma oração, faz um jejum, não é? E aquela pessoa se cura pela fé. Mas o amor que você teve tão grande pelo seu próximo que Deus ouviu as suas preces, e a pessoa fica curada. Então, é isso, é o amor de Deus. ***Eu amo vir pra Juazeiro;*** *é porque a gente faz isso, desde pequena.*

Falou do apego de seu avô a Juazeiro e do desejo dele de voltar a morar nessa cidade, pois, quando era jovem, precisou se mudar para Alagoas, mas para isso pediu a bênção de Padre Cícero.

Eu tenho o maior orgulho de dizer que meu avô vinha para o sermão e falava diretamente com meu Padrinho, recebeu a bênção pra morar em Alagoas; ele disse: "vá"; foi isso que meu padrinho disse, porque viu a necessidade dele, e foi. Então, tudo o que meu padrinho fazia, meu avô fazia. Ele estava aqui, todo ano, vinha a pé de Alagoas; isso não é brincadeira: gastar trinta dias pra estar aqui.

Diz que seu avô aprendeu muito com Padre Cícero, principalmente uma prática cotidiana de orações, que eram feitas com rigor e em silêncio, como o costume de rezar o terço, todos os dias, às seis horas da noite.

Meu avô dizia: "olhe, aconteça o que acontecer, a casa pode cair, e vocês não podem me chamar!" Quem chamava, apanhava depois. Porque, na verdade, como o terço é sagrado, então, não pode deixar pela metade. Você, às vezes, tá rezando o terço e tá falando, ou vai falar com alguém, responder alguém. Naquele tempo, você tinha que rezar o terço completo, sem falar com ninguém, sem parar e sem cortar. Porque você tá contrito com Deus, naquela hora, você não pode estar com o pensamento em outro local. Quando a gente faz pregação, tem que bater nessa tecla, pras pessoas ser consciente, não tá rezando Pai Nosso e falando. Não tem condições, já perdeu o foco da oração. Que não adianta você rezar um rosário inteiro falando, conversando com alguém, mas se você rezar um Pai Nosso e três Ave Marias com fé, contrito de coração, vale mais do que mil rosário sem o pensamento em Deus.

Destacou que, após o falecimento de seu avô, a família decidiu atender ao desejo dele, de ser sepultado em Juazeiro.

Ele foi enterrado aqui, veio de Maceió pra cá, porque era o desejo dele, e eu, também, tenho esse desejo, porque, se um dia me der uma coisa aqui, eu já disse que eu não quero nem ir pra casa, aqui mesmo eu fico. Porque aqui é um lugar que é encantado. ***Encantado do amor e da fé****. Entendeu? A vontade de você ficar aqui pra sempre é enorme! É infinita! A gente sabe que está aqui de passagem, um dia vai retornar pra casa do pai; então, aqui é igual estar na casa de Deus, porque é como se Nossa Senhora chamasse: "venha, filha, pra cá, fique aqui", que dá vontade de você deixar tudo e vim. Juazeiro é assim, como se diz,* ***Juazeiro é terra de oração, terra de amor e de partilha****.*

5.3.5.3 Ser romeira devota: a romaria como chamado

Pontuou que antigamente a acolhida das pessoas que moravam em Juazeiro era melhor, porque as pessoas recebiam os visitantes em suas casas. E, além disso, a exploração nos ranchos e lojas é grande atualmente, porém, apesar disso, não consegue dizer que não vem, pois acredita no chamado de Nossa Senhora; e quando isso acontece, seja como for, a viagem segue.

Eu já tenho oitenta e sete viagens, mas agora eu vim pra romaria, eu não vim como fretante, eu vim como romeira, porque, ***quando a mãe chama, você vai****. Quando você entra no carro é a maior maravilha. Todo romeiro tem isso. Quando Nossa Senhora chama você, a pessoa fica com aquela agonia, com uma vontade de já vim pra estar aqui. Pra olhar pra nossa Mãe, e também para conhecer outras pessoas. É isso, quando a Mãe chama, a gente vem.* ***E essa foi minha vida, desde pequena****.*

Aprendeu com sua mãe a organizar as viagens de romaria, pois, desde jovem, ajudava a ela nessa tarefa, divulgando as viagens nos programas de rádio em que participava e nos grupos religiosos; portanto, ficam sob sua responsabilidade localizar pessoas para viajar com elas e definir os ranchos onde ficariam. Depois que a mãe faleceu, disse que diminuiu, embora, às vezes, leve algumas pessoas.

Pra dizer a verdade, eu ainda não desisti de ser fretante, porque ***eu faço romaria pra tudo quanto é lugar****, só que agora, de nove anos pra cá, que a mamãe partiu, eu parei mais um pouquinho, mais eu sempre venho ajudando o pessoal a viajar, quer dizer, não acabou, mas agora, esse ano, foi que eu já vim com outra pessoa. O ano passado, eu só arrumei a metade do ônibus, mais mandei alguém vim responsável, porque, se eu ficar só com os romeiros, fica difícil deu fazer os meus trabalhos, entendeu?*

Já fez muitas promessas e alcançou muitas graças, mas destacou três, como sendo as principais: a primeira, a que fez para sua filha voltar a nadar, após ter tido poliomielite; a segunda, também, para a filha que, apesar de ter voltado a andar, continuou apresentando alguns problemas de locomoção e desenvolvimento ósseo, e por conta disso foi diagnosticada com uma doença degenerativa nos ossos; a terceira não diz respeito a uma promessa que fez, e sim que teve que pagar, pois, quando teve câncer, em 1999, vários romeiros e amigos fizeram promessas para ela se curar.

Figura 102 – Quiterinha nas celebrações da Basílica de Nossa Senhora das Dores

Fonte: Fotografia exposta na página do *facebook* de Quiterinha

5.3.5.4 As promessas: "tudo que você pedir pra seu irmão, você recebe em dobro!"

Aqui é um lugar de oração, *é um lugar lindo.* ***Eu tenho um amor por essa terra****. Por cada pedacinho, cada caminhada eu devo muito também a Nossa Senhora,* ***eu devo da doença da minha filha****, eu devo da graça que recebi. Então, mamãe já fazia promessa pra mim, e eu faço promessa pra os meus filhos, faço promessa pra os meus amigos, que é isso que é importante.*

Quando ela completou um ano, um ano e pouco, eu vim aqui. E naquela época, a gente ia a pé pra o Horto e passava na Pedra do Joelho. Na pedra onde tem o joelho de Nossa Senhora, minha mãe disse: "filha, coloque o joelho da sua filha aqui". Eu coloquei e rezei: "estou na luz, estou na cruz, estou na sombra de Jesus, valei-me, meu padrinho Ciço e o Coração de Jesus!". Quem, quem passa ali tem que fazer essa oração, bota o joelho e faz essa oração. E eu estava cansada esperando que o pessoal passasse pra seguir, me sentei no chão e coloquei ela no colo, ela simplesmente saiu do meu colo e andou. Então é isso! É o amor e a fé. Eu amo a Deus, a cada momento, e é por isso que eu digo a você: ***eu tenho uma raiz aqui****, a cura da minha filha também é mais uma. Fico emocionada.*

Depois, quando a filha completou onze anos, foi diagnosticada com uma doença degenerativa nos ossos, e, mais uma vez fez, uma promessa.

O médico disse que ela tinha mieloide aguda, que era acabar o líquido da coluna e, quando acabasse aquele líquido, acabavam todos os movimentos dela, ela só ia vegetar. Ela passou uns meses com dificuldade de andar, e eu peguei de um lado dela e de outro, o médico disse que ela não ia mais crescer, a altura que ela ficou ali ia estacionar e foi o que aconteceu, da altura que ela estava estacionou. Aí pronto, eu já fiquei com medo, inclusive eu fazia assim: ela ia estudar, eu pagava passagem do meu sobrinho pra ele estudar no mesmo colégio que ela, pra ele ficar ao lado dela. Porque, segundo o médico, se ela quebrasse uma perna, o osso ia secar, por causa do líquido. Então, foi mais uma promessa que eu fiz. ***Eu digo, minha filha vive de promessa****. E eu pedi a Frei Damião, e eu fui atendida. Então, é isso, eu faço pouco pelo que Jesus já fez por mim. Eu faço pouco, mais eu pretendo fazer muito, pretendo dar minha vida a serviço do irmão, a serviço da partilha.* ***Porque é uma missão que eu tenho****. E tudo o que eu faço ainda é pouco, pelo que eu já recebi. É pouco. Pouco. Pouco.*

Contou que a filha ficou boa, continuou os estudos, fez faculdade e hoje é formada em biblioteconomia e está se programando para fazer um mestrado no Paraguai. Por isso, considera que recebeu muitas graças e o que faz é agradecer sempre e passar essa experiência para outras pessoas. Disse que enfrentou o câncer com fé, embora, em alguns momentos, tenha ficado triste e sem esperança.

No começo, eu fiquei desesperada, aí eu tive um sonho: eu estava, três horas da tarde, no sofá, que eu rezava o terço da Divina Misericórdia, e eu estava no sofá na sala, não estava no quarto e, de repente, apareceu uma luz, uma luz que não existe, uma luz tão forte, e eu cheguei junto daquela luz, saiu de dentro daquela luz duas mão com uma criança, ela não tinha uns seis

meses. Só que a criança olhava pra mim e ria, estava peladinha, mais ria. E aquela mão deu aquela criança pra mim. Eu peguei a criança e olhei pra ela, ela só rindo. Aí, eu só sei que, quando eu abri os olhos, não estava mais no sofá, já estava dentro do quarto, isso à tarde; aí eu fiquei com aquilo na cabeça. Então, procurei um sacerdote pra conversar com ele sobre isso, e ele me disse: "Filha, Deus vai lhe dar sua vida, pra você cuidar de outras vidas!" Aí pronto, aquilo me deu a alegria de viver, porque eu tive a certeza que eu ia viver. Eu comecei a agradecer a Deus. Então, hoje eu agradeço a Deus tá agora falando sobre isso, porque, em 1999, eu tive um câncer e, através de orações e promessas, eu recebi uma bênção de Nossa Senhora. E eu recebi a presença de Frei Damião, dentro da sala de cirurgia; quando eu olhei, ele estava lá sentado. Então, eu sou feliz! ***Eu sou feliz, porque Nossa Senhora e Frei Damião, e meu Padrinho Ciço estava junto de mim***. *Porque meu padrinho Ciço dizia assim: "se você pensar nele, em ao menos um segundo, ele vai estar junto de você, porque ele é nosso protetor, em qualquer parte do mundo" Na sala de cirurgia, eu também recebi uma bênção, uma graça. Pra você ver, o amor e a fé em Deus o que é; assim é, que a gente, às vezes, não entende o quanto Deus nos ama, o quanto nós somos filhos dele. E na sala de cirurgia, a enfermeira me mandou sentar na mesa, interessante que a mesa é inteira, claro. Mas, no meu ver, ela estava cortada no meio. Porque saía uma nuvem de dentro da mesa, ai eu disse: meu Deus do céu, já levei tanto essa agulha da Raque, que é uma agulha grossa; aí eu digo: meu Deus, eu já não aguento mais. Quando eu olhei pra uma cadeira que tinha num cantinho da sala, e eu vi Frei Damião, eu digo, eu estou protegida, que frei Damião tá comigo. Mas eu estava de cabeça baixa, aí vem o médico todo vestido de branco. Um branco que eu nunca vi na vida. E ele estava envolvido numa nuvem e, quando ele andava, ficava cheio de nuvem, ao seu redor. Aí ele passou pelo meio da cama; interessante, por isso que eu disse que a cama partiu no meio. Não; ele passou pelo meio da cama. E ele veio, abriu a mão e na mão tinha uma agulha. A agulha era fininha, e ele mostrou a mão e mostrou que de um lado era dourado, era branco e do outro lado era rosa. Mas eu disse: oxente! Agora, ela é colorida, não era branca e rosa? E pronto, fez a cirurgia, mas eu não olhei pra o rosto de quem me mostrou a agulha. Ele estava vestido de padre, a roupa branca, e o médico vestido de azul: que, hoje em dia, os médicos vestem bata azul. Eu disse: oxente! E esse médico estava vestido diferente? Aí a moça veio, aplicou a anestesia, depois foi que eu entendi que essa visão era a Divina Misericórdia. Então, é isso. É o amor. Entendeu? O médico era pra fazer a cirurgia, em três horas e meia, quando completou uma hora e meia, ele terminou. Ele disse: "olha, eu fiz a minha parte"; e eu disse: Jesus fez a dele. E o exame que tinha constado que era positivo, quando tirou tudo, que foi*

fazer outro exame, deu negativo. Deus tinha curado, antes da cirurgia. Entendeu? Eu sou feliz, então, agradeço a Deus.

Salientou que, para sua cirurgia, não fez uma promessa, mas muitas pessoas fizeram para ela, principalmente os romeiros que participam de seu programa; por isso, diz que se sente muito agradecida, por toda a atenção e carinho que recebeu. E quando retornou do hospital, já foi recebendo as visitas e rezando um terço.

No dia que eu cheguei em casa, já foi um terço. As pessoas diziam: "você não vai descansar não?" Eu disse: que descansar nada, descansar, só se eu tivesse na eternidade, mas eu estou aqui, então é isso. Eu reuni todo mundo, foi mais de duzentas pessoas lá em casa, pra gente rezar o terço. Foi muito bonito, muito bonito mesmo. E eu agradeço a Deus e a todos aqueles que rezaram por mim. Depois disso, toda vez que eu estou fazendo minhas orações, eu coloco aqueles que fizeram oração pra eu estar curada hoje. Então, todo dia eu agradeço a Deus. Só que eu recebi uma visita da mãe também. Eu estava dormindo Nossa Senhora apareceu linda! *Linda! Linda Nossa Senhora. Ela olhou pra mim e disse: "Filha, nunca mais peça nada ao meu filho, só agradeça, só agradeça!" Desse dia pra cá é que eu não peço mais nada a Deus, nem a Jesus, nem nada. Só agradeço, entendeu? E tudo o que eu quero é assim, eu peço por você. Eu Peço. Porque Deus diz assim: "****tudo que você pedir pra seu irmão você recebe em dobro!****" Aí foi que eu fui entender a importância desse trecho da Bíblia, da palavra de Deus. Tudo o que você pedir pra o próximo você recebe em dobro. Então!* ***Eu tenho tudo em dobro, eu tenho alegria, eu tenho pessoas maravilhosas****. Então, vou agradecer a Deus.*

5.3.5.5 O casamento, os filhos e o amor de mãe

Não deu detalhes sobre sua infância, seus estudos ou sobre seu casamento, apenas disse que nasceu em uma cidade do interior de Alagoas, chamada de Capela e, com um mês de nascida, a mãe se mudou para Maceió, onde vive até hoje. Sobre estudos, pontuou que fez um curso técnico. Em relação ao casamento, destacou, apenas, que se casou com dezesseis anos e, quando os filhos eram pequenos, se separou, porque o marido foi morar com uma prima dele. Não relatou nada sobre outro relacionamento ou sobre alguma intensão para o futuro.

Eu casei com dezesseis anos, bem novinha. Quando eu casei, pensei que ia viver a vida inteira. Mas, na época, ele achou a prima dele melhor, aí deixou o menino com três anos e a menina com cinco. Foi embora e, graças a Deus, ele tá pra lá, mas Deus escreve certo por linhas tortas. Hoje, eu acho o seguinte: se ele estivesse com a gente, talvez eu não tivesse os filhos que eu tenho; você tá entendendo? Porque penso se eles tivessem com o pai, eles não iriam ser o que eles são. Eu agradeço a Deus, porque meus filhos são a coisa mais linda do mundo, são filhos obedientes e respeitador. Nessa época, eu já era romeira, também já era fretante, porque minha mãe já era, e eu continuei com o trabalho dela; só me afastei um pouquinho, no lado de fretante, por conta do problema que a gente está passando agora, com a velhice do meu pai; ele tá com seis anos e meio que vive em cima de uma cama. E agora só a misericórdia de Deus. Eu vim pedir nessa romaria a Nossa Senhora por ele, porque ele voltou a ser criança de oito e seis anos. Eu acho que isso aconteceu, porque ele tomou uma medicação tão forte, esses dias que parece que mexeu com a cabeça dele. Aí ele voltou a ser criança, pega seu cabelo e puxa. Essas coisinhas que criança faz, ele tá fazendo. Então, o que posso fazer é entregar a Deus. Se for uma fase que a gente tem que passar, então vamos passar e vamos tratar ele com amor e carinho. A gente não sabe o dia de amanhã, se vai acontecer com você ou não. Que o interessante é isso: chega esse momento para todos. Hoje em dia, eu estou defendendo a terceira idade, porque elas são muito discriminadas. Então, eu comecei fazer esse trabalho e, quando chegou a Pastoral da Pessoa Idosa, eu vi uma oportunidade, porque, quando o padre me disse que eu ia viver pra cuidar de outras vidas, eu entendi que era para pegar um filho pra criar. Inclusive, nós temos uma pessoa especial lá em casa, a gente tem um menino que é filho do coração. A gente adotou ele, um dia depois que nasceu, porque a mãe dele doou. Naquela época, dava, passava; hoje em dia, tem a burocracia toda, mais antigamente não. Mas depois eu entendi que cuidar dos outros pode ser de muitas formas, como os idosos, as pessoas carentes, os romeiros, muitas formas mesmo. Como Deus escreve certo por linhas tortas, esse menino que chegou na nossa vida trouxe bênçãos pra nós, porque minha filha foi quem cuidou mais dele, eu tinha minhas coisas pra resolver, minha irmã fazia salgadinho, ele ficou com a minha menina. Minha filha vivia dentro de casa, por causa do problema de saúde e, com a presença dele, ela resolveu fazer uma faculdade e enfrentar a vida. Então, esse anjo que chegou lá em casa deu força e ânimo pra minha filha continuar. É por isso que eu agradeço a Deus tudo o que se passa na minha vida. Ele está agora com dezesseis anos, mas é o amor da vida da gente. Eu tenho então três filhos, dois meu mesmo e esse que adotemos.

Figura 103 – Fotografias de Quiterinha e a família

Fonte: imagem enviada por Quiterinha via *facebook*

5.3.5.6 Fazer-se romeira devota e engajada: liderança e informação

Para a narradora, ser romeira é partilhar o que sabe e cuidar dos que precisam, pois isso alimenta o seu coração. Disse que, no programa de rádio, fala para os romeiros da importância de agradecer e ter um comportamento adequado, nos lugares sagrados, e que isso é uma forma de ser romeira de verdade.

*Porque **o romeiro que é romeiro, é o romeiro de coração**. É romeiro do amor. Romeiro que é romeiro já **tem a essência que vem de dentro**, aquela chama, que eu falei uma vez, **a chama do amor**. A chama do convite da Mãe. O romeiro é que é romeiro, e ele sabe disso, é aquele que ajuda o próximo e **está sempre ensinando o amor**. Gente que não tem condições de nada, mas ele tem uma lembrancinha pra levar pra o seu irmão. Entendeu? O **romeiro enfrenta** e mesmo quando não está muito bem, aceita o convite da Mãe e vai; eu mesmo teve dia de não estar muito bem, como um dia que teve o terço na praça. Porque lá em Maceió, todo dia 20, tem um **terço dos romeiros** na praça. Então, nesse dia, me deu uma dor de cabeça tão grande que eu pensei em não ir, mas o pessoal foi e telefonou pra mim e disse: "cadê que você não chegou? Cadê você, venha logo. Venha logo". E os fogos pipocando, e eu disse: ninguém pode mais do que Deus! Aí saí de casa e fui. Então é isso, **romeiro que é romeiro segue em frente**. Por isso, eu digo pros queridos irmãos que ainda não foi numa romaria. S**e você quer viver o amor e o carinho de Deus, seja romeiro**. Porque o romeiro ele tem mais uma essência, além da humildade e da caridade, tem o acolhimento. Sente o que o próximo está sentindo. Se o próximo está sentindo uma dor, uma dificuldade, ele está pra fazer a partilha, porque **romeiro***

***de verdade partilha até a dor**. Então, a essência do romeiro é essa. O romeiro já está com uma coisa que é muito importante, que é **os olhos da fé**. Entendeu? **Se você quiser ter os olhos da fé e ter fé em Deus, procure ir pra romaria e ser romeiro**, porque é muito gratificante. Você é a pessoa mais feliz do mundo, se você for romeiro, porque **Nossa Senhora foi a primeira romeira** e nós temos que seguir o exemplo da Mãe. Isso é que é **ser romeiro** pra mim, **respeitar o que aprendi,** desde pequena. Por exemplo, se eu estou vindo pra romaria, tenho que seguir a tradição e não está fazendo outros passeios, como é ir pro Caldas; se vier sem ser tempo de romaria, tudo bem, mas na romaria não pode agir como turista não; **você tem que ser romeiro, romeiro de fé, aquele romeiro de coração**. Isso que é ser romeiro na minha opinião. Não sei a dos outros, mas para mim **o romeiro é aquele que vem, que veste a camisa,** e, se tem que dormir no chão, dorme; se tem que partilhar, você partilha. Romeiro de fé é esse: é o romeiro que está junto com o pessoal, vai lá e, se tem que comer farinha pura, vai lá e come! Se tiver que comer seja lá o que for, você vai lá e come. É isso que é ser romeiro! Também uma coisa importante é você levar o que você recebeu aqui de amor e carinho, da fé nas palavras de Deus que ouviu, e levar com você, o ano inteiro, levar pra sua paróquia, pra sua vida e pra sua comunidade. E isso aí que é o mais importante, entendeu?*

Figura 104 – Quiterinha com a equipe da Basílica, conversando com romeiros, após a Reunião das Três Horas

Fonte: Fotografia exposta na página do *facebook* de Quiterinha

Diz que é uma pregadora e que divulga a palavra de Deus e os ensinamentos que aprendeu, participando da Pastoral da Pessoa Idosa, fazendo reuniões em casas de amigos e apresentando o programa de rádio, dedicado ao povo romeiro; destaca que essas atividades é um trabalho missionário.

Eu falo de Deus e do que eu aprendi. Todo domingo, eu faço esse trabalho. *O trabalho missionário começa recebendo o corpo de Cristo, a* ***alimentação espiritual****, porque* ***é importante você fazer uma reflexão da vida*** *e deixar o passado um pouquinho pra trás e seguir no caminho de Deus. Isso é o que* ***a gente tem que divulgar para os nossos irmãos***. *E, também, aproveito, que eu* ***estou na Pastoral da Pessoa Idosa e falo com eles isso****, porque tem muitos idosos carentes. Então, acho que essa é uma maneira de você levar a palavra de Deus a cada criatura daquela, a cada pessoa que lhe pede amor e carinho. E o interessante é que a pastoral tem uma coisa: não importa a raça, a cor, não importa sua religião, você tá com seu irmão do lado, pra dar o apoio, pra dar o amor, pra dar o carinho. Se for de outra religião, você reza um Pai Nosso com ele. E ensina o amor de Deus. E se for católico, a gente reza a Ave Maria, o Creio em Deus Pai e faz uma oração bonita pra ele. O importante é que você é meu irmão, é minha irmã, e* ***a gente tem que está unido na fé e ensinando que o importante é o amor***.

Figura 105 – Quiterinha com o grupo da Pastoral da Pessoa Idosa

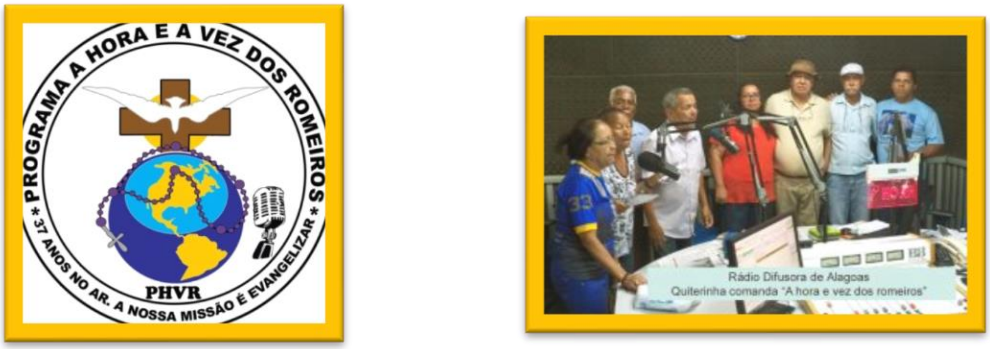
Fonte: Fotografia exposta na página do *facebook* de Quiterinha.

Iniciou sua participação no programa de rádio **"a hora e a vez do romeiro"**, juntamente com o idealizador, seu Tota, irmão de Dona Quiterinha Tota. Essa programação está no ar, há mais de 40 anos; acontece todos os domingos, das 05 às 6.40h da manhã, e conta com

a participação dos romeiros de Maceió e do interior. Após o falecimento dele, assumiu o programa com o auxílio de Renilda e seu marido Walter, entre outros romeiros que compõem a equipe responsável pela programação. Pontuou que as atividades realizadas vão além do programa, pois a equipe é convidada constantemente para participar de eventos religiosos, em instituições e na casa dos ouvintes. Disse que no programa fala para os romeiros da importância de agradecer, e ter um comportamento adequado, nos lugares sagrados e que isso é uma forma de ser romeira de verdade. Além disso, divulga o calendário das romarias, dos eventos religiosos e repassa para os ouvintes as principais notícias do movimento romeiro de Juazeiro, como relatou:

Eu comecei meio matuta, é claro, eu comecei lendo as cartas e depois comecei a ensaiar lá uns benditos e, quando o irmão da Quiterinha Tota faleceu, seu Tota, eu fiquei no lugar dele fazendo o trabalho. Só que o Tota fazia um trabalho muito amplo. ***Além do programa, a gente ia fazer evangelização nos interiores;*** *se tinha uma festa e convidavam a gente ia participar. Ia rezar o terço, cantar nos interiores, até fora de Alagoas, na Paraíba nós participamos. Com o passar do tempo, ficou difícil, porque o Tota tinha como viajar e, os romeiros não têm, e eu também não posso bancar. A gente vai viajar, se, vamos supor, tem uma festa no seu município, e você quer o programa dos romeiros. E a gente vá participar, se mandarem o carro, nós estaremos lá. Aí a gente se junta e arruma o pessoal da Trindade Santa e vai com o Walter e com a Renilda, e vamos pra lá cantar, rezar e agradecer a Deus. Então, quando chamam, e a gente vê que não tem condições, a gente marca, e nós vamos também. Não dá pra ir todo mundo, vai só um pouquinho. Mas o amor que a gente tem é pra servir. É como o papa diz "eu vim para servir". Nós estamos aqui é pra servir e não pra ser servido.*

Figura 106 – Quiterinha no programa "A hora e a vez dos romeiros" na Rádio Difusora de Alagoas/Maceió.



Fonte: Fotografia exposta na página do *facebook* de Quiterinha.

Fez questão de registrar que esse trabalho realizado, através da Rádio Difusora, é voluntário, pois não recebe nenhuma remuneração por essas atividades. Nesse sentido, pontua que considera uma missão levar a informação para os romeiros, incentivá-los a conhecerem Juazeiro, participarem da reunião dos romeiros; por isso, julga ser importante o que faz e que se sente feliz fazendo isso.

Figura 107 – Quiterinha participando do Encontro dos Romeiros de Maceió

Fonte: Fotografias expostas na página do *facebook* de Quiterinha.

Ela explicou como faz para obter as informações, quando está em Juazeiro:

Eu faço minhas visitas, aqui em Juazeiro, *para fazer um trabalhozinho que venho realizando, porque é* ***pra ter uma experiência pra levar pra lá e comunicar*** *o pessoal e* ***pra fazer as minhas divulgações****. Eu faço trabalhos voluntários com os pobres, saio nos ranchos fazendo visitas, entendeu? Ver como é que ele está, o que é que tá faltando. Até pra saber o que eles tão sentindo. Por isso, eu disse que, quando chego nos ranchos e eles me convidam para tomar café, eu aproveito pra saber como eles estão; depois, quando eu chego em Maceió, eu falo na rádio o que acontece aqui. Que na época do padre Murilo, ele dizia o que tinha que ser feito e divulgava tudo que estava acontecendo e o que ia acontecer e agora com a Irmã Annette, também, porque, na Reunião das Três, ela conta pros romeiros o que está acontecendo. Então, tudo o que tá acontecendo a gente repassa. O problema dos caminhões você tem que está divulgando. Quando o pessoal quer viajar pra um lugar, já liga pra o programa dos romeiros e diz qual o dia da viagem. E eles querem saber: quando é a viagem de Frei Damião? Quando é a viagem de São Francisco? Qual o dia que vocês vão sair? Tenho que está junto dos*

fretantes, para poder passar tudo pros romeiros. Você tem que saber de tudo certinho, pra poder dizer, pra sair divulgando. E também pra divulgar tudo o que acontece na nossa paróquia, na arquidiocese; a gente vai divulgando, entendeu? As festas dos santos; a gente está divulgando, e ***assim é o nosso trabalho no programa "a hora e a vez do romeiro"****. Que esse programa foi fundado desde 1973, e já tem mais de 44 anos! E eu estou lá há, vinte e cinco anos.*

Além dessas visitas, afirmou que é fundamental seu envolvimento com as atividades da Pastoral da Romaria de Juazeiro, e, mais especificamente, sua participação na Reunião das Três Horas. Tanto para ouvir os testemunhos e histórias dos participantes da reunião como para dar seus próprios depoimentos, cantar benditos e fazer orações. Nesse sentido, diz que esse espaço é um momento de evangelização e partilha.

Está com muito tempo que eu participo da reunião*, comecei quando era feito, pelas irmãs e pelo padre Murilo. Lembro que o padre Murilo visitava Alagoas, ele ficava lá no Rio Vermelho, na casa dos amigos, e a gente sempre ia lá falar com ele. Quer dizer, o acolhimento, o amor, eu não sei explicar a você a chama do amor que a gente sente por ser romeira. Eu* ***me sinto feliz, quando eu estou ali participando****, eu procuro não perder, sempre estar participando, porque* ***é muito gratificante o trabalho que a Irmã Annette faz****. Na reunião dos romeiros,* ***a gente sente o acolhimento, sente o amor*** *que a Irmã Annette tem por todos os romeiros. Porque, na verdade, nós viemos de longe e estamos aqui, é como se a gente fosse chegando em outra terra, então esse acolhimento é importante. E, também, é o local onde os romeiros se encontram. É romeiro da Paraíba, do Rio Grande do Norte, de Alagoas, de todos os lugares. Na reunião, aqueles romeiros, que querem mostrar seu trabalho, que querem cantar seu bendito, podem cantar e dar seu testemunho, e todo mundo escuta, como se fosse um monte de irmão;* ***a gente se sente assim como se fosse irmãos que estava viajando*** *e chegou de visita na casa dos pais. É a mesma coisa!*

Figura 108 – Quiterinha participando da Reunião das Três Horas

Dando testemunho

com José Carlos conversando sobre os fretantes

ouvindo os testemunhos dos participantes

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Destacou que, antes, se sentia discriminada por ser romeira, porém salientou que isso vem se transformando.

A única coisa que doía e agora não está doendo tanto, a discriminação por ser romeira de meu Padrinho. *Porque, na verdade, antigamente tinha alguns padres que acolhia a romaria, mas tinha outros que não, que muitos diziam que os romeiros adoravam ao Padre Cícero. Nós não estamos na veneração, e sim sabemos que ele ensinou muito pelo amor de Deus, entendeu? Porque* ***o Padre Cícero tem uma coisa especial. Ele é santo!*** *Nós sabemos que ele é santo! E ele fez muito,* ***ele fez muito pelos romeiros***. *Mesmo quando estava afastado da Igreja Católica, ele nunca pediu pra ninguém se afastar, ele pedia pra todos os romeiros rezar e receber o Corpo de Cristo. Ensinava a rezar o rosário, ele estava ali no seu trabalho de pegar as ovelhas e colocar no rebanho, entendeu? A preocupação dele era de que nenhum perdesse a alma, como Nossa Senhora faz. A preocupação é de não perder a alma. E essa é nossa missão: conseguir pegar os filhos pra fazer a vontade do Pai, e não a nossa vontade, mas a vontade d'Ele. Porque muita gente esquece que não é nossa vontade, pois é Deus quem quer. Não é?*

5.3.5.7 Uma forma de resistência: "eu tenho que defender minha Mãe"

Os aspectos mais intensos de sua narrativa é o posicionamento que tem, diante de sua religião; por conta disso, tem um discurso muito rígido e contundente em relação às outras religiões. Diz que não aceita que os filhos jamais mudem de religião, e relatou que se envolve

em discussões, às vezes publicamente, no sentido de defender a Religião Católica, principalmente a crença em Nossa Senhora.

A Religião Católica foi a que Jesus fundou, *por isso eu não aceito, não venha me chamar pra ir lá pra sua seita, porque é seita. Então pronto! Porque meu padrinho Ciço dizia que, quando dois ou três tivessem falando mal dele, você saísse de perto. Porque se você fosse brigar você pecava.* ***Mas eu não consigo!*** *Eu num consigo, eu tenho que defender.* ***Eu tenho que defender minha Mãe****. Você vê, o ano passado, eu fui defender, eu briguei lá na praça. Mas por que eu estava tomando sorvete, e passou um minitrio elétrico cheio de evangélico, ele passou, parou lá na praça e um deles pediu ao mexicano pra parar o som dele, pra ele pregar. Ele começou a falar de Nossa Senhora. Eu não aguentei aquilo, imagina ficar falando de Nossa Mãe, na terra dela? E falei bem alto: minha gente, vocês estão surdo? Vocês não estão vendo que o rapaz está falando de Nossa Senhora não! Espera aí, eu vou lá! Quando eu cheguei lá, eu disse: mexicano, quem mandou você desligar o som? Aí ele olhou assim pra mim e disse: "oxe! O pessoal pediu pra baixar o meu som, desligar o meu som que eles queriam pregar". Eu aproveitei e disse: você está surdo? Eles estão falando mal de Nossa Senhora. E mais: você está aqui, mexicano, ganhando seu dinheiro, vendendo seus cd's, qual autoridade deles para mandar você desligar seu som? Então você não gosta de Nossa Senhora? Aí ele disse: "eu gosto!" Nesse momento, chegou três guardas que tinham visto aquela confusão. Um dos policiais perguntou: "o que foi que aconteceu?" Eu fui logo explicando: "olhe, aquelas pessoas estão esculhambando Nossa Senhora, eles não têm esse direito não. Vamos botar eles pra correr daqui da praça. Ele disse: "você quer que eu faça o quê"? Eu repeti: eu quero que você bote ele daqui pra fora. Aí ele foi lá e botou eles pra fora. Se você não defender, ver eles falando de Nossa Senhora e ficar calado é uma omissão. É como se eu fosse roubar, e você vendo e você não faz nada, então você é cúmplice. Entendeu?* ***Então, a gente não pode ser omisso****.* ***Se você tem que defender a Mãe, você tem que defender****. Vai ver que, um dia, você chega lá, e ela não lhe defende. Eu disse, uma vez, pra meus filhos uma coisa, eu num sei se eu estou errada; se eu tiver, Deus me perdoe: Meus filhos, se um dia vocês forem um evangélico, eu deixo de ser sua mãe. Mesmo com o maior amor que eu tenho por vocês, eu desapareço da vida de vocês, eu vou continuar rezando e pedindo a Deus por vocês. Vocês não vão me ver mais nunca nessa vida. Vocês não vão saber nem que eu existo. Vocês vão ver o que é a falta de uma mãe. Porque eu não posso aceitar vocês estarem num lugar que não respeita Nossa Senhora.*

Quiterinha não participou da Vivência Biográfica Integrativa, porém, quando nos encontramos, ela pontuou que pensou muito nessa atividade, principalmente nas mandalas referentes às dores e às alegrias, as quais tinham como mote ilustrativo as dores e as alegrias de Nossa Senhora, como relatado no capítulo metodológico. Motivada por essa reflexão, escreveu uns versos falando das padroeiras de Juazeiro e Maceió, e outro sobre "a espada que transpassou o coração de Maria". Não relatou nenhum desses aspectos na própria vida e nem na trajetória romeira.

Figura 109 – Poema, Juazeiro e Maceió e a Espada que transpassou o coração de Maria.

Juazeiro e Maceió

E Juazeiro e Maceió
Somos unidos no amor.
Sete alegrias e sete dores
Que sentiu a Mãe do Salvador.

Nossa Senhora dos Prazeres
É a Mãe da alegria.
Nossa Senhora das Dores
É a mãe na agonia.

Vamos, romeiros, meditar
Nas sete espadas de dores;
Também nas sete alegrias
Da Mãe do nosso pedestal

Foram sete espadas a transpassar
O seu sagrado coração;
Nossa Senhora das Dores,
Tenha de nós compaixão.

Somos romeiros alagoanos,
Viemos com alegria
Visitar a Mãe das Dores,
Nossa santa romaria.

Ofereço esse bendito.
Virgem Mãe dos Prazeres;
Na alegria e nas dores,
Proteja sempre seus romeiros.

Espada que transpassou o coração de Maria

As sete espadas que transpassou
O coração de Maria Imaculada;
Vamos, romeiros, contemplar o sofrimento
Da Mãe de Jesus, o crucificado.

A primeira espada de dor
Foi a profecia do velho Simeão;
A fuga para o Egito
Foi a segunda espada, meu irmão;

A perda de Jesus no templo:
Foram três dias de agonia;
Foi a terceira espada de dor,
Que sentiu a Virgem Maria.

Oh que caminho tão doloroso,
O caminho de Jesus para gólgota;
Foi a quarta espada de dor
Ver o sofrimento de seu filho, por amor.

A quinta espada de dor
Foi ver seu filho pregado numa cruz;
Essa espada transpassou
O coração da Mãe de Jesus.

Quando tiraram seu filho da cruz
Morto, em seu colo foi colocado;
Foi a sexta espada de dor.
Que agonia da Mãe do meu Salvador!

O sepultamento do meu Jesus
Foi a sétima espada de dor,
Que transpassou seu sagrado coração,
Misericórdia, meu Jesus!

5.3.5.8 As dores e as alegrias na trajetória de vida e romaria

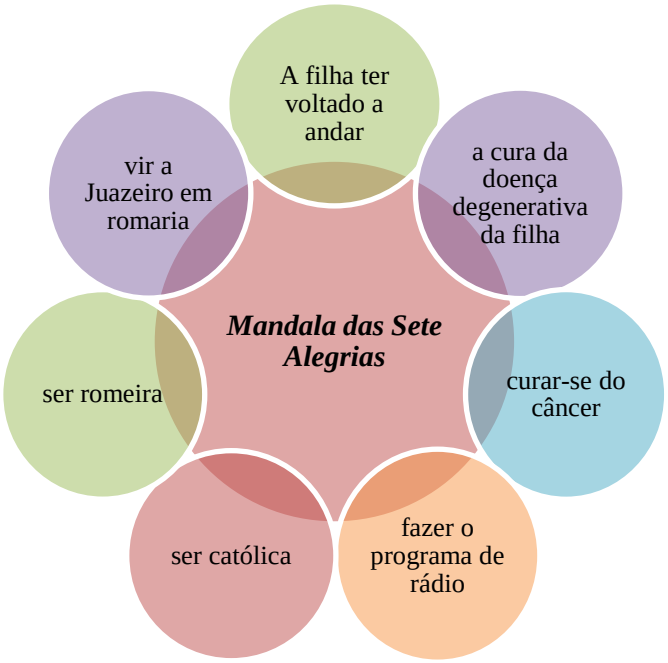
A partir da análise de sua narrativa de vida, destaquei as dores e alegrias que ela foi relatando. Assim, as dores se referem a:

Figura 110 – Mandala das Sete Dores de Quiterinha Meyer

Fonte – Arquivos da pesquisa.

Sua narrativa traz muitas referências a graças e a bênçãos recebidas, que a fazem sentir gratidão. Nessas falas, pude identificar suas alegrias, que destaco na mandala abaixo:

Figura 111 – Mandala das Sete Alegrias de Quiterinha Meyer



Fonte – Arquivos da pesquisa.

5.3.5.9 Os aprendizados da trajetória romeira

Os principais aprendizados enumerados por Quiterinha são:

- Aprendi a respeitar e seguir a tradição romeira;
- Aprendi os ensinamentos sobre Juazeiro e sobre Padre Cícero;
- Aprendi a fazer o programa de rádio “a hora e a vez do romeiro”;
- Aprendi a partilhar o que sei;
- Aprendi participar da Reunião das Três Horas.

5.3.5.10 O aprendizado experiencial e os saberes existenciais

A tradição romeira na sua família advém de uma prática religiosa católica, que remete aos seus bisavós e ganha força com seu avô materno, por conta da convivência com Padre Cícero em Juazeiro. Segundo ela, ele incorporou os conselhos de Padre Cícero, no estilo de vida da família, e era muito rígido com seus atos de devoção e fé. Essa concepção religiosa

influenciou sua crença, principalmente no seu entendimento de religião, pois para ela só existe uma religião, que é a católica; o restante, conforme suas palavras, é seita. Destaca que sua mãe e sua avó eram tementes a Deus e que seguiu seus ensinamentos, procurando repassar isso para seus filhos.

Como afirma que passou a vida fazendo romarias, não lembra quando se tornou uma romeira. Nesse sentido, o tornar-se romeira foi influenciado pela prática religiosa do avô e da mãe. Além disso, pude observar que sua trajetória foi se consolidando, a partir da experiência de coordenar as viagens de romaria.

Define-se como romeira católica de fé e temente a Deus, portanto, ser romeira devota é respeitar a tradição, não agir como turista e seguir os ensinamentos da prática religiosa católica, com disciplina.

Considero que o fazer-se romeira devota e engajada está correlacionado com o que a faz permanecer em romaria, ou seja, para preservar a tradição religiosa familiar e para manter-se informada do que acontece no movimento romeiro de Juazeiro e de outras localidades do Nordeste, com o intuito de repassar essas informações para os ouvintes de seu programa de rádio.

O conhecimento prático adquirido em sua trajetória refere-se ao aprendizado da tradição romeira, que está expresso na prática de organizar as viagens de romarias, participar de grupos e pastorais da igreja, ser locutora de um programa de rádio dedicado ao povo romeiro. Diz que aprendeu muito com seus avós, principalmente com o avô materno, com os romeiros e com as viagens.

Destacou que considera importante partilhar o que aprendeu e que faz isso contando suas vivências e seu entendimento da tradição romeira e das práticas católicas, no seu programa de rádio e nos grupos de que participa.

A sabedoria de vida se apresenta no que pontua como ter fé, ser grata pelas graças alcançadas, ser feliz porque considera que recebeu de Deus tudo de que precisava na vida; por isso, hoje, nas orações que faz só agradece, em vez de pedir. Gosta de partilhar o que sabe, através do programa de rádio e da participação em grupos e eventos religiosos. Enfrenta os momentos difíceis com aceitação e força porque acredita que tudo tem um ensinamento de Deus.

Além de apresentar as histórias de vida de Lúcia, Perolina, Quiterinha Tota, Renilda e Quiterinha Meyer, nesse capítulo, discuti os fundamentos teóricos metodológicos dessa abordagem biográfica. A partir das narrativas de vida enunciadas nessas histórias, construí uma interpretação das experiências sociorreligiosas que discorro a seguir.

6 NARRATIVAS ROMEIRAS: EXPERIÊNCIA SOCIORRELIGIOSA E OS PROCESSOS FORMATIVOS

E cada qual tem uma história pra contar, e o coração de cada qual tem um motivo pra rezar.

Vem pra pedir, agradecer e celebrar, quem tem fé no infinito sabe aonde quer chegar.

(Bendito – Em procissão, em romaria)

Neste capítulo, vou analisar e interpretar as experiências sociorreligiosas das interlocutoras da pesquisa, essas mulheres que encontrei na Reunião das Três Horas e com quem compartilhei momentos especiais que nos implicaram e afetaram. Eu as escutei, de forma sensível e atenta, ora me identificando com seus atos de fé, diante do que a vida lhes trouxe, ora me surpreendendo com os sentidos construídos por elas mesmas para suas trajetórias romeiras, reveladores de uma sabedoria de vida que se presentifica em suas narrativas.

O interesse pelas narrativas biográficas, orais e escritas das mulheres romeiras de Alagoas deveu-se ao fato de essas narrativas serem um dispositivo de (auto)expressão, de fala e de memória da experiência religiosa; sendo assim, meio propício para a compreensão de suas trajetórias romeiras, no contexto de suas histórias de vida.

Conhecer essas experiências, a partir de suas narrativas, me ajudou a identificar as três categorias principais que surgiram, com a análise do material biográfico construído com elas: o tornar-se romeira, o ser romeira devota e o fazer-se romeira devota e engajada. Correlacionei essas categorias com a condição de ser, estar e permanecer nas romarias. Essas condições configuram suas experiências sociorreligiosas, pautadas pelas motivações para terem se tornado romeiras, assim como pelas vivências religiosas que empreenderam para serem romeiras devotas e, também, os elementos que foram preponderantes, no transitar da condição de devota à engajada no movimento romeiro de Juazeiro do Norte. Nesse sentido, a permanência ficou evidenciada em seus relatos, como resultado desse trânsito que agrega novos aprendizados à trajetória romeira dessas mulheres.

Dessa forma, procurei identificar nas narrativas os conhecimentos e aprendizados que compõem a construção da experiência romeira, a partir das três modalidades de elaboração da experiência elencadas por Josso (2010, p. 51): “o ter experiência, o fazer experiência e o pensar sobre a experiência”. Por sua vez, essas modalidades ajudam a pensar sobre as construções biográficas de si, expressas nas perguntas: O que me aconteceu? O que isto que me aconteceu fez comigo? E o que faço hoje com isto que me aconteceu? (PASSEGGI, 2011, p 151-152). Refletir sobre essas formas de elaboração da experiência vivida ajudou a evidenciar o que foi formador, na trajetória romeira.

Inicio com a discussão sobre experiências fundadoras e formadoras, na perspectiva de Josso (2004 e 2010). Depois, apresento a narrativa da experiência sociorreligiosa das cinco mulheres interlocutoras da pesquisa, destacando os três marcos que elegi, para analisar e interpretar suas experiências: o tornar-se romeira, o ser romeira devota e o fazer-se romeira

devota e engajada. Após, trago as ponderações sobre a "figuração de si" (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 126) identificada nas trajetórias e correlacionada com os aspectos de empoderamento individual e coletivo. A partir disso, reflito sobre o que foi formador na constituição da experiência sociorreligiosa das mulheres romeiras. Tomo como referência para essa análise a perspectiva de Josso (2004), que considera formadoras as experiências que resultam em processos de aprendizagem.

6.1 Experiências fundadoras e formadoras da trajetória romeira

Utilizo as categorias de "experiência fundadora" e "experiência formadora", conceitualizadas por Josso (2010). Essa teorização foi fundamental, para entender como as experiências sociorreligiosas, vivenciadas ao longo da vida e especialmente no itinerário romeiro, produzem processos formadores da identidade e subjetividade das mulheres engajadas na mobilização da "nação romeira". Parto do pressuposto de que as experiências podem gerar processo de aprendizagem, formação e transformação, como é considerado por Josso (2004 e 2010), Larrosa (2002 e 2004) e Passeggi (2011).

Para Josso (2010, p. 49), as vivências particulares, ao serem refletidas, tornam-se experiências. Estas podem ser individuais e coletivas. "A experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomática e sociocultural, isto é, ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais". Conforme a autora, as experiências podem ser classificadas em: experiências fundadoras e experiências formadoras.

As experiências fundadoras têm como característica principal gerar transformações, devido à força de significação que carregam. São os divisores existenciais que fundam etapas, ciclos em nosso percurso vivido, assim como geram mudanças de visão de mundo, de atitudes e comportamentos. "Podemos classificar e identificar essas experiências, pela carga emocional muito forte que deixou uma 'marca' (ou mesmo um traumatismo), com a qual a pessoa foi estimulada a 'fazer qualquer coisa'" (JOSSO, 2010, p.114).

As experiências formadoras podem englobar as experiências fundadoras, entretanto seu diferencial está na potencialidade de gerar formação, no itinerário experienciado, seja ele intelectual, profissional, religioso/espiritual ou existencial. Isso é possível, devido ao processo

de aprendizagem gerado pela construção de novos conhecimentos que vão contribuir com a formação da pessoa. Quando falamos de experiências formadoras, de acordo com Josso, estamos falando sob o ângulo da aprendizagem, ou seja, das experiências que simbolizam "atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidade". Nesse sentido, considero que as experiências formadoras são constituídas por experiências que contribuem para a pessoa ser o que ela é hoje, ou seja, tudo que ela articula "entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação" (JOSSO, 2010, p. 47 e 48).

Foi com base nessa perspectiva que busquei compreender os aprendizados sociorreligiosos, constituídos na trajetória de vida das mulheres romeiras, a partir do seu próprio ponto de vista. Por essa razão, procurei identificar, em suas narrativas biográficas, as "recordações-referências" que foram consideradas por elas como o ponto de partida para a construção de sentidos sobre suas condições de serem romeiras e estarem em romaria.

De acordo com Josso (2010, p. 37), as recordações-referências são elementos simbólicos constitutivos de nossa formação, os quais estão diretamente condicionados aos contextos sócio-históricos e culturais a que pertencemos. Utilizamos essas experiências como ilustração numa história que contamos "para descrevermos uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro". Portanto, foi através das narrativas biográficas das mulheres romeiras pesquisadas que fui compreendendo como se dá a formação experiencial, em seus percursos vividos.

Considero o conceito de formação, com base nos estudos de Josso, não apenas como uma atividade de aprendizagem circunscrita a espaços formais, mas também como uma ação que envolve aprendizados vitais, construídos por experiências existenciais integradas a outras aprendizagens vivenciadas no curso de uma vida. Esse movimento de construção é gestado em ritmos, formas e tempos diversificados, aglutinando aspectos coletivos e singulares da trajetória formativa, podendo ser considerado como um movimento que influencia na formação e transformação da identidade e da subjetividade de uma pessoa (JOSSO, 2010), capaz de gerar movimentos coletivos.

Nesse contexto, o sujeito em formação é visto na sua dimensão holística, confirmando o imbricamento entre a experiência existencial e as aprendizagens pela experiência: ou seja, as dimensões física, social, emocional e espiritual/religiosa não podem ser

concebidas de forma separada das práticas educativas que se constroem, ao longo da vida. Para Josso (2004, p.56), é justamente a articulação desses aspectos que torna uma experiência formadora. Vale ressaltar que a autora define aprendizagem pela experiência como:

> [...] atividade consciente de um sujeito que efetiva uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscienciais), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas, na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros (JOSSO, 2004, p.56).

Compreendo que a (auto)formação privilegia o processo, através do qual a pessoa constrói seus saberes, desenvolvendo atitudes, habilidades e valores, a partir de experiências próprias, mediadas pelo outro e pelo mundo. Esse contexto vai dando sentido ao processo de formação, a partir das experiências vividas e apreendidas pelas pessoas, em seus momentos formativos. Assim, corroboro a noção de que "toda experiência é formativa, na medida em que se inscreve numa configuração biográfica, na qual encontra sua forma e seu sentido, em relação a um conjunto ordenado de experiências construídas" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 10).

Conforme Passeggi (2011, p. 147-149), "ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se". Portanto, é dessa "relação dialética entre a reinvenção de si e a ressignificação da experiência", efetivada por atos narrativos que interpretamos o que nos aconteceu. Em síntese, "isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re)interpretar".

No caso desta pesquisa, o processo de formação experiencial ganhou evidência nas narrativas biográficas produzidas com as mulheres romeiras interlocutoras do estudo através das entrevistas narrativas (JOVCHLOVITCH; BAUER, 2002) e dos fragmentos biográficos (testemunhos e benditos) partilhados na Reunião das Três Horas, bem como nos conteúdos expostos nos álbuns autobiográficos. Nessa perspectiva, as narrativas se constituíram como modos de elaboração da experiência vivida, ao tempo em que me possibilitaram conhecer as representações delas sobre as aprendizagens sociorreligiosas, estabelecidas nos itinerários romeiros, assim como o sentido atribuído a essas vivências, ao conhecimento de si, ao mundo vivido e às relações com outras pessoas.

Compreendo com Delory-Momberger (2014, p. 34 a 36) que é através da narrativa

que as pessoas se apropriam de sua história, pois na história que contamos estabelecemos papéis para os personagens que figuram em nossa vida. Nesse movimento de elaboração, atribuímos valores e significação ao vivido. É a narrativa que "transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados, que compõem uma totalidade significante, na qual cada evento encontra seu lugar".

Portanto, as narrativas de vida e da experiência romeira, construídas com as interlocutoras da pesquisa, foram fundamentais para conhecer suas construções biográficas, enquanto sujeitos singular-plurais, tanto em relação ao que foi percebido em suas falas individuais como ao que foi observado, no âmbito coletivo do encontro romeiro. Nesse sentido, a observação participante realizada nesse evento possibilitou conhecer como se dá o envolvimento das mulheres romeiras nessa programação, assim como identificar o que elas partilham de suas experiências de vida e romaria, nesse espaço. Explorei esses aspectos porque compreendo, a partir da teorização de Josso, que o processo de partilhar a experiência vivida ganha dimensão importante, na medida em que ajuda a dar sentido ao que nos aconteceu, possibilitando, assim, a transformação dessas vivências em experiências formadoras (JOSSO, 2010, p. 47-57).

Para Passeggi (2011, p. 152), a partilha da experiência vivida favorece uma autorreflexão dos processos vividos, que pode ser motivada por meio de um trabalho de mediação biográfica "entendida como os processos envolvidos no acompanhamento de um grupo de pessoas em formação, que escrevem e trabalham sobre suas narrativas, com a ajuda de um formador" (PASSEGGI, 2008, p.44). No caso desta pesquisa, a mediação biográfica aconteceu, por meio das atividades realizadas com elas (entrevistas-narrativas, álbuns autobiográficos, Vivência Biográfica Integrativa), que permitiram conhecer suas representações sobre as experiências sociorreligiosas, ao tempo em que me permitiram compreender como essas vivências se transformam em aprendizados experienciais.

O trabalho biográfico com narrativas (escritas ou orais) chama a atenção para o potencial formador desse processo, seja como prática formativa, seja como atividade de pesquisa, ou mesmo como movimento de autoexpressão, tendo em vista que narrar a própria vida é uma condição de dar sentido à existencialidade. Segundo Passeggi (2010, p. 123):

> Contar a sua história significa, assim, dar forma ao que antes não tinha. Todavia, para que os rascunhos de si se tornem visíveis aos olhos do seu autor,

> eles necessitam da mediação de instrumentos semióticos, para tomar corpo e se objetivar. A vida transformada em texto é passível de interpretações mais acuradas, pois é sobre o texto que se praticam, sem cessar, novas e permanentes exegeses.

Seguindo essa perspectiva de análise, busquei, ainda, compreender como as experiências vivenciadas pelas mulheres romeiras, no espaço da Reunião das Três Horas, contribuem para construção de uma figuração de si e como esse movimento biográfico incide na constituição de empoderamento individual e coletivo. Considero que esse evento constitui-se numa via de construção de uma imagem de si, pois, além de ser um elemento caracterizador desse tipo de engajamento na esfera sociorreligiosa das romarias de Juazeiro do Norte, são, também, aspectos reveladores de modos de autossuperação e fortalecimento próprio dos processos de empoderamento[98].

A dimensão do empoderamento de si é entendida, aqui, como forma de emancipação, gerada por uma "tomada de consciência crítica e reflexiva dos determinantes existenciais, por meio de sua expressão", permitindo, assim, "um acesso à sua própria história, à sua construção, e não apenas à história dos outros. É fazer jorrar uma fonte, uma gênese pessoal de sentido temporal" (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.109). Tal empoderamento pessoal potencializa ações coletivas, ampliando o sentido emancipador das práticas romeiras.

Portanto, são as narrativas da experiência sociorreligiosa que destaco, para ponderar os aspectos fundadores e formadores da identidade e subjetividade das romeiras participantes da Reunião das Três Horas, considerando que esse contexto contribui para processos de representação de si, que demarcam configurações individuais e coletivas impactadas por esse evento, que traz em seu bojo um chamado para as romeiras e romeiros tomarem consciência de sua condição social e existencial, ao tempo em que acolhe e incentiva suas expressões biográficas.

A seguir, compartilho a análise e interpretação das experiências sociorreligiosas que configuram a trajetória romeira dessas mulheres, a partir da discussão sobre o tempo vivido e narrado, na perspectiva de Ricoeur (2010), Pineau e Le Grand (2012). Essas tessituras teóricas foram articuladas com os trechos das entrevistas narrativas, realizadas durante a pesquisa de campo e partes dos álbuns autobiográficos construídos por elas, como atividade de síntese

[98] Aprofundo essa discussão no item 6.4 desse mesmo capítulo, quando trago as considerações sobre a figuração de si e os processos de empoderamento, que ocorrem na Reunião das Três Horas.

integrativa da pesquisa. Ressalto o fato de não poder elencar as demarcações precisas de uma condição a outra, pois, na prática, o tornar-se romeira está diretamente ligado às condições de ser romeira devota que, por sua vez, implica a perspectiva engajada. Assim, formam um conjunto de experiências que, ao fundarem o início de suas trajetórias como romeiras, vão construindo as experiências formadoras de suas identidades, consequentemente agregam sentido e aprendizados ao vivido.

6.2 As temporalidades do vivido e as experiências sociorreligiosas da trajetória romeira

As histórias de vida podem ser um meio viabilizador do encontro entre a vida individual e sua inscrição numa história social. Ao narrar sua história pessoal, o indivíduo acessa uma temporalidade da experiência vivida, que é fruto da articulação de particularidades com universalidades, negociadas num campo de tessituras íntimas em correlação com aspectos sócio-históricos de sua existência.

Segundo Paul Ricoeur (2010, p. 93), "o tempo torna-se tempo humano, na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plena, quando se torna uma condição da existência temporal". Por isso, a narrativa é a forma discursiva, por excelência, para alcançar a articulação entre o que é vivido por uma pessoa em relação ao contexto social e à cultura em que está inserido. A sequência e o encadeamento dos acontecimentos dependerão das condições de experiências, interpretações e expectativas do sujeito envolvido no ato narrativo.

Essa é a tese-foco de *Tempo e Narrativa*, de Paul Ricoeur, publicada em três volumes, entre 1994 e 1997, na qual discute a mediação entre tempo e narrativa, não levando em consideração a diferença entre narrativa histórica e narrativa de ficção. Na verdade, expõe a função significativa estabelecida pela narrativa ficcional, como modelo para o ato narrativo. Nesse sentido, sua obra objetiva estabelecer uma síntese para a diversidade temporal, através da narrativa. Para tanto, o autor usa, como ponto de partida de sua análise, uma interpretação do conceito de tempo expressa na obra *Confissões*, de Santo Agostinho, e busca, na *Poética* de

Aristóteles, as noções de "mimese", de representação ou imitação da ação e de "intriga"[99], os elementos para construir sua definição de narrativa.

A partir do texto aristotélico, o autor desenvolve sua teoria acerca da tríplice mimese, sintetizada nos tempos de prefiguração, configuração e refiguração. A mimese I é o mundo prático, é o nível do vivido e da experiência não narrada, denominado pelo autor por prefiguração, é o que vem antes. A mimese II é o ato de construção da configuração, ou seja, a construção da intriga que se dá por meio da narração do vivido, tendo em vista comunicar algo a alguém, constituindo-se como terceiro tempo, ou tempo de alteridade. É a mediação. E a mimese III é a refiguração do tempo, é o depois, o que vem após a narração, o que restitui a ação, o tempo vivido do leitor. Configura-se como possibilidade de transformação do agir do leitor. Dessa forma, o ciclo dessas operações narrativas passa por um percurso que parte do mundo vivido, ainda não narrado (ou pré-narrado), passa pela configuração da intriga, do agenciamento dos fatos, e pelas tessituras do sentido e encontra o mundo da vida do leitor, que extrai um sentido do que foi comunicado. Essa é a chave para a compreensão da relação estabelecida entre o tempo e a narrativa (RICOEUR, 2010, p. 93 a 95).

No entender de Pineau e Le Grand (2012, p. 119), a obra de Ricoeur traz a proposta da hermenêutica da consciência histórica como uma possibilidade de compreensão do que é construído, nas histórias de vida. Por conta disso, "procura dar conta da passagem de uma experiência temporal humana efetivamente vivida para uma consciência e para uma existência histórica, por intermédio da narrativa".

Sob esse aspecto, a narrativa é uma prática enunciativa da historicidade produzida pelo "tempo biográfico", acessado pelo sujeito narrador de sua história, a qual apresenta os momentos significativos que afetam e são afetados por relações, pessoas, objetos e situações, constituindo-se, num "tempo histórico" interpessoal e público que, ao ser narrado, torna-se tempo biográfico, ou seja, "a temporalidade entra na linguagem, na medida em que esta configura e refigura a experiência temporal" (RICOEUR, 2010, p. 96).

É nesse espaço entre o que é vivido na temporalidade humana e o que é narrado em uma história que acessamos memórias de nossas construções e significações pessoais e o

[99] Para Ricoeur, "o tecer da intriga foi definido, no plano mais formal, como um dinamismo integrador, que tira uma história una e completa de um diverso de incidentes, ou seja, transforma esse diverso em uma história una e completa. Essa definição formal abre o campo para transformações organizadas, que merecem ser chamadas intrigas, desde que nelas possam ser discernidas totalidades temporais a operar uma síntese do heterogêneo entre circunstâncias, objetivos, meios, interações, resultados desejados ou não" (RICOEUR, 2010, p. 16).

conhecimento acumulado de nossos antepassados, relação sem a qual, segundo Ricoeur, a própria noção de História deixa de ter sentido. Pineau e Le Grand (2012, p. 112) dizem que:

> A experiência vivida só tem acesso à história – a uma significação ordenada e datada – se for capaz de se expressar e de se reapresentar. Essa reapresentação, essa conquista de um novo presente é paradoxal, pelo fato de construir, ao mesmo tempo, o produto de um trabalho de rememoração e o surgimento do novo como sincronização de vários tempos, como dádiva, presente.

Essa atividade de organização do que é narrado, assim como o sentido dado ao que é expresso, é *autopoética*, pois produz conhecimento de si, é autocriação. Na perspectiva de Ricoeur (2010), é produtora de uma identidade narrativa, ou seja, por meio de narrativas vamos construindo nossas identidades, forjadas pela aproximação de elementos diversos e, muitas vezes, sem aparente conexão num intervalo de tempo, em que relacionamos acontecimentos que podem ter ocorrido de forma diferente do que está sendo relatado; podendo, até mesmo, não ter existido. Esses ficcionais das histórias que contamos têm, para Ricoeur, a mesma importância na construção do enredo de si, pois contam o que se é, a partir dos atos de significação do que se imagina ser.

Portanto, as narrativas são constituídas de ações, situações e personagens que se põem em curso, revelando, no seu processo de construção, um modo próprio, que se constitui numa narratividade, numa maneira pessoal de contar-se, revelar-se e inscrever-se num tempo presente, que configura passado, presente e futuro, conforme suas percepções e interpretações das experiências vividas. É nesse processo de expressão do vivido e seus significados que construímos nossas histórias de vida, conjugadas com as temporalidades da experiência humana. Dessa forma, as narrativas da experiência vivida podem ser um meio viabilizador de uma tomada de consciência de si e do contexto experienciado, abrindo possibilidades de produção de sentidos das ações e vivências humanas.

Seguindo essa análise, considero que as narrativas de vida apresentadas, no capítulo cinco, mostraram que as experiências sociorreligiosas das romeiras que participaram da pesquisa são marcadas pelas temporalidades do vivido e por suas redes de relações familiares e afetivas, bem como pela luta pela sobrevivência e pelas formas de trabalho e ocupação; por experiências religiosas, iniciadas ainda na infância, em ambientes rurais ou periféricos do

Estado de Alagoas, se estendendo e consolidando-se na prática romeira, que ganha sentido nas experiências e nos aprendizados sociorreligiosos estabelecidos nesse itinerário.

Em vista disso, ressalto que as trajetórias romeiras dessas mulheres são construídas das múltiplas vivências que essa condição mobiliza, dos preparativos da viagem às vivências nas estradas que levam a Juazeiro do Norte, assim como das visitações aos lugares sagrados, feitas como forma de penitência, agradecimento e reencontro com o divino, e, também, das momentos de festa, acolhida e socialização da Reunião das Três Horas. Ao identificar essas demarcações temporais, pude entender as singularidades de cada trajetória, pontuando as que se constituíram em experiências fundadoras dos percursos vividos.

Encontrei, nas narrativas das mulheres romeiras, devotas e engajadas no movimento romeiro de Juazeiro do Norte, acontecimentos marcantes de suas vidas e, em especial, da sua trajetória romeira. Destaco a influência de avós e pais; muitos destes conheceram o Padre Cícero; isso fez com que elas crescessem ouvindo as histórias que seus familiares e vizinhos contavam sobre o sacerdote, sobre Juazeiro do Norte, como um lugar sagrado, e as romarias, como uma prática de devoção e fé. Esses elementos propiciaram o tornar-se romeira.

A perspectiva de devoção está correlacionada com as experiências religiosas que vivenciaram, ao longo de suas vidas, mais especificamente porque a maioria cresceu em famílias católicas que seguiam práticas do catolicismo popular, marcadas pelos rituais de devoção, celebrados na Semana Santa, Festas Juninas e Natalinas, batizados, casamentos e funerais. Essas práticas influenciaram decisivamente em suas crenças e formas de expressão religiosa.

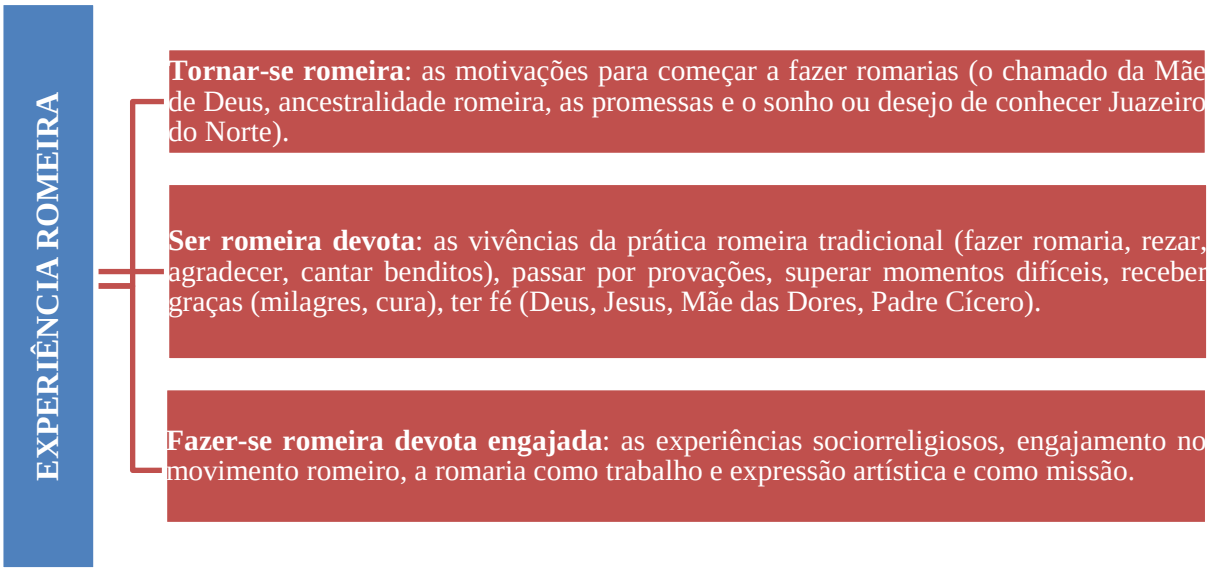
Outro aspecto bastante significativo que caracteriza essa condição são os aprendizados da prática romeira tradicional, como o costume de viajar, anualmente, para os locais de romaria, fazer as penitências, rezar e agradecer nos espaços que consideram sagrados (pagar promessas, ir para as procissões, acender velas, assistir a missas e celebrações, entre outras). Observei, ainda, que ser romeira devota também implica a forma como percebem o ato de ser e estar em romaria, que para elas está relacionado com ter fé, passar por provações e receber graças. Por isso, reconhecem que é importante repassar o que aprenderam, com essas experiências, para familiares, amigos e membros de seus grupos religiosos e de romaria.

É possível compreender a experiência romeira de devoção e engajamento, como consequência da prática religiosa empreendida, no itinerário romeiro, aliada ao envolvimento

no Movimento Romeiro de Juazeiro, através de suas participações na Reunião das Três Horas, bem como de suas atuações como lideranças, tanto para as que são coordenadoras de romaria, pois assumem essa função como missão e como trabalho, quanto para as que se denominam evangelizadoras, seja através dos benditos que cantam, seja por meio dos programas de rádio de que participam.

Para compreender esse conjunto de vividos, tomei como referências suas recordações sobre as primeiras romarias, as justificativas para terem se tornado romeiras, assim como as práticas religiosas que foram vivenciando, ao longo de suas vidas. Nesse sentido, considerei tanto as práticas ligadas à religiosidade popular, concebidas de suas vivências familiares, inclusive a tradição de fazer romarias, quanto as práticas referentes ao engajamento sociorreligioso no movimento romeiro de Juazeiro do Norte e de suas localidades de origem. Essas experiências se apresentaram como sendo: o tornar-se romeira, o ser romeira devota e o fazer-se romeira devota e engajada, como é possível visualizar na figura __- que apresenta a experiência romeira, a partir dessas categorias, ao tempo em que mostra os elementos biográficos caracterizadores de cada uma.

Figura 113 – As categorias da experiência romeira.



Fonte: Material de análise e interpretação

Considero que esses três aspectos constituem os marcos fundadores, que orientam a trajetória romeira dessas mulheres, ou seja, são experiências maiores que guiam e dão sustentação às suas escolhas, às suas intencionalidades, às suas projeções de atuação no

universo das romarias e, na medida em que são vivenciadas, tanto no âmbito individual como coletivamente, vão gerando experiências formadoras.

Constatei que, para algumas romeiras, os aspectos fundadores de suas trajetórias são representados por um chamado espiritual, atribuído a Nossa Senhora das Dores ou ao Padre Cícero. Essa é uma justificativa bastante comum nos testemunhos, pois existe uma tradição popular que afirma que, sem esse chamado, a romaria não tem sentido; é preciso receber ou sentir esse convite, de forma transcendente ao mundo cotidiano. Talvez por conta do caráter divino investido nessa convocação, o chamado seja representado por um sonho, uma visão, um sentimento, um aviso que indique a necessidade de iniciar essa prática religiosa. Essa justificativa está presente em todas as narrativas, embora em intensidades e formas diferenciadas.

O sonho de conhecer Juazeiro também aparece nas motivações porque, em alguns casos, foi despertado na infância por histórias que ouviam de familiares, vizinhos e amigos, ou mesmo porque viam as partidas e chegadas de grupos romeiros a suas localidades, o que causava um desejo de participar das viagens, e por motivos específicos não puderam realizar, mas que foi sendo alimentado com a intencionalidade investida nessa vontade. Diante disso, quando o desejo é realizado, ganha um "status" diferenciado nas experiências vividas, pois marca o início de uma vivência almejada e alcançada, repleta de simbolizações e sentidos, como observei na narrativa de Lúcia Cabral.

Para Quiterinha Tota, Perolina, Renilda e Quiterinha Meyer, o que surge como fundante de suas trajetórias são as vivências da prática romeira tradicional, como fazer as viagens anualmente, rezar, pagar promessas, agradecer, cantar benditos, cumprir com o que chamam de "penitências", que podem ser entendidas como os atos de fé e devoção realizados nos lugares considerados sagrados. Essas experiências estão relacionadas com uma ancestralidade oriunda de familiares, que já tinham esse costume; portanto, podem ser compreendidas como uma herança que se perpetua, enquanto prática religiosa concreta, implicando, decisivamente, a motivação para tornar-se romeira e ser romeira devota.

Pontuo, ainda, como fator motivacional o trabalho realizado, através da coordenação de viagens para os lugares de peregrinação, como é o caso de Lúcia Cabral, Quiterinha Tota e Quiterinha Meyer, o que lhes assegura uma posição de liderança, perante os grupos romeiros de suas localidades. Como também o trabalho ligado às expressões artísticas que, numa perspectiva laboral, podem implicar a execução de uma atividade. Nestes casos estão

incluídas as romeiras que cantam benditos e louvores, como Perolina e Renilda, que já gravaram vários cds com esse estilo musical e, durante os períodos de romaria, se apresentam na Reunião das Três Horas e/ou em outros eventos, como no Show do chapéu[100]. Nesse aspecto, destaco também as motivações de Quiterinha Meyer, que traz a junção da atividade de coordenação de viagens à necessidade de obter informações, para repassar no programa de rádio, sob seu comando.

Entre as experiências fundadoras existem aquelas que são divisores de águas, "aquelas que representam uma passagem entre duas etapas da vida [...] os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida", denominadas por Josso (2010, p; 90) de "momentos-charneira". Analisando as narrativas das romeiras, pude identificar esses divisores, na história individual de cada uma, a partir da carga emocional e recorrência empregada no relato de determinadas experiências. Conforme a autora citada, esse é um dos aspectos que ajudam a identificar, nas narrativas analisadas, as experiências fundadoras, pois a carga emocional, "qualquer que seja sua natureza (prazer, tristeza, vergonha, orgulho, sofrimento, cólera, alegria, medo, deslumbramento, surpresa etc.), surge como a primeira componente de qualquer início de experiência" (idem, p. 214). O outro aspecto é o sentido conferido por quem narra sua história a essas experiências.

Percebi que estes momentos são tão importantes para elas que podem ser interpretados como uma característica principal, um marco existencial, uma referência de suas singularidades e, portanto, integram as experiências fundadoras de suas trajetórias; com isso, não quero dizer que estas são as únicas que podem ser consideradas fundadoras, pois na prática as experiências fundadoras de uma trajetória são formadas por um conjunto de vivências, que se agregam e possibilitam a continuidade do percurso. A partir da análise e interpretação dessas experiências, pude destacar esses momentos, na trajetória de cada uma delas, como exponho na figura--:

Figura 114 – Divisores de água, na trajetória das romeiras, identificados a partir das experiências fundadoras.

Lúcia	Iniciar a função de fretante/ a romaria como trabalho

[100] Evento que faz parte da programação das principais romarias a Juazeiro; acontece às 20:00 horas, após a celebração da missa. Reúne cantores informais e profissionais e outros artistas.

Perolina	Criar e cantar os benditos/ a romaria como expressão artística
Quiterinha Tota	Quando o filho decidiu ser padre/ a romaria como tradição e mobilização
Renilda	Criar os benditos/ a romaria como tradição e evangelização
Quiterinha Meyer	Assumir o comando do programa de rádio/ a romaria como tradição e informação

Fonte: Material de análise e interpretação

Como exposto no quadro, as situações que foram preponderantes, na constituição das trajetórias delas, variam de aspectos afetivos, como no caso de Dona Quiterinha Tota, que aponta o fato de o filho ter se tornado padre, como algo que demarcou definitivamente sua vida, tanto de forma positiva (seu orgulho de ter um filho padre e dele ser a expressão da religiosidade da família), como de forma negativa, pois para ela "foi como uma morte", que demarca um antes e um depois desse acontecimento. Contudo, observei, ainda, que dar continuidade à função de coordenação das viagens realizadas por seus familiares também demarca as vivências, tanto quanto sua capacidade de mobilização dos grupos de que participa.

No caso de Lúcia, fica evidente que a atividade de coordenação das viagens marca sua experiência como romeira, respondendo a um "chamado" de Nossa Senhora, para cuidar de outros romeiros, mas também corresponde a função de coordenadora de romaria que requer compromisso, divulgação, organização, enfim, uma atuação que demanda a execução de um serviço.

Já para Perolina e Renilda, esses divisores são o início da criação dos benditos e louvores, pois inauguram um novo momento em suas vidas, através de sua arte, de sua forma de expressão de sentimentos, de fé e devoção. Marcam suas atuações públicas com tudo isso que mobiliza de bom e ruim: aceitação, valorização, reconhecimento, identificação, críticas, concorrências e conflitos.

Quanto a Quiterinha Meyer, encontrei, como elemento demarcatório de sua trajetória, o início da sua participação nos programas de rádio, dedicados à tradição romeira, aliada, é claro, à continuação do trabalho de sua mãe, como coordenadora de romaria.

Levando em consideração motivações, acontecimentos, sentimentos e aprendizados, ressalto que *ser* romeira devota significa para elas: ter fé, ter humildade, ser

chamada, passar por provações, ser perseguido, receber muitas graças. É ser fiel a Deus, à Mãe das Dores e ao Padre Cícero. É uma forma de evangelizar, como também de renovar a fé e voltar com o coração transformado, cheio de bons sentimentos. É respeitar a tradição e não agir como turista. É, ainda, seguir os ensinamentos da prática religiosa católica, com disciplina, rigor e respeito. Ser romeira, também, é uma forma de conhecer outras pessoas, divulgar seu trabalho e compartilhar seus conhecimentos e suas crenças.

Já a condição de *estar* e *permanecer* em romaria pode ser compreendida, como: forma de manter a tradição familiar; de expressar seu "dom" de criar as letras dos benditos e louvores; como uma atividade de trabalho (organizar as viagens, cantar, buscar informação, divulgar o que fazem, evangelizar) e como engajamento no movimento romeiro de Juazeiro e de suas localidades.

Essas circunstâncias constatam o caráter de liderança que elas mobilizam, na sua prática romeira de devoção e engajamento. Resumi essas configurações na figura 116, que evidencia o traço de liderança e atuação característico de cada uma.

Figura 115 – Característica da atuação, na perspectiva de romeiras devotas e engajadas.

Fonte: Material de análise e interpretação

Para Lúcia, é a perspectiva de liderança e participação nos diversos grupos e atividades, tornando-a uma romeira "andadeira", que vai aonde é preciso ir com disposição e interesse. Ela demonstra compreender que faz parte de uma rede de apoio social, que interliga os romeiros e romeiras de várias localidades. Nesse sentido, valoriza sua imagem e o trabalho que faz, está sempre divulgando suas viagens, sua participação em eventos religiosos e falando

das próximas viagens. Para isso, utiliza frequentemente as redes sociais, onde posta fotos, mensagens e lembretes. De todas é a que mais produz uma figura pública de si, nos meios virtuais.

Para Perolina, essa atuação é circunscrita à partilha de suas músicas, através de mensagens religiosas, de confiança e de conscientização em relação a determinados temas, como o bendito que fez falando do uso de bebidas alcoólicas. Já para Quiterinha Tota, é referente a sua capacidade de articulação e mobilização, não só dos grupos romeiros que viajam com ela como, também, dos grupos ligados à Igreja de sua comunidade. Isso a define como alguém que gosta de se movimentar, encaminhar ações, buscar parcerias, de forma comprometida e afetuosa, como é o caso do acompanhamento que faz junto às famílias que compõem o Movimento Mãe Rainha que coordena.

Já no caso de Renilda, a forma de atuar como uma liderança caracteriza-se pelas atividades que realiza como cantora e evangelizadora, junto a grupos e eventos religiosos. Mesmo alegando descontentamento, diante da forma como é recebida em alguns lugares e por certa hostilidade em relação às suas apresentações, pontuada por ela como rivalidades, ciúmes e competição, ela afirma seguir esse caminho, pois considera, assim como as outras romeiras, que essas atividades fazem parte de uma missão divina. E para Quiterinha Meyer, seu engajamento dá-se por sua capacidade de liderança perpassada, principalmente, pelo trabalho que desenvolve como radialista. O programa de rádio que coordena lhe permite um raio de atuação bastante amplo, pois mantém contato com pessoas de várias localidades, inclusive fora do Estado de Alagoas. Aliado a isso, observei que ela detém um poder de comunicar mensagens religiosas, definindo-a como uma pregadora, como afirma ser. O seu lado imbatível e reativo, diante das agressões de grupos de outras religiões a Nossa Senhora é, também, uma característica relevante de sua personalidade e da forma como atua nos grupos, pois, como ela mesma fala, não consegue se omitir.

Essa condição de liderança se apresenta em suas narrativas, através das histórias que contam sobre si mesmas e sobre os grupos em que estão envolvidas, revelando uma autoimagem traduzida por elas, mediante qualidades como: responsabilidade, compromisso, respeito, solidariedade e partilha; e valores morais (honestidade, sinceridade), e valores religiosos (sacrifício, devoção, fé, amar ao próximo, perdoar, ser humilde, saber cuidar).

Percebi, com suas narrativas, que essas "qualidades exemplares" foram sendo construídas, de acordo com as condições que foram vivenciando, ao longo de suas trajetórias.

Esse aspecto parece compor um imaginário coletivo do que seja uma "verdadeira romeira", expressa por elas como: "romeira de coração", "romeira de pé no chão", "romeira de fé", "romeira de verdade", "romeira de tradição".

Acredito que essas qualidades demarcam a passagem de uma condição singular, própria do mundo de vida de cada uma, para uma perspectiva coletiva, referente aos elementos comuns das trajetórias desenvolvidas, no meio romeiro. Então, é possível considerar que a identidade, que é forjada nesse percurso, é resultado do entrecruzamento do individual com o coletivo. Esse ínterim impõe limites e certas regras que, apesar de não estarem formalizadas em nenhum lugar, implicam comportamentos como: "seguir a tradição e não agir como turista", "ser fiel à Mãe das Dores e ao Padre Cícero", "seguir a religião católica", "ser temente a Deus", entre outras. Portanto, podem ser vistas como uma prerrogativa e um dever.

Essas qualificações servem como parâmetro para configurar a condição de representação dos grupos de que estão à frente. Nesse sentido, considero importante ressaltar que esse lugar de líder é projetivo e constitui-se, a partir do reconhecimento, de parte do grupo de pertinência, de suas qualidades e atributos pessoais (SILVA, 2000, p. 10) que, aliados à autoconsciência da importância das atividades que desempenham, configuram suas experiências religiosas e, consequentemente, o engajamento no movimento romeiro.

Nesse ponto, minha pesquisa para a construção desta tese encontra sintonia com minha pesquisa de Mestrado[101], pois traz a possibilidade de discutir a condição de liderança das mulheres, no âmbito social. Anteriormente, investiguei essas atribuições, nos movimentos de bairro[102]. Aqui, interessa destacar essa condição no contexto do movimento romeiro, entendido como ações e mobilizações coletivas em prol da valorização da experiência romeira.

Entendo liderança como uma função que se refere tanto à situação, na qual está inserido o líder (pessoa que se destaca e influencia um grupo), quanto às suas características e qualidades pessoais. É um ato de condução que se expressa, através do equilíbrio de quatro

[101] Pesquisa realizada junto às mulheres que exerciam a função de liderança comunitária, nos bairros de Fortaleza, que buscavam, ao longo de suas trajetórias sociais e políticas, candidatar-se a cargos eletivos da política partidária. Focalizou-se a discussão sobre os movimentos sociais e mais especificamente os movimentos de birro, a participação das mulheres no espaço público, enquanto lideranças populares. (SILVA, 2000).

[102] Ações e mobilizações em prol da melhoria das condições de vida nos bairros, geralmente envolvem lutas por infraestrutura, moradia e acesso a serviços básicos. Ganharam expressão, a partir das décadas de 70 e 80, com a ampliação dos movimentos sociais urbanos, que descortinaram novas formas cotidianas de sociabilidade, que surgiram como teias importantes de revitalização de uma sociedade, na busca de democracia. Para melhor entendimento dessa questão (BARREIA, 1992).

elementos vitais e dinâmicos: o líder, o grupo, a situação e a tarefa a ser desempenhada pelo grupo como um todo (SILVA, 2000, p. 22).

Erving Goffman em *A representação do eu na vida cotidiana*, define representação como sendo uma interação que se passa num determinado período de tempo caracterizado pela presença de um indivíduo, diante de um grupo de observadores, que "sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes" (2014, p. 28). O autor segue afirmando que, "quando um indivíduo ou ator desempenha o mesmo movimento para o mesmo público, em diferentes ocasiões, há probabilidade de surgir um relacionamento social". Nesse sentido, o autor considera que todo indivíduo está sempre representando um papel ou função, perante a sociedade, pois é através deles que nos conhecemos uns aos outros, ao tempo em que nós conhecemos a nos mesmos.

No caso das romeiras, esse processo se estabelece, ao iniciarem suas trajetórias sociorreligiosas e concretiza-se com sua atuação, de forma engajada. Ao iniciarem suas participações no movimento romeiro, vão, ao mesmo tempo, descobrindo-se e sendo percebidas pelos demais como pessoas de referência; portanto, capazes de representar o grupo de que estão à frente, seja como coordenadoras de romaria, seja como cantoras ou evangelizadoras. Diante dessa configuração, pondero que essa representação ou liderança é socialmente construída, afirmada e reconhecida, muito embora isso se apresente em gradações diferenciadas, na história individual de cada uma delas.

Considero, assim, que a posição de liderança, no meio romeiro, é fruto de uma larga experiência sociorreligiosa, permitindo um acúmulo de aprendizados práticos e saberes existenciais.

Com base nessas informações, pude compreender o que as transforam no que são hoje, a partir de suas próprias compreensões e representações. Esse movimento de interpretação atende a uma das principais características da pesquisa com histórias de vida, que estabelece "a construção de um saber compreensivo sobre o trabalho de interpretação intersubjetiva de um material linguístico, evocando a interioridade dos atores [...]" (JOSSO, 2010, p. 217). Portanto, a partir das narrativas, tive acesso a esses aspectos interiores que se externalizam, na condição de romeiras devotas e engajadas, pois colocam em cena a essencialidade do que afetou suas escolhas, mais ou menos conscientes, de *ser, estar* e *permanecer* no percurso romeiro, alimentando suas buscas, projeções e sentidos em relação a esse itinerário e a seus processos existenciais.

6.3 Processos formadores da trajetória romeira

Articulei as condições de tornar-se romeira e fazer-se romeira devota e engajada aos questionamentos: o que me aconteceu? O que isto que me aconteceu fez comigo? O que faço hoje com isto que me aconteceu? Com isso, pude vislumbrar as experiências que contribuíram para os processos formadores de suas trajetórias.

Seguindo essa perspectiva, compreendi que as experiências formadoras contribuíram para os aprendizados sociorreligiosos implicados nesse processo. Para tanto, utilizei a classificação das aprendizagens elaborada por Josso, para caracterizar "o conjunto de aquisições acumuladas", ao longo da trajetória romeira, em "termos de experiências formadoras e/ou fundadoras" (2010, p. 71), que são os aprendizados existenciais, os instrumentais, os relacionais e os reflexivas.

Os *aprendizados existenciais* são constituídos do conhecimento e da representação de si, da autoimagem e dos registros de expressões. No contexto individual, são:

- Lúcia: ser andadeira, ser humilde, ser romeira de fé, ser tímida, ser vaidosa, saber o que falar.
- Perolina: criar na dor, ser humilde, ser romeira fiel, ter força de ação e realização, ser feliz, superar, não precisar pisar em ninguém para subir.
- Quiterinha Tota: ser andadeira e gostar de mobilizar, amar o próximo; ser feliz, enfrentar os momentos difíceis e as perdas.
- Renilda: Aprender a ser mais romeira, a rezar muito, a ter mais fé, a evangelizar, ser mais humilde, amar mais os irmãos romeiros, a perdoar.
- Quiterinha Meyer: ter fé, ser grata pelas graças alcançadas, ser feliz, partilhar o que sabe, enfrentar os momentos difíceis com aceitação e força, porque acredita que tudo tem um ensinamento de Deus.

Já os *aprendizados instrumentais* mostram os conhecimentos provindos de procedimentos e da prática, que considero como objetivos; conforme as análises de suas narrativas, são:

- Lúcia: organizar viagens de romarias, ser presidente da associação, cuidar dos romeiros que leva para romaria, a prática romeira.
- Perolina: a prática romeira, criar os benditos, a forma de participação na RTH, nos eventos e programas de rádio.
- Quiterinha Tota: a prática romeira, organizar viagens de romarias, conduzir-organizar-mobilizar o Movimento Mãe Rainha, cuidar dos romeiros e das famílias que compõem o Movimento Mãe Rainha. participar de grupos, pastorais da igreja, da RTH
- Renilda: a prática romeira, cantar os benditos e louvores, participar da RTH, dos grupos, pastorais da igreja e dos programas de rádio. Quiterinha Meyer: a prática romeira, organizar as viagens de romarias, participar de grupos, pastorais da igreja, da RTH e ser locutora de um programa de rádio, dedicado ao povo romeiro.

Os *aprendizados relacionais* destacam os comportamentos e a relação consigo mesmo, com os outros e as coisas:

- Lúcia: fazer amizades, participar, mobilizar, partilhar, amar.
- Perolina: fazer amizades, partilhar, perdoar.
- Quiterinha Tota: fazer amizades, participar, mobilizar, partilhar, amar.
- Renilda: fazer amizades, amar, perdoar.
- Quiterinha Meyer: fazer amizades, participar, mobilizar, partilhar.

E os *aprendizados reflexivos* apontam o saber-pensar em referências explicativas e compreensivas; de acordo com o material analisado, são:

- Lúcia: saber que tem uma palavra para dar, botar para fora o que sabe, saber como participar da RTH, saber cuidar, saber pedir e agradecer, repassar o que sabe;

- Perolina: ser mais cristã, participar dos eventos religiosos, aprender a superar os momentos difíceis, criar na dor, ser humilde, ser romeira fiel, ter força de ação e realização, ser feliz, superar, a forma de participar na RTH.

- Quiterinha Tota: participar dos eventos religiosos, gostar de mobilizar, amar o próximo; ser feliz, enfrentar os momentos difíceis e as perdas, participar da RTH.

- Renilda: ser mais romeira, rezar muito, ter mais fé, evangelizar, ser mais humilde, amar mais os irmãos romeiros, perdoar, participar da RTH e dos eventos religiosos.

- Quiterinha Meyer: ter fé, ser grata, ser feliz, partilhar, divulgar, evangelizar, ser locutora de rádio, participar dos eventos religiosos e enfrentar os momentos difíceis com aceitação.

Ao considerar esses aprendizados no conjunto, consegui agrupá-los, com o intuito de visualizar e compreender as aquisições adquiridas, nos percursos individuais, a partir de uma perspectiva coletiva, como exposto na figura 117:

Figura 116 – Aprendizados construídos na trajetória romeira

Aprendizados Existenciais (conhecimentos subjetivos)	Amar, perdoar, partilhar, doar, agradecer, cuidar, superar, enfrentar, seguir em frente apesar das perdas, das provações e dificuldades;
Aprendizados Instrumentais (mostram os conhecimentos práticos)	Aprender a organizar viagens de romarias; Engajar-se no movimento romeiro de Juazeiro e de suas localidades; Participar em associações e programas de rádio romeiros; Início e/ou ampliação da participação em grupos da Igreja Católica; Exercer a capacidade de liderança; Criar e cantar benditos que aparecem como dom divino e missão.
Aprendizados Relacionais (comportamentos e atitudes)	Fazer amizades e se encontrar; Participar, Partilhar e celebrar; Amar os outros, conviver, doar e perdoar; Cuidar, ter atenção, respeito.
Aprendizados Reflexivos (referentes às explicações e compreensões)	Ter fé, saber pedir e agradecer; ser mais cristã; Saber que tem uma palavra para dar; partilhar o que sabe; Saber como participar da RTH (saber falar e o que falar); mobilizar, evangelizar, divulgar; Aprender a superar os momentos difíceis.

Fonte: Categorização, análise e interpretação do material construído e coletado.

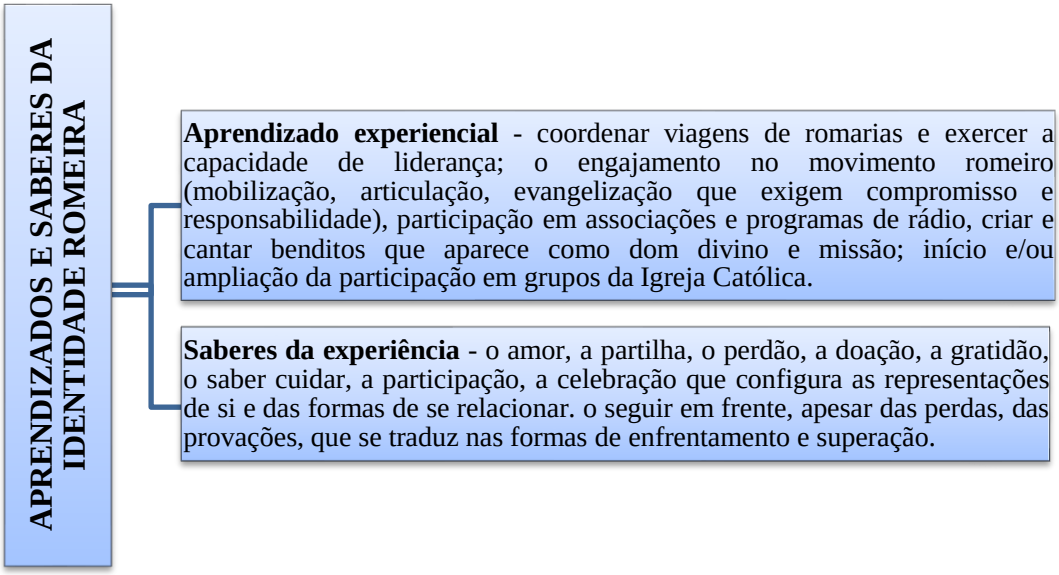
Ao analisar esses conhecimentos e aprendizagens, compreendi que eles são constituídos das *experiências sociorreligiosas* (aquelas ocorridas no âmbito social e religioso, provindas de práticas individuais e coletivas) e das *experiências existenciais* (aquelas estabelecidas na perspectiva individual e que expressam a subjetividade do ser, seu mundo interno; emoções, sentimentos e pensamentos).

A convergência dessas experiências, conhecimentos e aprendizados constituem os processos formativos da identidade e da subjetividade romeira, podendo ser definida como uma "formação experiencial". Esse tipo de formação é carregada de um potencial de (trans)formação que possibilita construir o "aprendizado pela experiência" e a "experiência existencial". Conforme Josso, aprendizagem pela experiência "transforma complexos comportamentais, afetivos ou psíquicos, sem pôr em questão valorizações que orientam os compromissos da vida" (2010, p.48). Já a experiência existencial "diz respeito ao todo da pessoa, diz respeito à sua identidade profunda, à maneira como ela vive como ser" (2010, p.55).

O *aprendizado pela experiência,* no processo formativo da trajetória romeira, é composto pelos conhecimentos objetivos, configurados pelos aspectos práticos, apreendidos nesse percurso, evidenciando um "saber-fazer" (JOSSO, 2010, p. 55). A *experiência existencial* é formada pelos conhecimentos subjetivos, caracterizados pelo que denominei de *saberes da experiência*, evidenciando um saber ser e um saber relacionar-se consigo mesmo, com os outros, com as coisas e com o meio. Ou seja, esses saberes falam do mundo interno e de como esses aspectos interiores se relacionam com o mundo externo. Falam, ainda, das crenças e valores compartilhados, na dimensão sociorreligiosa que constitui suas experiências individuais e coletivas, ou seja, nas relações sociais estabelecidas no seu mundo de vida.

Nessa perspectiva, a experiência existencial sintetiza a dimensão interna e a externa, formando um todo constituído de aspectos caracterizadores da personalidade (sentimentos, pensamentos e emoções), do conhecimento (ideias, significações e representações), assim como das relações e construções sociais. Em síntese, esses aprendizados e saberes estão descritos na figura ---:

Figura 117 – Síntese dos aprendizados e saberes que constituem a identidade e a subjetividade das mulheres romeiras interlocutoras da pesquisa.



Fonte: Categorização, análise e interpretação do material construído e coletado.

Os saberes da experiência refletem a subjetividade, que consiste em sentimentos, emoções, pensamentos (os aspectos ligados ao mundo interno); as ideias e significações (relacionadas ao conhecimento) e as representações (referentes a opiniões, autoimagem, atitudes, comportamentos e reflexões tensionados no mundo vivido com conflitos, dificuldades e contradições). Por isso, refletem o "saber do que fazer" com o conhecimento adquirido, como utilizá-lo, de forma criativa, integrativa e emancipadora.

Esse movimento revela a condição romeira, enquanto condição humana e existencial, impregnada do religioso e do social. Atesta, assim, que as experiências sociorreligiosas, mobilizadas em espaços romeiros, são potencializadoras de aprendizados que marcam a subjetividade e a existencialidade de seus participantes, configurando, dessa forma, identidades fluidas, interativas, conectadas e partilhadas, mas, acima de tudo, sentidas e vividas com significado e coração.

Os saberes da experiência romeira são os valores e os juízos atribuídos ao sentido de ser, estar e permanecer em romaria. Ao tecerem, em suas narrativas da experiência sociorreligiosa, os motivos do "ter experiência" e do "fazer experiência", elas alcançam o "pensar sobre a experiência" e com isso apontam, de forma mais ou menos consciente, o que a vida lhes trouxe e o que fizeram com aquilo que a vida lhes trouxe. Considero que esse processo de elaboração da experiência vivida não é linear, ou estruturado formalmente. Na verdade, penso que seja implementado por um conjunto de fatores sociais, religiosos e existenciais, que

contribuem para uma consciência de si construída, revelada e sustentada pelo aprendizado experiencial e pelos saberes da experiência.

Esses aprendizados não são formados de certezas absolutas, de acertos incondicionais, muito pelo contrário, são constituídos de contradições que se refletem nos sentidos atribuídos à prática romeira. Nesse sentido, fazer romaria para elas tem o sentido de agradecer e pedir, de alegria e dor, satisfação e provações, renovação espiritual e penitência, de encontro e desencontros, de partilhas e individualidades. Comportamentos e sentimentos humanos, vividos por pessoas de carne e osso, movidas por emoções e atitudes mobilizadas, conforme as afetações estabelecidas nas trajetórias individuais e coletivas, que traduzem o sujeito singular-plural que configura a identidade das mulheres romeiras, devotas e engajadas.

6.4 Partilha da experiência sociorreligiosa: a figuração pública de si e os processos formativos

Aqui, interessa pensar como esse contexto sociorreligioso de experiências, aprendizados e conhecimentos influencia o engajamento feminino no movimento romeiro, ressaltando sua atuação não só como devota e romeira, mas também como articuladora de redes de apoio e suporte social, no cenário romeiro. Durante a pesquisa, pude perceber que muitas dessas mulheres assumem posições de liderança, perante os grupos de que participam, tanto como coordenadoras de romarias, quanto nas funções institucionalizadas, como são os casos das romeiras presidentes de associações, além do envolvimeno nas ações da Igreja Católica, como participantes ativas de grupos pastorais e/ou de orações[103]. Essas constatações sinalizam não só um aspecto inovador, no movimento romeiro na atualidade juazeirense, mas também nas formas de atuação das mulheres, nesse cenário.

Essa forma de atuação na esfera social pode ser considerada como um fator de empoderamento pessoal e coletivo. Nesse sentido, considero que a participação e o engajamento dessas mulheres no movimento romeiro e, mais especificamente, na Reunião das Três Horas favorecem a figuração de si, que pode implicar processos de empoderamento e gerar

[103] As teólogas feministas consideram que foi a participação das mulheres em setores da Igreja Católica, principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base, a partir da década de 1970, mostrou a força e atuação das mulheres no Catolicismo, embora ainda seja negada sua participação nas hierarquias eclesiais.

aprendizados experienciais, formadores de suas identidades romeiras, como foi possível observar na análise e interpretação de suas experiências sociorreligiosas.

Quando relacionei o estudo do conceito de empoderamento, apresentado no terceiro capítulo, com a dinâmica organizativa da Reunião das Três Horas e as narrativas biográficas das mulheres romeiras, participantes da pesquisa, encontrei os aspectos que tornam esse evento um espaço de empoderamento de seus participantes, principalmente se considerarmos que suas ações funcionam como instrumento de apoio e suporte social, propiciadores de processos de empoderamento.

Esses processos nunca se completam, pois, a cada encontro, um novo aspecto individual e/ou coletivo pode vir a tona, fazendo e refazendo interações e aprendizados anteriores, expandindo mudanças e tendências que extrapolam o cenário romeiro de Juazeiro, uma vez que são levados por seus participantes para suas cidades, partilhados em suas comunidades, gerando uma teia de informação, comunicação e aprendizados sociorreligiosos, que estão sempre se renovando, devido ao seu caráter de inacabamento. Essa condição de inacabamento foi destacada por Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2005), como própria desses processos, pois, como a própria condição do ser humano de inconclusão, assim são as atividades que visam à emancipação de indivíduos e grupos, porque trazem em si também esse inacabamento, o qual, através da vocação do "*ser mais*", impulsiona os processos e os relacionamentos sociais, em busca de relações mais equitativas, justas e emancipatórias. "Essa busca de ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos" (FREIRE, 2005, p. 86).

Foi possível perceber esses aspectos, a cada reunião que acompanhava, principalmente ao ouvir os testemunhos das romeiras que, dentre outras coisas, apontam a importância que o encontro tem em suas trajetórias sociais e religiosas, porque reconhecem que sua participação gera um sentimento de pertença, acolhimento, encontro e preenchimento, como evidenciado em suas narrativas:

Se eu não participar desse encontro é uma tristeza, porque ***aqui a gente se encontra****, é uma felicidade, quando a gente encontra a turma daqui, porque aqui é como uma família pra mim. (Lúcia)*

Olhe, se eu vier a Juazeiro e não tiver esse encontro, meu Deus, meu padrinho Ciço que me perdoe e a Mãe das Dores me perdoe também, mas quando não estou nesse encontro é um

vazio. Fica faltando alguma coisa pra preencher. A minha romaria não fica completa, se eu não participar. Então, se eu não participar, dar um vazio como romeira. Eu acho que ele preenche o vazio do romeiro, ***o romeiro sai mais preenchido.*** *(Perolina)*

Na reunião dos romeiros, ***a gente sente o acolhimento****, sente o amor que a Irmã Annette tem por todos os romeiros. Porque, na verdade, nós viemos de longe e estamos aqui, é como se a gente fosse chegando em outra terra, então esse acolhimento é importante. E, também, é o local onde os romeiros se encontram. É romeiro da Paraíba, do Rio Grande do Norte, de Alagoas, de todos os lugares. Na reunião, aqueles romeiros, que querem mostrar seu trabalho, que quer cantar seu bendito, podem cantar e dar seu testemunho, e todo mundo escuta, como se fosse um monte de irmão,* ***a gente se sente assim como se fosse irmãos*** *que estava viajando e chegou de visita na casa dos pais. É a mesma coisa! (Quiterinha Meyer)*

Faz tanto tempo que eu participo dessa reunião, desde o padre Murilo. Eu vinha com meu irmão e os romeiros que ele trazia, porque, desde o início, ele puxava os romeiros pra cá. Aqui é uma família pra mim, uma família que faço parte. (Quiterinha Tota)

Elas destacam, ainda, a importância de poderem partilhar suas histórias de vida, seus problemas, suas experiências de viagem e as graças recebidas como romeiras.

Quando eu venho para a Reunião das Três, eu gosto de participar cantando, dando meu testemunho das graças que recebo, no santo Juazeiro [...] Dessa vez, eu participei cantando; ontem, eu apresentei a minha comunidade São João Bosco [...]. Hoje, eu fiz uma homenagem a Nossa Senhora, cantei o caminho de Fé. Ah! Esse canto fortalece a gente demais. Escolhi citar esse canto, porque é uma homenagem a nós romeiros, ***nossa luta, que a gente tem pelos caminhos.*** *(Lúcia)*

Assim, eu sempre que tenho uma oportunidade na Reunião das Três, eu gosto de cantar, e também gosto de dar depoimento porque gosto de falar do que eu aprendi nos caminho de Juazeiro, porque eu penso, assim, que tudo isso é uma forma de evangelizar, de falar de Deus e do santo Juazeiro, do meu padrinho Cícero e da Mãe das Dores, porque eu tenho fé e é isso que eu quero passar. (Renilda)

Além disso, apontam o caráter de celebração, alegria e festa proporcionadas nas reuniões que, para elas, trazem renovação para as suas manifestações de fé e devoção.

[...] não perco a reunião quando estou aqui e meu marido, porque é uma festa, sabe? a gente encontra todo mundo, canta e reza também. (Renilda)

A reunião é uma festa linda. Um abraça outro, beija, pergunta ao outro: como foi? E a gente vai dar o testemunho, dizer o que aconteceu e é um trabalho bonito. ***Me sinto realizada, quando participo****, em voltar pra minha casa e dizer que participei, tenho as provas que participei, vou levando pro meu povo o que eu fiz e ouvi aqui. (Lúcia)*

Isso parece agregar novos sentidos e formas às suas práticas religiosas, novas compreensões para o que é vivido nesse espaço, o que favorece o vínculo grupal e o sentimento de pertença, gerando, assim, fortalecimento pessoal e coletivo.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que, embora se percebam os três níveis de empoderamento atuando no encontro de acolhida às romeiras e aos romeiros, os níveis individuais e coletivos são mais preponderantes, devido à própria dinâmica organizativa do evento, que privilegia a fala de seus participantes, por meio de seus depoimentos, nos quais expressam suas leituras de mundo, seus aprendizados e suas representações do vivido.

Na mesma linha, Valla (1999) reafirma a necessidade de que as ações voltadas para a educação popular, visando a processos de empoderamento social, devam levar em conta o sentido da vida, o que influencia o controle sobre a vida por parte das pessoas, e a forma como se estabelece a solidariedade comunitária. Para o autor, é preciso levar em conta o que as pessoas pensam sobre os próprios problemas e que soluções vislumbram, contemplando suas histórias de vida.

Sob esse ângulo de visão, pode-se entender o ser humano, de forma ampla, considerando suas dimensões bio-psico-sociocultural, as quais devem comportar uma dimensão de educação correlata. Compreendendo-se o homem em sua totalidade, incluindo-se nela os aspectos simbólicos da vida humana, obtém-se uma troca de saberes. Percebe-se que o saber científico necessita dialogar com o saber popular, para que se possa entender de onde provêm os significados, com os quais os indivíduos dão sentido ao seu modo de vida e como criam estratégias de enfrentamento particulares e coletivas, diante dos problemas vivenciados em sua realidade.

A partir desses sentidos – individual e coletivo – atribuídos ao conceito de empoderamento, compreendi como a Reunião das Três Horas contribui para processos de empoderamento de seus participantes, uma vez que ela tem como principal objetivo acolher o romeiro, na medida em que promove uma valorização da cultura romeira, por intermédio da escuta, assistência e aconselhamento. Considerei esses aspectos, ao decidir trabalhar biograficamente a experiência romeira de mulheres que participam engajadamente dessa

reunião, pois uma característica dessa abordagem de pesquisa é a escuta sensível, atenta e ativa. Percebi, também, que a acolhida, enquanto prática sociorreligiosa de escuta realizada nesse espaço, visa a valorizar as expressões individuais, ao tempo em que motiva e influência o caráter coletivo dessas expressões. Aqui, também, encontrei ressonância com a perspectiva biográfica, quando destaca o caráter singular-plural das narrativas biográficas.

A escuta é proporcionada pelo espaço dado aos participantes, para relatarem suas experiências religiosas e para trocarem informações; a assistência é feita, através do trabalho de apoio e suporte social, como acompanhar problemas de deslocamento, ajudar pessoas perdidas, distribuição de panfletos e cartazes informativos de cunho socioeducativo. O aconselhamento acontece, nos momentos de evangelização, geralmente refletidos de acordo com a temática de cada romaria, como podemos presenciar no encontro realizado, na Romaria de Finados de 2013, cujo tema foi "Com Padre Cícero, somos Igreja peregrina que caminha para a luz!"; na Romaria das Candeias, em fevereiro de 2014, o tema trabalhado foi "Com Jesus e com Maria somos candeias a iluminar o mundo"; na Romaria de Nossa Senhora das Dores, em 2015 e 2016, a temática foi "No caminho do romeiro, Juazeiro é porta da misericórdia". Este tema estava em sintonia com o Jubileu da Misericórdia, proclamado pelo Papa Francisco no início de 2015.

Considero que a escuta, a assistência e o aconselhamento favorecem o aprendizado social, mobilizado no espaço da Reunião das Três Horas, aprendizado esse que passa pela conscientização das condições históricas, que configuraram a tradição religiosa popular, em Juazeiro do Norte, expressas nos benditos, nas orações e nos fragmentos autobiográficos, que atestam o caráter de enfrentamento e resistência por parte dos que defendem o movimento romeiro, desde os tempos de Padre Cicero até o momento.

Percebi, ainda, esse aspecto, nas mediações dos animadores do evento, sobretudo nas intervenções de Irmã Annette[104]; isto porque, em suas falas e reflexões, estão sempre presentes referências à importância de ouvir o "povo romeiro", de entender sua linguagem, suas expressões, ou seja, a valorização do "saber de experiência feito" (FREIRE, 2009), para poder compreender o universo social, cultural e religioso da "nação romeira", como costuma se referir aos romeiros.

[104] A forma como conduz o encontro com os romeiros reflete sua formação nas Comunidades Eclesiásticas de Base - CEB's e seus estudos sobre o pensamento Paulo Freire.

Essa maneira de acolhimento aos romeiros e romeiras é o ponto aglutinador e propiciador de ações educativas, haja vista que efetivamente gera aprendizados sociais que são compartilhados por seus participantes. Na perspectiva *freireana*, é justamente essa troca de saberes que possibilita uma prática socioeducativa de viés progressista-emancipatório, capaz de despertar a consciência crítica de seus participantes, diante do vivido. Conforme Freire (2005, p. 82), "[...] a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente, através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo, com que e em que se acham" (grifos do autor).

Considero que o processo de empoderamento na prática romeira engajada configura-se a partir da experiência do falar-se, da partilhar de experiências e dos aprendizados mobilizados, diante do perceber-se sujeito de suas próprias histórias, além, é claro, do processo de tomada de consciência da condição romeira. Pegar no microfone e saber que sua história é importante leva a um despertar da consciência de si, que envolve a imagem que é construída e projetada no âmbito coletivo.

Aliado a isso, destaco a importância que as romeiras dão à partilha das experiências e saberes com seus amigos, familiares e grupos religiosos. Essa transmissão de experiências, informações e sentidos apontam para ações socioeducativas desenvolvidas, através de práticas evangelizadoras, como elas destacam em suas narrativas. Esse movimento de vivências, aprendizados e partilhas contribui para elas se empoderarem de sua condição romeira. Considero que esse é o caráter emancipador das experiências sociorreligiosas vividas por essas mulheres.

O dizer-se e o perceber-se tornam-se elementos potencializadores de empoderamento, ao tempo em que produzem experiências formadoras da condição de engajamento, na qual o social e o religioso se agregam e constroem aprendizados demarcados por experiências individuais e coletivas, que evidenciam os processos de figuração pública de si, que, são a um só tempo, marcados pela consciência de si e da condição romeira, enquanto protagonistas de suas historicidades. Estas, por sua vez, são marcadas pela resistência de homens e mulheres, diante de preconceitos e impedimentos sofridos, há décadas, "por uma boa parte da sociedade brasileira: porque são pobres, porque são nordestinos, porque são romeiros e, pior ainda, porque são romeiros do Padre Cícero!" (DUMOULIN, 2016, p. 11).

Compreendo, a partir do pensamento de Delory-Momberger (2014, p.126), que a construção de uma figura de si decorre de uma "pluralidade de mundos sociais" que,

relacionados às experiências vividas, podem definir "formas de relação com o mundo e consigo mesmo: confrontam os mundos da vida originais com outras formas de ser, pensar, compreender o mundo, viver juntos", reveladoras de uma imagem de si, que, no caso estudado, são construídas pelas representações que as mulheres romeiras fazem de si, do evento e da relação com os outros[105], ou seja, com as outras pessoas que estabelecem alguma relação nesse espaço: romeiras e romeiros de outras localidades, equipe da Pastoral da Romaria e demais religiosos que se fazem presentes nesse espaço.

Esse aspecto aponta para um empoderamento individual e coletivo, viabilizado por meio dessa figuração pública de si e das ações concretas vividas em suas comunidades, indicadores de uma tomada de consciência da própria história. O âmbito individual é perpassado por uma dimensão do empoderamento, que se traduz pelo passar na própria pele as dores e as graças de ser e estar em romaria. Isso é evidenciado, nas suas narrativas, pelos sofrimentos e dificuldades relatados, expressos nas carências, nas perdas e nos conflitos, assim como pelas formas de enfrentamento que traduzem uma capacidade de superação materializada em ações, práticas e vivências que conjugam graças obtidas e aprendizados sociorreligioso-existenciais.

Nesse sentido, considero que essas mulheres não abrem mão das práticas de devoção que inauguram sua trajetória romeira, sustentada por uma ancestralidade que foi construindo o terreno fértil para propagação dessas vivências de fé. Entretanto, elas, também, não desistem da celebração e da festa que está presente, no acontecer das romarias na atualidade, evidenciadas pelas visitas a pontos turísticos, compras no comércio local de Juazeiro, bem como pela participação nos eventos sociorreligiosos, organizados pela Pastoral da Romaria: espaço de vivências coletivas facilitadoras de empoderamento coletivo. Destaco, ainda, o aspecto afetivo e agregador mobilizado pelas partilhas e pelos laços de amizades que essas ações proporcionam.

Diante disso, considero que o sentido do ser romeira devota e engajada se estabelece nessa convergência de experiências e aprendizados sociorreligiosos, expressos nas ações de devoção ao Padre Cícero e a Nossa Senhora das Dores, e, também, nas atividades de participação social no movimento romeiro. São essas configurações que tornam esse movimento um fenômeno social autêntico, pois evidencia o protagonismo romeiro, respaldado em acontecimentos, ressignificações e apropriações que ultrapassam as restrições e interdições

[105] Pineau (2011, 29) considera que a pesquisa-formação autobiográfica, denominação que ele dá ao que chamamos, no Brasil, de pesquisa (auto)biográfica, influencia pelo menos três polos: a si mesmo, aos outros e às coisas, na medida em que constrói significados para o vivido.

vivenciadas por romeiras e romeiros, ao longo da história das romarias a Juazeiro do Norte, um fenômeno que entre permanências e transformações chama a atenção para o protagonismo dos seus participantes, sujeitos ativos dessa história que se renova e se reinventa.

7 OS SABERES DAS MULHERES ROMEIRAS: EM BUSCA DE UMA SÍNTESE INTEGRATIVA

Mulheres romeiras, vamos continuar. Como nossa missão, para não se acabar. Para esse encontro, viemos participar, no santo Juazeiro, no grande Ceará.

Os caminhos são longos, é uma grande jornada. Mas seguimos com fé, sem ter medo de nada.

Minha Nossa Senhora e o Padre Cícero Romão, quero oferecer, de todo coração, e todos os romeiros sigam a sua missão. Vá em frente com fé e com o terço na mão.

(Bendito Mulheres Romeiras de Renilda)

Pesquisar o campo da educação e os problemas educacionais do mundo contemporâneo é adentrar um espaço complexo, multifacetado, permeado por contradições e incertezas (MORIN, 2001). Nessas circunstâncias, os objetos de estudo em educação ganham fundamentação atualizada, a partir de abordagens teórico-metodológicas, como a (auto)biográfica, que facilitam a abrangência desse campo de pesquisa. Nessa perspectiva, a educação é entendida como um complexo de ações formadoras, que extrapolam as instituições escolares, "centradas unicamente nas dimensões intelectuais" (YUS, 2002, p. 109), ou seja, parte-se do entendimento da educação como ação que busca o desenvolvimento pleno, integral do ser humano, a educação de todas as suas potencialidades, inclusive das emoções e da religiosidade.

Parti dessa visão socioeducativa e da abordagem (auto)biográfica, para compreender, a partir das histórias de vida das mulheres romeiras, participantes da Reunião das Três Horas, em Juazeiro do Norte, como os aprendizados sociorreligiosos, gerados na itinerância romeira, transformam-se em experiências formadoras de suas identidades e subjetividades e como estas contribuem para processos de empoderamento.

Em conformidade com o pensamento de Josso, percebi que as experiências fundadoras tornam-se uma via de acesso a uma série de aprendizados, que vão constituindo os processos formadores de suas identidades romeiras. Esse processo de formação é experiencial, porque é fruto das experiências sociorreligiosas vivenciadas por elas, no decorrer de suas trajetórias. A forma de conhecer essas experiências deu-se através das narrativas de vida que foram construídas, numa perspectiva dialógica. Nessa concepção, as narrativas são modos de elaboração da experiência, pois são vias que possibilitam o conhecimento de si, do mundo vivido e das relações com os outros.

Com o processo de pesquisa, pude perceber o vínculo entre os saberes experienciais, acumulados na trajetória de vida, e os saberes existenciais, expressos no interior das práticas sociais e nas diversas formas de conhecer e projetar-se na vida. Foi possível, então, compreender como os aprendizados da vida, do ser e estar no mundo podem influenciar na constituição de trajetos educacionais para além da educação formal, tão importantes para a formação integral do ser humano quanto os conhecimentos científicos.

A vida e as relações sociais são, por excelência, fenômenos complexos que não podem e não devem ser compreendidos de forma unilateral, circunscritos a um conhecimento fragmentado da condição humana. Paulo Freire (1982) destaca que não é possível pensar em

educação sem fazê-lo, a partir do próprio ser humano, de forma que toda *práxis* educativa pressupõe uma perspectiva antropológica, ou seja, a educação precisa ser pensada, a partir da experiência existencial dos seres humanos.

As experiências existenciais dos seres humanos dizem respeito aos aspectos subjetivos do ser, às suas percepções de mundo, às suas dinâmicas internas que, em muitas circunstâncias, podem ser verificadas no interior das práticas sociais, enquanto espaço possibilitador do desenvolvimento de ações compartilhadas por um ou mais grupos, inseridos numa mesma cultura. Portanto, as práticas sociais dizem respeito às interações dos indivíduos com o ambiente social e cultural em que vivem.

Assim, as práticas sociais contribuem com os processos educativos que formam o indivíduo, ao longo de sua trajetória de vida, ou seja, daquilo em que nos tornamos, a partir das "experiências de vida e formação" que vamos estabelecendo no convívio social (JOSSO, 2004). Essas experiências nos encaminham para a construção de nossas identidades, promovendo a formação para a vida na sociedade, por meio dos processos educativos que desencadeiam. Nesse sentido, os processos educativos, decorrentes das práticas sociais, possibilitam a compreensão do saber advindo da experiência, que pode ser adquirido tanto no meio escolar como nas relações estabelecidas com o mundo.

Segundo Larossa (2002, p.27), o saber da experiência abrange a subjetividade, pois se trata de:

> [...] um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é, por sua vez, uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (estilo).

Os saberes da experiência são adquiridos, ao longo da vida, a partir das formas apreendidas e do modo como vamos dando sentido ao que aprendemos, ou seja, destacam as formas como lidamos com a realidade e como construímos conhecimentos, diante dessas experiências. Portanto, "o saber de experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular concreta de um existente singular e concreto" (LAROSSA, 2002, p. 27).

Quando as experiências são tencionadas pelos aspectos individuais e pelos processos de socialização, acessados em contextos socioeducativos, possibilitam uma série de aprendizados que implicam a construção de identidades. Nesse sentido, “a articulação pela palavra de uma experiência autobiográfica constitui o sujeito como sujeito actor da sua própria subjetividade” (LECHNER, 2006, p).

Assim, a formação constitui-se num processo constante de desenvolvimento, que reflete a maneira como a pessoa constrói a sua realidade**,** transformando a si mesmo no cotidiano de suas experiências.

No caso do fenômeno religioso juazeirense, essas experiências têm suas raízes assentadas na tradição da religiosidade popular que, tensionada por restrições e impedimentos, constrói novos significados, a partir da resistência que tiveram de enfrentar, implicando mudanças e transformações que vão ganhando novas formas, à medida que esse cenário, também, muda.

No caso das mulheres romeiras, essas possibilidades de mudanças se dão no processo de imersão no espaço e no tempo das romarias, sustentadas pelas tradições presentes, no universo romeiro. Nesse sentido, é importante destacar que, para um grande número dessas mulheres, a experiência da romaria é algo tradicional, uma prática que já vinha sendo realizada por seus pais e avós, o que não implica dizer, evidentemente, que a experiência seja a mesma, não apenas pelo caráter dinâmico e múltiplo que permeia essa realidade, mas, sobretudo, pelo fato de cada sujeito viver esta experiência, de forma única.

As romeiras devotas e engajadas, enquanto sujeitos aprendentes, traduzem em suas práticas romeiras a condição singular-plural do ser, estar e permanecer em romaria. Enquanto sujeitos-atores-autoras de si, em relação com os outros e com o ambiente romeiro, produzem sua história que é única, mas também trazem elementos dos construtos sociais; assim, também são plural, logo produtoras de historicidade, pois nessa relação o singular e o universal são mobilizados, tencionados e configurados num intenso trabalho de individuação e socialização que incide na construção identitária romeira.

A partir disso, considerei que os saberes experienciais, construídos e absorvidos na trajetória romeira, colaboram para a formação de romeiras engajadas e estas, por sua vez, contribuem na consolidação de processos coletivos de empoderamento.

Acredito que a complexidade dos fatores envolvidos nas romarias a Juazeiro do Norte, em correlação com a ação da Pastoral da Romaria e as subjetividades das romeiras, evidencia como ocorrem os processos de empoderamento, individual e coletivo, vivenciados na Reunião das Três Horas, enquanto evento principal da acolhida romeira na localidade. Destaco, nesse sentido, a importância da participação e do apoio social, enquanto fatores influenciadores desses processos. Compreender esse aspecto possibilitou-me entender que a resistência da tradição religiosa popular nas romarias, além de ser um aspecto fundante do movimento romeiro: ancorado e sustentado, principalmente, pela participação ativa e criativa dos romeiros e romeiras, é, ainda, na atualidade, um elemento aglutinador e diferenciador desse movimento. Isso contribui para a valorização da cultura romeira e, consequentemente, para o empoderamento de seus participantes que, através de práticas sociorreligiosas inovadoras e inusitadas, vêm incorporando um novo jeito de ser romeira e romeiro, que vai além das manifestações de fé e devoção próprias dessa prática religiosa.

Embora a Reunião das Três Horas seja desenvolvida pela equipe da Pastoral da Romaria, uma instância da Igreja Católica, o caráter popular é o seu maior diferenciador, pois, sem a participação das romeiras e dos romeiros, ela não teria se consolidado; sua força está justamente na participação social que evoca, favorecida por ações socioeducativas que têm, como metodologia pedagógica, a acolhida, a escuta e o aconselhamento: instrumentais que favorecem o diálogo, o engajamento social e o fortalecimento coletivo. Nesse sentido, considero que o movimento de acolhida à "nação romeira" é uma experiência pioneira, na vivência histórica do fenômeno das romarias a Juazeiro, no sentido da valorização de suas expressões sociorreligiosas e culturais.

O movimento de acolhida aos romeiros pode ser pensado, assim, como uma ação de empoderamento individual e coletivo, que contribuiu para romper a situação de restrição do "povo romeiro", no contexto das romarias juazeirenses, viabilizando a sua valorização, que de fanáticos e embusteiros passaram, paulatinamente, a ser aceitos e reconhecidos como personagens centrais da história local, contribuindo para "transpor a fronteira entre o ser e o 'ser mais'" (FREIRE, 2009, p. 206), na tradição romeira da localidade.

Considero que essa concepção de acolhimento é carregada de "esperança histórica", como pontuada em *Pedagogia da Esperança* (2009), pois apresenta elementos fundamentais para desenvolver o "ser mais" do povo romeiro, apesar de que não perco de vista que a realidade, vivenciada no cotidiano do movimento, é permeada de contradições e embates

político-ideológicos, nos quais o que se apresentou como inédito pode se transformar em formas de manipulação em prol de uma adequação ao que é preconizado pelas hierarquias eclesiásticas.

O inédito desse encontro é a valorização da experiência romeira, é a escuta de sua história, é a abertura para o diálogo e a possibilidade de compartilhar saberes e conhecimento. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2005), pontua que a forma para superação de condições opressoras é a realização de um trabalho educativo que valorize os "saberes da experiência feito", elaborados por homens e mulheres em condições de opressão; a troca desses saberes, o respeito ao diálogo e à prática da ação-reflexão tornam possíveis uma conscientização da realidade vivida. São justamente esses elementos que tornam esse evento um meio gerador de processos emancipatórios, na realidade atual do movimento romeiro de Juazeiro do Norte, resultados de uma formação humana e dialógica de base popular, tecida nos tempos de romaria, momentos pontuais e extracotidianos que geram processos de empoderamento que torna seus participantes protagonistas de sua própria história.

Portanto, as romarias e tudo que mobiliza como espaço sociorreligioso são em si mesmas um lugar de empoderamento, que é tensionado na ou com a institucionalização do movimento romeiro, através das ações promovidas pela Reunião das Três Horas. Ações essas que promovem participação, autonomia, afirmação e emancipação de seus participantes. Dessa forma, contribui para um despertar da consciência de si e da condição romeira.

Esse movimento de reinvenção e expansão está diretamente ligado ao despertar da consciência de si, que leva ao empoderamento pessoal e coletivo, pois está imbricado em uma relação que vai do individual ao público. O engajamento dessas mulheres visibiliza esse lugar do feminino que foi negado, esquecido e até mesmo ocultado por uma cultura machista e excludente, ao tempo em que mostra que o poder das mulheres não esteve só "por trás dos panos" (ROCHA-CONTINHO, 1994), nos bastidores da história, mas também na cena principal.

Numa analogia, podemos entender que assim como a beata Maria de Araújo ficou nos bastidores da história do Juazeiro, elas, as romeiras, também estiveram, durante muito tempo, nos bastidores do acontecer das romarias, muito embora tradicionalmente sejam elas que rezam, fazem promessas por si e pela família, que acolhem, cuidam, levam e ensinam o que é ser um romeiro e uma romeira. Entretanto, essa posição de bastidores não é destituída de poder; poder de influenciar, conduzir, apresentar, partilhar, determinar, impor e vigiar.

Esse forma de atuação está na esfera dos micros poderes, como atesta Foucault (1982), os quais ao ser visibilizados, atestam que a via social é a porta para a participação na esfera pública, aqui referenciada no movimento romeiro e na própria romaria, como manifestação religiosa de homens e mulheres. Esses participantes compartilham formas de vivenciar uma religiosidade perpassada por práticas tradicionais, ligadas ao catolicismo popular, muito embora, no atual contexto também receba influência das práticas do catolicismo romanizado expressas pelos grupos e pastorais da Igreja.

Considero que essa via parece autorizar as mulheres romeiras, participantes da Reunião das Três Horas, a serem engajadas e atuantes no movimento romeiro, não só de Juazeiro do Norte, mas também de suas localidades, sem, no entanto, abrirem mão de suas práticas devocionais costumeiras. Talvez esse seja um dos pontos mais reveladores desse processo, porque revela a convergência do social e do religioso sem exclusões, mas muito mais com junções, partilhas e ressignificações.

É como base na análise dessas experiências sociorreligiosas que considero o movimento romeiro, como um novo movimento social que acena para possibilidades de conhecimentos e saberes, no cenário complexo das romarias juazeirenses, na contemporaneidade, tendo em vista que uma das características dos movimentos sociais na atualidade é o aspecto educativo que pode produzir, e com isso influencia na forma de organização social e nos modos de vida comunitários. É evidente que a educação, aqui entendida, está além dos muros da escola, pois se realiza no âmbito da vida cotidiana, em suas diversas expressões e produções, o que permite aprendizados baseados na experiência e, portanto, carregados de sentidos e significados coletivos e individuais, por fazerem parte da esfera microssocial e dos micropoderes, destacados como um saber emergente (SANTOS, 2004), produtor de novas sociabilidades.

As discussões empreendidas, ao longo da tese, ajudam a pensar as romarias não apenas como um espaço e um tempo de manifestações religiosas, mas também como um espaço que favorece a formação sociorreligioso-existencial de seus participantes, através de experiências que fundam trajetórias e formam identidades romeiras.

Esses foram os pontos principais da pesquisa que realizei com as mulheres romeiras, em busca de compreender como as experiências sociorreligiosas, vivenciadas na prática religiosa, tornam-se aprendizados vitais capazes de gerar processos formativos de suas identidades e subjetividades. Percorrer física, emocional, espiritual e intelectualmente o

caminho da pesquisa, com essas mulheres, em seus espaços de devoção e socialização, permitiu-me conectar com o cenário sociorreligioso das romarias de Juazeiro, ao tempo em que evocava lembranças de minha própria ancestralidade romeira e de uma intensa experiência religiosa, que tem marcado minha dinâmica existencial.

Vivenciei o chamado para pesquisar em romaria, como pesquisadora-romeira, numa travessia pessoal, profissional e espiritual[106]: um caminho "iniciático"[107] que me levou a outro ponto de mim mesma, de meus projetos-sonhos, de minhas atitudes e condutas, sejam pessoais - do meu mundo interno, dos meus aprendizados de dentro - sejam da minha experiência profissional. Cada passo do caminho foi permeado de encontros com o meu Eu revelador de uma busca incessante, inquietante e instigadora, que fez da experiência vivida e sentida os elementos preponderantes no processo investigativo e (auto)formador que a pesquisa possibilitou.

Essa busca por construir sentidos, na minha história de vida e formação, encontra ressonância teórica nas pesquisas de Gaston Pineau sobre "história de vida e alternância", quando ele destaca que a pesquisa-formação tem como finalidade construir sentidos, a partir de três tipos de alternância: história de vida existencial, história de vida socioprofissional e história de vida intelectual. Segundo ele, "as complexidades das formas existenciais e socioprofissionais precedentes" são influenciadas e influenciam "pelo menos entre três grandes polos: a si mesmo, aos outros e às coisas" (PINEAU, 2011, p.29). Nesse sentido é que parti de mim para chegar a elas (as romeiras), colocando-me de forma atenta, acolhedora e sensível.

---

[106] Para falar, a partir de uma perspectiva integral dos processos formativos, utilizo, aqui, os termos "espiritual" e "espiritualidade" como sendo a vivência dinâmica da vida, expressa em modos de ser e viver, que transcende as manifestações religiosas, pois é possível "ter espiritualidade sem religião, mas não pode ter religião, religião autentica, sem espiritualidade". Nesse sentido, espiritualidade é concebida como experiência, um conhecimento aqui e agora, "que transforma a maneira como eu vivo a minha vida neste mundo", ou seja, uma espiritualidade como práxis (CAPRA; STEINDL-RAST; MATUS, 1991, p.26). Portanto, a espiritualidade, enquanto esse conjunto dinâmico de experiências está presente tanto na religião ou manifestações religiosas, quanto nas vivências da vida diária. Enquanto experiência religiosa, pode fluir, a partir de práticas, rituais e devoções.

[107] Emprego esse termo no sentido dado por Cipriano Luckesi, que define iniciático como "Iniciático significa *iniciar em alguma coisa*, mas é um iniciar especial, na medida em que está comprometido com os caminhos da vida, que são profundos, portanto, possibilitando contato com as qualidades recônditas do nosso ser. Ken Wilber usou a expressão *inconsciente emergente* tendo em vista dizer que temos em nós potencialidades, e nós nos realizamos como somos, na medida mesma em que atualizamos essas potencialidades. Usando uma linguagem dos físicos quânticos, poderíamos dizer que "precipitamos" essas potencialidades. O novo que emerge em nosso modo de ser no cotidiano, e que nos satisfaz e conforta, decorre do nosso contato com o nosso "Cor", com o nosso centro, com o nosso âmago. Esse "âmago" não é nada misterioso, nem esotérico. É tão somente aquilo que manifesta o modo de ser que mais responde às nossas necessidades, ao estar no mundo. Talvez a iniciação nos mistérios da vida, que são insondáveis, seja mais simples do que podemos julgar; o que não quer dizer que seja fácil. Por vezes, chegamos a eles pelas qualidades de nossa alma; outras vezes, devido a buscarmos intensamente; outras vezes ainda, por pura dádiva." (Material retirado do website de Cipriano Luckesi).

Assim, fui aprendendo, como diz Pineau (2011, p. 26), “a tratar, no tempo e com o tempo, os problemas infinitos do tempo”. Tempo de ensinar, tempo de aprender e tempo de ressignificar os aprendizados, ponto profundamente significativo para a construção de sentido de meu processo de pesquisa-formação. Assim como o autor, destaco como importantes para o processo de construção de sentidos a sensibilidade, a direção e a significação.

Sentidos que são impregnados de minha sensibilidade, diante dos aprendizados da vida, dos saberes da experiência, marcada por vivências nas quais o educacional impregna a espiritualidade/religiosidade, e esta transcende o educacional: dois aspectos fundantes das minhas experiências formativas, que me levaram por caminhos e caminhadas reveladoras dos sentidos da educação numa “visão integral” (WILBER, 2008).

Procurei dar coerência ao vivido e compreendi que narrar e refletir sobre a própria história de vida é uma condição imprescindível do processo de autoconhecimento e que este, por sua vez, contribui para (auto)formação. Além disso, pode gerar uma autotransformação, por operar dispositivos de ressignificação dos fatos vividos. Pontuo esses aspectos, para contextualizar o lugar da “escrita de si” no meu percurso de vida e construir os nexos fundantes da ideia de trabalhar com a abordagem autobiografia, como via de acesso aos processos formativos, os quais concebo como essenciais para a construção de sentidos existenciais. Estes foram enfocados como movimento do caminhar para si, que parte do individual para alcançar o coletivo, além de me projetar no que vem depois, os direcionamentos e aplicabilidades que pretendo dar a esses aprendizados, no âmbito profissional, enquanto educadora e pesquisadora, e no campo sociorreligioso-vivencial, enquanto facilitadora e mediadora de grupos.

Trago a condição de pesquisadora-romeira, para refletir uma síntese integradora que está ancorada na perspectiva do ser mulher e educadora, formando uma tríplice referência da pessoa que sou. Falar da pesquisadora é revelar os pontos de ruptura com uma forma de fazer e entender a pesquisa apreendida na minha formação como cientista social. É falar das (des)identificações e estranhamentos com uma ciência fria e objetiva, ainda marcada pelo ranço do positivismo, que prega a neutralidade e o distanciamento do pesquisador e seu objeto de estudo, como se estes estivessem em lados opostos. Posições estas “estabelecidas “a priori” e de modo invariável, em que o universal se contrapõe ao singular, assim como o geral, ao particular” (FERRAROTTI, 2014, p. 21)

Falar dessa condição é reconstruir os passos iniciais que dei, ao incorporar em minha prática de ensino e pesquisa um novo referencial científico, o paradigma

(auto)biográfico. Para tanto, foi necessário uma "conversão do olhar" (FERRAROTTI, 2014, p.21), foi preciso apreender os fundamentos e a prática epistêmico-metodológica de investigação científica que compreende a posição de "sujeito" e de "objeto" como co-criadores de conhecimentos compartilhados, onde "simultaneamente pesquisadores e pesquisados [...] constroem em comum aquilo que constitui entre eles o fruto do conhecimento", como destacado por Delory-Momberger (2014.p.18), no prefácio de *História e histórias de vida* de Franco Ferrarotti, obra anunciada por ela como um acontecimento de "dimensão de escândalo", devido ao caráter inovador contido nas proposições do método biográfico, perante os métodos tradicionais da pesquisa qualitativa.

Como na abordagem biográfica "toda experiência vivida é formativa" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.10), podemos entender que o caráter educativo, na perspectiva de construção de saberes se dá no âmbito experiencial, ligando e articulando o social e o individual como propiciadores de aprendizagens e sentidos existenciais. Isso atesta a marca do potencial heurístico e formador dessa abordagem.

Diante disso, posso afirmar que a abordagem (auto)biográfica, tanto como método de pesquisa quanto processo de formação, mudou minha concepção de educação, pesquisa e formação, ampliou o meu olhar sobre minhas próprias construções biográficas[108] no "caminhar para si", revelador de um "eu" e um "tu" em contínuo diálogo, processual e implicado.

Minha concepção de educação está ancorada no Paradigma Educacional Emergente, como pontuado por Maria Cândido de Morais (1997), a qual concebe a educação, a partir de uma visão de totalidade, englobando as múltiplas dimensões do ser humano: biológica, psíquica, social, afetiva e racional (MORIN, 2011, p.35). Acrescento a estas condições a dimensão espiritual, os aspectos transpessoais que envolvem a vida humana e nos ligam a uma "condição cósmica" (MORIN, 2011, p.44), enquanto constituinte da "condição humana" (MORIN, 2011, p.46). Nessa perspectiva de educação, o ser humano é um ser que aprende, constrói conhecimentos e atua na sua realidade, usando seu lado racional e seu "potencial multidimensional" (SAMPAIO, 2010).

Nessa mesma linha, compreendendo a formação humana, também como processo

[108] Referentes às representações e autoexpressão dos processos (auto)formativos e do projeto de si. Segundo Delory-Momberger (2014, p. 67) "a construção biográfica inscreve-se numa dinâmica temporal que articula estreitamente três dimensões – passado, presente e futuro -, mas na qual a projeção do por-vir desempenha um papel motriz".

multidimensional que integra o pensar, o fazer, o agir, o ser e o conviver, como elementos essenciais do processo educativo, seja ele formal, circunscrito às instituições de ensino, seja ele informal, ligado ao mundo de vida das pessoas.

A educação vista a partir desse paradigma amplia a compreensão dos processos educativos e formativos, pois aponta para uma "educação para o ser integral" (YUS, 2002), global e holística ou seja, uma educação que vai além do conhecer e do fazer, que desperta o aprender a ser e a conviver, a partir de uma educação dos sentimentos, das emoções e da espiritualidade, baseada em princípios e concepções que impulsionem a reconstrução do ser humano e de uma sociedade mais fraterna. Nesse sentido, os aprendizados experienciais ganham importância na constituição do indivíduo em processos formativos. Portanto, a experiência é produtora de conhecimentos e aprendizados que incidem diretamente nas dinâmicas (auto)formativas possibilitadas pela existência.

Chego ao final dessa longa caminhada como pesquisadora-romeira, caminhante-aprendente, dando-me conta da complexidade engendrada nos percursos (auto)formativos acessados e ancorados na abordagem das histórias de vida. Não me sinto finalizando a temática pesquisada, muito pelo contrario, já começo a vislumbrar novos questionamentos em torno da participação das mulheres nas romarias, tais como: Que experiências perpassam as vivências das romeiras devotas residentes em Juazeiro? Como elas percebem o movimento romeiro? Elas interagem com esse espaço? Como se dá a participação das romeiras mais jovens no movimento romeiro? Que práticas religiosas são mantidas e quais ganham novos contornos?

Enfim, perguntas que me deixam com uma vontade de permanecer pesquisando em romaria, pois, "o Juazeiro é um convite pra rezar, por isso eu venho todo o ano. E para o ano eu vou voltar" (Bendito popular).

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si. Elizeu Clementino de Souza, Maria Helena Menna Barreto Abrahão, (Orgs.): Marie-Christine Josso, Prefácio. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

_____. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. In: *Pesquisa (auto) biográfica, fontes e questões*. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Inês Ferreira de Souza Bragança, Mairce da Silva Araújo. Curitiba, PR: CRV, 2014.

ALVES, Antônio Sousa. *A Hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault.* Resumo da aula de 13 de janeiro de 1982, proferida por Foucault no Collège de France Parte do Curso Preparatório para o II Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura: Hermenêutica do Sujeito e Parresia Nova Lima, 14 de agosto de 2009 Por Marco Antônio Sousa Alves Professor da Faculdade de Direito Milton Campos Doutorando em Filosofia pela UFMG.

ARAUJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero:* trabalho e fé. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARBOSA, Francisco Salatiel de A. *O Joaseiro Celeste*: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero. São Paulo: Attar, 2007.

BARREIA, Irlys A. F. *O reverso das vitrines:* Conflitos urbanos e cultura política. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

BARROS, Luitgarde O. C.. *A Terra da Mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo.* Petrópolis: Vozes, 1993. (p. 117-118).

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. 34 ed.; Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. *Igreja*: carisma e poder. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *Eclesiogênese*: a reinvenção da Igreja. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. Povo: em busca de um conceito. *Carta Maior* - O Portal da Esquerda. Publicação eletrônica multimídia, 2015. Disponível em:

http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Povo-em-busca-de-um-conceito/32739. Acessado em: 20/05/2017.

BOFF, Leonardo; BOFF Clovis, *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

BRAGA, Antônio. M. da C. *Padre Cícero, sociologia de um padre, antropologia de um santo*. São Paulo: EDUSC, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Escrito com o olho: anotações de um itinerário sobre imagens e fatos entre palavras e ideias. In: José de Souza Martins, Cornélia Eckert, Sylvia Caiuby Novaes (Orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

CARR, Anne. *A mulher na igreja*. S.l.: Círculo de leitores, 1994.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet*: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTELLS, Manuel; FERNANDEZ-ARDÉVOL, Miréia; QIU, Jack Linchuan: SEY, Ara. *Comunicação móvel e sociedade*. Uma perspectiva global. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David; MATUS, Thomas. *Pertencendo ao universo*: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. Tradução de Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichenberger. São Paulo: Cultrix, 1991.

CAVALCANTE, Anair. H. *A construção de práticas e saberes em saúde dos romeiros do "Padim Ciço"*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

CORDEIRO, Maria Paula J. *Entre chegadas e partidas*: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

DELA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. *Biografia e educação*: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus. 2008.

_____. Prefácio. In: *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Maria da Conceição Passeggi, (Org.). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus. 2008. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação).

_____. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: Elizeu Clementino de Souza (Org.). *Memória, (auto)biografia e diversidade*: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. *A condição biográfica*: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nlson Patriota. Natal, RN: EDUFRN, 2012. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação).

_____. Abordagem metodológicas na pesquisa biográfica. In: *Revista Brasileira de Educação*. Universidade de Paris 13. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. v.17, n.51. set-dez, 2012. pp. 523-536. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Rio de Janeiro, Brasil.

_____. *Biografia e educação*: figuras do indivíduo-projeto. Tradução e revisão científica Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passeggi. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação).

_____. *As Histórias de Vida*: da invenção de si ao projeto de formação. Prefácio Michel Fabre; Tradução Albino Pozzer; Coordenação Maria da Conceição Passeggi, Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Natal, RN: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS: Brasília: EDUNEB, 2014. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

_____. Prefácio à edição em língua portuguesa. Franco Ferrarotti ou a construção compartilhada do saber. In: FERRAROTTI, Franco. *História e história de vida*. Tradução Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

DEMO, Pedro. *Participação é conquista*: noções de política social participativa. São Paulo: Cortez, 1988.

DOMEZI, Maria Cecília. *O Concílio Vaticano II e os pobres*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Marco Conciliar)

DROUOT, Patrick. *O físico, o xamã e o místico*: os caminhos espirituais percorridos no Brasil e no exterior. Tradução de Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1999.

DUMOULIN, Annette. Padre Cícero, sonho, milagre, martírio. In: *Milagre, martírio, protagonismo da tradição religiosa popular de Juazeiro*: Padre Cícero, beata Maria de Araujo, romeiros/as e romarias. (Org) Luis Eduardo Torres Bedoya. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

_____. Prefácio. In: *Vidas em Romaria*. Ercília Maria Braga de Olinda, Adriana Maria Simião da Silva (Orgs). Fortaleza: EdUECE, 2016.

DUMOULIN, Annette; GUIMARÃES, Terezinha Stella. *O Padre Cícero por ele mesmo*. Fortaleza: INESP, 2015.

FAUR, Mirella. *O legado da Deusa*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 2003.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, Nº 13, ano 14, USP, São Paulo, 2005. Págs. 155-162.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÒVOA, Antônio e FINGER, Matias (Orgs). *O Método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São

Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

_____.. *História e história de vida*. Tradução Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

_____. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÒVOA, Antônio e FINGER, Matias (Orgs). *O Método (auto)biográfico e a formação*. Tradução. Maria Nóvoa, 2. Ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTI, Maria do Carmo P. *Maria de Juazeiro*: A beata do milagre. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. Beata Maria de Araújo memoria perigosa de uma mística. In: BEDOYA, L. E. T. (org) *Milagre, martírio, protagonismo da tradição religiosa popular de Juazeiro*: padre Cícero, beata Maria de Araújo, romeiros/as e romarias. Fortaleza: Edições UFC, 2012. (Série diálogos Intempestivos. n. 116)

FREHSE, Fraya. Antropologia do encontro e do desencontro: fotógrafos e fotografados nas ruas de são Paulo (1880-1910). In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; Sylvia, Caiuby Novais (orgs). *O imaginário e o poético nas ciências Sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

FREI BETTO. *O que são comunidades eclesiais de base*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia* – o cotidiano do professor. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. A pesquisa (Auto)biográfica no contexto do V CIPA em um trabalho em rede. In: *Pesquisa (auto) biográfica, fontes e questões*. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Inês Ferreira de Souza Bragança, Mairce da Silva Araújo. Curitiba, PR: CRV, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e introdução de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982).Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GARCIA, Elisabete S.C. As sete alegrias da Santíssima Virgem Maria. A*cta Apostólica Sedis* An et Vol XXXXII - Ser II, V. XVII - nº 15, do Papa Pio XII, 2006. Disponível em: www.universocatolico.com.br/index.php?/pdf/as-sete-alegrias-da-santissima.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo. Brasiliense, 2007.

_____. Uma leitura feminista da Virgem Maria. In: Maria Cecília Domezi e Mercedes Brancher (orgs). *Maria entre as mulheres*: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora. São Leopoldo: CEBI, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, maio-ago. 2004.

GOLDBERG, Luciane. *Autobiografismo*: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2016.

GUIA DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS: da educação integral e integrada e da articulação da escola com seu território. Organização Paulo Blauth Menezes. - Brasília: *Ministério da Educação*, Secretaria de Educação Básica, 2013.

GUIMARÃES, Terezinha Stella. *Padre Cícero e a nação romeira*: estudo psicológico da função de um "Santo" no Catolicismo Popular. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

_____.Romeiros/as e romarias: protagonismo, martírio e resistência de um grande movimento de tradição religiosa popular. In: *Milagre, martírio, protagonismo da tradição religiosa popular de Juazeiro*: Padre Cícero, beata Maria de Araujo, romeiros/as e romarias. (Org) Luis Eduardo Torres Bedoya. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HARNER, Michel. *O caminho do xamã*: um guia para manter a saúde e desenvolver o poder de curar. Tradução Nair Lacerda. Revisão Carminha Levi. São Paulo, Cultrix, 1982.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. Georg Simmel. In: *Sociologia da religião*: abordagens clássicas. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

_____. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2004.

_____. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2 ed. Ver. E ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

_____. *Caminhar para si*. São Paulo: Cortez, 2010.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. [tradução de Pedrinho A. Guareschi]. Petrópolis: Vozes, 2002.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n 19, p. 20-28, 2002.

_____. Notas sobre narrativa e identidade (a modo de presentación). In: *A Aventura (auto)biográfica*: teoria e empiria. Maria HELENA Menna Barreto Abrahão (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LAPLANTINE, F. *A descrição etnográfica*. Tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

_____. *Aprender Antropologia*. Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LECHNER, Elsa. Narrativas autobiográficas e transformações de si: devir identitário em acção. In: Elizeu Clementino de Souza; Maria Helena Menna Barreto Abrahão (Org.). *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 171-182.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org); Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIMA, Sueli de. *Mandalas de Saberes*. In: Revista Observatório da Diversidade Cultural. Volume 01, nº 01 (2014). Disponível em: www.observatoriodadiversidade.org.br/revista. Acessado em: 12/05/2016.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *O que é iniciático II*: Um passo a mais na introdução ao tema. Site oficial do professor Cipriano Carlos Luckesi. Salvador-BA, 2006. Disponível em: http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaopraticaterapeutica.htm. Acessado em: 06/06/2017.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. Entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 157-186

MILLS, C. Wright. *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 4. Ed. São Paulo: HUCITEC: Rio de Janeiro: ABRASCO, 1996.

_____. O desafio da pesquisa social. In: Maria Cecília de S. Minayo (org); Suely Ferreira Deslandes e Romeu Gomes. *Pesquisa Social*: Teoria, método e criatividade. 28. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997. (Coleção Práxis)

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva*. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. (Coleção educação em ciências).

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NOBRE, E. *O teatro de Deus*: As beatas do Padre Cícero e o Espaço Sagrado de Juazeiro. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

_____. *Incêndios da alma*: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. Tese de Doutorado. UFRJ/ Instituto de História/ Programa de Pós-graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.

OLINDA, Ercília Maria. B. de. (Org). O Círculo Reflexivo Biográfico como espaço privilegiado para a reflexão sobre a experiência religiosa espiritualizante. In: *Artes do fazer*: trajetórias de vida e formação. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

OLINDA, Ercília Maria. B. de; OLIVEIRA, Alessandra Araújo. A modo de introdução: a construção de relações intersubjetivas nas pesquisas em romaria. In: *Vidas em Romaria*. Ercília Maria Braga de Olinda, Adriana Maria Simião da Silva (Orgs). Fortaleza: EdUECE, 2016.

OLINDA, Ercília Maria. B. de; SILVA, Adriana Maria Simião da. A presença evangelizadora da Irmã Annette Dumoulin: viver como Cristo viveu, ensinar como cristo ensinou!. In: *Vidas em Romaria*. Ercília Maria Braga de Olinda, Adriana Maria Simião da Silva (Orgs). Fortaleza: EdUECE, 2016.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. Escalas e significados da visitação (religiosa) a santuários brasileiros. In: *Religiões, religiosidade e diferenças culturais*. Jérri Roberto Marin (org). Campo Grande: UCDB, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica: a experiência dos memoriais de formação. In: Elizeu Clementino de Souza; Maria Helena Menna

Barreto Abrahão (Org.). *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 203-218.

_____. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: Maria da Conceição Passeggi, Tatyana Mabel Nobre Barbosa (Org.). *Memórias, memoriais*: pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação).

_____. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. Maria da Conceição Passeggi, Vivian Batista da silva (Orgs.) São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130. (Série Artes de Viver, conhecer e formar)

_____. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34. n. 2, p.147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697. Acessado em 05/12/2015.

_____. Prefácio à edição em língua portuguesa: Educação e reflexão autobiográfica. In: *Biografia e educação*: figuras do indivíduo-projeto. Tradução e revisão científica Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passeggi. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação).

PASSEGGI, Maria da Conceição; BRAGA, Carlos Eduardo Galvão. Posfácio. Franco Ferrarotti: por uma humana ciência. In: *História e história de vida*. Tradução Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II*: reflexões sobre um carisma em curso / João Décio Passos. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Comunidade e Missão)

PAZ, Renata Marinho. *As Beatas do Padre Cícero*: participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte, Ed. IPESC/URCA, 1998.

_____. *Para onde sopra o vento*: A Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

PERKINS, D.D.; ZIMMERMAN, M.A. Empowerment meets narrative: listening to stories and creating settings. *American Journal of Community Psicology*. Oct. v. 23. n. 5. 1995, p. 569-579.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação-existencial. In: *Educação e Pesquisa*. V. 32, nº 02, maio/agosto, 2006, p. 329-342.

_____. História de vida e alternância. In: Elizeu Clementino de Souza (Org). *Memória, (auto)biografia e diversidade*: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Natal, RN: EDUFRN, 2012. Col. Pesquisa (auto)biográfica e Educação. Clássicos das Histórias de vida.

PINTO, Vera Lucia Xavier. *As coisas estão no (meu) mundo, só que eu preciso aprender*: autobiografia, reflexividade e formação em Educação Nutricional. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação. Natal, RN, 2006.

PORTUGAL, Jussara Fraga. *"Quem é da roça é formiga!"*: Histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I. Salvador, 2013.

POUPART, J. *A pesquisa qualitativa*: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa: A tripla mímesis. In: *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010.

RIOS, J. A. Participação. In: SILVA, B. (coordenador geral). *Dicionário de Ciências Sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1987, p. 869-70.

ROCHA, Ewelter. *Revista* ANT*H*ROPOLÓGICAS, ano 10, volume 17(1): p. 49-66, 2006.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos*: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAMPAIO, Dulce Moreira. *Educação e a conexão do ser*: um caminho para a transformação humana e planetária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Ser educador ambiental: entre retalhos de textos de identidade. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. jan/, p. 97-115, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O Fórum Social Mundial: Manual de Uso*. Madison, 2004. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/fsm.pdf. Acessado em: 16/03/1014.

_____. Subjetividade, cidadania e emancipação. In: _____. *Pela Mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Wivian Weller, Nicolle Pfaff (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação*: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Tradução de Maria Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Adriana M. S. da,. *De liderança a candidata*: trajetória social e política das lideranças femininas de bairros de Fortaleza. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

_____. O retorno do sagrado feminino. In: Caderno de Ciências Sociais: *Tendências*. n. 3. Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato, 2005.

_____. Participação e controle social em saúde. In: Caderno de Ciências Sociais: *Tendências*. v. 2, n. 5. Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato, 2008.

SILVA, Adriana Maria Simião da; OLINDA, Maria Braga de Olinda. Entre benditos e testemunhos: A escrita de si na experiência romeira. In: Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, Modos de Viver, Narrar e Guardar, (6; 2014: Rio de Janeiro, RJ) MIGNOT, Ana Chrystina, SOUZA, Elizeu Clementino de, BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Programa e Anais Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Versão impressa e em CD-ROM. Rio de Janeiro. BIOgraph, 2014.

_____.Mulheres em romaria na terra da Mãe de Deus. In: *Vidas em Romaria*. Ercília Maria Braga de Olinda, Adriana Maria Simião da Silva (Orgs). Fortaleza: EdUECE, 2016.

_____. Imagens do feminino nas romarias de Juazeiro do Norte – Ceará. *2º COLÓQUIO IMAGO CARIRICATURAS* - Imagens e representações da cultura no tempo e no espaço, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: Neuma Aguiar (org). *Gênero e ciências humanas*: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si*: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2004.

TERRIN, Aldo Natale. *O rito*: antropologia e fenomenologia da ritualidade. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção estudos antropológicos)

TEXEIRA, Mirna Barros. *Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde*. Escola Nacional de Saúde Pública. Departamento de Administração e Planejamento em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2002.

TOLLE, Eckhart. *Um novo mundo*: o despertar de uma nova consciência. Tradução de Henrique Monteiro. Rio Janeiro: Sextante, 2007.

VALLA, Victor Vincent. Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. In: *Cadernos de Saúde Pública*: Educação em Saúde: Novas perspectivas. Rio de Janeiro, 15: 7-14, 1999.

VASCONCELOS, E. M. A proposta de *empowerment* e sua complexidade: uma revisão histórica na perspectiva do Serviço Social e da saúde mental. In: *Revista Serviço Social & Sociedade*: seguridade social e cidadania. Ano XXII; 65:5-53, 2001.

VICENTI, Antonella Marcucci de e PINEAU, Gaston. Introdução. As historias de vida na obra e na vida de Franco Ferrarotti: "Adoro renascer". In: FERRAROTTI, Franco. *História e história*

de vida. Tradução Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. *Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação*: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WILBER, Ken. *A visão integral*: uma introdução à revolucionária abordagem integral da vida, de Deus, do universo e de tudo mais. Tradução de Carmem Fischer. São Paulo: Cultrix, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

YUS, Rafael. *Educação integral*: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZIMMERMAN, M. A. (1990). Taking aim on empowerment research: On the distinction between individual and psychological conceptions. *American Journal of Community Psychology*, 18, 169-177.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Adriana Maria Simião da Silva, RG – 170740189, aluna do Doutorado e Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará e professora Adjunta da Universidade Regional do Cariri – URCA, está realizando a pesquisa intitulada (H**istórias de vida de mulheres romeiras: experiências sociorreligiosas e os processos formativos na terra da Mãe das Dores e do Padre Cícero**), que tem como objetivo (Analisar as histórias de vida de mulheres romeiras participantes do "Encontro das Três" em Juazeiro do Norte, buscando compreender como os aprendizados sociorreligiosos-existenciais se transforma em experiências formadoras de suas identidades e subjetividades e como elas contribuem para um empoderamento pessoal e coletivo). Para isso, está desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: (1) Observar o Encontro dos Romeiros e identificar as romeiras que queiram participar do estudo; (2) Realizar as entrevistas narrativas com as romeiras selecionadas para o estudo sobre suas histórias de vidas; (3) fazer um encontro com as romeiras selecionadas para apresentação e partilha de suas histórias de vidas.

Por essa razão, o(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa. Sua participação consistirá em (Contar sua história de vida, relatando fatos e situações que constituíram sua história da infância até o presente momento, situando suas experiências sociais, religiosas e existenciais, mais especificamente sua experiência como romeira, para tanto será necessário alguns encontros para gravarmos sua narrativa). Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de poder contar a histórias de mulheres romeiras participantes do Encontro com os Romeiros, de forma a contribuir com a história das romarias em Juazeiro do Norte a partir de um olhar biográfico de suas participantes, além de poder visibilizar a importância desse evento para o atual cenário das romarias na localidade.

Toda as informações que a Sra nos fornecer será utilizada somente para esta pesquisa. Seus depoimentos e dados pessoais serão confidenciais e seu nome não aparecerá nos depoimentos selecionados e nem quando os resultados forem apresentados.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso a Sra. aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado as ENTREVISTA.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar (ADRIANA MARIA SIMIÃO DA SILVA NO ENDEREÇO – Rua Maria Sobreira Coriolano, nº261, Granjeiro, Crato, Ceará. Telefone de contato – 88-998006060). Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antonio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88)3102.1212 ramal 2424, Crato CE

Se a Senhora estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Senhora_____ ____, portador(a) da cédula de identidade_____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Juazeiro do Norte-Ce., _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do participante

_____

Assinatura do Pesquisador